"Michael Crichton encontra Matrix."
– *Daily Mail*

O TERCEIRO TESTAMENTO

CHRISTOPHER GALT

Um *thriller* apocalíptico de ficção científica

JANGADA

O TERCEIRO TESTAMENTO

Christopher Galt

O TERCEIRO TESTAMENTO

Tradução
Gilson César Cardoso de Sousa



Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.
1ª edição 2017.

Editor: Adilson Silva Ramachandra
Editora de texto: Denise de Carvalho Rocha
Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz
Preparação de originais: Alessandra Miranda de Sá
Produção editorial: Indiara Faria Kayo
Editoração eletrônica: Fama Editora
Revisão: Nilza Agua
Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Galt, Christopher
O terceiro testamento / Christopher Galt ; tradução Gilson César Cardoso de Sousa. — São Paulo : Jangada, 2017.

Título original: The third testament
ISBN: 978-85-5539-076-0
1. Ficção científica 2. Ficção de suspense 3. Fim do mundo — Ficção 4. Psiquiatras — Ficção I. Título.

17-01190 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823

1ª Edição digital: 2017
eISBN: 978-85-5539-080-7

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.
Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a
propriedade literária desta tradução.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008
http://www.editorajangada.com.br
E-mail: atendimento@editorajangada.com.br
Foi feito o depósito legal.

Para E. W. R.

Quer você tenha se devotado à busca da Verdade em nome de Deus ou da Ciência, o perigo sempre foi a possibilidade de encontrá-la.

Sinto muito, muito mesmo. Você a encontrou. Encontrou a verdade que esperava para ser descoberta.

— Extraído de *Fantasmas Que Nós Mesmos Criamos*, de John Astor.

— E se eu existir apenas na cabeça de vocês? — Olhou-o com sinceridade e, pela primeira vez, algo se manifestou com nitidez em sua expressão. — Nunca pensaram nisso? Nunca lhes ocorreu que tudo e todos ao redor estão dentro de sua mente? Como sabiam que eu me encontrava aqui antes de entrarem no quarto?

SUMÁRIO

PRÓLOGO

O ar no Mainframe Hall parecia artificial: filtrado, limpo, a temperatura só variando numa fração de grau; parado, sem brisa. Todos, reunidos diante da pessoa responsável pelo Projeto, observavam as imagens virtuais.

— O que veem é a representação da atividade dos neurônios, idêntica à do cérebro humano normal. Seu cérebro, meu cérebro. Exceto pelo fato de esta ser a primeira simulação completa por computador. Capaz de pensar ou talvez até de sonhar, exatamente como ocorre na experiência de qualquer um de nós.

— Mas ela não tem corpo para sentir — argumentou um dos jornalistas. — Olhos para ver. Não enlouqueceria sem informação sensorial?

A pessoa responsável pelo Projeto sorriu.

— Sua atividade neurológica é restrita a aglomerados específicos. Ela não é uma mente completa. Mas, se fosse, houve muita pesquisa sobre os efeitos psicotomiméticos da privação sensorial...

— Psicotomiméticos?

— Psicoses mimetizadas... que provocam alucinações — explicou a pessoa responsável pelo Projeto. — Segundo pesquisas, quando o sujeito é privado de estímulos sensoriais autênticos, inventa estímulos falsos. Vê pessoas e lugares que não existem.

— Então, se não há um mundo à nossa volta, inventamos um? — perguntou outro jornalista.

— Exato. Mas isso não vai ocorrer com os estímulos que temos aqui. Eles são restritos a determinadas funções e aglomerados neuronais, permitindo-nos simular distúrbios psiquiátricos específicos e observar, pela primeira vez, como de fato se comportam. Será um grande benefício para a humanidade.

— E... até onde uma mente sintética, uma inteligência artificial como esta, pode chegar?

— Em teoria, vai nos permitir entender a condição humana como jamais se viu antes. Talvez chegue até a responder perguntas sobre o universo, dando-nos

percepções sobre a verdadeira natureza da realidade.

— E não há riscos? — indagou um outro jornalista.

— Que tipo de riscos? — Nenhum sinal de impaciência no tom de voz da pessoa responsável pelo Projeto.

— As pessoas falam do surgimento da Singularidade... de inteligências artificiais dominando a nossa.

— Ainda estamos bem longe disso, podem acreditar — garantiu ela. — O que temos aqui não é uma mente integral. Portanto, não há riscos.

PRELÚDIOS

1

Marie Thoulouze sentiu de repente o ar frio, uma mudança sazonal que parecia ter ocorrido no espaço de um segundo. Porém, algo mais que uma queda súbita de temperatura havia lhe causado arrepios. O sol continuava radiante, e talvez agora estivesse ainda mais radiante. Mas o ar tinha mudado: e não apenas a temperatura, mas também a pressão, a umidade, a consistência. Marie foi tomada por uma estranha e intensa sensação de *déjà-vu*; parecia já ter estado ali antes inúmeras vezes e sentido exatamente a mesma coisa. Talvez fosse a ocasião, a consciência da história em andamento.

Marie postou-se atrás da multidão que havia se formado no Vieux-Marché, e o odor de tamanha humanidade reunida para um propósito tão desumano encheu suas narinas. Um odor pungente. Azedo. Rançoso. Todos se acotovelavam para ver melhor quando uma carreta apareceu, avançando sobre o lamaçal da praça. Ouviram-se brados e cânticos num francês que Marie achou difícil entender, tão diferente era do seu. Observou as fileiras de soldados ingleses e borguinhões com suas espadas e alabardas refulgindo à luz fria do sol — tensos, à espera, enquanto a carreta atravessava a praça.

Marie permaneceu um pouco afastada da multidão cada vez mais densa, cada vez mais irrequieta. Os gritos e apupos da turba de Ruão, leal ao duque da Borgonha, recrudesceram quando uma jovem magra e pálida foi retirada da carreta por dois guardas ingleses. Mãos atadas às costas, trajava um vestido simples de pano grosseiro, e os cabelos negros pareciam ter sido cortados às pressas para expor o pescoço delicado e branco.

Marie respirou fundo. Seu coração pulsou mais forte. Sabia o que estava para acontecer e murmurou uma prece pela garota, levando a mão ao crucifixo que trazia no peito.

Como o vento ceifando uma trilha numa seara de trigo, duas fileiras paralelas de soldados envergando elmos e couraças abriram caminho em meio à multidão, dirigindo-se ao pilar de pedra erguido no centro da praça. Uma mulher velha e encurvada insinuou-se por entre os dois últimos guardas e colocou uma cruz de madeira no decote da jovem, antes de ser empurrada com rispidez de volta para a turba. O olhar da garota, assustado e confuso, não pareceu ter registrado o ato de bondade e piedade da velha.

Um círculo se abrira em volta do pilar de pedra, contra o qual um cadafalso de madeira fora erguido e coberto de feixes de lenha, troncos e barris de alcatrão. A única parte livre eram os degraus toscamente lavrados que conduziam à plataforma, no alto. Marie enveredou pelo caminho aberto e seguiu o triste cortejo até o espaço vazio em volta da pira, perplexa pelo fato de nenhum soldado inglês tentar detê-la e receosa de ser agarrada a qualquer momento. Mas a multidão estava histérica e frenética demais para notá-la. Marie viu a jovem ser levada ao espaço vazio, onde permaneceu diante de um grupo de clérigos vestidos de seda vermelha. Trocaram-se palavras, a garota dizendo alguma coisa e os clérigos replicando com acenos de cabeça. Marie não conseguiu ouvir nada, mas sabia de tudo. Sabia de tudo com exatidão.

A jovem subiu à plataforma, conduzida pela mão do homem encapuzado que Marie sabia ser Geoffroy Therage. Depois que correntes foram passadas em volta do peito da jovem e cordas a fixaram ao pilar, dois dos clérigos deram um passo à frente e ergueram uma cruz na ponta de uma vara comprida, à altura dos olhos dela. Ela fitou longamente a cruz. Os clérigos mantiveram a vara erguida enquanto o carrasco ateava fogo à lenha com uma tocha. A madeira se inflamou, e labaredas começaram a surgir com uma intensidade progressiva, proporcional à histeria da multidão.

Marie ouviu gritos lancinantes que vinham do meio das chamas e pensou, por um momento, que eram apenas os sons desesperados da agonia da jovem; mas secundava-os o coro de estalidos e crepitações da combustão: o fogo havia se tornado uma entidade única, sinuosa e gigantesca, que ia consumindo tudo no

cadafalso. Então Marie ouviu outro grito e percebeu que era a própria voz. Caiu de joelhos, o calor das chamas quase insuportável, mesmo àquela distância.

Um soldado borguinhão se adiantou, e Marie notou algo escuro enroscando-se furiosamente em seu punho coberto pelo guante. Ele o agitou com toda a força, e Marie viu o gato preto prescrever uma curva no ar antes de se precipitar nas chamas.

— Ela não é uma bruxa! — gritou Marie em tom suplicante para o soldado, que nem sequer se voltou em sua direção. — Ela NÃO é uma bruxa!

Começou então a soluçar. Soluços profundos, doloridos, enquanto olhava a garota em chamas. Marie, cuja fé sempre fora sólida, genuína e completa, não podia acreditar que presenciava a morte de sua heroína. Por que viera a Ruão no trigésimo dia de maio de 1431, para testemunhar aquele horror? Poderia alguém acreditar que tinha visto com seus próprios olhos tamanha desgraça? Precisava de provas. Provas concretas.

Ainda soluçando, enfiou a mão no bolso e pegou um objeto. Estendendo o braço trêmulo, apontou-o para a garota, que agora se consumia como uma tocha no alto da pira.

Marie usou o polegar para escolher a função *câmera* do celular que havia tirado do bolso do jeans, pressionando o botão para capturar a imagem que flamejava em sua mente, a imagem que preenchia seu universo.

A imagem de Joana d’Arc enquanto passava deste mundo para um outro.

2

O problema com os fenômenos notáveis e extraordinários é que, quando fazem parte do cotidiano, tornam-se por definição irrelevantes e corriqueiros. Aquilo que desperta assombro e perplexidade deixa de ser percebido. Para Walter Ramirez, o extraordinário que tinha se tornado corriqueiro; o notável que tinha se transformado em irrelevante devido à exposição diária era a Ponte.

Milhões conheciam a Ponte. No mundo inteiro, pessoas evocavam-na, embora só tivessem visto sua imagem. A Ponte era um ícone, um símbolo, uma transição. Para muitos, um destino.

E às vezes, quando nos acostumamos com o não trivial, chega um momento em que o vemos como os outros o veem. Ramirez tinha vivenciado dois momentos assim naquela quarta-feira.

O primeiro foi quando deixou, em seu Explorer, o túnel Waldo. Ramirez tinha sido designado para a primeira ronda, e o sol já ia surgir no horizonte quando saiu para o dia que despontava. Apesar de já tê-la visto inúmeras vezes, a cena que se descortinou na boca do túnel enviou uma rápida corrente elétrica por sua pele, eriçando-lhe os cabelos da nuca. Ainda havia luzes acesas na cidade, um agrupamento de centelhas esbranquiçadas e amareladas contra o veludo púrpura do céu matinal, que se refletia na Baía. À esquerda, a ponte da Baía; mas, à frente, *a* Ponte. Da ronda de Ramirez.

A Golden Gate.

Walt Ramirez era oficial da Polícia Rodoviária da Califórnia há quinze anos, todos passados no Comando da Área da Baía de San Francisco: dez na Divisão Golden Gate e sete destes no posto de Marin County, em San Clemente, a doze minutos da Ponte. As divisas em sua manga estavam ali há três anos.

Walt Ramirez era um grandalhão de uniforme, um quarentão robusto de ombros largos, feições duras e mãos tão grandes que pareciam desproporcionais, mesmo para seu físico avantajado. Físico, aliás, que lhe tinha sido muito útil. Em quinze anos como patrulheiro e longe do *stand* de tiro, só havia sacado sua arma doze vezes e atirado uma — como advertência. Geralmente, quando o sargento Walter Ramirez pedia que as pessoas fizessem alguma coisa, a voz sempre baixa e calma, elas faziam.

Embora Walter Ramirez parecesse apenas um brutamontes de uniforme, ele não era. Popular entre todos os que conheciam aquele homem modesto e amistoso escondido atrás de uma aparência amedrontadora, seus superiores, colegas e subalternos o respeitavam e estimavam em igual proporção. Era um desses policiais que estão no emprego pelas razões certas: preocupava-se com os outros — talvez um pouco demais, dado o sofrimento que havia encontrado ao longo dos anos — e tinha escolhido a profissão para ajudar seus semelhantes, não para ter autoridade sobre eles. Com o público, era sempre cortês e educado, mas firme quando necessário. Seus colegas oficiais sabiam que podiam confiar nele em quaisquer circunstâncias, pois nunca os desampararia. De fato, Walt Ramirez era o companheiro que gostariam de ter sempre ao lado.

A área de atuação de Ramirez, ou seja, a Ponte, era pequena, mas icônica.

Além de supervisionar as patrulhas que, em turnos, guardavam a Ponte e sua aproximação pelos dois lados, Ramirez era o contato com a Golden Gate Bridge Highway e o Distrito Administrativo, que tinha a própria força de segurança, o Departamento do xerife de Marin County, o Departamento de Polícia de San Francisco e o posto da Guarda Costeira Americana em Fort Baker, Sausalito, a uns trezentos metros da torre norte da Ponte.

A passagem do lado oeste estava permanentemente fechada para pedestres, e Ramirez chegou às 5h30 da manhã, quando a barreira automática do lado leste se abria. Notou um grupo de cerca de trinta pessoas diante dos portões, esperando sem dúvida que eles se abrissem. Diminuindo a velocidade, examinou-os através da barreira de segurança. Eram todos jovens, nenhum com muito mais de 30 anos, conversando com animação. Se havia algo que Ramirez tinha aprendido,

assim como todos os policiais que trabalhavam na Ponte, era ler a linguagem corporal. E, depois, calcular o tamanho do desespero: quando eram muitos, como agora, nenhum perigo à vista; quando houvesse porém uma só alma solitária, perdida nos próprios pensamentos: cuidado. A autoridade da Ponte também vigiava aquela gente pelas câmeras de circuito fechado. E contava postes de luz.

Ramirez chamou Vallejo pelo rádio e pediu que o pusesse em contato com a segurança da Ponte.

— Qual é o problema com os pássaros matinais? — perguntou ele.

— Ficaram esperando uns quinze minutos a abertura dos portões — respondeu o encarregado. — Devem ter saído cedo para uma corrida.

— Não parecem corredores — observou Ramirez. — Vou dar a volta e olhar melhor.

Ramirez percorreu toda a extensão da Golden Gate e voltou, de olho no grupo reunido do outro lado da pista. Com exceção de dois *trailers* parados logo adiante, tinha a pista inteira para si, então fez a volta e retornou para perto do grupo. Agora, este já tinha passado a primeira torre. Caminhavam juntos, sem correr nem aparentar ter algum destino especial. Ramirez notou mais uma vez que estavam todos bem-humorados, como se apreciassem a companhia uns dos outros sob o sol que se levantava sobre a Baía. Mas alguma coisa ainda o incomodava. Parou e acendeu a o giroflex a fim de alertar outros motoristas. Alguns do grupo o viram e se detiveram, aguardando que ele chegasse à barreira.

— Bom dia — cumprimentou Ramirez cordialmente. Eles devolveram-lhe o sorriso.

— Bom dia, oficial — respondeu uma mulher atraente, aparentando ter vinte e poucos anos, os cabelos negros presos num coque no alto da cabeça. — Uma bela manhã, não?

— Sem dúvida, minha senhora. Estão juntos? Em grupo?

— Sim... sim, estamos. — Ela fingiu um ar de preocupação. — Infringimos alguma lei da cidade?

— Não, não há nada de errado. São de algum tipo de clube?

— Trabalhamos juntos. Sou a diretora... Ontem decidimos fazer uma caminhada juntos para ver o nascer do sol. Então está tudo certo?

— Sem dúvida... Não pretendia incomodá-los. — Ramirez examinou-a com mais atenção: para uma diretora de empresa, aquela mulher parecia jovem demais. E inadequada. Roupas inadequadas, estilo inadequado. — O que sua empresa faz? — perguntou, ainda sorrindo e mantendo seu tom coloquial.

— Jogos.

— Jogos?

— Jogos de computador. Nós os programamos. Estes caras aqui são meus melhores colaboradores.

— Jogos de tiroteios e pancadaria, esse tipo de coisa? — perguntou Ramirez. A frase que ele tinha ouvido de seu filho mais velho soou desajeitada em sua boca.

A mulher riu e balançou a cabeça em negativa.

— Não, nada disso. Jogos de realidade alternativa, a maioria... Fazemos isto aqui para nos lembrar de que existe um mundo real à nossa volta.

— Trabalho em equipe?

— Algo assim. Não pensei que isso exigisse permissão. — Agora, a mulher olhava fixamente para Ramirez. O tipo “pontocom”. Um mundo para o qual ele não tinha muito tempo e que tinha aberto um abismo entre sua geração e a dos jovens.

— Não exige — respondeu Ramirez. — Bem, aproveitem o nascer do sol. E tenha um bom dia, senhora.

— O senhor também, oficial. — Ela sorriu de novo para ele.

Voltando ao Explorer, Ramirez acompanhou o grupo com o olhar enquanto se afastava. Todos emanavam uma espécie de brilho involuntário — de juventude, do sol nascente ou de ambos —, e ele sentiu uma pontada de inveja. Contou os postes de luz. Contar postes era algo que quem trabalhava na Ponte aprendia, mas esses não eram o tipo de postes de luz que precisava contar.

Balançando a cabeça para se livrar daqueles pensamentos, Ramirez desligou o giroflex e ligou o motor. Ao passar pela jovem mulher, que provavelmente

ganhava num mês o que ele ganhava no ano todo, ela lhe acenou.

Qual o problema? O que estaria errado?

Esse pensamento o fez se deter de novo para observá-los o grupo pelo retrovisor. O grupo parecia agora uma fita estendida ao longo da calçada. Então, eles pararam. Com o sexagésimo nono poste de luz bem no meio. Ela estava bem no meio. Junto ao poste número sessenta e nove. Sessenta e nove.

O poste mais contado de todos.

A ponte Golden Gate era um ícone. Pessoas de todo o país, do mundo inteiro, sentiam-se atraídas por sua estranha beleza; e gostavam, em particular, da vista que se tinha do poste número sessenta e nove.

Saiu do Explorer e refez o caminho.

— Me desculpe, senhora — chamou, acenando para a jovem. Ela acenou em resposta. E, com seus colegas, transpôs a grade de segurança e saltou para a viga mestra de um metro de largura que, conforme Ramirez sabia, estava logo acima da mureta, cerca de meio metro abaixo do nível da calçada.

Jesus! Ramirez correu. Jesus Cristo! Deviam ser uns trinta. Enquanto corria, podia ver o faiscar das luzes de outros veículos, alertados pela segurança da Ponte, voando na direção deles. Muito longe. Tarde demais.

Poste sessenta e nove.

A ponte Golden Gate exigia um tipo diferenciado de policial, pois era o lugar número um do mundo para suicídios. Todos os anos, bandos de pessoas chegavam ali a fim de conhecer algo além da Baía de San Francisco. Vinham do país inteiro, alguns de fora, e caminhavam pela ponte, onde a morte os aguardava, bastando que subissem um metro de amurada e despencassem por quatro segundos, a cento e vinte quilômetros por hora. A essa velocidade, o impacto na água era como o impacto no concreto. Poucos se afogavam: noventa por cento morriam de ferimentos internos, com órgãos e ossos despedaçados. Em média, a Ponte tinha um saltador conhecido a cada semana e meia, e mais de trinta mortes registradas por ano; havia, é claro, os que saltavam sem ser vistos, sendo os carros cobertos de poeira encontrados depois, abandonados nos estacionamentos.

Dos cento e vinte e oito postes da Ponte, o sexagésimo nono era o que sentia o último toque de quase todos os suicidas.

Ramirez passou da pista de veículos para a calçada de pedestres. Treinado em inúmeras estratégias para conversar com suicidas potenciais, conhecia também várias técnicas para segurar e deter um saltador indeciso. Mas agora havia muitos deles.

— Não façam isso! — gritou. — Pelo amor de Deus, não façam isso!

Estava perto da amurada, no ponto em que a jovem encontrava-se olhando para a água. Podia vê-los de mãos dadas sobre a viga.

A jovem virou-se e olhou-o por cima do ombro.

— Está tudo bem — disse ela com um sorriso, agora sincero, quase com doçura. — A culpa não é sua e não há nada que possa fazer. Está tudo em ordem... estamos *nos tornando.*

Como que obedecendo a uma ordem tácita e sem hesitação, todos saltaram juntos.

Ramirez chegou à amurada a tempo de vê-los colidindo com a água. Aquilo parecia irreal; o que acabava de testemunhar não podia ter acontecido de verdade; devia ter imaginado os jovens na Ponte segundos antes. Ouviu a própria voz como se ela pertencesse a outra pessoa, enquanto avisava o bote de resgate da Guarda Costeira de Fort Baker. O veículo de segurança da Ponte e a viatura da polícia de San Francisco pararam a seu lado. Vozes ansiosas de outros oficiais chegavam-lhe aos ouvidos como mensagens de rádio de um planeta distante.

Ramirez se afastou da amurada e olhou para a Ponte, para seu arco sinuoso e elegante, para as torres vermelhas, agora ainda mais avermelhadas devido ao sol nascente. Pela segunda vez naquele dia, viu a Ponte como ela era, com toda a sua simbologia e beleza.

E a odiou.

Parte Um

NO PRINCÍPIO

“Pela fé, entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito daquilo que se via.”

— Hebreus, 11:3

“Os sentidos ludibriam de tempos em tempos, não sendo, pois, prudente acreditar de todo naqueles que nos ludibriaram, ainda que uma só vez.”

— René Descartes

“Quem não fica chocado com a mecânica quântica não a entendeu.”

— Niels Bohr

1

O COMEÇO

Tudo começou com o olhar perdido.

Mas havia muitas outras coisas antes desse olhar, antes que ele houvesse começado. Estranhos relatos de lugares distantes:

Um homem em Nova York morreu de inanição num luxuoso apartamento do Central Park, onde não havia comida, só pílulas de vitaminas. Constatou-se uma inexplicável epidemia de suicídios: vinte e sete jovens saltaram juntos da ponte Golden Gate; cinquenta estudantes japoneses, acampados na densa Floresta Aokigahara, o Mar de Árvores, ao pé do Monte Fuji, dividiram uma refeição e entoaram canções em volta de uma fogueira, antes de se embrenhar pela mata e cortar a própria jugular; três cientistas e um escritor se mataram em Berlim, num acontecimento memorável. Um físico russo que se tornara um místico neopagão dizia ser o Filho de Deus. Uma adolescente francesa afirmou ter tido uma visão de Joana d'Arc sendo queimada na fogueira. Uma mulher de meia-idade se sentou calmamente no meio da estrada, perto da entrada do CERN, a Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear, encharcou a roupa com querosene e pôs fogo em si mesma. Um estúdio de Hollywood foi atacado por bombas incendiárias. Uma seita fundamentalista cristã sequestrou e assassinou um geneticista.

E que dizer da pichação *ESTAMOS NOS TORNANDO* visto em cinquenta línguas, nas maiores cidades do mundo? Em prédios do governo, pontes, rabiscados com *spray* sobre *outdoors* de propaganda?

As pessoas começaram então a falar de John Astor.

Ninguém sabia ao certo se ele existia ou não, mas corriam rumores de que o FBI estava em seu encalço. E, é claro, espalhou-se uma lenda urbana sobre o manuscrito do livro de Astor, *Fantasmas Que Nós Mesmos Criamos*, que deixava louco quem o achasse e o lesse.

Todas essas coisas aconteceram antes do começo.

Mas, na verdade, tudo começou com o olhar perdido, o semblante inexpressivo das pessoas.

2

JOHN MACBETH. BOSTON

Os psiquiatras lidam com o extraordinário. Com o bizarro. Pela própria natureza de seu trabalho, deparam-se com aberrações e anormalidades todos os dias. Seu ofício consiste em observar visões distorcidas da realidade.

Portanto, o fato de o mundo inteiro estar em transformação — o fato de tudo o que ele considerava verdadeiro até então sobre a natureza das coisas ter virado de cabeça para baixo — quase passou despercebido ao doutor John Macbeth.

Mas o mundo havia mudado. E começara a mudar com o olhar.

Como sucede com as notícias, só depois de semanas e meses é que Macbeth passou a juntar as peças que estavam ali há muito tempo. Entretanto, outras peças ele havia perdido, não registradas na tela de seu radar profissional. Mais tarde, porém, recordou quantas pessoas tinha visto sem de fato enxergá-las: nas ruas, no metrô, no parque.

Olhando.

Nos primeiros dias, eram apenas poucas pessoas: o olhar perdido no vazio, semblantes inexpressivos, confusos, inquietos. Produziam nos outros o mesmo efeito de gatos quando encaram algo além de nós, por cima de nossos ombros, mas, quando nos viramos para ver o que é, não há nada. Perturbador.

Sem dúvida, no início, ninguém sabia dar a esses olhares um nome, fosse um termo médico ou outro qualquer. Os que olhavam dessa maneira seriam chamados depois de Sonhadores.

Levou certo tempo para Macbeth se lembrar da primeira pessoa desse tipo que havia encontrado, uma mulher atraente, vestida com elegância, na casa dos trinta anos. Aconteceu no primeiro dia de seu retorno a Boston: seguira-a por uma rua

do centro, naquela manhã ensolarada, embora fria, de primavera. A mulher parecia estar andando ao acaso, como ele, mas parou de repente. Macbeth quase esbarrou nela, tendo de se desviar com um rodopio gracioso. Ela ficou imóvel na beira da calçada, os pés bem plantados, olhando para o outro lado da rua, para algo que não estava lá. Em seguida, apontando o dedo para o nada num gesto vago que chamou sua atenção, tinha descido para a rua e avançado por entre os veículos. Macbeth a pegou pelo braço e a puxou para trás, bem a tempo de evitar que fosse atropelada por um caminhão que passou velozmente, buzinando com fúria.

— Pensei... — começou ela. As palavras morreram em seus lábios, enquanto os olhos buscavam alguma coisa perdida ao longe.

Macbeth lhe perguntou se estava bem, aconselhou-a a prestar mais atenção no trânsito e afastou-se.

Não tinha sido bem um incidente: apenas uma mulher distraída fazendo um mau julgamento para atravessar a rua. Algo que se via quase todos os dias em qualquer cidade do mundo.

Só mais tarde, após outros eventos semelhantes, é que o significado daquele acontecimento passou a intrigá-lo, e ele se perguntou o que a mulher teria visto na rua, a ponto de quase ter sido esmagada pelo caminhão.

Era um bom quarto. Não tão grande, mas bom. A arquitetura sempre fora, de modo um tanto inusitado, importante para John Macbeth: proporções, materiais, decoração, quantidade de luz.

Macbeth, ao despertar naquela manhã, ficou assustado com a diferença que percebeu no quarto. Havia acordado sem saber quem era, o que fazia na vida e por que estava ali. Por um longo minuto e meio, vivenciou um completo pânico existencial: a estrela brilhante e ardente no âmago de sua escuridão amnésica era a consciência de que devia saber quem era, onde estava e o que fazia ali.

Sua memória e sua identidade voltaram, mas não de uma vez, e sim em segmentos desencontrados, que ele precisou juntar. Já tinha acontecido antes, agora ele se lembrava — muitas vezes, em particular quando estava num lugar

estranho. Momentos aterradores de um isolamento despersonalizado, antes de se dar conta de que era o doutor John Macbeth, psiquiatra e neurocientista cognitivo, que tentava dar sentido aos próprios conteúdos psicológicos por meio da compreensão dos outros. Trabalhava, lembrou-se, no Projeto Um, em Copenhague, Dinamarca, e estava em Boston a serviço desse projeto. Tivera episódios de alheamento e despersonalização durante toda a vida; disso também se recordou.

Enfim, conseguiu dar sentido ao quarto, e o quarto conseguiu dar sentido a ele. Por isso os ambientes eram tão importantes para Macbeth. Mas, durante aqueles noventa segundos terríveis, poderia muito bem ter sido convencido pelas coisas à sua volta de que era outra pessoa, em outro lugar e em outro tempo.

O quarto, no terceiro andar do hotel, parecera muito bom no *website*, mas não tão bom na realidade, quando visto de perto. Espaçoso, com uma janela de guilhotina alta, do tipo tradicional, que dava para a rua. Macbeth abrira a janela, deixando embaixo uma fresta de uns dez centímetros, por onde não entrava brisa nenhuma.

Agora, sentado na poltrona junto à janela do quarto silencioso, tendo já recuperado a identidade e o senso de propósito, Macbeth ouvia os sons longínquos. Era algo que fazia muitas vezes e, como em relação a vários aspectos de sua personalidade, as outras pessoas por certo o considerariam esquisito por causa disso. A maioria dos hóspedes do hotel ligaria a televisão ou o rádio, preenchendo o espaço ao redor com sons já esperados, ou fecharia ainda mais hermeticamente as fronteiras de sua percepção ao som de um MP3 ou fones de ouvido; mas John Macbeth ficaria ali sentado, imóvel e silencioso, ouvindo o que vinha de fora. Com tudo em silêncio no quarto, atentava para barulhos distantes: dos quartos vizinhos, da rua lá embaixo, da cidade além da rua. Sons em *off*, como se diz no teatro: a suposição de uma outra realidade, de uma ação não vista.

Como todos, Macbeth tinha celular e *laptop*, mas só os usava quando obrigado. A tecnologia era parte importante de seu trabalho, um elemento necessário do cotidiano, mas ele não interagia bem com ela. Joguinhos de vídeo,

que Macbeth não conseguia entender como podiam divertir adultos, davam-lhe nos nervos, e qualquer contato demorado com a eletrônica parecia deixá-lo inquieto e irritado. O problema que estava tendo com seu computador era um ótimo exemplo disso: um arquivo que ele não se lembrava de ter criado e que não abria. Fez de tudo para acessá-lo — inclusive martelar com força o teclado com um dedo colérico, como se um objeto virtual fosse responder à física do mundo real. O arquivo estava alojado há um mês no *desktop*, zombando de sua incompetência tecnológica.

— Meu irmão Casey vai dar um jeito em você. — Nessas ocasiões, ameaçava o computador em voz alta.

Ironicamente, o trabalho de Macbeth colocava-o em contato com a mais sofisticada tecnologia de computadores do mundo: integrava uma equipe interdisciplinar composta por alguns dos melhores cérebros do planeta, mas as máquinas é que criavam para eles mais da metade de suas ideias. Aliás, o objetivo único do Projeto Um era fabricar uma máquina capaz de simular a capacidade neuronal do cérebro humano e talvez de pensar por si mesma. Fora do trabalho, porém, Macbeth renegava a tecnologia tal qual era praticada na vida moderna. Essa atitude não se fundamentava em nenhuma objeção filosófica ou moral: é que a tecnologia parecia piorar seu *problema*, diminuindo o rigor de sua apreensão sobre quem era e qual seu lugar naquele mundo.

Assim, John Macbeth preferia se ligar ao universo real, e não ao virtual, ouvindo sons exteriores ao quarto para se certificar de que de fato estava num quarto, a mente projetada no mundo, e não voltada para dentro de si mesma. Essa era uma meditação que fazia desde a infância em Cape Cod, no início das noites de verão, deitado e escutando os sons dos pássaros e das ondas, ou dos trens distantes, para além das cortinas que assumiam tons de um vermelho-amarelado ao pôr do sol. Não se lembrava de muita coisa da infância, mas daquelas cortinas sim, com suas cores e estampas exuberantes.

Em Boston, Macbeth havia se hospedado num hotel a seu gosto, mas fora da verba que a universidade tinha lhe concedido. Não exigia lugares caros, repletos de coisas para lembrar o quanto seu preço estava além das possibilidades de

modestos funcionários; gostava de hotéis com arquitetura elegante, uma cama confortável e café da manhã — hotéis com personalidade e história ou, de preferência, ambas. O ambiente de Macbeth precisava ser o certo. Sempre. Cores, aromas, texturas e sabores — até suas roupas — eram muitíssimo importantes para ele. Um materialismo refinado que talvez parecesse superficial. Mas não era: Macbeth tinha mesmo necessidade de um ambiente que o acalmasse, que lhe proporcionasse alguma espécie de harmonia, reconciliando o mundo exterior com o interior. Isso favorecia a meditação e, ao mesmo tempo, assegurava-lhe identidade. E tinha muito a ver, Macbeth sabia, com suas lembranças — ou com a falta delas.

Não importava o que as motivasse, Macbeth precisava delas da mesma forma que um católico praticante precisa das contas de seu rosário.

Boston era a cidade natal de Macbeth. Foi mandado para lá como representante do Projeto Um, pela Universidade de Copenhague. Apesar dos protestos de Poulsen, diretor do Projeto e chefe de Macbeth, a universidade havia insistido em usá-lo como garoto-propaganda, achando talvez que as pessoas não associariam sua aparência e seus modos a um cientista em pesquisa ou a um psiquiatra. Além disso, como norte-americano, Macbeth era o contato ideal com o parceiro do Projeto em Boston, o Instituto Schilder de Pesquisa Neurocientífica.

Macbeth não se via como um bom embaixador. Podia ser sociável e engraçado, mas, pelo que se lembrava, sempre foi tímido, consciente do quanto é reservado emocional e intelectualmente. Como psiquiatra, havia estudado e entendido o “problema das mentes alheias”; no entanto, jamais tinha conseguido resolver plenamente o da sua própria mente.

— Tudo bem, Karen? — soou uma voz masculina vibrante, autoritária, vinda da rua. — Preciso que esteja em forma para a apresentação de Halverston.

— Estou ótima. — Respondeu ela, numa voz jovem, refinada, cortês, desafiadora. — Já lhe disse que estou ótima...

As vozes se diluíram ao longe, sendo substituídas por outras. Macbeth, sempre sentado, perguntou-se sobre o que poderia versar a tal apresentação de Halverston e qual problema da mulher havia motivado o homem a se certificar do comparecimento dela. A partir de um fragmento incompleto e incoerente da realidade, Macbeth construiu uma ficção coerente e completa.

“Talvez eu devesse me tornar um escritor”, pensou. Macbeth, o psiquiatra, sabia que as narrativas de ficção e os distúrbios mentais brotavam da mesma semente: escritores eram, em grande medida, tipos esquizofrênicos não patológicos. Quanto maior seu grau de esquizofrenia não patológica, mais apresentavam tendência ao pensamento mágico e mais criativas eram suas obras.

Consultou o relógio: também tinha um compromisso a atender.

Ligou para a recepção e pediu um táxi, dizendo que logo desceria. No corredor, a pesada porta se fechou às suas costas, e ele guardou o cartão-chave magnético no bolso. O prédio do hotel era antigo e as portas pareciam originais. Quem as entalhara? Quem teria colocado os carpetes? Quem forjara e instalara as fechaduras? Seria impossível, para aqueles artesãos mortos há quatro gerações, imaginar que, um belo dia, suas portas se abririam e se fechariam com a mera inserção de um microchip, sem contato. Essa era outra maneira de elaborar um todo a partir de uma parte. Muitas pessoas se perdem em pensamentos, Macbeth sempre se dizia; a diferença era que ele às vezes não achava o caminho de volta.

Dirigiu-se ao elevador na extremidade do corredor. Uma coluna bem no meio deste bloqueava a vista, mas, avançando um pouco mais, Macbeth percebeu um homem alto postado ao fundo, obviamente esperando pelo elevador. Um homem de pele morena: cabelos negros compridos, fora de moda, com uma farta barba negra, fora de moda, num traje escuro, fora de moda.

Alguma coisa no homem, no corredor e na luz provocou em Macbeth uma sensação de *déjà-vu*. Balançou a cabeça para se livrar dela e chamou o homem:

— Olá... poderia segurar a porta para mim?

O homem moreno não se virou nem respondeu a Macbeth: ficou plantado ali, o olhar inexpressivo voltado para o elevador. Em seguida, deu um passo à frente

e desapareceu por trás da coluna.

— Muito obrigado, amigo — resmungou Macbeth, apressando-se. Mas, quando chegou à porta do elevador, viu que estava fechada, com o visor no alto indicando que ele estava no térreo. Imóvel, Macbeth fitou a porta, o visor e o local, no corredor, de onde havia chamado o homem moreno, como se houvesse um cálculo a ser feito, uma equação a se resolver para dar sentido àquele acontecimento.

Depois, procurou esquecer o enigma e apertou o botão do elevador.

3

JOHN MACBETH. BOSTON

Macbeth disse ao motorista aonde queria ir.

— O lugar escocês na rua Beacon? — O taxista bostoniano comia as consoantes finais. Macbeth sempre achava estranha a clareza com que percebia aquele sotaque quando voltava da Europa.

— Isso mesmo — confirmou.

— Sem dúvida... — O motorista fez, do passageiro, aquela verificação pelo retrovisor que os taxistas de Boston nunca deixam de fazer. Franziu o cenho, pensativo; e Macbeth suspirou, sabendo que o homem tentava se recordar de onde já o tinha visto. As pessoas viviam tentando se lembrar de onde conheciam Macbeth, mas nunca o conseguiam, porque isso não era verdade. Tal qual ocorria com os outros, o motorista e o psiquiatra jamais haviam se encontrado, mas Macbeth aguardava as inevitáveis perguntas. Que viriam cedo ou tarde.

Macbeth se acomodou no banco traseiro do táxi, em silêncio, contemplando a conhecida paisagem desconhecida de Boston que desfilava pela janela, perturbado por sua falta de conexão com um ambiente que lhe devia ser familiar. *Jamais vu*, o contrário de *déjà-vu*.

Lembrou-se de ter tratado uma mulher cuja lesão cerebral a tinha deixado com um alheamento e um *jamais vu* permanentes: tudo o que ela tinha conhecido, com que tinha convivido e que fazia dela quem era, de repente havia deixado de ser reconhecível. Não era amnésia: as recordações continuavam intactas, mas a conexão entre o que via e o que aquilo evocava tinha se rompido. Assim, toda vez que entrava no apartamento onde residia há cinco anos — e embora soubesse o endereço e que aquele era de fato seu lar —, observava os móveis, a

decoração e os quadros na parede como se visitasse pela primeira vez um imóvel para alugar. Não reconhecia nada ali.

Era o que estava acontecendo a Macbeth enquanto cruzava Boston: devia se sentir em casa, mas não se sentia. Sua paciente, cuja desconexão com o mundo era patológica e total, havia aprendido não só a aceitar seu estado como a considerá-lo uma dádiva. Para ela, o mundo e cada dia eram uma descoberta; contemplava a vida com uma objetividade que faltava aos demais. Já Macbeth se sentia perdido.

Depois de alguns quarteirões, o táxi parou no trânsito congestionado.

— Horrível aquele caso em San Francisco. Ouviu falar? — perguntou o motorista, olhando para o retrovisor. Qualquer tragédia humana, pensou Macbeth, tinha uma vantagem: dava aos taxistas a oportunidade de puxar uma conversa.

— Ouvi alguma coisa a respeito. Um caso de fato horrível.

— Mas o que levaria um grupo de jovens como aquele a pular da Golden Gate?

Como psiquiatra, Macbeth tinha meia dúzia de hipóteses a sugerir, mas limitou-se a responder:

— Essas coisas me assustam.

— Também não sei por que as pessoas escolhem determinado lugar para morrer — continuou o taxista, visivelmente desconsolado. — Por que a Golden Gate? Por que aquela floresta no Japão? É o segundo lugar preferido para suicídios no mundo, o senhor sabe, depois da Golden Gate... Não, não entendo.

— Nem eu.

— Uma vergonha, não importa o motivo. — O motorista balançou a cabeça; depois, com uma inesperada mudança de tom, perguntou: — O senhor é de fora?

— Sim... Ou melhor, não... Sou de Boston, mas moro no exterior há alguns anos.

— Veio rever os parentes?

— Vim mais a negócios, mas tenho um irmão aqui. Faz ideia do motivo desse congestionamento?

— Não. Temos de esperar. Em geral, não dura muito tempo. Será que já não vi o senhor em algum lugar?

— Acho que não — disse Macbeth. Pronto: a conversa que teve tantas e tantas vezes recomeçava. O fato de seu rosto parecer familiar a muitas pessoas o aborrecia; e isso, aliado à sua pobre memória autobiográfica, significava nunca saber ao certo se as tinha realmente conhecido ou não.

— Já vi o senhor, sim... — continuou o taxista, sempre olhando para o retrovisor. — Logo que o senhor entrou, tive certeza. Sei que o conheço, mas não me lembro de onde.

— Quem sabe não usei seu táxi antes? — sugeriu Macbeth.

— Não... — O homem franziu o cenho, frustrando-se em sua concentração por não conseguir localizar a lembrança. Macbeth decidiu não interrompê-lo, como sempre fazia. — Não... não foi aqui no táxi. Diabos, não consigo me lembrar, mas sem dúvida o conheço.

— Isso acontece muito comigo — respondeu Macbeth. — Acho que tenho um rosto comum.

— Não é apenas o rosto... — O motorista estava agora ainda mais enfático. — Antes que o senhor falasse, eu já sabia o som de sua voz. Sim, como se de fato o conhecesse.

— Isso também acontece muito comigo. Há algo em mim que as pessoas estão sempre reconhecendo. Talvez eu seja uma espécie de arquétipo junguiano. — Abriu um sorriso.

— Hein?

— Deixa pra lá. — Macbeth se inclinou para a frente, olhando pela divisória de acrílico entre ele e o motorista, e pelo para-brisa entre eles e o mundo exterior. — Nenhum sinal do motivo do engarrafamento?

— Pode ser a lua cheia. Sabe se esta noite teremos lua cheia?

— Não faço ideia. Mas o que tem a ver a lua com o trânsito?

— Tudo. Pergunte a qualquer guarda — disse o taxista. — Ou a qualquer entregador. O trânsito vira um inferno. E não apenas o trânsito... Pergunte a uma enfermeira de pronto-socorro ou a uma professora de creche: elas lhe dirão. As

pessoas se comportam de maneira diferente quando tem lua cheia. De maneira *diferente*, não exatamente maluca. Fazem más escolhas, dão passos errados. Escute o que lhe digo: quando tem lua cheia ocorrem mais acidentes, mais congestionamentos. Talvez seja o motivo deste. Quem sabe à noite a gente não tenha lua cheia.

— Bem, como eu lhe disse, não sei — falou Macbeth.

— Acho que teremos. Peguei um passageiro, duas corridas antes da sua. Queria que eu o levasse à igreja da Ciência Cristã. Não sei por que ele queria ir lá àquela hora da noite. De qualquer modo, era do tipo tranquilo e falava pouco. De repente, começou a gritar que havia uma criança na frente do carro. Pisei fundo e deixei metade do revestimento de meus pneus no asfalto, quase sendo esmagado por um ônibus que vinha atrás. Pois eu lhe digo: não havia criança nenhuma. Ele, porém, acreditava ter visto uma. Coisa engraçada... Depois do susto que levou, ficou calmo de novo, como se reconhecesse o motivo do seu engano. Lua cheia. Só pode ser.

O trânsito recomeçou a fluir, e os dois ficaram em silêncio.

Quando o táxi parou diante do bar de teto verde, o sol já estava bem baixo no céu, envolvendo o centro de Boston em tons de vermelho e sombras aveludadas. Era o tipo de luminosidade que despertava algo em Macbeth: algo oculto e esquecido há muito tempo. Sentiu certa melancolia ao olhar para a rua Beacon, para o ponto em que a luz vespertina amenizava a geometria georgiana da King's Chapel.

— Tem certeza de que nunca o vi antes? — insistiu o taxista, pegando o valor da tarifa e a gorjeta de Macbeth.

— Tenho.

Macbeth não se lembrava em detalhes de quando e onde havia conhecido Pete Corbin. Talvez em Harvard, quando estudavam juntos na faculdade de Medicina. Pelo que recordava, não tinham sido amigos: Corbin pertencia a outro grupo, e não se encontravam com frequência. No entanto, anos depois, durante a residência de ambos no Beth-Israel Deaconess, e quando optaram pela

psiquiatria, trabalhando juntos no McLean, haviam se tornado amigos. Ou, quem sabe, apenas conhecidos. Macbeth nunca soube determinar com exatidão a linha divisória entre as duas situações. Pete Corbin era uma dessas pessoas a quem se telefona quando se está na cidade, para beber uns drinques ou jantar. A conversa iria girar em torno de medicina, política hospitalar e amigos comuns; ao final da noite, viria o cordial aperto de mãos, mas, no fundo, nenhum dos dois conhecia o outro de verdade. Mera aparência de amizade: apenas um desses fios da teia social ao qual as pessoas se agarram.

Assim, quando soube que voltaria a Boston, Macbeth telefonou para Corbin e combinaram um jantar.

O Gathering Stone tinha pretensões de ser um ambiente escocês. Mas, com sua fachada de pedra marrom de Portland; seus ornamentos de ferro azul-esverdeado em volta das grandes janelas; seu nome escrito em letras douradas ao estilo céltico; e seus quadros-negros com nomes e preços de cervejas e uísques escritos a giz, o Gathering Stone não se distinguia muito dos simulacros de bares irlandeses de Boston. Dentro, tudo se resumia a tijolos aparentes, madeira tosca e pôsteres do castelo de Edimburgo e de guerreiros ruivos, com saiotes axadrezados e brandindo espadas, em vez das usuais bicicletas deixadas à porta dos botequins irlandeses da zona rural. O lugar era uma imitação indistinta de alguma coisa, uma franca simulação, sem o intuito de ser ou parecer mais que isso. Cenário étnico de parque de diversões.

Quando haviam se conhecido, Pete Corbin tinha comentado que o sobrenome de Macbeth indicava com clareza sua ancestralidade escocesa. Com base nessa lógica muito tênue, nada mais óbvio que se encontrassem no Gathering Stone.

Macbeth encontrou Corbin bebendo sua cerveja numa mesa, sob uma imagem emoldurada onde se via uma cena melancólica de lagos e montanhas inóspitas. Um tipo alto e magro, com um amontoado de cabelos loiros e ralos espalhados pela cabeça pontuda. Corbin vestia uma jaqueta de *tweed* clara e camisa azul com o colarinho desabotoado. Tinha assumido, intencional e estudadamente, esse visual descontraído da universidade. Visual que Macbeth nunca havia

tentado imitar: suas roupas ao estilo europeu o identificavam, à semelhança de muitas outras coisas, como um estranho na própria cidade.

— Olá, John... — Corbin se levantou, vagaroso, e apertou a mão de Macbeth. — É ótimo vê-lo de novo. Elegante como sempre.

— E você, como vai? — perguntou Macbeth, sentando-se diante do antigo colega. Havia notado alguma coisa estranha no largo sorriso de boas-vindas de Corbin.

— Eu? Vou bem. Só um pouco cansado por causa do trabalho. Você sabe... a velha história. — Corbin sorriu. — Como anda a Europa?

— Longe. Diferente. Mas agradável. No entanto, é bom estar em casa por algum tempo. Isso me dá a chance de rever Casey. — Macbeth se referia a seu irmão mais novo, que ainda morava em Boston. — Ouvi dizer que está se saindo muito bem, Pete. Que é professor no McLean...

— Já há dois anos. — Corbin esboçou de novo seu sorriso cansado.

— Fico contente — disse Macbeth. Ser professor no Hospital McLean de Belmont era, por assim dizer, o ponto alto da área da psiquiatria. O estágio de Macbeth no McLean, anos atrás, tinha sido seu último envolvimento com a clínica antes de passar para a pesquisa. O McLean causava um grande impacto num currículo. Abria portas. Abrira-as para ele em Copenhague.

Corbin acenou para uma bela garçonete de cabelos castanhos e volumosos, que se aproximou e anotou o pedido de Macbeth: um copo de Pinot Grigio. Ao mesmo tempo, sorriu para Macbeth do modo que muitas mulheres faziam; desde que ele tinha quinze anos, era alvo desses sorrisos femininos. Nunca soube por quê: não era nenhum galã de cinema, não era o mais autoconfiante dos homens, não tinha lábia; mesmo assim, alguma coisa nele parecia atraí-las. Ou então pensavam já tê-lo visto antes.

— Tem certeza de que está bem, Pete? — perguntou Macbeth depois que a garçonete trouxe seu vinho.

— Sim, está tudo bem. Joanna e eu nos mudamos para uma casa no centro, em Beacon Hill...

— Mas *você* está bem? — Macbeth ergueu o copo para um brinde.

— Com certeza. Os parentes de Joanna nos ajudaram. Para ser franco, têm muita grana, e não poderíamos comprar nada em Beacon Hill sem eles. De qualquer modo, é uma casa antiga, tradicional, e precisa de uma boa reforma. Vai ser mais complicado do que pensávamos. Mas o lugar é interessante. Repleto de histórias tenebrosas de Boston.

— Como assim?

— Marjorie Glaiston morou lá. Ouviu falar dela?

— Não.

— Verdade? O caso dos Glaiston foi quase tão escandaloso quanto o de Albert Tirrell.

Macbeth deu de ombros.

— Bem — continuou Corbin, sem ligar para o gesto —, os Glaiston possuíam metade de Boston no final do século XVIII. Marjorie era uma beldade famosa nos meios sociais. Até ser assassinada. Em nossa escadaria...

— Foi morta em sua casa?

— Sim. É engraçado... — Corbin riu sem nenhum traço de alegria. — Se essa casa não fosse em Beacon Hill, e o crime tivesse acontecido há um ano e não há um século, ninguém conseguiria vendê-la. Ao que parece, o homicídio se torna romântico e rentável com o passar do tempo. Valoriza a propriedade. Pelo menos, foi o que aconteceu enquanto negociávamos a compra. Resumindo: muita dificuldade para entrar num acordo...

— Por isso está tão cansado?

— Não, o motivo é outro. Como lhe disse, o trabalho tem sido uma loucura nos dois últimos meses.

— Acho que o nome para nosso trabalho é mesmo este: loucura...

— Mas eu usei a palavra em outro sentido. — Corbin procurou mudar o rumo da conversa. — De qualquer forma, se vamos falar de amenidades, falemos das suas. Esse negócio de Copenhague parece muito interessante.

— Envolvente, é o que posso dizer.

— Mas acha mesmo que é possível? — perguntou Corbin. — Desconstruir a inteligência humana?

— Não sei bem se é isso que estamos fazendo — respondeu Macbeth. — Mais propriamente, tentamos entender a inteligência humana.

— Contudo, li na *Nature* que o objetivo principal do Projeto Copenhague era aplicar engenharia analítica à cognição humana para ajudar os tecnólogos a desenvolver inteligências artificiais segundo o mesmo modelo. Em outras palavras, simular uma mente humana.

— Essa é apenas uma parte do Projeto. Minha área é bem restrita, Pete.

— Restrita a quê?

— Como você disse, o Projeto Um é uma simulação computadorizada do cérebro humano: sistema límbico, neocórtex etc., construída neurônio por neurônio e célula por célula. Ou, se preferir, neurônio virtual por neurônio virtual. Meu trabalho se limita a programar transtornos e observar as mudanças provocadas por eles na atividade neuronal.

— Há o risco de esse cérebro... bem, começar a *pensar*?

— Isso é um objetivo, não um risco. Esperamos pelo menos certo grau de autoconsciência. Que provavelmente será inevitável, de qualquer maneira: se recriarmos a arquitetura de um cérebro real, ele vai gerar consciência de modo automático. Pense bem, Pete: conseguiremos simular condições psiquiátricas e mapear sua atividade neuronal concomitante. Pela primeira vez, seremos capazes de ver uma mente em funcionamento. Trata-se de uma psiquiatria revolucionária.

Corbin franziu o cenho.

— Não sei não, John... O que estão criando não poderá ser diferenciado de uma mente humana. E vocês vão infectar essa mente com neuroses e psicoses!

— Estudamos a fundo as implicações morais, e os protocolos do projeto definem com clareza o que é uma personalidade. Mas vamos trabalhar com porções de consciência, não com a consciência toda. Assim, se o Projeto Um deslanchar, temos regras estritas sobre como proceder.

A expressão de Corbin continuava a expressar dúvida.

— Mas todos nós estamos conectados ao nosso corpo, aos sistemas linfático, digestivo e endócrino. Nossos estados mentais têm tanto a ver com os níveis de

hormônios, por exemplo, horas de sono e qualidade da alimentação, quanto com nosso cérebro. Essa consciência sintética, porém, não tem conexão com nada.

— Isso também foi considerado — garantiu Macbeth. — O programa simula os ritmos circadianos e o equilíbrio endócrino, reproduzindo os efeitos do ambiente, da dieta e da fisiologia. Tudo isso será conectado a um corpo *virtual*.

— Mas não ao mundo... Com certeza, se seu cérebro sintético se tornar autoconsciente, despertará para um mundo de privação sensorial. Você já leu o trabalho de Josh Hoberman sobre os efeitos psicotomiméticos da privação sensorial e também conhece a pesquisa feita pelo University College de Londres. Sujeitos mantidos em câmaras escuras e silenciosas começam a ter alucinações depois de apenas quinze minutos, vendo coisas e pessoas que não estão ali. Ao que tudo indica, quando não existe um mundo real à nossa volta, nós inventamos um. Acho que seu protótipo de cérebro fará o mesmo, e não creio que precisem se preocupar com a introdução de condições psiquiátricas: seu bebê já vai nascer com elas.

— Pensamos nisso. Caso o Projeto Um desenvolva consciência plena, temos programas que simulam estímulos sensoriais.

Corbin balançou a cabeça, incrédulo.

— Está brincando... Vão mesmo abastecê-lo com uma realidade falsa? Deveriam então batizar esse cérebro sintético de René.

— René?

— O primeiro nome de Descartes. Segundo ele, jamais poderia provar que não era um cérebro numa cuba, enganado por algum demônio malévolo. No caso, vocês são o demônio. — Corbin deu de ombros. — Lamento, John; fico cínico quando estou cansado. Reconheço que esse projeto é a oportunidade de uma vida. Deve ser inveja minha.

— Eu não teria tanta inveja. O diretor do Projeto, Poulsen, é que pode ser considerado um verdadeiro capitão Bligh.

— Bem, me mande um postal da Suécia quando for lá receber o Nobel... — e Corbin ergueu o copo para um brinde.

Macbeth riu e balançou a cabeça.

— Acredite, se houver algum ganhador do Nobel na família, será Casey.

— Tenho mesmo inveja de você, John — confessou Corbin, sorrindo. — E, por falar em inveja, como vai sua vida amorosa?

— Minha vida amorosa?

— Vamos lá — insistiu Corbin —, deixe-me participar dela. Nunca vai sossegar? O que aconteceu com... Melissa? É esse o nome dela, não?

— Melissa foi para o Oeste, a trabalho — contou Macbeth, forçando um sorriso. — Califórnia. Não houve mais contato.

— Uma pena. — Corbin suspirou. — Não deveria tê-la perdido de vista. Ela era mesmo especial, John...

— Eu sei. Mas essas coisas acontecem. Ao menos comigo. Não sou um sujeito de fácil convivência.

— De fato, uma pena... — A expressão distante de Corbin sugeria que ele tentava visualizar mentalmente a jovem.

— E quanto a seus problemas no emprego? — perguntou Macbeth, para mudar de assunto.

— Não falemos de negócios, repito... — Corbin relutava tanto em conversar sobre trabalho quanto Macbeth sobre sua vida privada. Voltaram então às banalidades.

Passaram a hora seguinte bebendo e tagarelando, referindo-se apenas com superficialidade à vida um do outro. Macbeth percebeu que era ele quem falava mais, contando a respeito de seu trabalho na universidade e seu dia a dia em Copenhague. Elencou as semelhanças e diferenças da vida nos Estados Unidos e na Dinamarca, salientando até que ponto as pessoas mudam de personalidade e a expectativa para se adaptar ao ambiente. Corbin sorria. Concordava. Comentava. Mas era evidente que sua mente continuava longe e que seu espírito sucumbia cada vez mais ao cansaço. Macbeth decidiu encerrar logo a noitada. A bela garçonete de farta cabeleira atendeu a seu chamado; Macbeth recusou a sobremesa e pediu um café.

— Me desculpe — disse Corbin. — Não fui uma boa companhia.

— Nada disso. — Macbeth sorriu. — Gostei muito do nosso encontro. Mas percebo que está bastante estressado. Apreciaria se me contasse sobre seus problemas no trabalho...

Corbin estava para dizer alguma coisa quando seu celular tocou.

4

JOSH HOBERMAN. VIRGÍNIA

O coração de Josh Hoberman batia forte.

Sentiu o refluxo ácido subir até a garganta e, acordando, sentou-se de um pulo na cama, ereto, imóvel, retendo o fôlego e tentando descobrir o que o havia arrancado do sono para uma vigília nauseante. Silêncio. Ou quase silêncio. Ouviu o som da sirene de uma ambulância, ou de uma viatura de polícia, em algum ponto de North Shore Drive. Também ao longe, um cachorro latia.

Nada na casa. Ou perto dela.

Esvaziou devagar os pulmões e, suspirando, pegou o relógio no criado-mudo. Meia-noite e meia. Talvez tivesse sido apenas um pesadelo que o acordara, um rato revirando a lata de lixo ou café demais ingerido bem tarde naquele dia. O que quer que fosse, Hoberman sabia que não voltaria a dormir antes de pelo menos uma hora. Foi até o banheiro, urinou e deu a descarga. Em seguida, lavou as mãos, olhando-se no espelho. Alguém havia lhe roubado o reflexo e o substituíra pelo do pai: o mesmo rosto, os mesmos olhos tristonhos, os mesmos traços. Estava envelhecendo. Tinha acabado de fazer cinquenta anos, mas as bolsas de fadiga sob os olhos acrescentavam uma década à sua idade. Os cabelos, porém, continuavam fartos e negros. Pelo menos isso ele ainda possuía. Mas precisava tomar alguma providência com relação ao peso: estava volumoso demais para sua altura, e o volume se acumulava quase todo na barriga. Poderia ter um ataque cardíaco, como o que havia matado seu pai — aos cinquenta e quatro anos.

Hoberman decidiu voltar ao escritório e trabalhar por mais uma hora. O segredo era fazer algo necessário, mas tedioso; algo que cansasse em vez de

estimular.

A casa era velha e isolada. Tinha uns cento e cinquenta anos, a quase dois quilômetros da rodovia e envolvida por uma densa floresta virginiana. Proporcionava o isolamento que convinha a Hoberman — mas o isolamento trazia consigo certo grau de incerteza e risco.

Hoberman nem pensou em pôr um roupão ao sair para o quintal, depois de acender a luz. Uma das vantagens de morar longe de vias movimentadas era a ausência de vizinhos ou transeuntes curiosos. E foi quando estava ali no quintal, só de cueca, que ouviu alguém ou alguma coisa se movendo nos arredores da casa. Subiu correndo a escada de madeira e foi direto para o escritório. Abriu a gaveta da escrivaninha e pegou a Jericho 941 semiautomática. Observou a arma por um momento, estranhando vê-la em sua mão e perguntando-se que porcaria pretendia fazer com aquilo. Benjamin, o irmão mais novo de Hoberman, é quem tinha lhe dado a pistola de fabricação israelense e obtido até uma licença para ele, insistindo em que Josh precisava se proteger naquele lugar desabitado. A pistola não pareceria estranha na mão de Benny. Benny sabia usar uma arma, enfrentar situações perigosas, lidar com mulheres. Benny era diferente do irmão em quase tudo.

Ouviu outro som lá fora e desejou que Benny estivesse ali. Ele saberia o que fazer.

Colocou o pente no cabo, destravou o fecho de segurança e puxou o ferrolho, como Benny havia lhe ensinado. Voltando para a sala, Josh apagou a luz e se aproximou da porta. Parou, tentando ouvir alguma coisa, a cabeça bem perto da pesada folha de madeira.

O som da batida foi tão forte que Josh quase deixou cair a pistola. O tipo de batida que a polícia faz no meio da noite. O tipo de batida que a polícia havia feito em Colônia, na noite em que tinha aparecido atrás dos avós e do pai de Josh, então com doze anos.

— Professor Josh Hoberman? — A voz era sem dúvida muito formal. Muito autoritária. — Professor Hoberman? — repetiu, quando Josh não respondeu.

Josh respirou fundo.

— Quem é?

— Agente especial Roesler, do FBI, senhor. Estou acompanhado pelo agente especial Forbes. Podemos lhe falar, professor Hoberman?

— Um instante... — Josh percorreu o entorno com o olhar: a sala e a escada às suas costas, o escritório à esquerda, a barriga transbordando do elástico da cueca, a arma na mão. Por que aquela visita do FBI? Se é que *era* o FBI. Acendeu a luz do alpendre, colocou a corrente de segurança e abriu uma fresta, a arma erguida, mas fora do campo de visão. Dois indivíduos com cabelos cortados à escovinha olhavam-no. Atrás deles, via-se um Crown Victoria estacionado na entrada, com uma terceira pessoa ao volante.

— Podem se identificar? — Josh tentou dar à pergunta o tom mais firme possível.

— Certamente, professor Hoberman. — Josh esperava que o rapaz à porta apenas mostrasse o documento, mas, em vez disso, ele lhe passou a carteira de couro preto pela fresta. Josh examinou bem o documento, olhando várias vezes para a fotografia e o rosto à sua frente, como se soubesse mesmo distinguir uma identidade falsa do FBI da verdadeira.

— O que desejam? Sabem que horas são? — Josh devolveu o documento.

— Sim. Lamentamos incomodá-lo tão tarde, professor Hoberman — disse o agente especial Roesler, num tom que nem de longe era de desculpa. — Mas sua ajuda é necessária em algo muito importante.

— Necessária em quê?

— Devo lhe entregar isto... — Roesler passou-lhe um envelope fechado, que Josh abriu e leu.

— Sabem do que se trata? — perguntou ao jovem agente do FBI ao terminar de ler o bilhete. — Sabem quem mandou isto?

— Não, senhor. Viemos apenas para levá-lo aonde precisa ir.

Josh fitou os dois agentes do FBI por um momento, tentando descobrir se o que acontecia estava acontecendo de fato.

— Me deem dez minutos para me vestir — disse por fim. — Sairei logo.

Fechou a porta e, antes de se dirigir de novo para a escada, releu o bilhete.

Ele trazia o sinete da presidente dos Estados Unidos da América.

5

JOHN MACBETH. BOSTON

Isolado por janelas que não podia abaixar, portas que não podia abrir e uma grade que o isolava do motorista de uniforme, Macbeth sentiu uma pontinha de pânico ao sentar-se no banco traseiro da viatura de polícia. Aquele não era, de modo algum, um ambiente que lhe proporcionasse harmonia.

Tentou se concentrar na cidade que deslizava pela janela.

A tarde de céu claro havia se transformado numa noite de nuvens pesadas enquanto conversava no bar com Corbin, e as ruas estavam lustrosas por causa da chuva. O policial não ligou a sirene nem as luzes vermelhas de teto, usando-as apenas nos cruzamentos, onde o som agudo servia tanto para abrir caminho quanto para assustar Macbeth. Ladearam a praça Common pela rua Charles, as silhuetas das árvores parecendo estranhamente bidimensionais, como um cenário de teatro, antes de se dirigirem ao aglomerado faiscante de prédios do Prudential Center. Correndo pela Huntington, Macbeth avistou mais carros de polícia azuis e brancos bloqueando o acesso à Christian Science Plaza.

— Você é o psico? — o policial com divisas de sargento e cara larga de irlandês perguntou a Corbin, quando este desceu da viatura.

— Sou o doutor Corbin, psiquiatra de plantão, se é o que quer dizer. Este é um colega, doutor Macbeth — esclareceu Corbin, apontando para Macbeth, que desceu depois dele. O policial nem atentou para a presença de Macbeth.

— Sim, muito bem. Parece que temos aqui um maníaco religioso. No telhado da igreja da Ciência Cristã, com o traseiro de fora. É o Anjo Gabriel, ao que tudo indica.

— Alguém está falando com ele no momento? — quis saber Corbin.

— O padre Mullachy. Da igreja de São Francisco, logo ali... — O policial tinha o mesmo sotaque bostoniano pastoso do motorista de táxi. As palavras todas emendadas. — Pedi que um dos nossos o acompanhasse. Nunca se sabe quando um doido decide levar mais alguém consigo. Como aqueles caras em San Francisco...

— Mandou um padre católico conversar com ele? — Macbeth riu. — Pensei que os membros da Ciência Cristã eram exclusivistas.

O sargento olhou Macbeth de alto a baixo e, sem dizer uma palavra, conduziu-os pela praça. À frente, erguia-se um sólido edifício abobadado que deu a Macbeth a impressão de abranger todos os estilos de arquitetura religiosa: parte igreja, parte catedral, parte basílica, parte mesquita. Sempre achara que a Igreja-Mãe da Igreja do Cristo Cientista, ali no coração de Boston, fosse algo construído como um parque temático para os fiéis. No melhor estilo Las Vegas.

Macbeth a visitara quando criança, com Casey e o pai — turistas na própria cidade. Lembrava-se da impressão que as dimensões do interior haviam lhe causado. A arquitetura religiosa sempre o havia fascinado, em particular a grandiosidade concebida para esmagar, intimidar, deixar bem claro como Deus era grande e como os homens eram insignificantes. O que mais o impressionou foi o *Mapparium* na Biblioteca Mary Baker Eddy, um globo de vidro da altura de três andares, para ser visto de dentro, mostrando o mundo como era em 1935.

O guarda do Departamento de Polícia levou Corbin e Macbeth para trás do Lago da Reflexão, um longo retângulo de água escura e brilhante na noite de Boston.

— Lá está ele... — O sargento apontou para uma plataforma em volta da cúpula, cercada por um parapeito. Estava localizado na parte original do prédio, a meia altura. Um homem nu estava postado ao lado de uma das ameias.

Olhando.

Parecia se fixar em alguma coisa bem longe, além da cidade. Algo no céu. Macbeth seguiu a direção do olhar, mas não viu nada. Mesmo àquela distância, percebeu que não havia nenhuma urgência, nenhuma angústia na atitude do

homem nu, seus braços pendendo ao lado do corpo. Sua figura trouxe a Macbeth a desagradável lembrança de um paciente no McLean. O último paciente que Macbeth havia tratado antes de passar para a área de pesquisa pura.

— Talvez ele esteja brincando — disse Corbin ao sargento. — Dessa altura, não morrerá se saltar.

— Talvez... — murmurou o policial, avaliando a extensão da queda. — Mas, ainda assim, teremos problemas.

Conduziu os dois psiquiatras para uma porta lateral. Atravessaram um depósito e subiram uma escada interna de serviço. Quando chegaram à porção do telhado onde pousava a cúpula, tudo pareceu diferente; a altura e a nova perspectiva deixaram Macbeth inseguro.

Ali de perto, constatou que o homem de farta cabeleira, na borda do parapeito, passava a impressão de equilíbrio. Estava calmo. Quase sereno. Não era o tipo habitual de suicida. Na casa dos vinte ou no começo da dos trinta anos, calculou Macbeth. Visto de trás e um pouco de perfil, sem roupas, parecia muito branco e magro, exceto por um engrossamento acima dos quadris: uma cinta de gordura macia prenunciando algum problema futuro relacionado ao peso. De novo, Macbeth teve a impressão de que o homem nu olhava para alguma coisa ao longe, no alto ou nos confins da cidade.

O padre, praticamente com a mesma idade do homem no parapeito, estava agachado, um joelho no chão e um cotovelo no outro, quase em postura de genuflexão. Posicionara-se ao lado do homem nu, a cerca de dois metros de distância, e Macbeth pôde ouvir que recitava alguma coisa, em tom suave e paternal, sobre o pecado do suicídio.

— Era só o que faltava — resmungou Corbin para Macbeth. — Alguém para reforçar a obsessão religiosa do sujeito. Dois fanáticos pelo preço de um...

— O padre Mullachy está dando o melhor de si — disse o jovem policial que acompanhara o padre, de modo quase reverencial, exibindo no rosto a irritação de dez gerações de credulidade cega. Podia bem ser o filho do sargento.

— Não vê que, se seu padre incentivar o fanatismo do homem, pode induzi-lo a saltar? — Corbin balançou a cabeça e virou-se para Macbeth: — É melhor

você se afastar, John, já que não está aqui em caráter oficial.

— Vou apenas observar e aprender... — Macbeth sorriu e foi para junto do jovem policial e do sargento de rosto largo de irlandês. Dali, podia ver parcialmente o perfil do homem nu.

— Então esse sujeito afirma ser o Anjo Gabriel? — perguntou Corbin ao sargento.

— Algo assim. Ou talvez seu nome seja mesmo Gabriel. Mas o senhor sabe como é essa gente: fala o que vem à boca e ninguém entende nada. Diz que encontrou a verdade, que tem uma mensagem, as coisas de sempre. O engraçado é que se mostra mais calmo que os outros.

Corbin agradeceu com um leve aceno de cabeça, e aproximou-se mais do padre e do homem no parapeito.

— Olá! Meu nome é Peter... Gostaria de conversar com você um pouco. Posso chegar mais perto?

— Não muito. — O homem falou devagar e com calma, mas o jovem padre virou-se para Corbin e levantou a mão num gesto para detê-lo, com um ar de impaciência. Corbin ignorou-o e se aproximou.

— Está tudo bem — disse o homem nu por cima do ombro.

— Olá... — repetiu Corbin. — Sou Peter. Como devo chamá-lo?

— Ele se chama Gabriel — interveio o padre.

— É esse o seu nome? — perguntou Corbin ao homem nu. Depois, voltou-se para o sacerdote e pediu-lhe com voz baixa e firme: — Afaste-se, padre. Poderá fazer mais mal do que bem.

— Vim ajudar uma alma aflita. Tenho o direito de ficar aqui.

— Pelo menos, recue um pouco. — Havia uma nota de fria advertência no tom de Corbin. O padre não se moveu. Corbin virou-se de novo para o homem nu.

— É esse mesmo o seu nome? Chama-se Gabriel?

O homem nu não deu mostras de que tinha ouvido Corbin e continuou a olhar para longe.

— Pode me chamar de Gabriel — disse por fim, absorto, como se falar com Corbin o distraísse de seus objetivos. — Chame-me pelo nome que quiser. Tudo

pode ter um nome, mas não significa que o nome seja a coisa. Dê um nome a uma coisa, porém a coisa não é o nome. Diga lá, Peter, você é psiquiatra?

— Estou aqui para ajudá-lo, Gabriel — disse Corbin. — Isso é o que importa. Mas, sim, sou psiquiatra.

— Percebi. Veio para me observar... — continuou Gabriel, ainda distraído por algo que só ele conseguia ver, bem acima e bem além da cidade. — Para me observar e avaliar meu estado. Duas coisas contraditórias, se me permite dizer... O Efeito Observador, em física quântica, prova que o ato de observar muda o objeto observado. Sabia disso?

— Não vim só para observar, Gabriel, vim também para ajudar.

— Quer me impedir de saltar.

— Quero ajudá-lo — repetiu Corbin. — Ajudá-lo a sair dessa.

— Foi o que eu disse: me impedir de saltar. Vivemos num universo de superposições com infinitas possibilidades, portanto vai conseguir o que deseja: não saltarei... e saltarei. Vou sobreviver... e vou morrer. Não se trata de uma escolha. Todas essas coisas acontecerão ao mesmo tempo. E nenhuma acontecerá.

— Por que subiu aqui no telhado, Gabriel? Por que está aqui?

— Não estou aqui. Não existo.

— Estranhas palavras para se dizer. É claro que está aqui.

— Estranhas? Não, não. Sei que não estou aqui.

— Usou drogas esta noite, Gabriel?

— Alucinógenos? — Gabriel soltou uma risadinha. — Não, Peter, não tomei cetamina nem nada parecido. Não estou sofrendo de despersonalização induzida por drogas. Ocorre apenas que não estou aqui de verdade.

— Vejo você, Gabriel. Isso significa que está aqui.

— Verdade? — Gabriel pareceu subitamente ofegante e quase perdeu o equilíbrio. Todos os presentes procuraram descobrir o que o abalara. Não viram nada. Por um momento, o jovem nu ficou rígido, mas logo depois foi se descontraindo. — Verdade? — repetiu, ainda como se Corbin continuasse a atrapalhar sua contemplação de um acontecimento que passasse numa grande

tela de TV, visível só para ele. — Estou aqui só porque me vê? Então, se olhasse para o outro lado, eu não estaria?

— Você estava aqui antes que eu subisse ao telhado, Gabriel. Estava aqui há quinze minutos, quando a polícia me chamou. Estava aqui quinze minutos antes disso, quando a segurança ligou para a polícia. Eu não podia vê-lo, mas você estava aqui, não estava?

Antes disso até, pensou Macbeth, lembrando-se do relato do taxista sobre um passageiro distraído que havia trazido à Christian Science Plaza.

O jovem franziu o cenho.

— Recordo-me de *estar* aqui há quinze minutos. Recordo-me de *estar* aqui antes de você me olhar. Mas recordo-me disso agora. Essa recordação de existência foi gerada neste momento. Talvez a memória presente seja real, não a existência passada. O fato de eu me lembrar de estar aqui há quinze minutos não significa que estivesse mesmo.

— Sabe de uma coisa, Gabriel? — disse Corbin. — Tenho medo de altura. Sim, tenho mesmo medo de altura. Sempre tive. Por que não se afasta da extremidade? Só um pouquinho... — Lançou um olhar rápido e significativo para os policiais postados ao lado de Macbeth. — Ninguém vai se aproximar. É apenas para conversarmos. Sem que eu fique incomodado com a altura.

— A altura é uma dimensão, uma medida. Não é dela que você tem medo, e sim da força que a medida exerce sobre sua massa. Gravidade. E a gravidade ninguém precisa temer.

— Não sei nada sobre isso, Gabriel — disse Corbin. — Já vi a gravidade acabar com pessoas que caíram de uma altura menor que esta.

— Das quatro forças fundamentais do universo, a gravidade é a mais fraca. De longe a mais fraca. As outras três atuam sobre ela, curvando-a, retorcendo-a e acabando com ela. Se é para ter medo de uma força, doutor, tenha medo do eletromagnetismo ou da força nuclear. Tenha medo das forças que não pode ver nem sentir, mas que o mantêm unido e podem despedaçá-lo. Da gravidade, não. — Gabriel deu de ombros. — Se não gosta de altura, afaste-se. Eu quero ficar aqui. E o padre Mullachy, onde está?

— Ainda aqui, meu filho. — O padre se levantou, lançando um olhar receoso para a extremidade do edifício.

— Como se chama, padre? Quero dizer, qual é o seu primeiro nome?

— Paul — respondeu o sacerdote. — Meu nome é Paul.

O homem nu sorriu.

— Pedro, Paulo e Gabriel... Dois santos e um anjo. Acredita em anjos, padre?

— Acredito que Deus se manifesta de várias maneiras, Gabriel. De várias maneiras, para diferentes pessoas.

— Não perguntei se acredita em Deus. Não fiz uma pergunta vaga para receber uma resposta vaga. Perguntei, especificamente, se acredita em anjos, isto é, criaturas antropomórficas com asas gigantes nas costas.

— Um anjo não é assim, meu filho — disse o padre. — Um anjo é um mensageiro de Deus ou a própria mensagem. Um ser espiritual, e não...

— E você, Gabriel, acredita em anjos? — interrompeu Corbin.

Gabriel riu com amargura.

— Se acredito? Acredito no nada. Mas o curioso é que o nada em que acredito é um nada onde tudo é absolutamente possível. Todas as coisas, todas as ideias, todas as possibilidades. Até anjos. Como psiquiatra, Peter, você sabe que os anjos são reais. Não para qualquer um, mas para alguns. Aposto que já teve pacientes que acreditavam total e completamente que já tinham visto anjos. O fato de os anjos existirem só na mente deles e não na de outros não significa que não sejam reais. Anjos, demônios, fantasmas... — Fez uma pausa, parecendo inquieto. — E monstros. Você sem dúvida os viu, tratou deles, curou-os. Não é verdade? Não curou pessoas de sua crença em anjos?

— Ajudei pacientes com distúrbios alucinatórios, se é o que quer dizer.

Fez-se silêncio. O olhar de Gabriel continuava perdido ao longe, fixo em algo invisível para os demais.

— Tem estado bastante ocupado nos últimos tempos, não é, Peter? — disse Gabriel por fim. — Deve ter precisado expulsar muito mais anjos e fantasmas. Bem mais que antes... Não estou certo?

Mais silêncio. Dessa vez, quem se calou foi Corbin. E alguma coisa naquele silêncio perturbou Macbeth.

— Por que diz isso? — perguntou Corbin.

— Estou certo, hein? Há mais pessoas tentando se curar de suas visões. E o que você diz a elas? Que estão loucas? Ou o fenômeno começou com você também? Coisas estranhas que percebeu de relance? Essas são as piores; essas são as que deixam você maluco... Nunca estão lá quando a gente se vira. Então aconteceu com você também, Peter? Está mesmo tendo visões? Agora anda dizendo a seus pacientes que estavam certos? Que os anjos logo virão?

De novo Macbeth notou que Corbin hesitava antes de retomar a palavra. No silêncio que se fez, podia ouvir os sons do trânsito da cidade na escuridão; gritos e risos distantes; rumores difusos.

— Você vê anjos? — perguntou Corbin. — É o que está contemplando agora no céu?

Gabriel riu.

— Pare de refletir e comece a defletir. Gostaria de saber se já pensou sobre a realidade que seus pacientes descrevem... Já ficou deitado à noite na cama, no escuro, perguntando se a realidade deles era a válida e a sua, a falsa? Quero dizer, no seu caso, você encontra pessoas com a própria versão da realidade em número proporcional ao das que aceitam a versão padrão.

— Todos sabemos qual é a verdadeira realidade, Gabriel.

O homem nu riu.

— Refere-se à realidade consensual? Realidade é realidade só porque muitas pessoas acreditam nela? E se todos... todos mesmo... começarem a ter visões? Menos você? Vai significar então que você é um alucinado? Em outras palavras: o padre Mullachy aqui presente devotou a vida inteira ao serviço de uma entidade sobrenatural. O padre está certo, porque essa fantasia tem uma história e há também um consenso por trás dela. Ora, se ele se devotasse exatamente da mesma maneira ao mesmo conjunto de crenças, mas dissesse que um rato gigante oculto nas nuvens o mandou aqui porque se preocupa com meu bem-

estar espiritual, isso não seria aceitável. Você diria que o padre anda tendo alucinações. Grande pergunta, não?

— A única pergunta que me interessa no momento é: por que você está aqui, Gabriel?

Outro longo silêncio, antes que Gabriel respondesse:

— Já viu um *Phyllobates terribilis*? É um sapinho muito bonito: brilhante, de várias cores, e não apenas a amarela. Minúsculo, com mais ou menos dois centímetros de comprimento. Sabe o que não entendo nesse sapo? O motivo pelo qual uma criatura tão bela e pequena é o animal mais mortalmente venenoso do planeta. Uma criaturinha de poucos centímetros pode matar cinco elefantes africanos num minuto. Ou vinte, trinta seres humanos. Se você colocar a mão num galho onde ele esteve pousado uma hora antes, as secreções da pele dele poderão matá-lo. Não entendo... Ei, padre, tem resposta para isso? Por que Deus fez tão venenosa uma criatura tão bela?

— Há espaço na criação divina para todo tipo de coisas, Gabriel — disse o padre. — Há maravilhas que talvez nunca consigamos entender. As razões de Deus provavelmente sempre estarão fora de nosso alcance.

Gabriel riu e seu corpo balançou de novo. Macbeth viu que a tensão tomava conta de Corbin.

— Ótimo... Gosto disso: “maravilhas que talvez nunca consigamos entender”. O alvará de soltura assinado pelo papa — falou Gabriel. — Mas nós, na verdade, tentamos entender, não é? Dos oito ou nove milhões de espécies que existem neste planeta, somos a única que tenta dar sentido a tudo. O sapinho não tem sentido para mim porque carrega mil vezes mais veneno do que precisaria para matar qualquer um de seus predadores naturais. E quer saber de uma coisa? Somos exatamente como ele. Não temos sentido também. Por que somos tão espertos, afinal? Não precisamos de tanta inteligência.

— Não estou conseguindo acompanhá-lo — confessou Corbin.

— Assim como o sapo tem excesso de veneno, nós temos excesso de poder cerebral. Não precisamos de tamanho poder para chegar ao alto da pirâmide. Olhe isto... — Ele estendeu o braço para mostrar a resplandecente Boston

noturna. — Tudo foi criado por um macaco. Arte, ciência, música... Nada tem sentido. Tudo é um absurdo. Qual a sua opinião, Peter? Você examina, avalia e analisa a mente humana. O que descobriu?

— A inteligência humana? — Corbin deu um passo involuntário em direção ao homem nu. Estava agora a meio caminho entre Macbeth e ele. — Como você disse, chegamos ao ápice da árvore evolucionária, e nossa inteligência é que nos pôs lá.

— Isto não é verdade de jeito nenhum, Peter, e você sabe muito bem — contestou Gabriel. — E quanto aos dinossauros? Por mais de cento e trinta milhões de anos, estiveram no topo da árvore. Infinitamente mais bem-sucedidos que nós. Não precisavam de tecnologia, civilização ou cultura. Nossa inteligência é uma ameaça evolucionária, e não uma vantagem. Por causa dela, quase provocamos nossa própria extinção. Em quanto tempo? Duzentos mil anos como seres humanos? Cinquenta mil anos como criaturas de comportamento moderno? Isso não é sequer uma piscadela de olho na história da evolução. Mas, nesse curtíssimo espaço de tempo, conseguimos, com grande êxito, quase acabar com o planeta do qual dependemos, além de termos inventado armas que podem nos pulverizar da face da Terra. Veja só, Pete: os dinossauros levaram a melhor, não levaram? — De novo o homem estendeu o braço para a cidade lá embaixo. — Levaram a melhor sobre tudo isto.

— Posso responder à sua pergunta, Gabriel. — O padre se aproximou, hesitante, sempre com um olhar nervoso fixo no parapeito. — Nossa sabedoria e nossa curiosidade foram dadas por Deus. Ele nos deu isso para que tentássemos entendê-lo. E para entender também nossos pecados, a própria natureza do pecado. Desse modo, podemos lutar para conhecer Deus.

— E se eu lhe disser — disse Gabriel ao padre — que conheço Deus? Que conheço Deus de um modo que você jamais conhecerá? Que conheço por completo e totalmente a verdadeira natureza divina?

— Não, não conhece, meu filho — garantiu o padre.

— Conheço, sim — insistiu Gabriel, pela primeira vez revelando alguma emoção na voz. Quase de dor. — Você é que é o iludido. Eu encontrei a resposta,

a verdade, padre. E é uma verdade grande, muito grande. Uma verdade tão grande e tão além das fantasias de sua estreita superstição que você é incapaz de absorvê-la. — Interrompeu-se e pareceu examinar de novo as luzes da cidade. — Tão grande que não posso suportá-la...

Uma corrente de ar vinda da Plaza agitou as belas mechas de cabelo de Gabriel, que se inclinou um pouco para a frente e olhou para baixo. Macbeth reteve o fôlego, percebendo que os dois policiais a seu lado faziam o mesmo. Pete Corbin deu um passo à frente e se deteve.

Então, de súbito, Gabriel recuou, afastando-se da extremidade do parapeito. O padre Mullachy olhou para Corbin com uma expressão de indisfarçável triunfo.

— Vou buscar um cobertor — o sargento sussurrou ao policial mais jovem, afastando-se. Enquanto isso, o padre se aproximou de Gabriel e colocou a mão em seu ombro, num gesto tranquilizador.

— Tudo vai acabar bem, meu rapaz — falou o padre.

— Você não entende, Paul — disse Gabriel, agora num tom claro e decidido. — Estamos nos tornando. Estamos nos tornando.

— Estamos nos tornando o quê? — perguntou o padre, intrigado.

Foi Macbeth quem percebeu primeiro. Os outros desempenhavam cada qual seu papel, enquanto ele apenas observava. E observou. Observou a repentina mudança na atitude de Gabriel; observou a inesperada animação naquele rosto e naquele corpo até então impassíveis e inertes.

— Veja bem, padre — disse Gabriel —, a vida inteira você tem feito a pergunta errada. Tem perguntado quem é Deus. Não existe “quem”. Não existe “o quê” ou “onde”. A verdade consiste em saber “quando” é Deus. Eu sei quando Deus é. Estamos nos tornando... Estamos nos tornando... — Gabriel, sorrindo, deu um passo à frente e envolveu Mullachy num abraço de urso. — Venha e veja...

Corbin apressou-se na direção deles, seguido pelos dois policiais e Macbeth. E estacaram quando o homem nu, ainda agarrado ao padre, atirou-se ao ar.

Gabriel e Mullachy esbarraram no parapeito baixo em forma de ameia que cercava o telhado, e depois tombaram, sumindo de vista: o primeiro silencioso, o

segundo soltando gritos de um terror primitivo.

6

JOSH HOBERMAN. VIRGÍNIA

Josh Hoberman se sentou no banco de trás do carro preto, sentindo-se incomodado.

Enquanto saíam da longa trilha para a estrada, observou o veludo negro das árvores engolir sua casa e esmaecer a luz do alpendre, que tinha esquecido de apagar. A trilha era de terra, e Hoberman havia comprado um veículo utilitário para ir de casa até a estação ferroviária, onde embarcava três vezes por semana para sua clínica em Washington. No resto da semana, trabalhava em casa, solitário. A suspensão do Crown Victoria amenizava os solavancos da estrada, transformando-os em sacudidelas e guinadas suaves, que seu ventre absorvia.

— Para onde estamos indo? — perguntou a Roesler, sentado a seu lado. Os outros dois agentes, enigmas envoltos em silêncio, ocupavam os bancos da frente. Por que três homens?

— Acho que o senhor está indo para Washington, mas não sei ao certo — respondeu Roesler, com a mesma polidez superficial. Hoberman percebeu que, para Roesler, ele era apenas uma encomenda a ser entregue, nada mais. — Vamos conduzi-lo até a base de Culpeper, onde um helicóptero o apanhará.

— Para ir a Washington? Mas é só uma hora e meia de carro!

— De fato, ignoro seu destino final, professor Hoberman. Em Culpeper, talvez o informem melhor.

Estavam agora na rodovia principal, e Hoberman, reclinando-se no banco de couro, refletiu sobre a natureza da memória herdada e das recordações culturais. Hoberman era um judeu apanhado no meio da noite por agentes armados do governo, que não queriam lhe dizer para onde o levavam; neto de um judeu

morto há muito tempo, apanhado no meio da noite por agentes armados do governo, que não queriam lhe dizer para onde o levavam.

O resto da jornada de meia hora se passou em silêncio, só interrompido quando o homem no banco da frente fez uma chamada dizendo que estavam “perto do ponto de encontro”. Hoberman quase não se surpreendeu ao ver que o Aeroporto Regional de Culpeper estava fechado àquela hora da noite; mas, ainda assim, o guarda fez um cumprimento discreto e deixou o carro entrar pelo portão.

Brilhando sob as luzes do aeroporto, via-se uma espécie de besouro gigante, um enorme helicóptero preto pousado na pista, os rotores já começando a girar quando o carro parou. Roesler e um dos outros agentes conduziram Hoberman com incontestável cortesia, passando por sob as hélices estridentes, até os degraus que davam para a porta. O homem de pé na soleira vestia um traje informal: camiseta polo preta, de mangas curtas, e calças cargo claras, além de exibir um sorriso forçado.

— Professor Hoberman? — Estendeu a mão e também o sorriso. — Obrigado por vir a esta hora tão imprópria. Sou o agente Bundy. Fique à vontade.

— Bundy? Por acaso não é Theodore Bundy, é?

— Nada a ver com o *serial killer* da década de 1970... — disse ele de modo automático, ainda sorrindo com toda a amabilidade, antes de se afastar para que Hoberman ocupasse o pequeno espaço entre a cabine do piloto e a porta do lado oposto, que abriu. Hoberman notou que ele era bronzeado e musculoso: músculos profissionais de alguém cujo emprego exigia truculência, além de cérebro. Os olhos de Bundy eram impressionantes, de duas cores: as íris levemente azuladas tornavam-se castanho-claras em volta das pupilas.

— Por aqui, professor Hoberman — convidou Bundy.

A cabine de passageiros do helicóptero pegou Hoberman de surpresa. Brilhante e luxuosa, com poltronas de um couro creme que ele jamais tinha visto em nenhum avião, nem na primeira classe. Outro homem estava sentado ali, que Bundy apresentou como Bob Ryerson. Ryerson vestia um terno escuro e caro;

parecia indecentemente ativo e bem-disposto para aquela hora da noite. Seu físico era igual ao de Bundy.

— Este é o Marine One? — perguntou Hoberman. Bundy riu.

— Não, senhor, o principal helicóptero usado como Marine One é bem maior que este. Mas o Marine One é qualquer helicóptero que tenha um presidente a bordo, e *só* quando um presidente está a bordo. Entretanto, o senhor acertou ao dizer que este é um HMX-1: Marine Helicopter Squadron One... para transporte executivo presidencial. Por favor, sente-se e ponha o cinto de segurança para decolarmos, professor Hoberman.

— Você e o *Bob* aqui... — disse Hoberman, ainda de pé. — Quem são vocês? CIA? NSA? FBI? DHS? Ou alguma outra sopa de letrinhas misteriosa que não conheço?

— Pode-se dizer que somos tudo o que mencionou — respondeu Bundy, sempre sorrindo. — Oficialmente, trabalho como agente especial do FBI, mas minhas tarefas se tornaram... *flexíveis*. Tudo ficou um pouco mais interligado depois do 11 de Setembro. Bob e eu, porém, cuidamos da segurança e da proteção presidencial, se é o que quer saber. Professor Hoberman, queira se sentar e pôr o cinto de segurança para partirmos.

— Partirmos para onde? — Hoberman continuava de pé, tão decidido quanto lhe era possível fingir. — E por quê? Tenho o direito de saber para onde diabos estão me levando e por qual motivo.

Bundy sorriu com indulgência.

— O senhor deve ter recebido um bilhete...

— O bilhete só dizia *quem*, não *onde* nem *por quê*.

— À primeira pergunta eu posso responder, doutor — interveio Ryerson.

Hoberman notou que a atitude dele era menos cortês que a de Bundy, cuja simpatia lembrava a de um vendedor de automóveis. — Vamos para Camp David, em Maryland. Quanto à segunda pergunta, nenhum de nós sabe a resposta. Mas fomos instruídos a lhe entregar isto. — Abriu uma maleta de executivo, de couro preto, tirou uma pasta e a entregou a Hoberman.

A pasta estava lacrada com o selo intacto da presidente. Hoberman lançou-lhe o mesmo olhar com que tinha fitado a arma em sua mão. Estranho, deslocado... Hoberman, ali de pé em um luxuoso helicóptero presidencial, com suas imaculadas poltronas de couro creme, sua mesa de cerejeira atulhada de bebidas e suas cortinas verdes, sentia-se ele próprio estranho e deslocado.

— Agora, professor Hoberman... — disse Bundy, indicando um dos assentos. — Se o senhor não se importa.

7

JOHN MACBETH. BOSTON

Em se tratando do homem nu, declarar o óbito não exigiu muito do conhecimento médico de Macbeth.

Gabriel havia se estatelado de cabeça na laje e uma mancha vermelha raiada de cinza cercava seu crânio fraturado; coágulos viscosos escorriam das narinas e um olho permanecia aberto, mirando o céu noturno, enquanto o outro estava semicerrado, a pálpebra parecendo uma persiana fechada com negligência.

Devia ter mantido o jovem padre preso num abraço de ferro durante toda a trajetória até o chão, pois os dois homens agora jaziam ali enroscados um no outro. Corbin e Macbeth voltaram a atenção para o padre Mullachy, recostado no peito de Gabriel. Ele tinha os olhos arregalados para o céu sombrio, e suas costelas se dilatavam de modo frenético em inspirações breves e superficiais.

— Pode me ouvir, padre Mullachy? — perguntou Corbin. — Está me ouvindo?

O padre não disse nada, o olhar fixo nas estrelas, sempre respirando frenética e superficialmente. Corbin encostou uma orelha no peito do homem ferido, primeiro de um lado, depois do outro.

— Chamem uma ambulância! — gritou por cima do ombro para os policiais, voltando-se em seguida para Macbeth. — Como está sua prática de primeiros socorros?

— Enferrujada... — Macbeth mentiu. Procedimentos de emergência eram o tipo de coisa que ele jamais havia esquecido. Tinha-os bem vivos na memória. Como agir, técnicas, ocorrências e métodos que havia aprendido; taxonomias, sistemas, conhecimento estruturado: tais eram as lembranças empoeiradas,

catalogadas, numeradas, arquivadas e mantidas no armazém de seu cérebro com a etiqueta “Memória de Procedimentos”. Todas essas coisas poderiam vir à tona, brilhantes e prontas para uso, como se fossem novas. Ao contrário, no caso de sua “Memória Autobiográfica”, Macbeth se sentia numa sala escura, tropeçando em meio a um labirinto de estantes do qual jamais encontrava a saída. Recordações do mundo real tinham de ser espanadas antes que ele conseguisse distinguir as imagens esmaecidas. E mesmo então nunca tinha muita certeza de se aquelas coisas pertenciam mesmo à sua vida ou se haviam sido emprestadas de outros.

Corbin tinha certeza de que Macbeth se lembrava perfeitamente dos procedimentos, pois já o via pronto para entrar em ação.. Macbeth passou as mãos pelo corpo do padre, como um policial revistando um suspeito. A velha habilidade voltou num instante e, à medida que ia sentindo cada fratura com a ponta dos dedos, comunicava-a a Corbin. Quando examinou as costelas, Mullachy emitiu um breve gemido, o único protesto que se podia permitir entre uma respiração e outra; e gemeu de novo quando Macbeth apalpou-lhe os quadris. Pelve fraturada. A boa notícia era que o ferido conseguia sentir dor na parte inferior do corpo: portanto, a medula estava intacta. Macbeth checou as pulsações distais e voltou ao peito. Removendo com cuidado o colarinho eclesiástico, inspecionou o pescoço: nenhuma deformação nem inchaço grave. Mullachy devia ter caído de um modo que havia evitado danos sérios à cabeça e à coluna — a causa mais comum de morte em quedas. Ao examinar a garganta, notou pequenas erupções salientes na mucosa, parecendo uma forma avançada de urticária. Quando tocava uma bolha, ela se deslocava ou explodia sob seus dedos; a pele, no local, ficava lisa, mas outras bolhas apareciam em outra parte.

— A situação é muito ruim? — perguntou Corbin sobre o ombro de Macbeth.

Macbeth assentiu com um aceno de cabeça.

— Estertores, crepitações, bolhas... Dispneia. Se a ambulância não chegar logo, teremos de improvisar um dreno torácico.

De repente, a respiração do padre ficou ofegante, e ele começou a balbuciar entre um estertor e outro.

— Extrema-unção... — murmurou. — Últimos... ritos...

— Não fale, padre — recomendou Macbeth. — Poupe sua respiração. Você vai ficar bem. — Ele se virou para Corbin: — Veja se algum dos policiais tem um canivete e uma caneta esferográfica.

— Vai colocar o tubo aqui mesmo?

— Não se puder evitar. A última coisa que gostaria de fazer era improvisar uma toracostomia de escoteiro. — Macbeth suspirou. Olhou para além de Corbin, rumo às luzes dos altos edifícios próximos e aos globos de lâmpadas dos postes que se alinhavam na Plaza. Pareciam mais brilhantes, emitindo uma luminosidade intensa, com contornos nítidos. Cristalinos. Havia padrões nas coisas, em todas as coisas; e Macbeth começava a percebê-los de novo.

“Agora não”, disse a si mesmo. “Agora não; concentre-se”.

— Só quero estar pronto caso a ambulância demore muito. O tórax dele está ficando cada vez mais rígido. Há hemorragia na cavidade pleural. Pergunte aos policiais se eles têm algo que eu possa usar...

Corbin assentiu e correu até onde o sargento tentava conter, agitando os braços com impaciência, um pequeno grupo de curiosos.

— Estou pronto... — arquejou o padre. — Estou pronto.

— Pronto para quê, Paul? — Macbeth debruçou-se sobre ele. Mesmo à luz da rua, podia perceber o tom azulado que ia tomando conta do rosto de Mullachy. Seus lábios estavam quase negros. — Respire devagar. Vamos dar um jeito em você.

Um ruído escapou da garganta do padre. Macbeth sentiu um tapinha no ombro e virou-se. Era o policial mais velho.

— Notícias da ambulância? — perguntou Macbeth ao sargento.

— Está a caminho. Houve um incidente na Common e o trânsito emperrou. O que vai fazer com a caneta e o canivete?

— Parece que pelo menos um dos pulmões do padre foi dilacerado. A cavidade pleural está cheia de ar e sangue. Acho que mais embaixo também houve sangramento. Notei bolhas de ar sob a pele do pescoço e na garganta. Se não introduzir logo um tubo nele, a pressão vai provocar uma parada cardíaca.

— E vai enfiar nele a droga de uma caneta? — O policial franziu o cenho, incrédulo.

— A menos que tenha uma sugestão melhor.

— Há uma maleta de primeiros socorros na viatura...

— Vá buscá-la. Mas rápido, não temos muito tempo. E procure apressar essa ambulância.

O policial correu para a viatura, berrando alguma coisa no rádio. Macbeth ajoelhou-se diante dos dois corpos enlaçados. Com a ajuda de Corbin, tentou desvencilhar as pernas do homem nu das de Mullachy. O morto servia agora de travesseiro para o ferido e, assim, os dois médicos tinham acesso mais fácil às lesões do padre. Corbin desabotoou a camisa preta de Mullachy.

— Vou introduzir o tubo pela parte da frente — disse Macbeth. — Não podemos correr o risco de virá-lo de costas ou sentá-lo sem imobilizar seu pescoço.

— Estou pronto... estou pronto... — Mullachy repetia essas palavras como se desfiasse um rosário, mas Macbeth sabia muito bem que ele não estava se declarando pronto para a cirurgia improvisada.

— Mantenha-se concentrado e permaneça lúcido, padre. — Macbeth se inclinou para fitá-lo bem nos olhos. — Sei que é angustiante lutar para respirar, mas isso vai passar logo. Ouça-me: você vai sair desta. Vai se recuperar.

Mullachy balançou a cabeça em movimentos breves e cautelosos.

— Não... acredita nisso... acredita? — perguntou entre dois estertores dolorosos. — Acho... que é... tudo... mentira...

— Vamos deixar as discussões teológicas para quando estiver respirando melhor, padre — disse Macbeth. — Agora pare de falar e poupe seu fôlego.

O sargento voltou com uma maleta azul. Corbin vasculhou lá dentro e entregou a Macbeth um par de luvas cirúrgicas e quatro pedaços de ataduras. Ele enfiou as luvas e abriu uma das ataduras no chão, usando outra para limpar a pele do abdome inchado do padre.

— Melhor que um canivete... — disse Corbin, estendendo a Macbeth o bisturi esterilizado que havia encontrado na maleta.

— Algum tubo? — perguntou Macbeth, tirando o bisturi da embalagem e vendo suas mãos se moverem como se pertencessem a outra pessoa.

Corbin vasculhou de novo a maleta.

— Não.

Outro tapinha no ombro. Dessa vez, quando Macbeth se virou, o sargento segurava uma caneta esferográfica na mão enorme.

— Espero que saiba o que vai fazer, doutor.

Macbeth pegou a caneta, arrancou a ponta e a carga, ficando apenas com o canudo. Corbin passou-lhe um frasco plástico de água destilada, com a qual ele lavou o canudo, enxugando-o com outro pedaço de gaze, antes de depositá-lo sobre o que havia estendido no chão. Ao fazer isso, Macbeth sentiu como se algo indefinível houvesse alterado o ambiente; uma inesperada mudança de luminosidade, de pressão atmosférica, ou um vago perfume trazido de súbito pela brisa. *Não, agora não!*

O padre arquejava roucamente, em agonia, os olhos marejados de lágrimas.

— É... é... verdade? É... mesmo... verdade?

— Não se afobe, padre — repreendeu Corbin, pousando-lhe a mão na fronte. — Daqui a pouco vai respirar normalmente.

Estava chegando. Sempre sentia quando estava chegando, como se sua mente tivesse de se preparar. A sensação de que algo tinha mudado no espectro do universo circundante sempre vinha antes de uma crise. Sabia que o estresse da situação era o responsável. Estresse que foi deixando de sentir quando a crise começou a tomar forma. Olhou para o rosto ansioso de Corbin e depois para o paciente, que poderia morrer caso não agisse logo e de maneira decisiva.

Tudo ao redor agora parecia mais definido, mais reluzente e nítido, como se seus olhos houvessem se focado muito além do que seria fisicamente possível. Olhou para o outro lado da Plaza, onde se situava o Lago da Reflexão. Imagens faiscavam na superfície negra: as luzes refletidas do Prudential Center, do One-Eleven Huntington e dos outros edifícios nos arredores transformavam-se em diamantes que dançavam na água. Macbeth sabia: nada daquilo era real. As pessoas perto dele não eram reais. A arquitetura em volta não existia de fato.

Ouviu Corbin falar-lhe em voz alta e clara, mas as palavras e as sílabas se tornaram um conceito incongruente e abstrato, sem sentido no plano da linguagem.

Macbeth não existia.

Descera ao âmago do acontecimento, ao lugar para onde era sempre levado. Para a mesma conclusão definitiva, incontroversa: ele não existia. Assim como Corbin, assim como os demais, não passava de uma ficção.

Percebeu naquele momento, como havia percebido antes em todos os momentos semelhantes, que existia um motivo para ter tão má memória para fatos biográficos. Suas lembranças fragmentárias eram de uma vida inventada, ainda em esboço.

Baixou os olhos para as mãos, tão desconectadas dele, que ficou surpreso ao vê-las começando a se movimentar. Uma das mãos capturou a pele do peito do padre, justamente no quinto espaço intercostal, entre o indicador e o polegar; a outra fez uma incisão de três centímetros, bem funda, através das camadas subcutâneas. O padre gemeu quando as mãos introduziram o canudo na abertura.

Ouviu-se um som agudo, semelhante a um assovio, quando o ar e o sangue escaparam do peito de Mullachy. Corbin recuou de um salto, enquanto o líquido espirrava sobre a laje.

— Jesus! — gritou o sargento. — Que diabo você fez? Ele vai sangrar até a morte!

— É sangue que já não servia mais — explicou Corbin ao policial. Macbeth percebeu então que as palavras tinham voltado a fazer sentido. — Estava alojado na cavidade torácica. Ele poderia ter perdido metade do sangue, e você não veria uma gota sequer.

O padre inspirou profunda e dolorosamente; depois gemeu e passou a respirar em ritmo mais normal.

Mullachy olhou para cima, fitando Macbeth com atenção. Segurou-o pelo colarinho e o puxou para si. A respiração ficou mais fácil, mas os olhos continuavam aflitos, transtornados.

— Eu vi... — sussurrou ao ouvido do médico.

— Viu? Viu o quê?

— Eu vi — repetiu Mullachy, a voz grave. — Quando caímos... quando ele me arrastou... disse que me mostraria. E me mostrou. Eu vi...

— Não estou entendendo... — Macbeth se interrompeu ao ouvir um som de sirenes, avistando dois homens com o uniforme do serviço de emergência médica de Boston, que vinham em sua direção. Um deles era negro; e, com a estranha capacidade de observação aguda por detalhes que viera com a crise, Macbeth notou que o número de serviço no crachá de identificação do homem começava com o número um, não quatro, cinco ou seis: não se tratava, pois, de um simples enfermeiro, mas de um paramédico com treinamento completo.

— O que temos aqui? — perguntou o recém-chegado. Macbeth lançou-lhe um olhar vago, notando que ele tinha uma barba negra com trancinhas divididas por faixas escanhoadas, dando a impressão de um campo lavrado. Renques de um trigal. Por que aquilo?, perguntou-se Macbeth. Por que as pessoas faziam coisas desse tipo? Quando nesse estado de alheamento, sempre achava bizarras as minúsculas ortodoxias do cotidiano. Bizarras e inexplicáveis.

— O que temos aqui? — repetiu o homem, o semblante fechado. — Você é médico, não é?

Macbeth assentiu. O mundo voltava a ter sentido, a se recolocar nos trilhos, e ele percebeu que a crise ia chegando ao fim. Mas a própria voz ainda soava estranha, com tanto conteúdo emocional quanto um boletim meteorológico, enquanto relatava os fatos:

— Um óbito na queda: o suicida. Arrastou o outro consigo. O padre Mullachy não parece ter sofrido danos significativos na cabeça ou no pescoço, mas teve um trauma torácico grave com múltiplas fraturas costais e separação costocondral. Ouvi crepitações ao examiná-lo. Sons da respiração quase inaudíveis do lado esquerdo e acentuada tensão provocada por hemopneumotórax, provocando taquipneia e enfisema subcutâneo em volta do pescoço, que aliviei com a introdução de um tubo improvisado. Há também suspeita de derrame pleural subpulmonar. Outras lesões sérias são fratura na asa ilíaca e, é bem provável, em mais pontos da pelve.

— Está bem, assumimos daqui — disse o paramédico. Os enfermeiros colocaram um colar cervical no padre e uma máscara de oxigênio em seu nariz e boca. Procurando deixar o corpo o mais rígido possível, livraram-no do abraço do outro homem e viraram-no de lado para atá-lo ao estabilizador espinal.

Observando tudo aquilo, Macbeth ainda se sentia distante do que acontecia; a ausência de sensações provocada pela crise persistia. Viu a equipe de socorro erguer a maca. O padre virou-se para ele, os olhos francos e suplicantes agora marejados de lágrimas.

— Por que se atrasaram? — o policial mais novo perguntou aos paramédicos.

— O trânsito estava uma loucura por todo o trajeto até aqui. Não conseguíamos avançar nem com as sirenes e luzes ligadas. Não sei o que poderia causar um congestionamento assim a esta hora da noite.

Macbeth olhou para o céu noturno.

— Lua cheia... — murmurou ele. — O motivo é esse.

8

JOSH HOBERMAN. MARYLAND

Hoberman não sabia quase nada de insígnias militares, apenas o suficiente para reconhecer que a águia nas dragonas do oficial o identificava como coronel, enquanto o caduceu de Esculápio no centro das asas da Força Aérea revelava que era médico.

— Olá, professor Hoberman! Obrigado por vir imediatamente e a uma hora tão imprópria. Sou Jack Ward, diretor do Serviço Médico da Casa Branca e médico particular da presidente.

Hoberman respondeu com um leve aceno de cabeça, sem saber bem o que dizer. Ficou parado com o médico da Força Aérea diante do peitoril da chaminé de pedra entalhada rudemente do que parecia ser o centro de uma vasta cabana de madeira. Haviam dado um tom bucólico e acolhedor aos arredores, fazendo lembrar um acampamento de verão luxuoso, mas fora de moda. O nome Instalações de Apoio Naval de Thurmont por certo não condizia com o lugar, que por isso passou a ser mais conhecido como Camp David.

Bundy e Ryerson haviam levado Hoberman da pista até Aspen Lodge, o alojamento da presidente, e Ward os tinha dispensado com um “Obrigado, rapazes”.

Uma vez a sós, Ward apertou a mão de Hoberman com o que o psiquiatra imaginou ser de uma firmeza militar. Talvez, disse a si mesmo, eles aprendessem a apertar mãos daquele jeito em West Point, Maxwell, Colorado Springs ou onde mais treinassem para matar gente com garfos e clipes de papel. Ward era tedioso, previsível e estereotipadamente atraente, esbelto e atlético. E pareceu também a Hoberman que o médico presidencial era uns trinta centímetros mais alto que

ele. Diante dessa constatação, o psiquiatra decidiu não se conter e odiar o sujeito desde o primeiro instante.

— Acho que sabe por que está aqui, não sabe? — Ward apontou para a pasta preta na mão de Hoberman. — Queira se sentar, professor.

Hoberman acomodou-se numa poltrona que quase o engoliu, e Ward sentou-se à sua frente, agora com uma expressão de seriedade.

— Creio não ser necessário informá-lo de que o material contido nessa pasta é bastante sigiloso.

— Não, não é necessário — disse Hoberman. — Quem mais está a par do assunto?

— A presidente falou apenas comigo, e eu próprio compilei o dossiê. Portanto, a resposta é: até agora, só três pessoas: você, eu e ela.

— Por que eu?

— Li vários artigos seus, principalmente sobre psicose provocada e terapêutica psicomimética. Também fiquei muito impressionado com seu livro sobre alucinações induzidas por privação sensorial. Com base no conteúdo do dossiê, sem dúvida você descobriu o motivo de ser a escolha óbvia.

Hoberman deu de ombros.

— Há outros tão qualificados quanto eu...

Ward balançou a cabeça numa negativa.

— Não, não há. O assunto é muito delicado; envolve a segurança nacional. Para cuidar dele, precisamos dos melhores cérebros. Eu só tinha duas escolhas: você e John Macbeth, que, no entanto, está ocupado agora com pesquisas em Copenhague, Dinamarca.

Hoberman assentiu com um ligeiro aceno de cabeça, procurando afugentar a ideia de que a confiança de Ward nele não chegava ao ponto de julgá-lo capaz de saber que o lugar citado era a capital da Dinamarca, e não uma cidade homônima em Idaho.

— Sei por que pensou também em John. — Fez uma pausa, evocando o que tinha lido no dossiê enquanto o helicóptero do governo sobrevoava a paisagem negra de Maryland. — E o que acha do caso, coronel Ward?

— Sou médico pessoal da presidente há três anos. Esse tempo basta para se conhecer muito bem uma pessoa. Em termos de saúde física, ela está em ótima condição para sua idade; e, em termos psicológicos, tem uma personalidade realista, prática e serena. Posso assegurar também que nunca apresentou sinais de doença ou instabilidade mental. Investiguei a história de toda a sua família: nada de predisposições genéticas para distúrbios psiquiátricos.

— Hum... — murmurou Hoberman. E ficou em silêncio por alguns instantes, a fim de estruturar com cautela a próxima pergunta. — A presidente Yates tem fama de... como direi... ser *muito* religiosa. Alguns diriam: preocupantemente religiosa.

— Não vejo...

— A crença sincera de uma pessoa é a religiomania de outra.

— A presidente Yates tem sua fé, sim, professor Hoberman. Mas, como lhe disse, é também uma pessoa com os pés no chão. Seu Deus não aparece, nem deixa que outras entidades apareçam, em visões. Ela está bastante preocupada com a experiência que teve. E há mais...

Ward atravessou a sala e pegou, de cima de uma mesinha, uma pasta preta idêntica à que Bundy carregara no helicóptero. Enquanto Ward a trazia, Hoberman olhou através da larga porta de vidros corrediços. A aurora começava a pousar seus dedos cinzentos sobre as árvores de Camp David, e ele pôde ver uma piscina em forma de um rim, com um trampolim na extremidade. Pensou por um instante em todas as pessoas que haviam se sentado onde estava agora, e que também haviam observado o amanhecer discutindo em tom contido, mas urgente, o pouso do homem na lua, os mísseis a caminho de Cuba, ataques a centros de convenções, a queda do Muro de Berlim, as Torres Gêmeas desabando no centro de Nova York...

— Este é um relatório do Escritório de Segurança da Casa Branca. — Ward passou a Hoberman um documento tirado da pasta. — É sobre as câmeras de vídeo de alguns dos principais corredores e salas do prédio. Várias vezes o comportamento da presidente provocou alertas de segurança. De modo geral, ela

agiu como se alguém ou alguma coisa, fora do campo de visão, a preocupasse ou afligisse.

— E, quando o pessoal da segurança chegou, não viu nada?

— Nada. Devo lhe dizer que a presidente nem sempre estava sozinha durante esses episódios. Quatro membros da equipe acompanhavam a senhora Yates quando ela se sentiu perturbada por algo que ninguém mais parecia capaz de ver. Como só eu e você entendemos a natureza dessas crises, temo que boatos comecem a circular e perguntas sejam feitas sobre o estado mental da presidente. Sobre suas condições para o exercício do cargo.

— Uma coisa posso lhe dizer, coronel Ward: se a presidente Yates sofreu as alucinações descritas neste documento, então meu parecer profissional é de que ela teve pelo menos uma crise de ausência devido à pressão psicológica. Creio que há mecanismos pelos quais o vice-presidente possa assumir em caráter temporário, sem nenhum tipo de transferência oficial de cargo.

— Eu concordaria — disse Ward, procurando outro documento na pasta —, se o caso envolvesse apenas a presidente.

— Eu não...

— Os *episódios* — interrompeu Ward — que a afetaram... bem, para ser franco, não foram uma ocorrência isolada. Aqui está um relatório confidencial sobre o acidente aéreo em Michigan, no mês passado. Há transcrições das conversas entre o piloto e o copiloto, e entre a cabine e o controle de tráfego aéreo. O oficial que investigou o acidente levantou algumas questões. O FBI e o Departamento de Segurança Interna estão encarregados do caso.

— Isto aqui é relevante? — perguntou Hoberman, folheando a papelada.

— Leia com calma e julgue por si mesmo. O documento descreve uma de várias situações em que outros também viram coisas inexistentes. Situações mais numerosas do que se esperaria das pessoas envolvidas, não propensas a distúrbios de alucinação.

— E o que espera de mim? — perguntou Hoberman. — Em termos específicos, quero dizer.

— Para começar, uma opinião profissional, é claro. Mas gostaria que examinasse a possibilidade de permanecer aqui por alguns dias. Se, como suspeito, estamos às voltas com algo maior que as experiências da presidente, apreciaria muito que coordenasse uma força-tarefa para ir fundo nesse caso.

Hoberman abriu um sorriso.

— Só se a chamar de qualquer outro nome, menos de força-tarefa. E o que quer dizer com "algo maior"?

— Me refiro a uma possível conexão com outros fatos, por exemplo, o acidente aéreo. Precisei convocá-lo porque temos de resolver o problema e cuidar logo da senhora Yates. Trata-se de um momento crítico em seu mandato. Já ouviu falar, claro, do Ato de Integração Total que o Parlamento Europeu está discutindo e do Acordo Quádruplo de Paz, em vias de ser assinado com Israel.

— Sim. Vejo o noticiário.

— Pela primeira vez desde a criação do Estado de Israel, estamos perto de conseguir uma paz duradoura ou mesmo permanente, com o possível ingresso de Israel, do Estado Palestino e do Líbano na União Europeia. Nem é preciso dizer que esses acontecimentos vão mudar o mapa político do mundo de um modo que não assistimos desde a queda do Muro de Berlim. Os interesses norte-americanos poderiam ficar comprometidos sem uma mão forte para orientar o processo. Quando ler o relatório sobre o acidente aéreo em Michigan, verá que algum tipo de agente neurológico talvez tenha sido usado. Precisamos considerar a possibilidade de alguém estar tentando desestabilizar a liderança dos Estados Unidos.

— Acha que a presidente pode ter sido exposta a algum tipo de alucinógeno? — perguntou Hoberman.

— É pouco provável. Não há nada no exame toxicológico que indique a presença de substâncias dessa espécie. Mas é, sem dúvida, possível. Não faço ideia do que possa estar levando uma mente estável como a da presidente a ter alucinações. E é isso que eu gostaria que me ajudasse a descobrir.

Hoberman suspirou e olhou de novo pela janela. Agora a luminosidade se tingia de tons dourados, à medida que a manhã ia tomando uma forma mais

distinta.

— Nesse caso — disse ele —, é melhor que eu veja a paciente...

9

JOHN MACBETH. BOSTON

Eram duas e meia da manhã quando a polícia os liberou. Macbeth e Corbin se sentaram na cantina do Distrito Central A1 em Sudbury, bebendo algo que só muito de longe poderia ser chamado de café.

— Depois não diga que sou incapaz de organizar uma noitada memorável — suspirou Corbin com ar cansado, girando o café dentro do copo de plástico sobre a mesa de alumínio, a fim de retardar ao máximo a obrigação de bebê-lo. Se Corbin parecera esgotado no bar, agora dava a impressão de estar semimorto.

Macbeth concordou com um sorriso, também cansado demais para inventar uma resposta espirituosa.

— O que aconteceu lá? — perguntou Corbin, sem tirar os olhos do copo.

— Como assim?

— Você sabe o que quero dizer. Você teve uma espécie de ausência ou estado alterado. Fez um bom serviço no padre, mas parecia muito, muito distante. De que se trata, John? Uma simples crise de epilepsia parcial?

Macbeth negou com um aceno de cabeça.

— Então o que é?

— De certo modo, lembra um distúrbio de processamento sensorial. Tenho episódios de desrealização. De despersonalização. E isso durante minha vida inteira ou, pelo menos, até onde posso me lembrar. — Macbeth flagrou a expressão de Corbin e não pôde deixar de sorrir, fatigado. — Não me olhe assim.

— Assim como?

— Como se examinasse um paciente.

— Já procurou se tratar desse problema? Quero dizer, foi além do autodiagnóstico?

— Claro. Deus sabe quantas tomografias e ressonâncias magnéticas já fiz. Infelizmente, a menos que esteja ocorrendo uma crise durante o exame, é quase impossível definir a causa. A epilepsia do lobo temporal foi descartada; não se trata de enxaqueca e não tenho nenhuma lesão, tumor ou edema... O estresse parece provocar a crise, na maioria das vezes. Como aconteceu esta noite. Mas o estranho é que a crise não afeta minhas funções. Na verdade, pode até estimulá-las, e a reação posterior é de tranquilidade.

— Nenhum outro sintoma? Além da desrealização?

— Nenhum. — Macbeth fez uma careta. — Bem, meus sonhos costumam ser mais lúcidos que os da maioria das pessoas. Lúcidos e vívidos.

— Mas não a ponto de serem confundidos com a realidade, certo? — indagou Corbin.

Macbeth riu.

— Vai me receitar Thorazine, doutor? Não, como eu disse, meus sonhos tendem a ser lúcidos: quando sonho, sei que estou sonhando. E isso, a meu ver, é bastante incomum. Mas a natureza dos sonhos também é incomum.

— Incomum em que sentido?

— Não sonho comigo. Com minha vida. Os sonhos de quase todas as pessoas se prendem a experiências, aborrecimentos e outros conteúdos que se alojam em sua mente. Os meus se referem ao que li, ao que aprendi, e não ao que ocorreu de fato em meu cotidiano. É como se eu pegasse dados emprestados para o sonho, em vez de usar minhas próprias emoções e lembranças para lhe dar forma. Nunca sou eu em meus sonhos; sou sempre uma outra pessoa que, de algum modo, participou dos eventos com os quais estou sonhando. — Macbeth riu. — Na verdade, sonho em terceira pessoa.

— Já se deu conta de que essa espécie de sonhos pode estar relacionada às suas crises de desrealização em vigília?

— Acha mesmo? — A expressão de Macbeth era de sarcasmo.

— Como você bem sabe, John, não havendo nenhuma causa física subjacente, o problema é psicológico. Talvez algum tipo de trauma...

Macbeth riu de novo e balançou a cabeça.

— Que tipo? Não sou bipolar nem sofro de nenhuma forma de distúrbio de ansiedade. De modo geral, sinto-me contente com a vida e tive uma infância feliz. Bem, minha mãe morreu quando eu era bem pequeno, mas cresci conformado com isso. Sim, minha vida foi bastante estável, sem traumas. Quase maçante.

— Pelo que se lembra — disse Corbin, parecendo ainda mais constrangido. — Sua memória... bem, não é das mais confiáveis, e isso, por si só, pode ser um indício de que esteja tentando fugir de alguma coisa. De algum trauma que não elaborou.

De novo Macbeth negou com um gesto de cabeça.

— Acho que o problema tem mais a ver com a função cognitiva. Minha evocação é excelente, quase eidética, quando se trata de memória semântica. A memória autobiográfica, porém, é uma porcaria. Luto com a vida real... com algo que me incomoda. Meu irmão Casey tem o mesmo problema. Não tão acentuado, mas a cabeça dele também nunca está no aqui e agora.

— Bem — concluiu Corbin —, se por acaso precisar algum dia...

— Obrigado, Pete. Não me esquecerei. Mas, agora que lhe abri minha mente, mostre-me a sua.

— Como assim?

Macbeth bebericou o café e fez uma careta.

— Meu Deus, usam esta porcaria para arrancar confissões? — Pousou o copo na mesa. — Refiro-me ao fato de estar tão deprimido e cansado. Algo tem acontecido em seu trabalho, e você passou metade da noite evitando falar sobre isso. Antes de pular, Gabriel lhe disse muita coisa sobre anjos e visões. Posso jurar que você ficou abalado.

Corbin fitou seu copo por um instante.

— Chegou a trabalhar com epidemiologia psiquiátrica, não chegou? — perguntou ele. — Antes de se ocupar com o mapeamento cerebral?

— Um pouco. Por quê?

— Bem... Nunca tinha visto tantos casos assim. Parece que há uma irrupção súbita deles, com um conjunto de sintomas muito especiais. Uma espécie de surto. Se eu fosse virologista ou mesmo oncologista, buscaria fatores ambientais para explicar o fenômeno, que escapa quase por inteiro à alçada de um psiquiatra.

— Quais são os sintomas?

— Ilusões. Ou melhor, alucinações, creio eu... e em pessoas sem histórico de problemas psicológicos ou psiquiátricos.

— E as ilusões são de natureza semelhante?

— Sim. Completamente diferentes no conteúdo, mas iguais em natureza. Visões. Fantasmas.

— Fantasmas? — Macbeth conseguiu rir, apesar do cansaço.

— Não só fantasmas. Todos os casos envolvem o sujeito vendo acontecimentos, coisas ou pessoas do passado. As descrições dos episódios começam, quase sempre, com uma sensação de *déjà-vu*; e esta, em vez de permanecer apenas como impressão ou estado mental, transforma-se no que só pode ser uma alucinação, mas completamente indistinta da realidade.

— De quantas pessoas estamos falando?

— Mais de quinhentas nos últimos dois meses, em Boston.

— O quê?! Mas isso dá uma média de oito ou nove por dia... — espantou-se Macbeth. — E não há nenhuma conexão óbvia entre os pacientes?

— Nenhuma. Idades, etnias, classes sociais, profissões diferentes. A distribuição dos casos é uniforme por toda a cidade, e não se percebe nenhuma ordem cronológica. Não há evidência epidemiológica da fonte. Não há um Paciente Zero.

— Você falou que as ilusões têm conteúdos diferentes?

— Temos o caso de um velho que vive na mesma casa há quarenta anos e cuja esposa morreu há cinco. Policial aposentado de Boston, sem nenhum traço do tipo neurótico. Não é dado a emoções; rotina regular: levanta-se todos os dias às seis e meia e toma café às sete. Mas um belo dia desceu para a cozinha e lá

encontrou sua esposa viva e saudável, preparando a refeição. Não sua mulher como era antes de morrer, mas como era quando se casaram e se mudaram para aquela casa. Repito: o sujeito não é do tipo emocional, mas ver a esposa há tanto tempo falecida quase o tirou dos eixos.

— Mas você sabe muito bem, Pete, que ver um ente querido morto há pouco tempo, ou ouvir sua voz, é de longe a forma mais comum de alucinação, e não indício de nenhuma espécie de distúrbio mental.

— Eu lhe disse, porém, que a mulher morreu há cinco anos. Como não é fato recente, por que ele começaria a vê-la logo agora? Além do mais, as alucinações de luto tendem a ser fugazes e nebulosas, ao passo que estas são persistentes e vívidas. E o sujeito não viu apenas a jovem noiva... jura que a cozinha voltou a ser como era no início de seu casamento.

— Ele falou com a esposa? — perguntou Macbeth. — Interagiu com ela?

— Um elemento comum dessas alucinações é a pouca ou nenhuma interação do paciente com a pessoa ou coisa visualizada.

Voltaram-se quando dois policiais uniformizados entraram falando alto e se dirigiram para a máquina de café.

— Então as alucinações são puramente visuais? — perguntou Macbeth, depois que os policiais se foram.

— Não... há quase sempre um elemento auditivo. De fato, a maioria descreve as alucinações como uma experiência sensorial plena. O policial aposentado disse ter sentido o cheiro do bacon que ela fritava.

— Mas nunca há interação?

— Direta, não. Mas às vezes há o pressentimento de que a pessoa observada durante o episódio tem consciência do observador. Mas mesmo isso é raro. Em geral, a experiência é descrita como a contemplação de uma cena em curso, como a do viúvo que viu a esposa preparando o café da manhã. Tenho outro caso em que a paciente jura ter visto ela própria, mas tal qual era dez anos antes. A mulher jura, além disso, que lembra o evento do ponto de vista da outra... da observada, não da observadora. Diz também que recorda ter quase esbarrado em

uma versão mais velha de si mesma no mesmo lugar, há quinze anos. — Corbin se interrompeu, notando a fisionomia perturbada de Macbeth. — Que foi?

— Hein? Nada... Isso me lembrou uma coisa. Mas não igual... — Macbeth procurou banir aquele pensamento. — O caso me parece um delírio de Capgras subjetivo.

— Mas não é. — Corbin balançou a cabeça, frustrado. — A mulher não acredita que viu um duplo subjetivo... que seu outro eu esteja levando uma vida contemporânea independente da sua. Ao contrário, acha que aquela pessoa é total e inteiramente ela mesma. Uma identidade integrada, não dividida. A mulher tem certeza de que viu a si mesma tal como era no passado.

Macbeth ficou olhando o copo de café. A descrição de Corbin o inquietou; fez com que se lembrasse não de um paciente, mas de algo bem mais próximo. Por fim, disse:

— Talvez a mulher tenha tido essa experiência no passado, quando viu alguém que parecia uma versão mais velha de si mesma, e a ideia se alojou em seu inconsciente. Depois, por um motivo qualquer, a ideia se manifestou como uma experiência de *déjà-vu*. Você deve ter descartado a possibilidade de esquizofrenia, não?

— Não há esquizofrenia, epilepsia, depressão psicótica ou anormalidades neurológicas, e, até onde sei, nem condições clínicas ocultas.

— Talvez ela seja uma pessoa dada a ilusões intensas e monotemáticas, Pete. Você sabe que isso acontece: pessoas absolutamente normais no cotidiano, mas com uma única obsessão ou ilusão muito particular, persistente.

— Não consegue ver o que está acontecendo? — O tom de Corbin era de frustração. — Ela não é propensa a ilusões, porque sabe que o evento não pode ter ocorrido. E, seja como for, essa mulher não é a única. Meia dúzia de casos chegam ao meu conhecimento toda semana. Sempre a mesma coisa: o paciente em pânico porque teve uma alucinação única e passageira que ele reconhece como ilusória. Depois, a vida decorre em sua normalidade, sem que o episódio se repita.

— Mas então, pelo que você diz, há uma espécie de epidemia por aí? — Macbeth riu. — Um resfriado alucinogênico de vinte e quatro horas?

— Por que não? Parece mesmo uma epidemia. Talvez a causa seja um vírus.

— Há relatórios de outros profissionais? Casos fora de Boston?

— Solicitei uma pesquisa geral e entrei em contato com o Departamento Federal de Estatística, mas ainda não obtive resposta. Como viu, alguns desses casos são tão... — ele procurava a palavra — ... tão sutis, que muitos nem foram relatados. Só Deus sabe quantos foram ignorados ou sequer detectados. Quero dizer que, se você vê um cachorro correndo atrás de um *frisbee* num parque, não se pergunta se o *frisbee* ou o cachorro estão mesmo ali ou não.

— Quer saber de uma coisa? — disse Macbeth. — Acho que ouvi falar de outro caso. Pouco antes de nos encontrarmos esta noite, o motorista do meu táxi mencionou um passageiro que o tinha mandado parar o carro alegando ter visto uma criança no meio da rua. Mas não havia nenhuma criança. E o sujeito ia para a igreja da Ciência Cristã.

— Gabriel?

Macbeth assentiu.

Corbin permaneceu em silêncio por um instante, os ombros caídos dentro da jaqueta de lã, os cotovelos fincados na mesa da cantina.

— Há algo mais, John. Algo bem mais próximo. Literalmente falando.

— Certo... — concordou Macbeth. — Vamos ao fato.

— Não é apenas a sobrecarga de trabalho que está me deixando abatido. Não tenho dormido bem. Nem Joanna. Trata-se da casa...

— A que está reformando em Beacon Hill?

— Sim. E não estou falando do trabalho, do estresse ou da reforma. Falo de coisas que ocorrem à noite. — Fez uma pausa, fitando Macbeth como para se certificar de que podia confiar nele. — Lembra-se da história que contei sobre a casa? Marjorie Glaiston?

— O assassinato da socialite na escadaria? Sim, eu me lembro...

Corbin inclinou-se um pouco mais para a frente, lançando ao amigo um olhar penetrante.

— Sei que isso parece loucura, mas eu a ouvi cantar à noite. Cantar e rir.

— Como?!

— E há mais. Eu a vi, John. Eu vi Marjorie Glaiston.

— Está brincando... — Macbeth riu, incrédulo. — Quer me dizer, a sério, que sua casa nova é mal-assombrada? Que viu um fantasma?

— Não, um fantasma não. Fantasmas não existem, e ambos sabemos disso. O que tive foi uma alucinação. Vi Marjorie Glaiston na escada. Não foi uma cena dramática; ela apenas saiu do quarto, desceu os degraus e entrou na sala, como deve ter feito muitas e muitas vezes quando morava lá. Uma das mulheres mais belas que já vi. Exceto pelo fato de talvez não tê-la visto.

— Meu Deus, Pete... Pode ser tudo ou pode não ser nada, você sabe. Uma combinação de estresse, falta de sono ou algo que leu sobre o caso, mas depois esqueceu.

— Há um detalhe, porém: Joanna estava ao meu lado quando vi Marjorie Glaiston na escada. E ela também a viu, John. Se foi uma ilusão, eu a partilhei com minha esposa. — Corbin fixou em Macbeth um olhar tão sincero quanto seu cansaço permitia. — Não importa o que esteja causando esse dilúvio de alucinações das quais venho tratando pacientes nos últimos meses, Gabriel estava certo: eu também sou uma vítima.

10

JOSH HOBERMAN. MARYLAND

A apresentação foi mais que supérflua; foi ridícula.

Hoberman, é claro, reconheceu a mulher no instante em que ela entrou na sala de visitas da cabana. Nunca a tinha visto pessoalmente antes, mas aquele rosto era um dos mais famosos do mundo. No entanto, Jack Ward apresentou-a como Elizabeth Yates. Presidente dos Estados Unidos da América.

Ela era mais alta do que Hoberman esperava. E, quando cruzou a sala para apertar sua mão, emanou aquele soberbo magnetismo que os verdadeiramente poderosos parecem possuir por natureza. Tinha cinquenta e seis anos e cabelos tingidos de uma cor que era sem dúvida uma tentativa de resgatar o loiro vívido de sua juventude. Sem dúvida, fora uma mulher estonteante, mas sua beleza, com o amadurecimento, havia se tornado quase masculina. O que mais impressionava naquela mulher eram os olhos: brilhantes, de um azul cristalino; olhos que penetravam fundo até mesmo quando pousavam de passagem em alguém, acrescentando ainda mais força à sua presença.

Vestia-se de preto, como de hábito. Numa lapela do casaco, ostentava o distintivo da presidência e, na outra, um bóton esmaltado com a imagem da bandeira norte-americana. Ao pescoço, outro símbolo, responsável por muita polêmica: o crucifixo que, Hoberman o sabia, agora ela só usava em casa.

Pela terceira vez, Hoberman recebia agradecimentos por vir tão rápido e em hora tão imprópria.

— Temo estar trabalhando mais que de costume — disse ela com voz grave e, apesar do coordenador da pré-campanha eleitoral, ainda traindo o sotaque de sua Luisiana nativa. Sentou-se com graça proposital no sofá. — O senhor pode bem

imaginar que os acontecimentos na Europa e no Oriente Médio estão abarrotando minha agenda.

— Tenho certeza disso, senhora presidente.

— Leu o relatório?

— Li, madame. — Hoberman se perguntou de imediato se “madame” era a forma de tratamento correta. Não usava a palavra desde o oitavo ano escolar.

— E qual é a sua opinião como médico, professor Hoberman? Acha que estou maluca?

— Maluca? Oh, não, senhora presidente! Propensa a alucinações, sim, para ser franco. Acho que essa é uma possibilidade.

Hoberman olhou para Ward, à espera da réplica. Ward não replicou. Nem a presidente.

— Se sou propensa a alucinações — perguntou a senhora Yates —, significa que sou também, em sua opinião, instável? Quero dizer, será isso o prelúdio de algo pior?

— Por enquanto, não posso dizer nada — admitiu Hoberman. — Mas é preciso reconhecer essa possibilidade. Todas as pessoas têm episódios de ilusão ou alucinação em maior ou menor grau, de um tipo ou de outro, mais cedo ou mais tarde na vida. A senhora diz estar com muito trabalho no momento... e o estresse é o agente desencadeador número um de crises dessa espécie. Ou o responsável pode ser apenas um vírus.

— Como já lhe disse — interrompeu Ward —, a presidente goza de ótima saúde e, posso assegurar, não teve febre alta. Acho que devemos procurar além do óbvio, professor Hoberman. Não iríamos nos dar o trabalho de trazê-lo aqui se não houvéssemos eliminado as suspeitas habituais.

— Sei que descartaram a causa virótica. Só estou dizendo que alucinações muito vívidas e convincentes podem ser provocadas por algo simples como um resfriado. — Hoberman folheou o dossiê. — O primeiro episódio, há dois meses... a senhora poderia me contar de novo como foi? Sei que está tudo documentado aqui, mas gostaria de ouvir a história de seus próprios lábios.

— Estava trabalhando, tarde da noite, no Salão Oval. Na verdade, passo lá muito menos tempo do que você possa imaginar, mas é onde tenho minhas reuniões mais importantes. Discutia a situação da União Europeia com o secretário de Estado. Quando ele saiu, reservei mais alguns minutos para orar.

— Isso é parte de sua rotina?

— Faço orações quatro vezes por dia, professor Hoberman. Assumi a maior responsabilidade de todas, o cargo mais importante do mundo. É uma função para a qual preciso ser o tempo todo orientada.

— E teve a alucinação logo depois da prece?

— Saí do Salão Oval e comuniquei à minha equipe que iria para os aposentos executivos, no andar de cima. Estava no corredor principal quando o vi.

— O presidente Hoover?

— Sim.

— Viu outros presidentes?

— Não... Bem, não tenho certeza. — A senhora Yates franziu o cenho. — Talvez. Um dia, cheguei à janela para olhar o jardim. Avistei um homem corpulento, com um farto bigode. Vestia uma camisa de mangas compridas e brincava com um cachorrinho. Quando perguntei à segurança como ele havia conseguido chegar ao jardim, procuraram e não encontraram nenhum sinal do intruso. Porém, o sujeito que eu havia visto estava vestido à moda antiga. Camisa sem colarinho, suspensórios, coisas assim. Mas você já sabe disso... — Acenou para o dossiê nas mãos de Hoberman.

— E acha que esse homem era Taft?

— Parecia-se com ele. Sim, pensei que fosse Taft. — Elizabeth Yates suspirou. — Isso soa muito mal, eu sei. Mas não acontece todos os dias. O problema é que penso ter visto outras pessoas também... menos importantes e que não podiam estar onde estavam.

— Como sabe que não podiam estar onde estavam?

— Não sei... A roupa, acho. O jeito delas. Não consigo explicar, mas tenho certeza de que não são de nosso tempo.

— O presidente Taft, como ninguém ignora, trouxe uma vaca para os jardins da Casa Branca. A senhora a viu?

— É uma piada, professor Hoberman?

— De modo algum, senhora presidente. Ajudaria a determinar a natureza da ilusão se a senhora tivesse visto a imagem esperada, estereotipada, por assim dizer, pois isso sugeriria que foi um produto de sua mente, e não uma interpretação errônea de algo que de fato estava lá.

— Não, professor Hoberman — disse a senhora Yates, desanimada. — Não havia nenhuma vaca. E também não vi Benjamin Franklin soltando pipa durante uma tempestade.

Hoberman refletiu por um instante, os dedos pousados no dossiê sobre seus joelhos.

— Só viu republicanos, presidente Yates?

— Espere um pouco... — Ward inclinou-se para a frente em sua poltrona. — O assunto não é para brincadeiras.

— Repito, coronel Ward, não estou fazendo piadas aqui — disse Hoberman, sem perder a calma. — A presidente Yates expressou o desejo de ser orientada em suas funções extenuantes. Se as figuras que viu forem do mesmo partido, então pode se tratar apenas de uma transferência desse desejo de orientação. A senhora pediria conselhos a um democrata, presidente?

— O senhor tem razão. — Ela se recostou no sofá, apoiando-se nos cotovelos, e fixou em Hoberman um olhar duro e frio. Havia algo de estudado naquela pose, naquela confiança. — Estou louca, professor?

— Não existe isso de loucura. Nenhum profissional trabalha com respostas definitivas como essa. A mente humana é uma entidade infinitamente variada, imensamente variável. Preciso analisar a informação que o coronel Ward me passou sobre os acontecimentos relatados em outros lugares. A questão é descobrir se a senhora está sofrendo de um distúrbio ou se esses episódios foram induzidos por alguma espécie de agente alucinógeno. Mas, se a senhora estiver sofrendo de um distúrbio, primeiro teremos de determinar que distúrbio é esse,

se é temporário ou crônico, e como poderemos tratá-lo. — Hoberman forçou seu sorriso mais tranquilizador. — Iremos ao fundo do problema, madame.

— Vou pedir a Deus que lhe dê forças e sabedoria para isso. — De novo lançou a Hoberman seu olhar gélido. — Rezarei pelo senhor, professor Hoberman.

11

MARY. VERMONT

O caixilho de prata com moldura dourada.

Mary sabia que o caixilho de prata com moldura dourada sempre surgia à direita da cômoda. Brilhava aos raios do sol, que desenhavam um ângulo faiscante pela sala de jantar, aquecendo a madeira polida do piso e intensificando os tons de vermelho e amarelo das flores primaveris com cintilações de cristal sobre o parapeito da janela. Como a peça do canto de um quebra-cabeça — a que orienta as outras e inicia o processo de juntar um quadro fragmentado —, o caixilho de prata com moldura dourada presidia à união de outros quadros, permitindo que cada um ocupasse seu lugar depois de espanado.

Não era apenas o caixilho de prata com moldura dourada que dava destaque àquela imagem especial: tratava-se da mais bela fotografia do casamento de Mary e Joe, tirada há apenas dois anos e meio. Mary sorria de felicidade por ter se tornado a senhora Dechaud. Joe, ainda de uniforme, estava inflado de orgulho por ter voltado do exército e encontrado Mary, a mais bela garota da Nova Inglaterra, esperando honesta e fielmente para ser sua esposa.

Era na extremidade direita da cômoda que a fotografia no caixilho de prata com moldura dourada sempre aparecia. Era o lugar dela. O local exato. Mary gostava das coisas nos devidos lugares.

A maioria das fotos mostrava Mary e Joe: a cerimônia de casamento, a lua de mel, Joe de uniforme tentando parecer um militar durão, mas sem êxito... Havia também as de parentes: tias, tios, o irmão de Mary e sua jovem família, um casal da família de Joe. Uma delas, monocromática, mostrava uma mulher bem-vestida, mas de expressão triste, da qual Mary não conseguia se lembrar. Não era

surpresa ela não saber quem fossem todos, pois a família de Joe tinha proporções bíblicas: quatro irmãs, dois irmãos, incontáveis tias, tios, primos... Na cerimônia de casamento, haviam ocupado também para o seu lado da igreja, superando em muito o que agora parecia a Mary uma sub-representação de sua linhagem. Era evidente que, tendo crescido na mesma cidadezinha da Nova Inglaterra, Joe e Mary conheciam a família um do outro, mas a formidável dimensão do clã Dechaud significava que havia parentes, espalhados pelo condado de Rutland e ainda além, que Mary jamais conhecera. Como a senhora triste da foto. Algo naquela figura motivou Mary a perguntar a Joe qual o parentesco exato que ela tinha com ele.

Mary terminou de espanar os retratos e já ia para a cozinha a fim de fazer o café quando notou uma mancha no abajur de prata que ficava na mesa da sala de jantar. A tia de Joe, May, o havia dado de presente de casamento a eles, e todos tinham ficado espantados com essa inesperada demonstração de generosidade. Tia May, com sua fama de difícil, não era por certo a mulher triste da foto sobre a cômoda; alta e magra, seus frios olhos verde-claros observavam de modo indagador em meio ao que parecia ser uma perpétua carranca. Tia May, de língua ferina e palavras amargas, era o foco de discórdia que existe em toda família — e do qual toda família parece mesmo precisar. A navegação por águas desconhecidas envolvendo aquela família tinha sido uma das coisas que Mary considerou das mais difíceis no casamento: viu-se perdida, sem bússola, num mar turbulento de relações, rusgas, alianças e histórias que atravessavam gerações. Não, estava exagerando: Joe era sua bússola. Seu farol.

Joe, com sua cabeleira espessa, quase ruiva, grandes olhos castanho-claros, voz profunda, calma e tranquilizadora, além do sorriso gentil. Quando Joe sorria daquele seu jeito, Mary esquecia todos os problemas de recém-casada. Agora, limpando distraidamente o abajur para remover a mancha, tomava consciência da felicidade da vida em comum dos dois, e dos milhares de promessas que seu futuro reservava.

Sua história de amor havia sido bem tradicional, podendo ser considerada até um tanto fora de moda. Os aniversários de Joe e Mary distavam apenas uma

semana um do outro; haviam se conhecido durante o curso elementar, começado o namoro aos quinze anos e se casado aos vinte, tão logo Joe havia voltado do exterior. Todos esperavam que isso fosse acontecer: era a coisa mais natural do mundo. Para o pessoal da cidade, não havia nem Joe nem Mary, sempre houve Joe-e-Mary — e sempre haveria. Juntos, estavam no singular, não no plural.

Após a formalidade da lua de mel num hotel de Burlington, com vista para o lago Champlain, fizeram aquilo que queriam de verdade: iniciar a vida conjugal na casa que haviam comprado do tio de Joe. Uma vez fora do exército, Joe arranjou emprego como supervisor de turnos numa pedreira de mármore, e Mary se pôs a transformar a casa nova em seu lar permanente.

Ela franziu o cenho para o abajur: precisaria usar um tecido prateado nele. Talvez não fosse novo como a tia May tinha dito, mas sim de segunda mão. Velho ou novo, Mary não ligava muito para aquele objeto, mas era estranho que a mancha parecesse antiga e tão difícil de remover.

Dando de ombros, posicionou-o de modo a ocultar da luz da janela o lado em que havia a mancha. Antes de se dirigir à cozinha, chamou Joe — sendo manhã de fim de semana, ele devia estar no escritório, inclinado sobre o jornal — e lhe disse que iria fazer o café. Enquanto enchia a cafeteira de água, olhou pela janela, acima da pia. A casa tinha sido construída numa colina, portanto nada se interpunha entre ela e o sol primaveril, e da janela Mary podia contemplar ao longe os belos trechos de matas e campos. Ali é que costumava se postar para saborear sua felicidade. Como gostava de admitir, era uma jovem de ambições modestas e tinha tudo o que desejava. Sabia que Joe pensava da mesma maneira.

Viu o carro se aproximar. Avistara-o enquanto colocava o pó na cafeteira. Voltou então à janela. Como só havia algumas casas esparsas ao lado daquele trecho da estrada, qualquer carro que se aproximasse significava quase sempre uma visita. O carro, vindo da Rodovia Norte, virou e entrou no caminho que conduzia à casa.

— Joe... — chamou Mary por cima do ombro. — Temos visitas...

Mary tirou o avental e o pendurou no gancho da cozinha, para então se dirigir à porta, chamando Joe mais uma vez. Parou diante do espelho do corredor a fim

de ajeitar o cabelo antes de sair para o alpendre.

A aflição dominou-a instantânea, total, devastadoramente. Como sempre.

Mary Dechaud, de vinte e três anos, recém-casada, olhou-se no espelho, e um reflexo de oitenta e quatro anos a encarou em resposta. Por um instante fugaz, não reconheceu seu reflexo, do mesmo modo que não se reconhecia como a velha triste e solitária da foto da cômoda. Levou a mão à boca para silenciar um grito — e a mulher no espelho imitou-a. Lembrou-se então. Naquele rápido instante, tudo voltou à sua mente, como acontecia sempre nesses momentos de recordação penosa, aflitiva. Entrou no escritório para chamar Joe de novo, mas se deteve. Joe não estava lá.

Parou um instante para correr os olhos pelo jornal, dobrado com cuidado na estante do corredor, o cabeçalho para cima, sob o relógio, e ajeitou a blusa com as mãos onde via as marcas da idade, os nós dos dedos grossos, as veias azuladas sob a pele de pergaminho. Abriu a porta e saiu para a luz do dia a fim de receber seus dois filhos, que, agora se lembrava, tinham marcado uma visita. Debruçou-se na grade do alpendre, tentando ao mesmo tempo retomar a postura e a compostura, e absorvendo em silêncio o impacto de mais de meio século recordado de rompante.

— Ninguém está obrigando você a ir — disse George. — Mas, levando em conta o modo como sua memória tem funcionado nos últimos tempos, Jim e eu achamos melhor ter alguém para ajudá-la, caso necessite de ajuda.

George, como sempre, é quem falava, enquanto James permanecia estirado no sofá, sem dizer nada. Era estranho, pensou ela, enquanto lhes servia café, como a herança genética podia variar. George se parecia muito com o pai — os mesmos cabelos ruivos, os mesmos olhos grandes, o olhar suave —, mas a semelhança parava aí. James, que no exterior não lembrava em nada Joe, por dentro era seu gêmeo: gentil, dedicado, amoroso. George havia herdado características alheias, características que o faziam dinâmico, agressivo, dominador. Ao longo da vida, o olhar manso de George tinha sido uma proteção e um disfarce para sua severidade interior. Mary sabia que o caro automóvel europeu parado lá fora era

dele — George havia aberto caminho na vida ignorando e passando por cima dos outros. O primeiro deles tinha sido seu irmão.

Mary pensou de novo na tia de Joe, May — talvez George tivesse herdado dela seu caráter, pelo menos em parte. Sentiu uma pontada de pânico ao recordar como tinha ficado intrigada com a mancha no abajur que ela havia acabado de lhes dar, quando na verdade ele estava na mesma mesa, no mesmo lugar, por sessenta anos.

— O que acha, James? — perguntou ao filho mais velho.

— Também me preocupo com você sozinha aqui, mamãe. Não há ninguém num raio de quase um quilômetro. Se cair ou ficar confusa... — James empacou na última parte. A memória de Mary, os períodos cada vez mais longos em que fatos distantes e antigos se tornavam próximos e presentes, eram o motivo da visita dos filhos.

— Mas esta é a nossa casa... minha e do seu pai. — Mary procurou manter uma atitude contida ao olhar para o escritório de Joe. Os dois a observavam com atenção, ela sabia disso; à espera de pequenos indícios de um problema mental.

— Papai se foi há quinze anos, mamãe. — James se inclinou para a frente e tomou-lhe as mãos. — Vive sozinha aqui, e nos preocupamos com você.

— Estou muito bem. — Mary sorriu. Ele era um bom rapaz. Tentou se lembrar da esposa e dos filhos de James, seus netos, mas sem sucesso. — Sei que tenho problemas de memória. Coisa da idade, apenas isso.

— Que dia é hoje, mãe? — perguntou George com aquele tom maldoso e insistente que sempre usava. — E mês? Em que ano estamos, mãe?

Ela forneceu as respostas certas. Tinha um *notebook* com os nomes do presidente atual e dos três anteriores; recebia diariamente um jornal, que deixava sob o relógio, de cabeçalho para cima, numa estante no corredor perto da porta. Se alguém aparecesse, ela poderia dizer-lhe a hora, o dia, o mês e o ano. Bastaria guardar esses dados até o momento em que a pessoa perguntasse. Seus filhos, e às vezes a esposa de George — uma mulher teimosa, de traços duros, cujo nome ela havia esquecido —, vinham lhe telefonando sem parar nos últimos tempos, e

Mary tinha a sensação de que estava sendo testada o tempo todo. Desenvolvera então estratégias para disfarçar os lapsos de memória.

— Vamos deixar isto aqui para você dar uma olhada. — George pôs na mesa três folhetos. — Promete que ao menos vai pensar no assunto? — perguntou com seu sorriso cintilante, que contrastava com o bronzeado da pele.

Mary assegurou que sim. Sentiu uma opressão no peito: apesar de todas as estratégias, de todos os protestos, sabia que sua memória ia ficando cada vez pior. Bem pior do que qualquer um de seus filhos poderia imaginar. Nenhum dos dois fazia ideia dos longos períodos que ela atravessava vivendo no passado, ignorando que aquele não era o seu presente.

— Sim, vou pensar — disse ela, levando os folhetos e as xícaras de café para a cozinha.

Aproximou-se da janela e observou o automóvel caríssimo de George descer rumo à Rodovia Norte, de volta para a cidade. E contemplou, com o coração apertado, o sol baixar no horizonte, tingindo de cores mais vibrantes o panorama das colinas cobertas de mata. Aquilo não podia continuar. Precisava sair de sua casa, onde morava há sessenta anos, para nunca mais, daquela janela, admirar os montes e os campos.

Telefonaria de manhã para James. Para James, não para George.

A estranha sensação invadiu-a no espaço de um batimento cardíaco. Subitamente zonza, precisou segurar-se na borda da pia. Um pânico vago, sem motivo, agitou-a enquanto experimentava a mais forte sensação de *déjà-vu* que já a tinha dominado. Com o coração pulsando em descontrole, receou estar tendo algum tipo de ataque. Um infarto. Fechou os olhos, respirou fundo e forçou-se a ficar calma.

Depois, abriu-os.

O sol do crepúsculo era agora o sol do meio-dia. Tão brilhante que feria seus olhos. A primavera se transformara em verão. Endireitou-se junto à pia e olhou para sua paisagem favorita. Era ainda sua paisagem favorita, mas não a mesma.

Recuara no tempo.

Havia mais árvores e menos campos: trinta anos atrás, grande parte da floresta que margeava a estrada tinha sido derrubada para ampliar a fazenda dos Fisher com plantações de alfafa. A floresta renascera por si mesma, densa, escura e plena, reconquistando o terreno perdido.

— Oh, não... — murmurou Mary para a cozinha vazia. Compreendeu que tinha voltado ao passado. Sua condição podia estar piorando enquanto mergulhava em recordações longínquas, à medida que sua mente se extinguia, lenta e inexoravelmente.

Mas não: lembrava-se de tudo.

Lembrava-se de que James e George haviam estado ali há pouco, de que George dirigia o chamativo carro europeu, de que tinham deixado folhetos para ela examinar e de que decidira deixar a casa onde morava há sessenta anos — assim, seu corpo receberia os cuidados necessários, enquanto sua consciência e sua percepção do mundo se diluíssem aos poucos.

Procurou os folhetos, mas tinham desaparecido do lugar onde os pusera. O bule que comprara há dez anos também havia desaparecido, substituído pelo velho, usado durante toda a sua vida de casada, até que o esmalte azul-claro trincasse todo. Mas alguém o pintara, pois brilhava como novo. Passou o olhar pela cozinha. Tudo estava diferente: décadas de substituições tinham sumido, as peças originais tendo retornado a seus lugares, a cozinha faiscando com objetos novos-velhos.

Não era uma ilusão. Não estava perdida em recordações antigas nem recriando o passado. Aquele *era* o passado.

Mary atravessou a sala de jantar até a porta da frente e, de passagem, observou o feio abajur que tia May dera a ela e a Joe sessenta anos antes. A mancha na coluna se fora, e toda a superfície de prata exibia um brilho homogêneo. O que estaria acontecendo? Mary podia entender sua confusão antiga: a mente voltando no tempo enquanto as coisas ao redor permaneciam como provas objetivas de sua verdadeira cronologia; mas agora era a mente que continuava ancorada na realidade, enquanto tudo o mais havia mudado.

Não era ela, era o mundo: algo estava ocorrendo, e não tinha nada a ver com seus problemas de memória. Alguma coisa estava acontecendo de verdade com o mundo à sua volta...

Mary ouviu uma voz que a chamava. Uma voz que vivera apenas em sua cabeça pelos últimos quinze anos. Correu para o vestíbulo e já ia abrir a porta quando parou, rígida, a mão no trinco. O espelho estava à sua direita.

Virou-se para ele.

Mary Dechaud, uma mulher de oitenta e quatro anos, olhou-se no espelho, e uma jovem de 23, esbelta e graciosa, de fartos cabelos loiro-escuros emoldurando um rosto belo e juvenil, encarou-a em resposta. Ergueu a mão diante dos olhos e a examinou, primeiro a palma, depois o dorso. Pele lisa, sem manchas nem rugas; dedos longos e finos.

A voz chamou mais uma vez lá de fora, e ela abriu a porta. Do alpendre, acenou para o rapaz de cabelos ruivos e expressão doce que vinha da estrada onde Dave Gundersson sempre o deixava após seu turno na pedreira.

Era Joe.

Era Joe sorrindo e acenando também, voltando para casa.

Quando tudo acabou, quando o *déjà-vu* se extinguiu, quando o céu escureceu, quando o mundo e o reflexo de Mary no espelho voltaram ao presente, ela se sentou na sala e refletiu sobre o que havia acontecido. Não tentou dar sentido à experiência, apenas a analisou. Analisou sua peculiaridade.

Após cerca de uma hora, Mary Dechaud pegou o telefone e ligou para James. Disse-lhe, com gentileza e calma, que tinha decidido permanecer na própria casa. Ficaria ali até o dia de sua morte, o dia em que se reuniria ao pai dele.

Depois de desligar, Mary tentou se lembrar do motivo que a trouxera à sala. Talvez fosse espanar as fotografias da cômoda, pois não se recordava da última vez que as limpara.

Começou pelo caixilho de prata com moldura dourada.

12

JOHN MACBETH. BOSTON

Corbin ligou para Macbeth no dia seguinte, passando-lhe a informação que havia recebido da polícia e dos médicos. Depois de uma demorada cirurgia, o padre voltara à UTI — pois de modo algum era certo que venceria a batalha, sendo sua sobrevivência até o momento atribuída à ação rápida de Macbeth no local do acidente.

— A propósito — lembrou-se Corbin —, o saltador... seu nome é mesmo Gabriel. Gabriel Rees. Parece que ele foi um aluno de “alto voo” na escola. Droga. — Corbin amaldiçoou sua grosseria. — Não quis dizer isso. Pobre criatura!

— Sei que não. De “alto voo” em quê?

— Física de partículas. Doutorado no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). Não é esse o ramo do seu irmão Casey?

— Sim — respondeu Macbeth. — E talvez Casey o conheça. Vou vê-lo hoje e lhe perguntarei. A polícia contou mais alguma coisa?

— Apenas que Gabriel não tem histórico de problemas mentais ou abuso de drogas. Pelo menos, não há registro disso. Excepcionalmente brilhante. QI altíssimo, o que é ótimo nesse campo.

— Entendo — disse Macbeth. Seu irmão também tinha QI altíssimo, mas fora dotado com uma mente bem mais sutil, mais refinada.

Fez-se uma pausa. E então Corbin prosseguiu, hesitante:

— Escute, John, o que eu lhe disse ontem à noite... sobre a casa... acha que estou louco?

— Não, claro que não. Seu problema parece o mesmo que vem afetando outros pacientes, conforme me contou. Talvez a origem do distúrbio seja mesmo viral.

Conversaram por mais alguns instantes e Macbeth desligou, prometendo manter contato. Colocou o aviso de “não perturbe” na porta do quarto e ficou na cama quase a tarde inteira, olhando para o teto e tentando não ouvir os sons do exterior nem pensar em nada, muito menos nos acontecimentos da noite anterior.

Por fim, vencido pelo cansaço, adormeceu.

— Isto é um sonho — disse-lhe uma voz conhecida, embora não conseguisse ver quem falava.

— Eu sei — respondeu, despreocupado. — Sei que estou sonhando. Sempre sei.

Macbeth viu-se diante de uma casa em Beacon Hill. Era uma daquelas construções coloniais urbanas de cinco andares, com terraço, alpendre e estuque branco em volta de portas e janelas. Praça Louisburg... estava numa rua junto à praça Louisburg. Atrás, ele sabia sem precisar se virar, estendia-se o pequeno jardim muito bem cuidado com as pequenas estátuas de Cristóvão Colombo e Aristides, o Justo.

Macbeth sonhava estar diante de uma casa numa rua com pavimento de pedras, sem carros. Num dia tão calmo que beirava a surrealidade, o ar parado à sua volta parecia mais de um recinto interior que de um espaço externo. Macbeth subiu os degraus até a porta da frente, que se abriu a um ligeiro toque de dedos, entrando no vestíbulo principal. A casa ainda era uma moradia única, não dividida em apartamentos como muitas o haviam sido com o passar dos anos. Macbeth sabia onde estava: na casa comprada por Corbin. E sabia também em que época se encontrava: num tempo diferente, bem antes de Corbin adquirir a propriedade.

Detendo-se ao pé da escada, pousou a mão no corrimão de mogno e sentiu a madeira tépida, como se estivesse viva sob seu toque. O recinto, ao redor, cintilava.

Macbeth sorriu ao avistá-la no alto da escada. Marjorie Glaiston.

Era, sem dúvida, a mulher mais bela que já tinha visto. Tal qual Corbin a havia descrito: esbelta, elegante e com os cabelos puxados para o alto, fulgurando como ouro. Trajava um vestido longo, de cor clara e enfeitado com rendas, trazendo ao pescoço um pingente com o desenho de um olho de pavão. As esmeraldas e turquesas na joia complementavam o magnífico azul-esverdeado dos olhos grandes, magníficos. Sorriu para Macbeth como se o esperasse, um sorriso que lhe dava covinhas nas faces, e começou a descer a escada.

Um homem apareceu no patamar atrás dela. Grande, de ombros largos, com mãos enormes e feias, pele afogueada, cabelos e barba ruivos emoldurando seu rosto como labaredas vermelho-escuras. Seus traços ostentavam uma beleza cruel, agressiva, e algo de terrivelmente sombrio e violento pairava em seu semblante. Assim como logo soubera que a mulher era Marjorie Glaiston, Macbeth adivinhou de imediato que aquele homem era Geoffrey Morgan.

Quis gritar — advertir Marjorie de que Morgan descia lenta e calculadamente os degraus em direção a ela, carregando consigo sua fúria tenebrosa —, mas percebeu que não conseguiria. Ao contrário do que tinha acontecido na Christian Science Plaza, quando havia cuidado do padre ferido e se sentido alheio à experiência, Macbeth estava agora envolvido por inteiro na realidade que, ele sabia, não era a verdadeira realidade. Ficou ali imóvel, preso ao corrimão, sem voz, enquanto Morgan cobria a distância que o separava de Marjorie, as mãos enormes se erguendo para ela.

— Sabe o que vai acontecer, não sabe? — sussurrou-lhe ao ouvido a voz que tinha ouvido antes. Macbeth virou-se e viu diante de si o corpo nu e retorcido de Gabriel Rees, o homem que tinha saltado para a morte. Gabriel sorriu, e Macbeth notou que uma de suas pálpebras continuava semicerrada. — Tal como sabia o que iria acontecer no telhado da igreja; aliás, a única pessoa, além de mim, que sabia, você sabe exatamente o que vai acontecer aqui, certo?

Macbeth assentiu e, voltando-se, viu Morgan agarrar Marjorie. Emitiu um grito que não tinha som, que não abriu seus lábios cerrados com força, enquanto os dedos rijos de Morgan se fechavam em torno do pescoço delicado da mulher. Ela parecia não perceber nada: continuou com o olhar fixo em Macbeth, ao

mesmo tempo que uma hemorragia subconjuntival transformava o branco de seus belos olhos em vermelho-sangue; o sorriso não se apagou, as covinhas não desapareceram de suas belas faces, em cuja pele foram surgindo manchas rubras conforme os capilares se rompiam.

Morgan emitiu um grito animalesco enquanto esmagava e arrancava a vida de sua amante infiel: um grito longo, rouco, bestial de fúria, dor e desespero. Quando a soltou, Marjorie caiu como uma boneca de pano, oca e desarticulada, pelos degraus, até se estirar aos pés de Macbeth.

— Até que ponto acha isto real? — perguntou Gabriel num tom amistoso. — Você está sonhando, mas tudo parece mais vívido do que quando está acordado, não parece? E eu, pareço-lhe mais real agora do que naquele telhado?

Macbeth ainda não tinha voz para responder a Gabriel; direcionou então um olhar silencioso e acusador para Morgan, postado no mesmo lugar onde tinha matado Marjorie, a testa porejada de suor, o olhar revoltado, as grossas mãos assassinas pendendo ao lado do corpo. Em seguida, movendo-se com lentidão, tirou do bolso do paletó de lã uma pistola de grosso calibre. Descendo cautelosamente os degraus, como se seus pés fossem feitos de chumbo, chegou ao pé da escada, a pistola na mão estendida, e plantou-se diante de Macbeth, cuja estatura superava em muito. Encostou o aço frio e duro do cano curto na fronte de Macbeth.

E puxou o gatilho.

Macbeth viu-se de novo olhando para o teto do quarto de hotel. Despertara logo, mas não de rompante, de modo que resquícios do sonho permaneciam, como se a maldade fria de Morgan ainda se mantivesse a um canto do estado de vigília de Macbeth. Mas ele não estava com medo. Não suava, não tremia. Apesar de seus horrores, o sonho o havia deixado estranhamente calmo.

Corbin ficou surpreso quando ouviu Macbeth ao telefone tão pouco tempo depois da última conversa.

— A casa em Beacon Hill que está reformando... é na praça Louisburg? — perguntou Macbeth.

— Na praça Louisburg? — Corbin riu. — Quanto acha que estão me pagando em Belmont? Eu lhe disse que os pais de Joanna têm dinheiro, mas não são os Rothschild. Nossa casa é na rua Garden. Por que a pergunta?

— Gostaria de conhecer a história de Marjorie Glaiston — mentiu Macbeth, sem querer mencionar seu sonho a Corbin.

— Vai encontrar alguma coisa sobre ela na internet. Foi lá que eu mesmo fiquei sabendo do caso.

— E tem certeza de que não viu um quadro dela antes do episódio?

— Antes de vê-la na escada, você quer dizer? — perguntou Corbin. — Não, já lhe disse que não. Só depois. E a pessoa nos retratos que descobri lembrava muito a que vi... ou imaginei ver... na escada. Mas o que você aventou na noite passada faz sentido: eu não poderia ter uma imagem acurada dessa mulher numa alucinação sem antes saber como ela era na vida real. Devo ter visto um retrato dela em algum lugar e me esqueci.

— É a explicação óbvia — concordou Macbeth, evitando contar que atribuíra um rosto a Marjorie Glaiston no próprio sonho. — Mesmo assim, vou averiguar. Se souber mais alguma coisa dos policiais sobre Gabriel e o estado do padre, me avise.

Macbeth sentiu-se aborrecido por estar aliviado.

Não era a Marjorie Glaiston com quem havia sonhado. Observou bem o rosto na tela de seu *laptop* e não viu a pessoa que tinha aparecido em seu sonho. A verdadeira Marjorie Glaiston tinha cabelos negros, não loiros; e, embora sua notável beleza se igualasse à da mulher no sonho, era uma beleza diferente: soturna, dissimulada, latente, quase malévola. A imagem que Macbeth encontrou era um retrato pintado por seu assassino, Geoffrey Morgan. Outro retrato — uma fotografia convencional em branco e preto, meio fora de foco, numa pose afetada — confirmava a exatidão com que Morgan captara, na tela, sua amada e musa. Macbeth reconheceu que aquela Marjorie Glaiston era o tipo de mulher capaz de enlouquecer um homem de desejo e ciúme.

Afinal, o que esperava descobrir navegando pela internet numa busca pela imagem de Marjorie Glaiston? Seria um sinal de que tinha desenvolvido alguma espécie de vínculo psíquico com aquela mulher morta há tanto tempo? Ainda que o rosto fosse o mesmo, ele estaria, pura e simplesmente, diante de um caso de criptomnésia, como sucedia com Corbin — uma lembrança esquecida e relembrada de modo inconsciente. Macbeth era, afinal de contas, um psiquiatra e sabia que poucos mistérios subsistiam quando se examinava o cérebro humano, composto de cem bilhões de neurônios e pesando um quilo e quatrocentos gramas — cada cérebro sendo um universo completo de inexplicável complexidade.

Mas o retrato que Macbeth encontrou de Geoffrey Morgan abalou-o. Não era o rosto do assassino que seu cérebro adormecido tinha inventado, embora houvesse similaridades gritantes: fronte larga e pálida que encimava olhos grandes e reflexivos, num rosto emoldurado por barba e cabelos fartos. E, apesar de os cabelos parecerem negros na fotografia, a legenda informava que eram, na verdade, ruivos. Entretanto, pensou Macbeth, não seria difícil imaginar com certo grau de exatidão um pintor irlandês violento e melancólico.

Depois de tomar banho e barbear-se, Macbeth enviou um SMS a Casey para confirmar seu encontro às sete horas, recebendo a resposta quase de imediato.

Durante as visitas a Boston, passava o máximo de tempo possível com o irmão; e Casey, é claro, convidava-o a ficar em sua casa enquanto permanecesse ali, mas ambos sabiam que Macbeth não aceitaria: o ambiente de Macbeth tinha de ser escolhido por Macbeth.

Seria bom rever o irmão naquela noite: sentia-se ainda cansado e emocionalmente esgotado por tudo o que havia acontecido nas últimas dezoito horas, mas Casey sempre conseguia animá-lo. Olhando pela janela do hotel, Macbeth percebeu que um dia claro e quente tomara forma além do vidro, e decidiu dar uma volta para espantar a letargia.

O táxi deixou-o na entrada da rua Tremont com a praça Common. Macbeth havia

passeado ali muitas vezes: a praça Louisburg ficava a menos de trinta minutos de caminhada, do outro lado do parque. De novo, irritou-se com a própria loucura, sabendo que ficaria parado no mesmo lugar do sonho, convencendo-se... convencendo-se de quê?

Descendo do táxi, Macbeth sentiu que os efeitos do estresse e da falta de sono tomavam a forma de um vago, mas insinuante *déjà-vu*. Essa sensação, ele a tinha experimentado inúmeras vezes ao longo da vida e a odiava, pois quase sempre precedia uma de suas crises. Procurou esquecê-la e entrou no parque.

Avistou a pequena construção retangular que se erguia na entrada da Common, semelhante a um mausoléu *art déco*. Era na verdade a saída da estação Boylston T e abrigava a caixa da escada rolante que subia do metrô. Ao passar, viu dois operários com o uniforme do Departamento de Trânsito usando escovas e *sprays* para limpar um grafite que emporcalhava o edifício habitualmente imaculado. As palavras, num vermelho penetrante que desafiava as esfregadelas e os produtos químicos dos operários, ainda eram legíveis na parede.

Estamos nos tornando...

Com reticências. Macbeth tinha visto aquela frase por toda Copenhague, em inglês e dinamarquês, e as via agora em Boston. Talvez se tratasse apenas de um verso de alguma música popular; mas Macbeth achou-o profundo demais, rindo sozinho à ideia de bandos de filósofos flanando pelas ruas de Boston com calças jeans e bonés *hip-hop* virados para trás.

Depois de cumprimentar um dos operários, que o ignorou, Macbeth prosseguiu em seu caminho pela trilha principal do parque, mergulhado em seus pensamentos e desatento ao que se passava ao redor. Apesar do sol, e do som de correria e risos que vinham de diversos pontos do parque, Macbeth sentia-se assustado com os acontecimentos tenebrosos da noite anterior.

Não sabia muito bem até onde avançara, quando um rumor próximo de latidos e gargalhadas arrancou-o de suas reflexões. Avistou então um grupo de garotas pré-adolescentes que brincavam de *frisbee*, arremessando-o por cima de um cachorro que saltava, excitado. As meninas corriam de um lado para o outro, com aquela jovialidade que logo desaparece, tornando tolas e pueris essas

atividades inocentes. A cena provocava em Macbeth uma sensação melancólica que parecia intensificar o *déjà-vu*, fazendo-o invejar tanta despreocupação e ingenuidade. Mas Macbeth, o psiquiatra, sabia que a infância nem sempre era ingênua e despreocupada — e afastou-se.

O tempo estava quente e agradável; os raios do sol, varando as árvores, dançavam pela trilha, salpicando-a de pontos luminosos. Mas ainda não conseguia se situar no momento presente, e a vaga sensação de *déjà-vu* continuava a persegui-lo pelo parque afora. Seus pensamentos o levaram de volta ao telhado da igreja da Ciência Cristã. O que mais o tinha assombrado fora a calma — a certeza — na expressão de Gabriel ao se atirar com o padre Mullachy por sobre o parapeito.

Quando todos haviam corrido para a extremidade, Macbeth tivera a vaga esperança de que Gabriel e o padre houvessem desaparecido, como se sumirem no ar fosse algo tão lógico quanto se estatelarem no chão. Assim como o gato de Schrödinger, talvez Gabriel não estivesse morto até Macbeth ver seu corpo.

Macbeth não sabia muito bem até onde avançara. Estava, como sempre, perdido em pensamentos e mal percebia o mundo ao redor enquanto atravessava o parque. Então, um rumor próximo de latidos e gargalhadas chamou sua atenção para um grupo de garotas pré-adolescentes que brincavam de *frisbee*, arremessando-o por cima de um cachorro que saltava, excitado. A cena provocava em Macbeth uma sensação melancólica que parecia intensificar o *déjà-vu*, fazendo-o lamentar tanta despreocupação e ingenuidade. As garotas corriam de um lado para o outro, com aquela jovialidade que logo desaparece, tornando tolas e pueris...

Macbeth parou, assombrado.

Aquilo tinha acabado de acontecer. Ele já havia visto toda aquela cena e tido exatamente os mesmos pensamentos minutos antes.

Olhou para as garotas que brincavam, para o parque, para as árvores, os raios de sol entre os ramos, para o cão superexcitado. Macbeth aprendera a conviver com sua memória bizarra, com sua noção dissonante de tempo e com o hábito de distanciar-se por completo do momento presente, para se perder em algum ponto

do tempo e do espaço. Esquecera inúmeros compromissos e chegara a inúmeros lugares sem saber de onde viera.

Mas agora era diferente.

Estivera ali, no mesmo lugar do parque, há poucos minutos. Havia caminhado — avançado —, mas, de algum modo, voltara. Absurdo. E um absurdo mais que espacial: não só estava de novo no mesmo lugar, como estava de novo no mesmo instante. E pensando a mesma coisa. A mesma inveja tola da jovialidade ingênua e inocente das garotas; a mesma sensação de *déjà-vu*.

Percebendo-o ali parado, as meninas interromperam a brincadeira e olharam-no, receosas. Podiam vê-lo: portanto, não era uma ilusão. Não estava observando um evento passado e não poderia ter testemunhado um evento futuro minutos atrás. Mas, então, que diabos havia acontecido?

Déjà-vu. "Apenas isso", pensou. Um *déjà-vu* particularmente agudo devido aos fatos estressantes das últimas vinte e quatro horas. Sim, era o que devia ser. Ou então um curto-circuito entre o córtex pré-frontal e o lobo temporal medial, que havia criado a ilusão de uma lembrança. De novo evocou em pensamento o telhado da igreja da Ciência Cristã e Gabriel questionando a própria recordação de ter estado ali quinze minutos antes.

Evitando o olhar temeroso das garotas, que agora formavam um grupo compacto, Macbeth se afastou, mergulhando de novo em sua mente, mas tentando não pensar no que acabara de acontecer.

Como tinha previsto, Macbeth se achou na esquina da rua Mount Vernon com a praça Louisburg. Ladeara a praça em direção à casa com que havia sonhado. Diminuiu o passo; um prurido provocado por gotas quentes de suor na nuca indicava que ele viera bem rápido da praça Common. Sempre andava depressa quando sua mente estava ocupada, o que acontecia a maior parte do tempo.

Ao contrário do que tinha visto no sonho, o prédio fora subdividido em apartamentos de luxo. Mas havia outras diferenças, diferenças estruturais bem significativas. De pé na frente da casa, tentou descobrir por que havia sonhado com ela e por que, ao que parecia, sentia a necessidade de corroborar de alguma

maneira o sonho. Afinal, aquela não era a casa que Corbin tinha comprado, a casa onde Marjorie Glaiston havia sido de fato assassinada. Talvez ocorresse que a praça Louisburg apenas representasse o estereótipo das residências históricas de Beacon Hill. No entanto, aquela lhe parecia bastante familiar. Era bem provável que já tivesse passado por ali antes, quando menino, e a lembrança idealizada, depois perdida, viera à tona anos depois, por influência da conversa de Corbin sobre seu novo lar.

Tanto o sonho de Macbeth quanto a alucinação de Corbin eram ficções — simulacros gerados pelo cérebro com alguma base na realidade. Entretanto, pareciam processos bem distintos, vindos de lugares completamente diversos. Não conseguia entender por que atravessara a cidade inteira a fim de encontrar uma conexão entre ambos. Na mesma proporção de seu alívio ao descobrir a Marjorie Glaiston "real", aborrecia-o ter perdido tempo para provar o que já sabia em termos racionais.

Macbeth refez seu caminho pela Common. Sem *déjà-vu*, sem retomadas inexplicáveis. Chegando à Tremont, estava prestes a atravessar a rua quando algo o atraiu de volta ao parque. Teve a vaga consciência de que provocava olhares desconfiados dos transeuntes, parado diante do prédio da estação Boylston T e observando sua parede lisa.

Não havia mais grafites. Não se lia mais, em vermelho: *Estamos nos tornando*... Nem sinal dos *sprays* ou produtos químicos usados para limpar a pedra, agora fria e seca ao toque.

Talvez, pensou, nos cerca de quarenta minutos que haviam decorrido desde sua primeira entrada no parque, a equipe de operários do Departamento de Trânsito tivesse limpado tudo sem deixar traços e usado alguma espécie de ventilador para secar a superfície.

Mas não era isso. Era como se o grafite nunca houvesse estado lá.

13

GEORG POULSEN. COPENHAGUE

Como era seu costume nas tardes de sábado, Georg Poulsen sentou-se e começou a ler para a esposa.

Era assim que passavam as tardes de sábado; era assim que passavam quase todas as noites, quando ele ficava livre do trabalho. Margarethe Poulsen sempre tivera amor pelos livros e descrevia-os como seu “outro mundo”: um universo alternativo para onde podia escapar quando a pressão do mundo real tornava-se desgastante demais. Georg Poulsen se sentia feliz em ajudá-la na fuga lendo os livros favoritos dela. Georg Poulsen amava muito a esposa.

Em especial, Margarethe era apaixonada por ficção surreal — não ficção científica ou fantasia, do tipo que se publica em revistas populares, mas realismo mágico literário.

— Não entendo por que as pessoas precisam ler sobre outros mundos para descobrir a magia — ela disse certa vez ao marido —, quando a magia está à nossa volta. A realidade é a maior magia que existe quando se tem olhos para ver.

Poulsen ficou surpreso, mas também repleto de admiração, ao descobrir que sua esposa — engenheira e, portanto, bastante ligada à física clássica do mundo cotidiano — ainda conseguia ver no universo um potencial ilimitado para infinitas interpretações.

Margarethe apreciava Kafka, Gogol, Zamyatin e o autor francês Raymond Roussel. Poulsen não entendia por que a esposa gostava tanto de Roussel, mas ela explicou: um escritor capaz de cometer suicídio não por desespero, mas

apenas para “conhecer a morte”, era alguém cuja percepção da realidade ela não podia ignorar.

E era justamente o que ele agora lia para Margarethe: o fantástico *Locus Solus* de Roussel. E, durante a leitura, Poulsen sentiu uma enorme necessidade de ser o mais enfático possível, a fim de dar vida às personagens para a esposa. Isso não lhe acontecia com naturalidade, mas lia para ela com tanta frequência, que se tornara hábil em acrescentar emoção às frases. O *Locus Solus* apresentava certa dificuldade, pois não havia tradução dinamarquesa, e Poulsen tivera de recorrer a uma edição em inglês. Contudo, enquanto percorria o mundo surreal do romance — a fazenda epônima de Martial Canterel, repleta de espetáculos bizarros e sobrenaturais como um parque de diversões —, Poulsen começou a se dar conta cada vez mais dos motivos da atração da esposa por Roussel.

O autor sabia muito bem, sem dúvida, insuflar imagens impossíveis, mas indeléveis, na mente do leitor. Uma delas era a cabeça falante, separada do corpo, de Danton, morto há muito tempo, suspensa no meio misterioso e borbulhante da *aqua micans*, na qual também nadava um gato siamês todo despelado que operava os controles responsáveis por devolver vida à cabeça. Mas o que de fato chamou a atenção de Poulsen foi a descrição de Canterel conduzindo os convidados para dentro do estranho recinto de vidro no centro da propriedade. Ali, sob o teto transparente, via-se uma série de oito quadros vivos. Em cada quadro, atores representavam diante de um pequeno público para quem, era evidente, a peça tinha algum significado emocional. Canterel revelou então aos convidados que os atores de cada quadro eram cadáveres de mortos recentes, e que descobrira duas misteriosas substâncias, *ressurrectina* e *vitálio*, para trazê-los de volta à vida. No entanto, o efeito resultante das substâncias injetadas era que os corpos reanimados precisavam representar o acontecimento mais importante de sua vida, e mais nada, para sempre.

Por ridículo que fosse esse cenário, entretanto, Poulsen não pôde deixar de se perguntar se a consciência perpetuamente repetida e amnésica dos mortos reanimados de Roussel eram uma forma de existência inferior, ou se não diferia em nada da passagem de um instante a outro na vida real. Perguntou-se também

se eles seriam acometidos de uma sensação de *déjà-vu* ao reproduzir uma cena que haviam representado na vida real e incontáveis vezes, já esquecidas, em seu teatro *post-mortem*.

Georg Poulsen era um homem comedido: no trabalho, na vida e no trato com os outros, comportava-se com discrição e ponderação. Assim, quando terminou o quarto capítulo, pôs o livro na mesinha de canto. Sentou-se e conversou com a esposa sobre seu dia, sobretudo a respeito dos progressos que estavam sendo alcançados no Projeto. Sobre as esperanças que depositava nele. Como sempre, Poulsen falava, e Margarethe ouvia.

Margarethe Poulsen sempre fora uma mulher muito bonita. Ele se lembrava disso toda vez que contemplava seu perfil aristocrático. A primeira vez que vira Margarethe, tomara-a pela filha mimada de alguma velha família de proprietários rurais. A Dinamarca era uma cultura com uma rígida ética igualitária, e Poulsen suspeitou de que a bela e magnífica jovem devia ter seus poucos amigos apenas entre os colegas de faculdade. Ainda assim, ficara dominado não só por sua beleza, mas também pela estranhíssima e persistente sensação de que já a vira, de que já a conhecia de algum lugar.

Só quando reuniu coragem para lhe falar é que descobriu que Margarethe, na verdade, era uma moça modesta, quase tímida. Estudava engenharia e, longe de ser uma aristocrata, tinha humildes origens camponesas. Poulsen era zelandês, de perto de Copenhague, enquanto Margarethe vinha do interior, de Fyn. Poulsen muitas vezes pensava que, se havia alguém que os dinamarqueses olhavam com mais desconfiança do que os suecos, eram eles próprios: os da Jutlândia consideravam os de Copenhague arrogantes; os da Zelândia achavam os da Jutlândia teimosos e intelectualmente medíocres; e todos viam em Fyn um lugar atrasado e bucólico, mas admiravam a beleza tranquilizadora da ilha.

O pai de Margarethe era engenheiro; sua mãe, professora primária. Como em geral ocorria com os habitantes de Fyn, os *Fynboerne*, ambos tinham mente aberta e mostravam-se amistosos. Georg não demorou a perceber que tudo o que

desejavam era o melhor para sua filha única — e o melhor para a filha única era Georg.

Georg e Margarethe logo se tornaram inseparáveis — unidos pela mente, por sonhos, atitudes e crenças. Cada qual se dedicou à própria área — ele, à física e à computação; ela, à engenharia — com aquele empenho dinamarquês em servir, em fazer algo para melhorar a experiência humana.

Pelos dez primeiros anos de sua vida de casados, percorreram a Europa, indo de universidade em universidade, conforme a carreira de Poulsen exigisse, e passaram dezoito meses nos Estados Unidos, onde Margarethe trabalhou com palestras e projetos de engenharia. No entanto, o enfoque era na carreira de Poulsen: ele se tornou um especialista respeitado em inteligência artificial, e boa parte de sua pesquisa objetivava proporcionar aos humanos novas e melhores maneiras de interagir com computadores.

Quando, após uma década de tentativas, Margarethe lhe contou que esperava o primeiro filho deles, Poulsen não se conteve de alegria. Lembrava-se bem daquele dia: havia sonhado com um futuro imaginário e sentira que o mundo era um lugar bom, perfeito demais para ser real.

O júbilo pessoal foi logo igualado pelo orgulho profissional: a Universidade de Copenhague pediu-lhe que chefiasse uma equipe multidisciplinar encarregada de um projeto novo e ambicioso. A finalidade era reproduzir os estados cognitivos e as funções do cérebro humano. A universidade esperava iniciar o projeto em dois anos: uma iniciativa semelhante vinha sendo conduzida em Düsseldorf desde 2011, o Projeto Cérebro Azul na Suíça desde 2005; e o mapeamento cerebral ia se tornando com rapidez a Corrida Espacial das ciências da cognição e da computação. Mas o Projeto Copenhague era, de longe, o mais ambicioso: oitenta e seis bilhões de neurônios virtuais e um sistema límbico completo, uma cópia da realidade. Um cérebro humano inteiro, construído célula por célula numa simulação computadorizada, em nada diferente do cérebro real. Um cérebro que pensaria sozinho.

Era o desafio do século em se tratando de computadores — e tinha sido confiado a Georg Poulsen.

No âmbito pessoal, profissional e em tudo o mais, ele era um homem feliz.

Uma noite, duas semanas após o anúncio de Margarethe, encontraram-se com seus amigos mais íntimos, que moravam perto do porto em Skovshoved. Era uma noite quente de verão, de céu sem nuvens, e Poulsen tomara a estrada que costeava o cais no retorno para casa, passando por Kystvejen e rumando dali para a cidade. Margarethe, no banco do passageiro, observava calada as águas escuras do Øresund. Isso às vezes acontecia entre eles: um silêncio aprazível em que tudo parecia ser dito.

Georg Poulsen, um homem verdadeiramente feliz, parou no semáforo perto do parque Charlottenlund.

Ele demorou quase um mês para despertar. Ou, pelo menos, despertar por completo.

Certa vez, durante um debate de televisão com um neurocientista e um religioso fanático, Poulsen declarou que o conceito de “alma” era um absurdo científico e foi além: disse que a mente não era algo que se pudesse identificar. Explicou que a experiência humana se enraíza na consciência e em nada mais — e que a consciência se desenvolve à medida que as estruturas físicas do cérebro vão adquirindo complexidade crescente na infância e adolescência, para decair no final da vida ou devido a doenças e danos. A mente não é sólida, mas fluida, um rio de cognições e percepções. Sucede apenas, acrescentou ele, que estamos mais “aqui” em certas ocasiões do que em outras.

A consciência de Georg Poulsen permaneceu em fluxo durante uma semana antes que enfim a sentisse restaurada e de volta ao mundo. Houve lampejos passageiros e vagos de lucidez; mas, depois de esperar três semanas e quatro dias pela mudança de sinal no parque Charlottenlund, Poulsen se reintegrou de vez à realidade.

As notícias lhe foram sendo dadas aos poucos, com cautela, a jovem médica se certificando de que ele entendia cada porção de informação. Poulsen estava na unidade RH4131, disse ela, a unidade de terapia intensiva do Rigshospitalet em Copenhague. Poulsen tinha sofrido um acidente de trânsito e ficara gravemente

ferido: um caminhão havia batido na traseira de seu carro. Além de uma fratura no crânio, uma contusão cerebral obrigara a equipe médica a mantê-lo em coma induzido por três semanas. A médica informou também que tinha havido uma pequena lesão pulmonar, mas essa havia se curado por si só.

Poulsen ouvira, procurando extrair significado dos fatos, e depois tinha tentado falar — mas a boca estava seca e saburrosa, a língua grossa. Por fim, conseguiu pronunciar uma palavra, a única que lhe veio à mente.

— Margarethe? — repetiu a médica. — Sua esposa? Teve lesões similares e também está sendo tratada aqui.

Poulsen queria fazer mais perguntas, saber do bebê; mas de repente desapareceu do quarto, do aqui e agora. Sua consciência se desligou outra vez.

Deram-lhe a notícia completa três dias depois, quando se encontrava plenamente desperto e podia se sentar, no quarto para o qual havia sido transferido.

— Você vai vê-la — disse o médico de plantão. — Está na Unidade de Neurofisiologia.

Poulsen foi colocado numa cadeira de rodas e levado pelo hospital por um funcionário e uma enfermeira que não sabiam responder a nenhuma pergunta sobre sua esposa. Depois de se identificar na recepção da unidade, a enfermeira conduziu-o por um corredor ladeado de portas até chegarem a um quarto. As persianas das janelas estavam descidas, e a única luz vinha de uma lâmpada acima da cama, onde uma figura respirava com a ajuda de aparelhos. O quarto, a figura na cama e a situação toda de repente pareceram irreais a Poulsen, que por um instante temeu estar ele próprio ainda em coma, sonhando aqueles horrores. Talvez fosse ele que estivesse na cama, imóvel, com a existência sustentada pela tecnologia, observando a si mesmo por meio de um fragmento da própria mente.

Um homem alto, magro, de cabelos negros, com cerca de quarenta anos, de jaleco e atitude profissional, entrou no quarto e se apresentou como doutor Larssen.

— Ela está em coma? — perguntou Poulsen.

Com uma autoridade gentil, o médico levou Poulsen de volta ao corredor, onde Margarethe não poderia ouvi-los.

— Sua esposa teve uma lesão grave na cabeça — explicou Larssen. — Não houve ruptura no cérebro, mas ele foi afetado como o seu, sofrendo o mesmo problema do qual você está se recuperando. — Fez uma pausa. A pausa que, em se tratando de médicos, precede uma má notícia. Poulsen notou os círculos escuros em volta de seus olhos, que lhe davam uma aparência soturna. — Receio que, no caso de sua esposa, houve uma lesão axonal difusa e uma hemorragia arterial basilar. Lamento, mas a hemorragia foi no tronco encefálico. Agora, respondendo à sua pergunta: não, ela não está em coma; ao que tudo indica, está consciente, perfeitamente consciente... Entretanto, receio que se trate de um caso de paralisia quadriplégica total.

Outra pausa de cunho profissional.

— Doutor Poulsen, considerando sua especialidade, não preciso lhe dizer que o cérebro é bastante complexo. Toda a nossa complexidade como seres humanos: inteligência, personalidade, volição, percepção do mundo, está no cérebro, em particular no neocórtex. Nada disso foi afetado na senhora Poulsen. O dano ocorreu exclusivamente na ponte, a ligação entre o cérebro e o tronco encefálico. Entende o que digo?

Poulsen assentiu.

— É na ponte que se concentram todas as funções automáticas e básicas da vida: respiração, deglutição, paladar, audição, movimentos oculares etc. São essas as funções que ficaram comprometidas no caso de sua esposa. Receio que ela esteja sofrendo de síndrome pontina-ventral, também chamada de síndrome do encarceramento. Por enquanto, a paralisia é completa, incluindo ausência de movimentos oculares. Só o tempo nos dirá se o caráter da paralisia é permanente, mas devo ser honesto com você: pelos dados obtidos nos exames de imagem, o prognóstico não me parece bom.

— E o bebê?

— Lamento... — Larssen baixou os olhos.

Poulsen começou a chorar, e o médico ficou em silêncio, deixando que ele desabafasse.

— Ela pode me ouvir? — perguntou Poulsen por fim.

— Há todos os motivos para supor que sim — afirmou Larssen. — E qualquer estímulo que lhe der será bom.

De novo, outra pausa. Poulsen olhou para dentro do quarto. Depois, com voz firme, perguntou:

— Há uma biblioteca aqui no hospital?

Agora, passados um ano e três meses, e como era seu hábito nas tardes de sábado, Georg Poulsen lia para a esposa o mundo fantástico de Roussel, onde os mortos não sabiam que tinham morrido ou que o mundo por eles habitado era um palco.

14

JOHN MACBETH. BOSTON

Casey era quatro anos mais novo que Macbeth. Os dois irmãos sempre tinham sido muito ligados entre si e com o pai, que chamava sua pequena família de “Os Três Mosqueteiros”. Era uma expressão de melancólica solidariedade, mas nem Macbeth e muito menos Casey percebiam, na época, a tristeza do pai. A mãe de Macbeth só estivera presente na vida deles como ausência: ele tinha seis anos quando a perdera, de súbito e quase sem se dar conta, como a personagem principal de uma peça agonizando nos bastidores sem nenhuma explicação. O Macbeth mais velho havia descoberto que ela fora vítima de um aneurisma sacular no Círculo de Willis, que se rompera e enchera a base do cérebro de sangue. Criança que era, pensou que a mãe apenas tinha fechado os olhos para dormir; como médico, soube compor o cenário: dor de cabeça intensa, perda total do controle motor, talvez confusão, alucinação vívida, convulsões e morte. Um traço comum do aneurisma sacular é a ptose, quando uma pálpebra se fecha unilateralmente pela metade sobre o olho; e ele sempre imaginara a mãe assim, algo de que se lembrou ao ver a pálpebra semicerrada de Gabriel Rees morto na rua ou em seu sonho.

Não importavam os detalhes da morte de sua mãe; ocorrera uma extinção súbita, abrupta: Cora Macbeth havia sido uma presença física em sua vida de manhã e deixado de sê-lo à tarde. Dali por diante existira, pois, apenas como conceito, como ideia numa mente em formação. E, graças à adaptabilidade da infância, que nada questiona, Macbeth havia se acostumado à sua ausência. Ou, pelo menos, se ajustado a ela; crescendo, tinha inventado ficções elaboradas nas quais a mãe continuava viva e saudável num lugar diferente, levando outra

existência, talvez com outro nome, mas chorando todas as noites ao pensar nos filhos que havia deixado. Macbeth chegara mesmo a elaborar uma alternativa na qual a verdade lhe fora escondida, e a mãe tinha mergulhado num sono profundo e perpétuo, sonhando com outra vida para si; talvez então ele, seu irmão, seu pai e o mundo inteiro fossem apenas as imagens do sonho da mãe.

Qualquer que tenha sido o déficit deixado pela mãe morta e pelo pai melancólico, tinha sido plenamente compensado pela presença do irmão em sua vida. Casey se parecia bastante com Macbeth, mas era ao mesmo tempo muito diferente. Na infância, Macbeth fora o líder. Apesar das falhas cada vez mais constantes em seu conteúdo psicológico, destacava-se na escola. Constatou-se que seu QI ficava no extremo da "curva do sino", mas num ponto em que a vantagem estava mais para uma desvantagem, pois poderia facilitar a presença de transtornos mentais. Então, quando Casey cresceu, tornou-se evidente que ele era tão inteligente quanto Macbeth, mas com uma flexibilidade e simetria da função intelectual que o demarcavam para grandes realizações.

Sem falhas.

Enquanto Macbeth seguia o pai na medicina e na psiquiatria, Casey estudava física, astrofísica e depois mecânica quântica. Apesar da tenra idade, Casey estava agora entre os cérebros mais valorizados do planeta, sendo um provável ganhador do Prêmio Nobel.

Isso enchia Macbeth de proporções iguais de inveja e de orgulho. Ele amava Casey profundamente, e todo impulso competitivo era sufocado pela amizade. A mais íntima que Macbeth cultivava — e talvez a única verdadeira.

Encontraram-se, conforme o combinado, na pista de boliche da avenida Massachusetts, perto do apartamento de Casey no segundo andar de um prédio com fachada de arenito vermelho, na Back Bay, por sua vez a quinze minutos de bicicleta, pela ponte, do MIT.

Casey Macbeth era, sem sombra de dúvida, irmão de John Macbeth, embora mais baixo, mais magro e com uma aparência mais delicada. Entretanto, partilhavam os mesmos olhos verdes e os cabelos negros, e a composição geral

das feições era a mesma. John, porém, vestia roupas elegantes e caras, enquanto Casey parecia estar sempre com a cabeça nas nuvens quando se dirigia ao guarda-roupa. Ao entrar na pista de boliche, trajava calça jeans e uma camiseta azul-escuro com os dizeres: “Procurado vivo ou morto: gato de Schrödinger”. Macbeth tentou explicar a um divertido Casey que nem todos entendiam o humor quântico.

Os irmãos jogaram três partidas, e Macbeth venceu todas, mesmo quando não queria. A paixão de Casey pelo boliche de dez pinos só se igualava à sua incompetência. Macbeth não entendia como o irmão, capaz de reduzir qualquer força, ângulo ou torque a uma equação elegante, com a qual poderia fazer a bola se comportar da maneira desejada, muitas vezes era capaz de arremessá-la na canaleta.

— Chega... — disse Casey com um sorriso largo, após a terceira derrota. — Vamos para meu apartamento encher a cara. Que tal?

— Parece ótimo — respondeu Macbeth com entusiasmo, embora soubesse que nem ele nem o irmão jamais haviam se embriagado a esse ponto. — Depois do que me aconteceu na noite passada, preciso mesmo me esbaldar um pouco.

— Como assim? O que foi que aconteceu na noite passada? — Casey franziu o cenho.

— Vou lhe contar depois — respondeu Macbeth.

O apartamento de Casey era o que ninguém, exceto Macbeth, esperaria de sua aparência. Se o guarda-roupa sugeria um caos mental, o ambiente revelava a ordem cristalina de sua mente. Macbeth supunha que o irmão partilhasse sua necessidade de lugares capazes de proporcionar certo senso de harmonia.

— Tem tudo de que precisa? Quero dizer, enquanto estiver aqui... Sei como é difícil colocar tudo o que é necessário numa mala. — Casey pôs um descanso e uma taça de vinho sobre a mesinha de centro, diante de Macbeth.

— Estou bem, obrigado. Mas você poderia me ajudar dando uma olhada no meu *laptop*.

— Claro. Qual é o problema?

— Uma coisa estranha... um arquivo que não consigo abrir. Um arquivo, aliás, que nem me lembro de ter feito.

— Fique tranquilo. Você deve tê-lo travado por acidente. Vou ver isso.

— Não, não está travado — disse Macbeth. — Se clico em cima dele, não se pede nenhuma senha e também não aparece nenhuma janela de mensagem. É como se fosse um arquivo-fantasma ou algo assim.

— Um arquivo-fantasma? — Casey riu. — Se pretende ser metafísico em computação, o melhor é passar para o meu lado da ciência. Traga o *laptop* da outra vez que vier.

— Obrigado.

— Nunca sente saudade? Daqui, quero dizer? — perguntou Casey.

— Sinto. Mais de Cape que de Boston. Mas gosto de Copenhague. E sei que você também gosta.

— Raramente temos a chance de nos ver — disse Casey. — Estive pensando em visitá-lo no próximo mês.

— Em Copenhague? Seria ótimo, Casey. — Macbeth sorriu. — Por que não passa umas duas semanas por lá, se tiver tempo? Vou apresentá-lo a um punhado de loiras dinamarquesas.

— Lamento... Só vou poder ficar, no máximo, alguns dias. Vou à Inglaterra, a Oxford, e talvez consiga dar um pulo em Copenhague. Seriam apenas umas duas horas de viagem mais ou menos.

— Repito que pode ficar quanto tempo quiser. Só o fato de ver você já me daria muito prazer. Qual é o negócio lá em Oxford?

Casey sorveu um longo gole de vinho, abrindo um sorriso de cumplicidade.

— A maior descoberta científica da história, pura e simplesmente. Maior que Higgs, maior que a relatividade geral, se é que pode acreditar. Está olhando para um dos poucos escolhidos... a elite, para resumir. Na verdade, deveria estar me tratando com muito mais deferência.

— Então vamos lá, conte-me...

— Ouviu falar em Henry Blackwell? — perguntou Casey.

— Sim. Acredite ou não, estou a par de muita coisa que acontece fora do mundo da psiquiatria. Mas continue.

— Bem, saiba que ele é o maior físico quântico vivo. Trabalhou durante anos num projeto a respeito do qual sempre se mostrou discreto... ou, pelo menos, tão discreto quanto alguém da comunidade científica consegue se mostrar. Na verdade, há vários elementos do Projeto Prometeu sendo estudados em diversos centros de pesquisa pelo mundo afora. Mas a parte principal, essa Blackwell conserva em segredo.

— Prometeu?

— Sim, eu sei — disse Casey com um sorrisinho. — Mas é coisa importante... importante mesmo! A Resposta Prometeu é o codinome para uma grande teoria unificada. Ele afirma que já a encontrou, o que Einstein, Bohr, Feynman, Hawking e os demais não conseguiram. Eu e vários outros recebemos essa notícia com cautela. Mesmo assim, ele assegurou que será a maior revelação na história da física quântica. Uma solução definitiva e elegante para explicar, de uma vez por todas, como o universo funciona.

— E você foi convidado?

— Ele vai publicar a descoberta oficialmente num periódico, mas convocou cerca de duzentos dos maiores cérebros do mundo que trabalham nessa área para um seminário especial em Oxford. Incluindo este seu criado. De modo geral, ele vai usar o simpósio como apresentação para os colegas, e nem preciso dizer como me sinto por Blackwell me considerar um deles.

— Merecimento seu, Casey. Estou muito feliz por você. Mas por que tanto segredo?

— As coisas estão ficando meio malucas por aí. Com relação à ciência, quero dizer. Já ouviu falar do Fé Cega? O grupo fundamentalista cristão?

— Sim. Um bando de lunáticos.

— São mais que isso... O Fé Cega passou para a clandestinidade desde que o FBI o classificou como organização terrorista. Recebemos instruções no MIT, e a segurança no simpósio de Oxford também vai ser reforçada. Blackwell vem sendo ameaçado de morte, e alguns objetos suspeitos foram encontrados em sua

caixa postal. Estou lhe dizendo: essa gente é perigosa. — Casey balançou a cabeça, e uma mecha de cabelos negros despencou sobre seus olhos. — Pensamos viver em tempos esclarecidos, mas ainda há inquisidores perseguindo os Copérnicos e os Galileus do mundo atual.

— Não sei do que eles têm tanto medo.

— Da extinção. Sabe o que é religião? — Casey se inclinou para a frente, animado. — É a ausência de ciência. Ela prosperou quando não entendíamos o funcionamento do universo. A cada nova descoberta, eliminamos mais uma explicação supersticiosa para um fenômeno natural. A ciência vem matando a religião desde o Iluminismo, e agora a religião luta pelo último fragmento de vida. Por isso o Fé Cega, os fundamentalistas islâmicos e todo indivíduo excêntrico odeiam cordialmente Blackwell e sua pesquisa. Não o censuro por esconder suas cartas.

— Muito bem. — Macbeth ergueu o copo num brinde. — Estou muito feliz por você, Casey. E seria ótimo se fosse mesmo à Dinamarca por alguns dias depois do evento. Talvez possa explicar tudo a esse seu irmão ignorante.

— Sempre se desmerecendo! — protestou Casey. — Mas o fato é que a vida inteira invejei sua mente.

Macbeth fingiu engasgar-se com o vinho.

— Você? Invejar *minha* mente?

— Continua me superestimando... Um amigo, Juergen, físico no CERN, ensinou-me uma palavra alemã, *Fachidiot*, que significa algo como “especialista idiota”. Segundo ele, é exatamente o que somos: sabemos muito sobre o que fazemos, e nada sobre o resto.

— “O especialista é aquele que conhece cada vez mais sobre cada vez menos”. — Macbeth sorriu, erguendo o copo com ar de cumplicidade. — Nicholas Murray Butler.

— Aí está você... — disse Casey, apontando um dedo enfático para Macbeth. — Tem a cabeça repleta de fatos, datas e conhecimentos que extrapolam seu trabalho. Eu? Um mágico de um truque só.

— Não devia se queixar do seu cérebro. — Macbeth sorveu um gole da bebida. — E, quanto à memória que tenho para conhecimentos gerais, não hesitaria em trocá-la por uma percepção melhor da vida real. Preferia uma memória autobiográfica a uma memória semântica.

— Somos o que somos — ponderou Casey com resignação.

— Já ouviu falar de Cosmos Rossellius?

Casey fez que não com um aceno de cabeça.

— Viveu no século XVI, em Florença, onde formulou todo tipo de teorias sobre a memória e suas funções, teorias que estavam muito à frente de seu tempo. Acho que vou relê-lo um dia destes, experimentar alguns dos exercícios mnemotécnicos que ele prescreve.

— Como assim?

— Maneiras de recriar o mundo real na memória. Quando ele visitava um lugar, uma igreja ou um castelo, por exemplo, conseguia, graças a essas técnicas, reconstruí-lo com perfeição na memória. Deus sabe quanto preciso de algo assim!

— É bom saber que está a par da literatura. — Casey arqueou uma das sobrancelhas. — Século XVI, então?

— A mente era, na época, a mesma de hoje. O curioso é que só agora descobrimos que empregamos neurônios específicos em conceitos específicos. Se pensar numa pessoa que conhece ou num lugar que viu, entra em ação um conjunto de neurônios desenvolvidos especificamente para essa lembrança. As pessoas literalmente vivem em nossa cabeça. Rossellius estava bem à frente de sua época e se referia ao espaço da memória como uma dimensão da existência. Fez até uma descrição do Paraíso e do Inferno tão bela e intricada quanto a de Dante. A diferença é que o Além de Rossellius era todo construído de lembranças. Um espaço de memória eterno.

— Hum... — Casey voltou a encher a taça de vinho. — Lembra-se de papai falando dos dois universos, o Exterior e o Interior? Não é curioso que cada um de nós tenha acabado se dedicando a um deles?

— Sim, eu me lembro. — Macbeth pareceu triste de repente. — Ainda mando torpedos para ele, não nego. Ao papai. Apenas para lhe contar pequenos acontecimentos do meu dia a dia, esse tipo de coisa.

— John... — O tom de voz de Casey oscilava entre afeto e advertência.

— Sei, sei... Não é saudável, e chega a ser bastante esquisito. Mas acontece que as pessoas, hoje, existem no mundo eletrônico. Todos temos uma "presença" na ciberlândia... — Macbeth agitou a mão livre no ar. — E isso me ajuda a imaginar que resta algo dele no Além. Maluquice, sem dúvida.

— Também sinto saudade do papai — disse Casey. — Cada um tem sua maneira de enfrentar os problemas, penso eu.

Os dois irmãos ficaram em silêncio por um instante, tentando achar um meio de sair do beco onde haviam se metido.

— Conte-me mais sobre a descoberta fantástica de Blackwell — Macbeth sugeriu por fim, com falso entusiasmo.

— Em termos simples, ele recorre a simulações para observar o tempo passado. Para ser mais exato, o que quer que tenha existido antes da fração de segundo depois do Big Bang ou aquilo que deu origem ao universo e ao próprio tempo. Todos especulam, mas ninguém sabe ao certo o que ele vai revelar. — Casey pegou o copo e degustou um gole com lentidão. — E agora me diga por que está aborrecido. O que aconteceu na noite passada?

Macbeth, suspirando, narrou os fatos ao irmão. Informou que o suicida tinha morrido e que o padre ainda lutava pela vida. Não ocultou sequer sua crise de despersonalização no local, enquanto tentava salvar a vida de Mullachy.

— Céus, isso é assustador! — exclamou Casey. — Devia ter me ligado. Não sabia de nada disso.

— Não, preciso de você hoje. Seja como for, é uma longa história, mas talvez você conheça o suicida.

— Ahn?

— Sim... um sujeito chamado Gabriel Rees. Era do MIT... — Macbeth deixou a frase morrer quando viu a reação no rosto de Casey.

15

KAREN. BOSTON

Virar. Um. Dois. Virar. Um, dois. Virar. Um, dois. Três. Virar. Um, dois, três. Pé direito, primeiro passo. Para a frente. Para trás. Um, dois, três. Pé esquerdo para a frente. Para trás.

Sabia que pessoas a encaravam, algumas rindo, outras sérias, com aquela atitude de quem assiste a um comportamento bizarro, enquanto a observavam cumprir seu pequeno ritual na soleira da loja. Ouviam-se protestos de impaciência, ruídos de indignação às suas costas. Um homem saiu resmungando alguma coisa desagradável, forçando-a a se afastar para um lado. Como tinha um pé no ar para cumprir seu ritual, perdeu o equilíbrio e foi caindo para o outro, até que o ombro de seu casaco elegante encostasse no batente de pedra do arco de entrada da loja. Assustada, chocou-se com violência contra a superfície áspera.

Aquilo estragou tudo. Teria de recomeçar e refazer todo o processo. Endireitando-se, deixou que o grupo de clientes da loja de departamentos passasse por ela. De cabeça baixa, Karen evitou os olhares de perplexidade ou censura.

Virar. Ergueu o braço direito bem alto, prescrevendo um arco. Um. Girou o braço para baixo em diagonal, à sua frente, da esquerda para a direita. Dois. Levantou o braço esquerdo e executou um reflexo especular da primeira sequência de movimentos. Virar. Agitou as mãos à frente, como se revirasse um cesto de roupas, descendo-as e levantando-as de novo até o nível dos olhos. Três. Fez círculos com as mãos espalmadas diante do rosto, como se limpasse uma vidraça invisível. Quatro. Recuou o pé direito do degrau de entrada. Cinco. Repetindo o movimento com o pé esquerdo, que plantou com firmeza na

calçada, Karen executou dois gestos finais em arco com os braços: direito, esquerdo. Seis.

Afastou-se então da entrada para a rua. Com isso, Karen Robertson voltou instantânea e totalmente ao normal, caminhando pela calçada com a mesma desenvoltura matinal citadina dos outros pedestres.

Karen Robertson *era* normal. Perfeitamente sã. Sabia que seu comportamento nos vagões do metrô, sob os arcos das pontes e nas portas era bizarro. Desprezava os rituais que se via obrigada a desempenhar e por isso evitava, com certo sucesso, vagões de metrô e arcos de ponte. Mas portas — de lojas, táxis, elevadores —, isso não conseguia evitar.

As pessoas, às vezes, riam dela sem a menor cerimônia. Detalhe curioso, Karen tinha consciência de como era ridícula sua pantomima: sempre que a executava, saía por completo de si, de sua experiência do momento, tornando-se uma observadora irônica dos próprios atos.

Karen Robertson tinha tudo. Era atraente, uma advogada bem-sucedida de trinta e cinco anos que trabalhava num dos mais famosos escritórios de Boston. Formara-se em Harvard entre os primeiros da turma; vinha de uma família aristocrática da Nova Inglaterra; comprava suas roupas na rua Newbury, tendo elas o tamanho e o talhe ideais; dirigia um conversível Lexus esporte; podia ter o homem que quisesse; e morava num amplo apartamento de Back Bay. Era inteligente, ambiciosa e emitia o brilho de autoconfiança que caracteriza as pessoas bem-nascidas.

Karen Robertson tinha tudo, não há dúvida — até mesmo a pontuação de 29 na Escala para Sintomas Obsessivo-compulsivos de Yale-Brown. Era muita coisa.

Seu psiquiatra, o doutor Corbin, havia tentado determinar a origem exata de seu medo de insetos. Fixara-se num acontecimento de sua adolescência: a escola de Karen era uma das instituições femininas privadas mais antigas de Massachusetts, um desses lugares tradicionais onde, quando uma aluna esfola o joelho, sai sangue azul da ferida. Os clássicos, o latim e história antiga destacavam-se no currículo, formando a aristocracia de hoje com o exemplo da

aristocracia de ontem. Karen odiava aquilo. Já na época se interessava por uma carreira na área de negócios e não tardou a se entediar da obsessão constante da escola por um mundo distante que não tinha nada a ver com a realidade atual.

Naquele dia, porém, o professor de clássicos tagarelava sobre as consequências de uma batalha qualquer. Um jovem soldado persa, Mitrídates, gabara-se de ter matado um príncipe do exército inimigo, enquanto o próprio rei, Artaxerxes, reivindicava essa façanha e por isso condenou o jovem fanfarrão ao "suplício dos botes". O professor explicou que o historiador Plutarco havia descrito em pormenores essa forma de execução, chamada escafismo. Mitrídates fora colocado dentro de dois botes que se encaixavam com perfeição, sendo selados um em cima do outro. A cabeça, as mãos e os pés do infeliz haviam ficado para fora, com o resto do corpo no interior. Os carrascos forçaram-no a ingerir leite e mel, até que seu ventre estivesse a ponto de estourar; em seguida, besuntaram seu rosto, mãos e pés com uma grossa camada de mel e voltaram sua cabeça para o sol. Ao meio-dia, o rosto não era mais que uma massa de aranhas, moscas, vespas e abelhas, que picavam e arranhavam com fúria. Quando as feridas infeccionaram, mais insetos penetraram pelas frestas dos botes, tendo aberto caminho para o interior do corpo. Alguns se contentaram em comer a carne viva, outros rasgaram os tecidos e depositaram ali seus ovos. Segundo Plutarco, Mitrídates levou dezessete dias para morrer; e, quando os botes foram abertos, só o que se viu foi um enxame negro de milhares de insetos...

O grito de Karen interrompeu a alegre exposição do professor. E deu início a um ataque de pânico que esvaziou seus pulmões e encheu seu universo de sombras imaginárias e fugidias perpassando ao redor. Por fim, apesar do socorro das colegas, que, assustadas, reuniram-se à sua volta, Karen desmaiou, mergulhando numa escuridão densa, envolvente.

Depois disso, Karen não podia sequer pensar em insetos, ouvir qualquer espécie de descrição sobre eles ou avistar um sem sufocar e ter um ataque convulsivo.

Embora incapaz de determinar a origem exata da entomofobia de Karen, o

doutor Corbin utilizou a racionalização e a terapia de exposição para inserir o medo dela em um âmbito de respostas que pudessem ser remotamente normais. Mas os pesadelos da jovem ainda eram assombrados por formigas monstruosas com enormes mandíbulas laterais, aranhas de pernas compridíssimas e besouros pretos rastejantes e luzidios.

Um dos aspectos de sua fobia persistiu e se transformou em compulsão obsessiva: o medo de esbarrar numa teia de aranha.

Essa obsessão tomou a forma de um ritual preventivo que Karen sempre executava quando transpunha uma porta ou em qualquer outra situação na qual um aracnídeo pudesse ter lhe tecido uma armadilha. Em toda entrada, realizava mecanicamente a mesma sequência de movimentos giratórios bizarros para ter certeza de que não havia nenhuma teia de aranha invisível contra a qual pudesse colidir. Sua preocupação maior era com o rosto: qualquer outra parte do corpo atingida provocaria pânico, mas a ideia de uma teia de aranha no rosto quase a fazia vomitar.

Seus rituais eram ridículos, embaraçosos, irracionais. Como a maioria dos obsessivo-compulsivos, Karen conhecia e reconhecia esses fatos. O doutor Corbin havia dito que a compulsão obsessiva não era uma psicose: não havia fantasias, não havia a crença de que o paciente tinha um comportamento normal e que o resto do mundo é que estava fora dos trilhos. Os obsessivo-compulsivos sabem muito bem que sua atitude é esquisita.

As raízes das compulsões de Karen se entranhavam em medos racionais, explicou o doutor Corbin, e desabrochavam assumindo proporções irracionais. A ansiedade às vezes ficava um longo tempo sem se manifestar; mas preocupações e tensões não relacionadas a elas, oriundas do trabalho ou da família, podiam provocar ataques de pânico e esses comportamentos obsessivos.

Talvez Corbin estivesse certo. O caso Halverson agora tomava muito do tempo e do espaço mental de Karen; pela primeira vez na carreira, sentia-se enfastiada. E o medo de parecer idiota na frente do cliente contribuía bastante para isso.

E havia também o outro problema.

Acontecera uma semana atrás, numa manhã em que seus rituais de porta a fizeram se atrasar para uma reunião com Jack Court, na qual se discutiria o caso Halverson, e ela tivera que apressar os passos na rua.

Karen tinha experimentado uma estranha sensação de *déjà-vu*. Ou algo parecido ao *déjà-vu*, embora um tanto diferente. A cidade ao redor já não era a mesma, como se de repente a hora do dia houvesse mudado. A sensação se intensificou quando percebeu que a calçada e a rua tinham ficado quase vazias. Do outro lado da rua, limiar do parque, avistou uma garotinha vestida como a própria Karen se vestia aos dez ou onze anos. E a garota olhava fixamente para ela.

Depois, começou a atravessar a pista.

Karen assustou-se, temendo que a criança fosse atropelada por um carro. Abriu-se um espaço no trânsito, e Karen deu um passo à frente.

Não percebeu o homem por perto, que precisou se esquivar para não se chocar contra ela, até sentir seus dedos pegando-a pelo cotovelo e puxando-a para trás. Um barulho quase a deixou surda quando um caminhão passou rente a seu corpo.

O volume do trânsito voltou ao normal. A luz retomou a intensidade de uma manhã primaveril em Boston. Karen procurou a menina no lugar onde estivera na pista, na calçada atrás e nas extremidades da rua. A menina se fora.

Karen virou-se para o homem que a havia tirado do trajeto do caminhão e o fitou atordoada, perplexa. Era um homem atraente e sofisticado, mais ou menos de sua idade, de cabelos negros, rosto pálido e olhos verdes.

— Pensei... — Karen apontou sem muita certeza para o lugar onde a menina estivera, onde talvez nunca tivesse estado, e interrompeu a frase.

— Tudo bem com você?

Karen fez que sim, confusa.

— Deve tomar mais cuidado com o trânsito — aconselhou o homem. Karen assentiu de novo. O estranho então se virou e começou a avançar pela rua, desaparecendo na próxima esquina. Ela continuou imóvel por um instante,

recompondo-se e tentando resolver duas questões que a incomodavam: vira mesmo o que pensara ter visto? E o homem que a puxara...

Tinha certeza de que já o conhecia.

16

JOHN MACBETH. BOSTON

— Você o conhece?

Casey demorou a responder, franzindo o cenho na tentativa de dar sentido ao que o irmão acabava de lhe contar.

— Gabriel? Não muito bem. Mas, pelo que sei dele, seria a última pessoa no mundo capaz de cometer suicídio.

— Temo não haver dúvida alguma de que ele quis mesmo se matar. Eu o vi saltar e levar com ele o padre Mullachy. Estava visivelmente perturbado.

Casey fitou Macbeth, incrédulo.

— Tirar a própria vida é uma coisa; tirar a de um semelhante é outra bem diferente. Acredite em mim, John: Gabriel Rees era tão equilibrado quanto eu. Não, a comparação não é boa: era muito mais equilibrado que eu. Você disse que ele falava coisas sobre religião?

— Pareciam assuntos místicos. E sua atenção estava toda voltada para o padre.

— Isso parece absurdo sob dois aspectos. — Casey balançou a cabeça e depois afastou a mecha de cabelo dos olhos. Macbeth pensou em quantas vezes havia sugerido ao irmão um corte mais decente. — Em primeiro lugar, Gabriel era devoto, sim... mas um ateu devoto. Em segundo, embora com certeza não amasse os padres, jamais mataria uma mosca. Na verdade, só o vi de passagem durante meses. A última vez, também de passagem, foi há algumas semanas. Não posso acreditar nisso.

— Não ouviu falar de um membro da comunidade do MIT que tinha se suicidado?

— Ninguém me disse nada, e não falei com ninguém hoje. Você sabe que não ligo muito para notícias.

— Sim — disse Macbeth. — Sei que não liga para notícias. — Correu o olhar pelo apartamento em perfeita ordem. Sem TV. Havia um aparelho de som sofisticado e caro, que fora caro e sofisticado em 1979. Casey preferia ouvir suas músicas em discos de vinil e passava o tempo livre consertando, substituindo peças, ajustando e afinando o aparelho até ele parecer novo em folha, com um som perfeito. Macbeth tinha de admitir: era melhor que seu sistema digital Bang & Olufsen, absurdamente caro. E o rádio de Casey estava sempre sintonizado na 99.5, a emissora de música clássica de Boston. Mesmo seu computador, que Macbeth sabia ser bem mais possante que qualquer PC doméstico, parecia pequeno e inócuo, sendo usado apenas para pesquisas. As únicas notícias a que Casey dava atenção apareciam entre peças de Shostakovich e Steve Reich, ou eram objetos fractais e equações de função de onda.

— A polícia informou que Gabriel era um membro importante na física de partículas — disse Macbeth.

— Na verdade, não. Quero dizer, Gabriel era brilhante. Realmente brilhante. Mas, digamos... apenas um aluno de doutorado. Porém, trabalhava como pesquisador para o professor Gillman.

— E isso quer dizer alguma coisa?

— Gillman é um dos colaboradores em pesquisa do professor Blackwell. O Projeto de Simulação Gillman faz parte do quebra-cabeça do Projeto Prometeu, que está sendo desenvolvido aqui no MIT. Não participo diretamente, mas sei que, como Blackwell, Gillman é muito discreto com relação a seu trabalho.

— Qual é a área dele?

— Está envolvido a fundo com computação quântica, e sua parte no Prometeu consiste em criar simulações dos primeiros momentos do universo. Gillman vai ser muito importante no simpósio de Oxford. — Casey fez uma pausa. — Gabriel disse por que queria se matar?

— Só falou coisas incoerentes — respondeu Macbeth. — Ficou repetindo que tinha encontrado a verdade e que via o que o resto de nós não consegue ver.

— E explicou que “verdade” era essa?

— Segundo ele, não se trata de quem ou o que é Deus, mas de *quando* ele é, seja lá o que isso signifique.

— Raciocine comigo — propôs Casey. — Como falei, Gabriel era ateu. Não acreditava na existência de um quando, quem, onde ou o quê, em se tratando de uma divindade. Era contra a religião ao ponto da intransigência.

— É mesmo? Foi o que pensei quando ele arrastou o padre com ele. — Macbeth franziu o cenho. — Aconteceu algo estranho... Gabriel insistiu em dizer que a inteligência humana não tinha sentido, que era loucura nosso cérebro trabalhar da maneira como trabalha. Afirmou que isso, na verdade, era perigoso, e não uma vantagem para nós.

— Nisso, o pobre coitado tinha razão — murmurou Casey, compadecido.

17

FABIAN. FRÍSIA

Paisagem mais celeste que terrestre, aquela era uma parte do mundo em que o céu dominava tudo, pressionando a terra e o mar, que para ele não passavam de um trecho em sua vasta bandeira. Havia o mar azul plano, a praia branca e plana encrespada de dunas de formatos estranhos, a terra verde plana ao fundo, alteada por tímidos montículos. Gradações de tons e sombras para marcar os limites, mais que graus de elevação.

Um garoto pequeno, de catorze anos, mas que parecia ter doze, caminhava por uma faixa de praia da cor de seus cabelos e das sardas em suas faces e nariz. Vestia uma camiseta desbotada e jeans; estava descalço e carregava os tênis nas mãos.

O garoto, cujo nome era Fabian Bartelma, andava devagar, os passos entravados por milhares de ansiedades próprias do fim da infância, enquanto relanceava o olhar ora para as ondas, ora para os pés e a areia que se insinuava entre seus dedos nus. Manhã de sábado. Fabian quase sempre passava os sábados perambulando pela praia ou andando de bicicleta pelo dique. Uma criança tradicional. Tradicional e solitária, pois ninguém da sua idade cultivava mais as tradições. Fabian despendia a maior parte do tempo com a leitura, as caminhadas e o ciclismo, jamais mostrando o mínimo interesse por jogos de computador, sozinho ou acompanhado. Coisa estranha, quando tentara jogar, Fabian havia sofrido de enjoos de movimento e dores de cabeça — embora nunca tivesse enjoado em carros ou aviões. Nunca infernizara os pais por um celular ou um MP3, nem por qualquer outra parafernália da adolescência do século XXI. E isso, aos poucos e sem sombra de dúvida, foi afastando Fabian de seus colegas.

Os pais lhe compraram um computador por ocasião de seu décimo segundo aniversário, e ele chegou a usá-lo, mas quase sempre para tarefas de escola ou consultas rápidas. Mesmo para esses trabalhos, preferia livros de referência. Em suma — e seus pais tiveram de se conformar —, era uma criança fora de época, desconectada do tempo no qual havia nascido. Em casa, sua cama vivia atulhada de livros sobre história: atlas de campanhas militares, dicionários de citações célebres, volumes sobre as grandes civilizações do mundo antigo, a vida dos césares, a evolução da humanidade. Para Fabian, a história não era um objeto de estudo, e sim um lugar: um lugar aonde se podia ir para descobrir e explorar. Um lugar onde se podia viver.

Fabian achava que aquela praia lhe pertencia. Não ignorava que ela mudaria com o tempo, que as ondas lamberiam e corroeriam a costa, provocando erosão e redistribuindo a areia ao longo dos séculos; mas gostava dela porque, não bastasse o farol que ali se erguia há um século ou mais, lembrava um cenário virgem, uma paisagem intocada. Ninguém mais parecia ter andado por ali, onde ficava caminhando ou sentado durante horas. Imaginava-se então em outra época. Não seria ótimo, perguntava a si mesmo, se pudéssemos visitar o passado? Se pudéssemos viajar para lá de férias, como viajamos para a Espanha?

A praia contornava a baía, lembrando a lâmina larga de uma cimitarra, e Fabian podia perceber onde o promontório, em vez de se sobressair, esbatia-se no mar: o único sinal claro de onde ele acabava era a coluna vermelha e branca do farol. Aquela era uma paisagem erma, mas não desoladora, e Fabian podia se imaginar a única pessoa ainda viva do planeta. O único dono do mundo. Não conseguia, porém, descobrir por que essa ideia o inundava ao mesmo tempo de melancolia e consolo. Espalhou um pouco de areia com os pés e sentou-se de repente, o rosto voltado para o mar, franzindo o cenho para os raios coruscantes do sol, para a nuvem de algodão que deslizava no azul sedoso do céu. Estendendo os braços, mergulhou os dedos profundamente na areia, como que para se agarrar ao mundo. Fechou os olhos e ouviu o som das ondas.

Estranha sensação.

Parecida com a de um *déjà-vu*. Parecida, mas diferente, mais profunda. Sentiu uma pancada nas costelas e levantou-se, protegendo os olhos ao erguê-los para a sombra que se avantajava diante dele. Henkje Maartens, o encrenqueiro que patrulhava a escola com seu bando de neandertais. Maartens, que sabia farejar alguém diferente, havia escolhido Fabian para alvo preferencial.

— Então é aqui que você se esconde, hein? — zombou Maartens.

Fabian, de pé, sacudindo a areia da calça, olhou na direção de onde o outro tinha vindo. Maartens estava sozinho. Já era alguma coisa.

— O que você quer? — perguntou Fabian, movendo-se em torno de Maartens, de modo que o outro, e não ele, ficasse de frente para o sol.

— Vi você e o segui — respondeu Maartens. — Quis descobrir o que o Esquisito faz nas horas de folga. Por que vem aqui? O lugar é sossegado, é isso? — Maartens estirou a língua para o canto da boca, revirou os olhos e simulou estar se masturbando.

Fabian sabia que não era páreo para Maartens, muito maior e mais forte. Mas não havia ninguém ali para ver o desfecho da cena. Amassaria a cara de Maartens ao máximo, antes de levar um soco. A marca ficaria como advertência aos outros de que tudo tem seu preço.

— É para isso, Esquisito? Esse é o motivo...

O impacto doeu no punho de Fabian. Ouviu-se um ruído horroroso de dentes quebrados, e o encrenqueiro recuou, perplexo e com o sol ainda lhe batendo no rosto. Fabian golpeou-o de novo, desta vez no nariz. Maartens apenas cambaleou, portanto o golpe não tinha sido tão forte quanto o primeiro; Fabian atingiu-o de novo, e de novo. Maartens tropeçou e caiu de costas, com Fabian sentando-se em seu peito e enchendo-o de pancadas. Um impulso tenebroso, fora de seu controle, impelia-o; uma sensação de júbilo o invadiu: estava, percebeu, gostando daquilo. Algo de profundo, sombrio e imemorial havia se libertado dentro dele — algo pertencente a uma história da qual jamais soubera fazer parte.

Sabendo que Maartens, uma vez recuperado, o tiraria com facilidade de cima de seu peito, por ele ser bem mais leve, e recuperaria assim a vantagem, Fabian

se levantou. Quando Maartens fez menção de se erguer, desferiu-lhe um pontapé na lateral do rosto. A deliberação cuidadosa e o alvo do golpe chocaram Fabian: havia calculado tudo para que seu pé nu não se machucasse. Desferiu mais um chute na boca de Maartens. Viu que o grandalhão agora estava completamente atordoado, a face banhada em sangue; agarrou-o por uma mecha de cabelo, virou-o de bruços e enfiou seu rosto na areia. Inclinou-se em seguida e sussurrou ao ouvido do valentão imobilizado:

— Se me seguir de novo, você ou qualquer um dos seus capangas, vou despachá-lo para o hospital. Na escola, qualquer gracinha sua ou dos outros vai me obrigar a atacá-lo quando estiver sozinho. Está entendendo?

Maartens, com a boca cheia de areia, murmurou alguma coisa em tom de lamúria. Fabian se levantou e recuou um passo, pronto a golpeá-lo de novo caso o grandalhão fizesse um movimento duvidoso. Mas percebeu que não tinha sobrado nenhuma valentia em Maartens — e, mais ainda, que a valentia nunca havia existido nele. Como quase todos os encrenqueiros, Maartens era um covarde. Chorava, a cara empapada de areia, lágrimas e sangue.

— Está entendendo? — gritou Fabian, dando um passo ameaçador à frente.

Maartens assentiu com um gesto enfático de cabeça, antes de se virar e sumir pela praia afora. Fabian o viu se afastar, olhando depois para as próprias mãos: vermelhas e inchadas, com um fio de sangue no nó de um dedo. Impressionante.

De onde tinha vindo toda aquela raiva? Onde estivera escondida? Sentou-se de novo na areia, cotovelos nos joelhos, mãos pendentes e dedos ainda trêmulos.

Sentiu-se um pouco enjoado e zonzo, o coração pulsando rápido. Lembrou-se da sensação que o tinha acometido pouco antes da chegada de Maartens. Como a de um *déjà-vu*, mas mais intensa, mais profunda.

Fabian fechou os olhos e deitou-se de costas, fitando outra vez o céu e cravando os dedos na areia. A dor nas mãos passou mais depressa do que ele esperava, assim como a náusea e a sensação de pânico no peito.

Nesse instante, sentiu uma pancada nas costelas. Levantou-se, protegendo os olhos ao erguê-los para a sombra que se avantajava diante dele.

— Então é aqui que você se esconde, hein? — zombou Maartens. Sua face estava intacta, sem sangue nem marcas.

Fabian levantou-se, sacudindo a areia da calça. Examinou as próprias mãos, subitamente curadas: sem manchas vermelhas, sem inchaço, sem fio de sangue. Aquilo não tinha sentido. Mas tinha. Fabian percebeu que visitava a própria história.

Fechou os punhos e lançou-se sobre Maartens com um grito desumano.

18

JOSH HOBERMAN. MARYLAND

— A tradição de Abraão é reveladora — disse Josh Hoberman. — Todas as religiões judaico-cristãs, inclusive o Islã, acreditam num Deus cuja existência é paralela ao mundo do Homem e numa Verdade que, por fim, será revelada aos fiéis. A interação entre o Homem e seu Deus, isto é, toda teofania bíblica, assume a forma de visões: sarças que ardem, colunas de fumaça, colunas de fogo...

— E quanto a você? — A presidente Yates caminhava ao lado de Hoberman, sempre olhando para a frente, a expressão séria enquanto refletia sobre as palavras do psiquiatra. Pareciam em tudo dois amigos num debate filosófico durante um passeio no parque; exceto que não eram amigos, o lugar não era um parque, mas Camp David, e tinham sempre por perto, a uma distância discreta, o agente Bundy, o homem do estranho olhar bicolor.

— Digo apenas que a pessoa se define, em grande parte, por aquilo em que acredita. Talvez a natureza de sua fé, sua crença numa revelação por meio de visões a esteja tornando suscetível a esses episódios.

— Acha que, como Deus se revelou a outros, estou me iludindo ao pensar que Ele está se revelando a mim? — A senhora Yates balançou a cabeça numa negativa. — Por que, então, não vejo nada de dramático ou majestoso? Visões do presidente Taft de camiseta ou de um estagiário na Casa Branca durante os anos 1970 dificilmente podem ser consideradas revelações divinas.

— Mas a senhora *disse* que acreditava na possibilidade de uma origem divina para suas visões...

— Sei que não deve levar a sério minhas crenças, mas são minhas crenças. Mais: são a verdade, e, como você mesmo disse, a verdade acabará por ser revelada. O senhor supõe que eu talvez pense que Deus tenha uma mensagem especial para mim, e que essa é a maneira Dele de se comunicar. Mas não, não é nisso que acredito. O que acontece no universo acontece por vontade de Deus. A Natureza inteira, com tudo o que nela existe, é criação divina, incluindo as visões. Entretanto, sei que elas não são mensagens só para mim, mas para todos. Houve outros relatos... de visões ocorrendo pelo mundo. Vou providenciar para que tenha acesso a eles. — Lançou sobre o ombro, para Bundy, um olhar que era uma ordem. — Uma visão em particular, de uma garota na França, tem aspectos interessantes. — Interrompeu a caminhada e virou-se para o psiquiatra. — Como deve estar claro, não só eu, mas muita gente está tendo essas visões; portanto, é *isso* que vou encarar como a mão de Deus nos nossos negócios. Se for mesmo o caso, concluo que estamos na iminência do juízo final. Posso então lhe dizer uma coisa, professor Hoberman: não serei apanhada em falta.

Lá estava, mais uma vez: o mesmo foco. Mais uma vez, a sensação desagradável que lhe vinha das vísceras.

Durante as discussões nos dias anteriores, Hoberman pudera vislumbrar parte do que jazia implícito na autoridade firme e na sagacidade habitual da senhora Yates. E tinha ficado aterrorizado. Havia sido como atravessar um estúdio de filmagem e descobrir, por trás das fachadas dos edifícios cênicos, que ali não havia nada, exceto vigas de apoio: Elizabeth Yates era uma mulher completa, absoluta e impressionantemente destituída de personalidade. Hoberman havia participado de reuniões, observara-a tratando com outras pessoas e percebera que sua atitude mudava de acordo com aquela a quem se dirigia. Tinha percebido também que ela dominava a arte de projetar atributos inexistentes. Ninguém diria, é claro, que fosse uma mulher tola, mas seus dotes intelectuais, conforme Hoberman não tardou a constatar, eram limitados. A senhora Yates, de algum modo, conseguia simular o que lhe faltava e expandir o que possuía, dependendo do contexto e de suas intenções.

Mas o que havia aterrorizado Hoberman não fora a penúria intelectual ou pessoal da senhora Yates. Ele dava às suas conversas um ar de informalidade, generalidade e intimidade, mas, a cada vez, fazia uma pergunta ou observação aparentemente inócua, que era no fundo um recurso diagnóstico disfarçado. O quadro que lhe surgiu tinha mostrado uma mulher de visão arguta, vontade inabalável e fé indestrutível — outras tantas virtudes de uma líder mundial, mas, também, indícios potenciais de algo menos louvável.

Se havia uma característica excepcional na presidente era sua capacidade de concentração; e ela se concentrava com firmeza numa tarefa fundada nas areias movediças do estreito nacionalismo, da superstição e da franca intolerância. Ao descrever sua visão de mundo, a senhora Yates empregava os pronomes “nós” e “nosso”, “eles” e “deles”. A primeira pessoa do plural não ia além das fronteiras dos Estados Unidos, e ela metera na cabeça que muitos, no país, encaixavam-se na categoria “eles” — categoria na qual Hoberman suspeitava estar inserido.

Continuaram a caminhar. Afora um heliporto e dois edifícios um pouco mais modernos e funcionais, quase fora do campo de visão, Camp David era uma vasta coleção de pavilhões e cabanas de madeira em meio a uma profusão de carvalhos e nogueiras, ligados e rodeados por trilhas de floresta. Não pela primeira vez, Hoberman foi tomado por uma estranha sensação de claustrofobia em pleno ar livre, como se a mata densa do parque Catoctin o esmagasse.

— Devo concluir que você não tem fé? — perguntou a senhora Yates, após vinte metros de silêncio.

— Sou um humanista. Não partilho de suas crenças, o que não quer dizer que não acredite em nada.

— Mas não crê em Deus?

— Não. Se me permite dizer, senhora presidente, acho o universo maravilhoso e misterioso demais para ser explicado de maneira tão simplista, quase pueril.

— Cada um tem sua opinião, professor Hoberman.

— Tem mesmo?

A presidente observou-o por um momento.

— Então suas crenças se baseiam na ciência, certo?

— Certo.

— A ciência é uma ferramenta — disse a senhora Yates — que Deus nos deu. Ciência e tecnologia visam a um fim; não são fins em si mesmas. Entretanto, muita gente trata a ciência como um credo religioso. Há sumos sacerdotes, evangelistas e fanáticos na ciência, tanto quanto em qualquer religião.

— Não é assim que vejo a ciência. Acredito que ela seja o único meio de conhecermos a nós mesmos e ao universo. Mas minha crença ou descrença não importam. Importa apenas aquilo em que a senhora acredita e que possa estar, de algum modo, associado a essas visões. — Hoberman fez uma pausa ao ver um grande falcão cruzar, com um só bater de asas, o espaço azul entre os maciços de nogueiras. — Preocupo-me sobretudo com a maneira com que irá interpretar qualquer alucinação futura, atribuindo-lhe um falso significado.

— Está dizendo que não sou apta para o meu cargo? — A senhora Yates estacou de novo e lançou-lhe um olhar profissionalmente afiado. — Espanta-me que se refira a crenças e personalidade já existentes antes do início dos episódios.

— Os fenômenos e sua personalidade estão interligados de modo inextricável; é impossível avaliar os primeiros sem levar em conta a segunda. Quanto à sua aptidão para o cargo, só posso dar opiniões clínicas; o resto é da competência dos demais.

— Tem razão, professor Hoberman. Quem decide é o povo norte-americano. E o povo norte-americano expressou com clareza sua vontade, encarregando-me de conduzir este grande país, talvez o único a conhecer a vontade de Deus, em meio às provações que nos esperam.

Outra vez alguma coisa escapou, fria e sombria, do azul brilhante de seus olhos. Em seguida o olhar se suavizou, e ela sorriu, continuando a caminhar.

— O tempo parece estar sorrindo para nós — disse ela num tom despreocupado, mudando de atitude tal como Hoberman a tinha visto fazer inúmeras vezes nos últimos dias.

— De fato — concordou ele, contemplando o céu acima da trilha, onde o enorme falcão apareceu de novo por um breve instante, prescrevendo, veloz, um

arco em busca de sua presa na floresta.

19

JOHN MACBETH. BOSTON

O padre morreu no dia seguinte.

Macbeth percorria a grande livraria da praça Harvard, perguntando-se — ao ver a enorme quantidade de *e-readers* — até quando os livros seriam livros, objetos que se podiam tocar página por página, quando então o celular tocou, e Pete Corbin lhe deu a notícia.

— Ele não teria vivido tanto se não fosse sua intervenção, John. Foi você quem lhe deu essa chance.

— Uma chance não tão boa assim, ao que parece — respondeu Macbeth. — Falando nisso, Casey conheceu Gabriel... não muito, mas conheceu. — E passou a Corbin as informações que o irmão havia lhe confiado sobre o jovem aluno de doutorado. Como médicos, Macbeth e Corbin tinham aprendido a encarar a morte sem grandes emoções, mas sua experiência no telhado da igreja havia sido um pouco diferente. Macbeth sabia que Corbin tentava, tanto quanto ele, dar um sentido ao acontecimento.

— Por quanto tempo mais você vai ficar em Boston? — perguntou Corbin.

— Até o final da próxima semana. Vou passar a segunda e a terça-feira no Instituto Schilder, pois esse é o motivo oficial de eu estar aqui. Por quê?

— Há um paciente em Belmont que eu gostaria que visse. Encarreguei-me de todos os procedimentos iniciais. Acho que ficará bastante interessado, considerando seu trabalho de pesquisa. Quando poderá ir?

— Jantarei com Casey hoje à noite e depois estarei livre até segunda-feira.

— Então, na sexta. Dez e meia. Tudo bem?

— Tudo bem. Combinado.

— Então nos veremos lá. Mais uma coisa, John.
— Diga.
— Lamento mesmo que Mullachy tão tenha conseguido.

À noite, Macbeth se encontrou com Casey para jantar num local propositalmente alegre, com painéis de mogno e semelhante a uma cervejaria, perto da praça Common. Enquanto aguardava a chegada do irmão, bebericando uma cerveja, Macbeth correu o olhar pelo restaurante: garçons, vestidos com coletes e compridos aventais brancos, equilibrando travessas à altura do ombro, transitavam entre as mesas servindo canecas de cerveja e pratos generosos. De novo, Macbeth refletiu sobre o reconfortante absurdo de simular outra cultura, outro país e outra época; de algum modo, aquela jovialidade forçada devia ser bem-vinda. Necessária.

Casey apareceu na porta, esquadrinhou o recinto apinhado de mesas e sorriu ao avistar Macbeth. O sorriso exclusivo de Casey: infantil, astuto, brilhante e ingênuo; um sorriso que Macbeth crescera vendo, que fora um companheiro inseparável de suas brincadeiras de criança; mas um sorriso que o deixava em pânico, porque Macbeth não conseguia se lembrar de nenhum incidente associado a ele: sua memória desse detalhe era a memória de quase tudo: geral e inespecífica.

— Pensei que íamos jantar, não planejar um *putsch* — disse Casey com um sorriso irônico, olhando ao redor antes de corresponder, com um abraço, ao aperto de mão que Macbeth lhe oferecia.

— Embora não estejamos em Munique nem sejamos Hitler e seus asseclas, precisava de um pouco de *Gemütlichkeit*... — Macbeth acenou para um garçom e pediu uma jarra de cerveja.

— Precisava de um pouco de diversão, não é? Dia difícil?

Macbeth contou ao irmão sobre a morte do padre e perguntou se tinha conseguido descobrir mais alguma coisa sobre a história recente de Gabriel Rees.

— Não há muito a acrescentar — explicou Casey. — Todos dizem a mesma coisa: Gabriel andava tão envolvido em seu trabalho com o professor Gillman que não fazia muita questão de se socializar, mas, quando o fazia, era uma pessoa agradável. Não parecia de modo algum ter problemas.

— Você conhece bem o professor Gillman?

— O bastante, acredito. Entretanto, há muito tempo que não o vejo. Ele não é a pessoa mais acessível deste mundo. Ríspido, eis a melhor maneira de descrevê-lo. Para não dizer um babaca. Vai também a Oxford para o simpósio de Blackwell.

— É mesmo? Se tiver uma chance de lhe perguntar sobre Gabriel, procure descobrir se ele sabia alguma coisa sobre a condição mental de seu assistente.

Casey franziu o cenho.

— Deus sabe com quantos pacientes suicidas você já lidou ao longo dos anos. O que há com este que o deixou tão curioso?

— Em primeiro lugar, obrigado pelo voto de confiança em minhas habilidades de psiquiatra. Talvez se surpreenda ao saber que apenas um de meus pacientes se matou. E foi o último de minha prática clínica.

— Droga, John, desculpe. Falei besteira. Eu me esqueci do cara.

— Tudo bem. Mas a verdade é que algo em Gabriel me fez lembrar daquele último paciente no Hospital McLean. Não que as ilusões dos dois tivessem algum ponto em comum: meu paciente sofria de distúrbio de dissociação de identidade. Esse foi, pelo menos, *meu* diagnóstico, e ponho a mão no fogo por ele. Não houve indícios de que Gabriel pensasse ser outra pessoa. — Macbeth deu de ombros. — Mas sua tranquilidade me fez recordar daquele paciente. Talvez seja apenas isso. Realmente não sei.

Ficaram em silêncio por alguns instantes.

— Trouxe o *laptop*? — perguntou Casey.

Macbeth apanhou uma pequena maleta que estava debaixo da mesa.

— Vou dar uma olhada quando voltarmos ao meu apartamento. Verei o que posso fazer.

— Nunca entendi muito de computadores, apesar do trabalho que estou fazendo no Projeto.

— Às vezes penso que você nasceu na década errada, ou talvez no século errado.

— Seria esquisito em qualquer século que nascesse. — Macbeth suspirou. — Na Idade Média, teriam me condenado à fogueira.

— Vejo que não teremos pela frente uma noite muito divertida — disse Casey, levando a caneca de cerveja aos lábios.

— Sinto muito. Os dois últimos dias foram cansativos.

Casey assentiu e correu o olhar pelo ambiente.

— Como descobriu este lugar? Não é o seu estilo.

— Melissa me trouxe aqui há alguns anos. Acho que estava tentando ser irônica. Foi antes de descobrir que não gosto de ironias.

— Fiquei chateado quando soube que seu namoro não deu certo. Ela parecia ótima para você.

— Não daria certo nem com ela nem com ninguém. — Macbeth sorveu um gole e olhou pensativo para o copo. — Sabe o que Melissa me disse? Que tinha se cansado da minha ausência, mesmo quando eu estava a seu lado.

— O que isso quer dizer?

— Ora, vamos, Casey, você sabe exatamente o que isso quer dizer. Nós dois sabemos. Falta alguma coisa em mim; tenho uma espécie de fresta que se alarga até virar um abismo quando alguém tenta me conhecer. Melissa queria dizer que estava farta de chegar em casa e encontrar um quarto vazio, mesmo comigo lá dentro.

— Jesus! Você está mesmo mal-humorado esta noite.

— Lamento. Mas, como falei... — Macbeth se interrompeu no meio da frase, porque uma estranha sensação o invadiu: a mesma sensação forte de *déjà-vu* que o tinha dominado na praça Common. Mas agora mais forte ainda, e acompanhada por outra: a de perda de equilíbrio. Agarrou-se à extremidade da mesa, os olhos fixos nas pontas dos dedos esbranquiçadas pela pressão. Isso vinha acontecendo com muita frequência. Não era *déjà-vu*; não era uma de suas

crises típicas. Estava tendo algum tipo de acidente cerebral, um ataque isquêmico transitório ou algo assim. Precisava de cuidados médicos.

Então, reparou no rosto de Casey.

Casey olhava para Macbeth, mas não o via. De testa franzida, concentrado, tentava entender o que se passava com ele próprio. Macbeth percebeu que os dois passavam pela mesma experiência.

Silêncio total.

No restaurante de teto alto, até então barulhento e movimentado, já não se ouvia nada: nem as conversas e os risos dos clientes, nem o tilintar dos pratos e copos que eram servidos e retirados.

Macbeth olhou por cima dos ombros de Casey. Todos estavam imóveis, cada qual em seu universo privado, procurando entender o que tinha acontecido. Aos poucos, as conversas foram voltando, as vozes baixas e contidas partilhando a experiência recente.

— Tudo bem com você? — perguntou Macbeth.

— Que diabo foi isso? — Casey parecia assustado; e um sentimento protetor, quase paternal, brotou em Macbeth.

— Teve uma sensação forte de *déjà-vu*? — perguntou.

Casey assentiu vigorosamente, aliviado por não ter sido o único a passar pela experiência.

— Foi isso mesmo. — Olhou ao redor. — Mas que droga... todos nós?

— Todos, pelo que vejo.

O tom das vozes se elevou no restaurante. Conversas repletas de ansiedade; troca desesperada de impressões.

— Nem tudo voltou ao normal — observou Casey.

— Parece que alguma coisa mudou, não foi? A temperatura ou a qualidade do ar, talvez...

— Já passou por isso antes?

Macbeth respondeu com um aceno positivo de cabeça.

— E há mais, Casey. Pete Corbin me disse...

Os copos e garrafas atrás do comprido balcão de mogno começaram a tilintar, como se afetados por um caminhão pesado ou trem que passasse por perto. Mas não havia nenhuma linha férrea nas imediações, e as ruas estreitas daquela parte antiga de Boston só deixariam passar, no máximo, caminhonetes leves.

O restaurante silenciou de novo, enquanto todos se voltavam para o balcão. Um garçom jovem, de face lisa, devolveu o olhar: estava pálido e confuso. O tilintar cessou e seguiu-se um segundo eterno de paralisia, uma quietude quase absoluta, só interrompida pelo tique-taque do velho relógio vitoriano, pesado e redondo, atrás do balcão. Macbeth ficou intrigado ao notar como cada tique-taque era claramente perceptível, parecendo que sua audição de repente havia se intensificado.

Gritos.

Foi como se o mundo inteiro se sacudisse, tentando tirar todos de seus ombros. Macbeth estendeu a mão para segurar Casey, mas foi arremessado da cadeira e se estatelou no assoalho de madeira encerada. Fez um esforço para se levantar mas não conseguiu recuperar o equilíbrio, pois o chão tremia e se inclinava sob ele. Caiu de novo, dessa vez batendo com mais força ainda o rosto e a lateral da cabeça no piso. Ficou estirado por um momento, zonzo, a orelha colada à madeira brilhante de carvalho, a visão recém-aguçada percebendo dolorosamente cada detalhe das farpas e dos grãos de poeira espalhados na superfície polida com esmero. Além disso, através do piso, podia ouvir a Terra estremecendo e bramindo lá embaixo. Sentia cada vibração, da menor à maior, ressoando por seu corpo.

Um terremoto. Um terremoto violento. Precisavam se abrigar.

Arrastou-se para perto da mesa, indo ao encontro de Casey. Quando chegou perto, seu irmão jazia de lado, como ele há pouco, o sangue escorrendo de um ferimento na cabeça. Macbeth, erguendo-se nos cotovelos, aproximou-se e examinou a ferida: era superficial. Casey estava consciente, embora confuso.

— Casey! — gritou Macbeth, em meio ao clamor de outras vozes assustadas. — Casey... Vamos para baixo da mesa! — Agarrou o irmão pela jaqueta, puxando-o para si e para a proteção do tampo da mesa.

— Não deveríamos correr lá para fora? — retrucou Casey. — Se o prédio cair, ficaremos soterrados!

— Estamos mais seguros aqui. Na rua, poderemos ser atingidos por blocos de alvenaria. Vamos ficar bem juntos e esperar que o tremor acabe.

Casey concordou, não muito convencido. Tudo ao redor balançava e tremia, mas sem nenhum som de coisas caindo sobre a mesa. A vibração aumentou, ressoando em cada milímetro do crânio de Macbeth.

E então parou. O restaurante se encheu mais uma vez de gritos e lamentos desesperados, aterrorizados. O tremor, porém, havia cessado.

Sentiram o chão sob os pés descer, como se estivessem num elevador cujo cabo se rompera. Os dois irmãos foram jogados para cima, e Macbeth segurou ao mesmo tempo Casey e a perna única do centro da mesa. Caíram de novo quando a direção do movimento se inverteu, o mundo arremetendo mais uma vez, com ferocidade, contra eles. Ao redor, os gritos recrudesceram.

O movimento cessou. Não houve mais abalos.

Com os dedos cravados no braço do irmão num gesto protetor, Macbeth continuou deitado, a face machucada contra o piso, tentando recuperar o fôlego.

Tudo passou. Inclusive o terremoto.

Macbeth se pôs de pé, ajudando Casey a se levantar. Endireitou a cadeira e o acomodou nela. Sua testa sangrava, mas Macbeth, examinando o ferimento, constatou que era mais uma esfoladura que um corte. Tirou o lenço do bolso, dobrou-o e guiou a mão de Casey para mantê-lo no machucado.

— Tudo bem com você?

Casey assentiu.

— Vou ver se alguém mais precisa de ajuda. Ficará bem aqui?

— Estou ótimo... Vá.

Macbeth obrigou sua memória prática a predominar sobre todas as outras funções mentais e percorreu a sala com o olhar. Ao final da ronda, havia colocado duas cabeças machucadas na posição certa e imobilizado duas fraturas com panos e cintos. Muitas pessoas estavam apenas em choque, e nenhum ferimento, inclusive os que envolviam as cabeças, era sério; Macbeth se

certificou de que todos os necessitados houvessem recebido a atenção necessária até a chegada do socorro.

Notou que o jovem garçom continuava na mesma posição, pálido e com o olhar distante de quem tinha passado por um enorme susto. Macbeth colocou-se na linha de visão do rapaz, obrigando-o a vê-lo.

— Tudo bem com você, meu filho? Sou médico... A ambulância chegará logo.

— Nada... — O jovem desviou o olhar de Macbeth e, reparando espantado nas prateleiras repletas de copos e garrafas, murmurou: — Não posso acreditar... nada, nem um único copo! Como pode haver um terremoto e nenhum vidro se quebrar?

Macbeth seguiu o olhar do garçom, depois se virou e observou o restaurante, deixando em segundo plano os clientes assustados. O relógio, os grandes espelhos e os quadros vitorianos das paredes — tudo nos devidos lugares, com sequer uma moldura retorcida. Os únicos copos e pratos quebrados eram os que os próprios clientes haviam derrubado das mesas ao caírem no chão. Exceto por isso, nenhuma evidência física do terremoto.

Era como se o terremoto nunca tivesse ocorrido.

20

GEORG POULSEN. COPENHAGUE

Apesar do céu que pesava tristemente sobre o estacionamento, as imediações e a cidade vistos da janela, Georg Poulsen assegurou à esposa que lá fora fazia um dia magnífico: uma mentira que pregava sempre. Às vezes, contava a Margarethe que tinha chovido, mas que o jardim precisava de água e o tempo logo melhoraria. Quase sempre pintava um quadro esfuziante e alegre da paisagem que se desdobrava para além do pequeno círculo de consciência da esposa. Era como se Poulsen quisesse arrancá-la da prisão opressiva de seu corpo simulando um mundo melhor e uma realidade mais convidativa.

O Projeto Um havia nascido no Instituto Niels Bohr da universidade, literalmente ao lado do Rigshospitalet. Isso significava que Poulsen podia visitar a esposa na hora do almoço e sempre que conseguisse um tempinho livre do trabalho. E significava também que estava sempre correndo em duas direções: trabalhando com o máximo empenho e por horas a fio, para desenvolver um programa de interface que, segundo esperava, ajudaria Margarethe, e visitando-a quando lhe era possível. Fazia as duas coisas sem pensar no tempo que poderia reservar a si mesmo. Essa era a nova realidade a que Poulsen passara a se dedicar de corpo e alma.

Vindo direto do Instituto, sentou-se ao lado da cama de Margarethe e contou-lhe que seu trabalho progredia melhor do que poderia esperar, já estando bem à frente do programado.

O significado desse trabalho, contou-lhe, era que um outro mundo a aguardava. Um mundo em que ela poderia caminhar e dançar, um mundo em que voltaria a cantar do modo como sempre fizera enquanto cuidava do jardim.

Um mundo no qual ficariam juntos com o bebê que ela ignorava ter perdido.

Poulsen acreditava piamente no que dizia, pois, se alcançasse todos os seus objetivos, poderia oferecer a Margarethe exatamente esse tipo de mundo. Mas, tal como em sua descrição do tempo, não lhe contou que a casa, o jardim, as férias que ela aproveitaria — o Georg Poulsen e o bebê que estariam a seu lado — seriam *ersatz*: uma contrafação neurológica da existência que estimularia seu cérebro e a induziria a sentir o sol no rosto.

— Sei que quer viver plenamente de novo, Margarethe — disse-lhe. — E, tenha a certeza, quando não venho aqui, estou trabalhando para conseguir isso para você. Eu a amo, e tudo o que quero é fazê-la feliz de novo.

Interrompeu-se por um instante. Os artifícios empregados nas horas de visita deviam ser sempre joviais, como se o horror encravado no corpo de Margarethe fosse apenas um percalço passageiro. Assim, quando perdia a compostura; quando o sofrimento, a dor e a raiva que o pungiam todos os dias ameaçavam vir à tona, como agora, Poulsen se calava.

No mundo normal, no ambiente dos cinco sentidos em que a maioria das pessoas vive, um matiz de voz pode passar despercebido; mas, no universo sensorialmente restrito que Margarethe habitava, sua voz se encorparia, preenchendo todo o espaço. Portanto, a mínima falha, a mínima sutileza seriam amplificadas e detectadas de imediato.

Decorrido um instante, Poulsen se recompôs, abriu o livro no colo e começou a ler. *Avatars: A Futurist Fantasy* tinha sido uma das descobertas favoritas de Margarethe; ela sempre havia procurado gemas obscuras em lugares improváveis, tendo descoberto esse romance na loja de um antiquário, numa tarde tempestuosa de sábado em Larsbjørnstræde. O autor, “Æ”, cujo nome verdadeiro era George William Russell, ficou mais conhecido pelos escritos de outros que pelos próprios, chegando a aparecer como personagem no *Ulisses* de James Joyce.

Margarethe tinha dito certa vez a Poulsen que achava maravilhosamente irônico o fato de os dois protagonistas do romance de Russell jamais se mostrarem para o leitor ou terem os próprios diálogos: eram representados

apenas por descrições que outros faziam deles. Acrescentara que Russell, quando jovem estudante de arte, experimentava o que descrevia como "sonhar acordado com clareza e força impressionantes", sonhos esses nos quais via outros mundos e realidades que, segundo sustentava, tinham sido colocados em sua consciência por uma mente alheia, maior que a dele.

Poulsen passou duas horas lendo para a esposa, injetando, como sempre, tanta vida nas palavras quanto seu talento discursivo permitia.

Era um visitante tão frequente que acabara por conhecer todos os membros regulares da equipe do hospital, tendo se tornado, até certo ponto, amigo de Larssen, o médico-chefe do departamento. Este sabia do envolvimento de Poulsen com as ciências cognitivas e o ouvia com atenção sempre que o cientista se dispunha a discutir seu trabalho. Mas Larssen, assim como os outros membros da equipe, sabia bem que Georg Poulsen era um homem de poucas palavras em qualquer outro assunto não relacionado à condição e ao tratamento da esposa.

Cerca de dois meses após a própria alta do hospital, ele viera ver Margarethe, quando Larssen lhe pediu, ao fim da visita, que fosse a seu escritório.

Larssen era uma espécie de artrópode humano: magro, anguloso, de cabelos pretos e rosto pálido, além de olheiras que pareciam não desaparecer nunca. Seu escritório não era tão pequeno, mas ele parecia espremido atrás da escrivaninha, com os cotovelos de aranha fincados no tampo.

— A condição de sua esposa se estabilizou — disse ele. — Não há risco imediato de novo sangramento na ponte e, portanto, de novo dano neurológico.

— E isso significa o quê?

— Que ela fez pouco ou nenhum progresso nos últimos três meses e meio. Muitos casos semelhantes se curam sozinhos, mas isso ocorre em geral quando o paciente fica internado por uma semana ou menos. Os pacientes que se recuperam com mais facilidade são os que apresentam sintomas de quadriplegia ou anartria, a incapacidade de falar, apenas por minutos ou horas.

— Está dizendo então que perdeu a esperança em Margarethe? É isso?

— Estou dizendo que, a meu ver, estamos diante de uma condição de morbidez persistente. Pacientes internados, sem complicações, podem viver

assim por décadas. Caso não morram em um mês após o trauma, a média de sobrevida ultrapassa os cinco anos.

— O que recomenda então?

— Apenas que proporcionemos a melhor qualidade de vida à sua esposa. Depois de algum tempo, ela poderá até deixar o hospital e ir para casa. O Estado oferece vários serviços de apoio que ajudam muito. Todos aqui conhecemos sua dedicação a ela e não temos dúvida de que fará o máximo para estimulá-la. Tenha em mente que não estamos adiantando nenhum diagnóstico definitivo, mas achamos que a partir de agora deveremos pensar num processo de longo prazo. Não tente, porém, assumir o fardo todo, que é bem pesado...

Poulsen permaneceu em silêncio por um momento, imaginando um novo estilo de vida, um estilo de vida diferente. Uma outra realidade.

— Quando ela poderá ir para casa? — indagou por fim.

21

JOSH HOBERMAN. MARYLAND

Josh Hoberman conversava diariamente com Ward, o médico particular da presidente. Apesar de sua antipatia pelo fato de Ward ser militar — e ser Ward —, Hoberman reconhecia que, pelo menos, ele era um homem da ciência e a única pessoa com quem podia discutir sobre a presidente com certo grau de franqueza. Mas Hoberman, ainda assim, não demorou a se dar conta de que Elizabeth Yates se cercara de pessoas prontas a massagear seu ego e exaltar a importância de sua missão.

Entretanto, havia sido Ward quem o tinha convocado, sem nunca protestar quando ele fazia suas observações de um modo mais direto. Apesar disso, Hoberman procurava ser cauteloso ao abordar alguns dos aspectos mais sensíveis do estado mental da presidente.

Não havia voltado a Aspen Lodge, a residência da presidente, desde aquela primeira noite: a maioria dos encontros com ela e Ward tinha ocorrido em Laurel Lodge. Alojara-se em Dogwood Cabin, cujas paredes estavam forradas de fotografias de convidados anteriores, sem dúvida mais importantes que ele. Camp David havia sido equipada com a mais moderna tecnologia, mas ainda assim lembrava um acampamento de verão ou clube de campo do século XIX. Ali sentado, sob o olhar de políticos estrangeiros, do passado e do presente, Hoberman se sentia no lugar mais estranho em que já praticara a psiquiatria. Supôs que aquele ambiente devesse refletir o estilo de seu principal ocupante. Mas, com Elizabeth Yates, apesar do bucolismo deliberado, o clima ali era tudo, menos acolhedor.

— Leu as reportagens sobre o acontecimento em Boston? — perguntou Ward.

— Li — respondeu Hoberman. — Sobre esse e os outros.

— E o que acha?

— Pelo que parece, você tem razão. Estamos mesmo às voltas com uma pandemia, com um problema que não é só da senhora Yates.

— É impressão minha ou tem mais alguma coisa a dizer? — perguntou Ward. Estava em trajes civis, com uma blusa de lã sobre os ombros, as mangas num entrelaçamento frouxo à altura do peito, bebericando seu uísque num copo de cristal. Hoberman tentou banir o pensamento indesejável de que o doutor do exército bem poderia, nas horas vagas, servir de modelo para badalados anúncios de moda.

— Está bem. — Hoberman bebericou o próprio uísque. — Isto ficará rigorosamente entre nós? Por enquanto, pelo menos?

— É claro.

— O que vou dizer vai além do que pensei num primeiro momento, mas acho que tem fundamento. As alucinações da presidente remontam à mesma origem que os outros casos relatados. Portanto, é de crer que não haja nada de *específico* nela que a esteja induzindo a ter suas visões, exceto se o problema for uma infecção não identificada.

— Prossiga...

— Minha preocupação não é com a causa das alucinações, e sim com o *efeito* que possam ter na psicologia profunda da presidente.

— Está insinuando que o problema é antigo?

Hoberman passou a Ward três folhas de papel impressas. Colocando o copo de uísque na mesa, Ward leu as anotações.

— Percebe por que me preocupo? — perguntou Hoberman, depois que Ward terminou.

— Percebo, mas não concordo. Conheço a senhora Yates há anos. Se ela exibisse esse tipo de patologia, eu teria notado.

— Não necessariamente. A personalidade faz tudo para ocultar sua verdadeira natureza. E, encaremos os fatos, alguns aspectos dessa condição podem ser

vistos como atributos positivos de quem, por exemplo, desempenha um cargo como esse...

Ward, sem dizer nada, releu as anotações.

— Como pode ver, separei a maioria dos indicadores principais. Ela pontua alto em todos os quesitos, menos em um: o antissocial. Pode ser que aprendeu a esconder isso melhor que os outros.

— Não pode estar falando sério — irritou-se Ward.

— Estou, sim. Tenho certeza absoluta de que Elizabeth Yates é uma psicopata *extremamente* eficiente, mas ainda assim uma psicopata. Para ser honesto, não creio que isso seja incomum entre políticos. Entretanto, no caso da presidente, sua crença total e absoluta na própria infalibilidade, além do caráter impulsivo e a monomania religiosa, pode levá-la a fazer escolhas desastrosas. Estou bastante preocupado com a possibilidade de que uma interpretação mística ou outra qualquer que ela possa atribuir a futuras alucinações desencadeie exatamente isto: escolhas desastrosas.

Ward voltou a se sentar, em silêncio.

— Discutiu o assunto com mais alguém? — perguntou por fim.

— Como eu disse, fica entre nós por enquanto.

— Melhor assim. Importa-se se eu insistir nisso?

Hoberman refletiu por um instante.

— Não...

22

JOHN MACBETH. BOSTON

Em quinze anos como psiquiatra, Macbeth jamais tinha visto ou ouvido algo parecido. A mídia, no dia seguinte, estava repleta de notícias sobre o caso, não só em Massachusetts, mas nos Estados Unidos e no mundo inteiro. “O Terremoto-Fantasma de Boston”: era assim que o caso vinha descrito na maioria das manchetes.

O socorro precisou de uma hora e meia para chegar ao restaurante. Equipes foram enviadas a vários pontos da cidade e mais além, para atender os feridos. Houve vítimas em toda a orla de Massachusetts, de Rockport a Plymouth, e no interior até Worcester. O terremoto foi sentido em todo o Estado e, do outro lado da fronteira, de Nova Scotia e New Brunswick, chegaram relatos de pessoas que também sentiram a Terra tremer.

A maioria dos ferimentos foi causada por quedas, com oito vítimas fatais que caíram de terraços, escadas de incêndio e outros lugares elevados. Mas o maior número de acidentes ocorreu no trânsito, em que os motoristas perderam o controle por completo. No total, trinta pessoas morreram e mais de mil ficaram feridas.

Não houve, porém, um único caso de danos materiais.

Os sismógrafos do Observatório Weston não registraram a mínima oscilação. Departamentos de Geologia da Nova Inglaterra e outros lugares confirmaram os resultados de Weston, tendo sido consultadas instalações de bilhões de dólares e sismógrafos amadores de fundo de quintal.

Não houve terremoto. A cidade inteira e metade do Estado apenas haviam perdido o equilíbrio.

Num dia, Macbeth passou mais horas diante da televisão e na internet do que, talvez, em todo o mês anterior. Teorias da conspiração e piadas de mau gosto, que Macbeth atribuiu à mesma fonte de QI de dois dígitos, começaram a aparecer à tarde. Os comunicados oficiais, na opinião de Macbeth, iam pelo mesmo caminho, alguns aventando a hipótese de um vírus que tinha afetado o sistema vestibular das vítimas. A verdade era que não se podiam explicar mortes causadas por um terremoto que não havia existido.

Grande foi o espanto quando a análise da disseminação dos danos veio a público: surgiu um padrão estranhamente consistente com um terremoto genuíno. Apesar de não haver nenhuma evidência geofísica, a comparação das estatísticas de danos com os relatos de testemunhas revelou um esquema que apontava para um epicentro sísmico no Atlântico, cerca de quarenta ou cinquenta quilômetros a leste do Cabo Ann. Com base em descrições recolhidas em várias localidades, considerou-se que o fato condizia com um terremoto de magnitude seis na escala Richter.

Só mais tarde, nesse dia, é que alguém juntou as peças: provavelmente um pesquisador anônimo numa sala obscura de estação de TV, que apenas se deu o trabalho de cruzar os dados. E a transmissão já ia para o ar quando Macbeth sintonizou o noticiário.

O Terremoto-Fantasma de Boston se transformou em Tremor-Fantasma do Cabo Ann.

O acontecimento dominou a edição especial e ampliada do programa. Velhas gravuras de edifícios rachados e em ruínas, com data de 1775, serviram de pano de fundo para os penteados, o bronzeado artificial e a gravidade estudada dos âncoras. Todos, de sismólogos e historiadores a místicos excêntricos, profetas e videntes, tiveram sua vez diante das câmeras; políticos tagarelaram muito e não disseram nada, repisando informações oficiais; cientistas de todas as áreas foram entrevistados e nenhum conseguiu explicar o fenômeno. A explicação mais plausível era a de um vírus que teria provocado a perda de equilíbrio e alucinações auditivas. Afinal, ninguém de fato *tinha visto* o terremoto.

Contudo, o que deixou a mídia febril foi o fato de o epicentro identificado pelo mapeamento das vítimas coincidir exatamente com o do terremoto de 1775 no Cabo Ann. O Observatório Weston estudou, durante anos, simulações computadorizadas do que aconteceria se o mesmo tipo de terremoto atingisse a população e as cidades bem maiores da moderna Nova Inglaterra. O número de vítimas provocado pelo "tremor-fantasma" coincidiu com o que o computador previra. Com exatidão.

A maioria dos casos foi registrada no distrito de Back Bay, para onde a cidade avançara no século XIX, com prédios construídos sobre aterramentos na baía. Os aterramentos, explicaram os sismólogos, eram o tipo de solo menos estável e mais suscetível a tremores; o arenito e outros materiais usados na arquitetura de Back Bay sempre haviam sido os mais sujeitos à atividade sísmica.

Macbeth tinha a própria teoria — ainda vaga, tomando forma aos poucos — sobre o que tinha acontecido, baseada no que Pete Corbin lhe contara.

O que quer que houvesse sucedido, não importava a causa, Boston fora sacudida em todos os sentidos: Macbeth percebia isso nas ruas por onde andava, nos rostos ansiosos e confusos dos transeuntes.

A pergunta de todos era: por que Boston?

Então, relatos do mundo inteiro começaram a chegar.

23

ETHAN BUNDY. MARYLAND

O agente especial Ethan Bundy orava, sem camisa e descalço.

Estava em seus aposentos de Camp David, ajoelhado junto ao leito, mãos unidas, a fronte pressionada contra os nós rijos dos dedos, cotovelos apoiados na beirada da cama.

Camp David estivera agitada o dia inteiro, com a presidente recolhendo informações e opiniões sobre os eventos em Boston. Videoconferências tinham sido convocadas com especialistas das mais variadas áreas, e ela chegou a se reunir com o Judeu, Hoberman. Bundy estava sempre por perto, ao lado da presidente ou ao fundo dos recintos, silencioso e solidário. Nada daquilo fazia sentido para o agente: tinha certeza de que os especialistas convocados estavam tão confusos quanto ele. Apesar de sua discrição, num dos raros momentos de silêncio, fez a pergunta que o inquietara o dia inteiro:

— O que significa isso, senhora presidente?

Elizabeth Yates virou-se para ele, segurou-o pelo braço e o encarou de frente. Três palavras. Três palavras foram tudo o que ela disse, mas que o deixaram paralisado:

— É o Arrebatamento!

Bundy orava com fervor. Orava pela salvação, para estar entre os justos eleitos. Pedia perdão pelas vidas que havia tirado no passado e força para tirar as que, por dever, ainda lhe chegariam no futuro. Sobretudo, implorava para que o Senhor aceitasse suas impurezas e lhe desse uma singularidade, uma totalidade que sabia jamais ser capaz de possuir. A presidente Yates, sim, tinha essa pureza,

sendo um instrumento único e verdadeiro de Deus. Sua representante escolhida na Terra. Bundy, por outro lado, não podia se considerar nem puro nem único.

Só podia se considerar uma abominação.

Ethan Bundy sabia bem quem e o que era. O assassino e o assassinado. Caim. Abel. Os dois — e nenhum. Deus imprimira nele a Marca para que descobrisse seu eu, para ridicularizá-lo com o conhecimento da própria dualidade, dando-lhe a consciência de que estaria condenado a vagar pela Terra como criminoso e vítima, em uma interação de dois destinos, de duas almas.

Devia ter descoberto antes; devia ter reconhecido sua alteridade interior com base na alteridade exterior dos olhos que o miravam no espelho todas as manhãs: íris pálidas com uma orla interna castanho-dourada em volta das pupilas e uma orla externa de um azul diáfano. Olhos tão claros que a mais tênue luz do sol podia ferir. Olhos que chamavam a atenção, despertando comentários. Só por isso, Bundy já deveria saber.

Bem mais tarde, depois de entrar para o FBI, é que Bundy experimentou a epifania, a descoberta de sua verdadeira natureza. Trabalhava num caso no Kentucky, nas imediações de Louisville: a habitual plantação de maconha longe de qualquer estrada e acessível apenas por uma trilha esburacada repleta de curvas. Habilidades aprendidas quase cem anos antes, nos tempos da Lei Seca e da falsificação de bebidas, ainda eram aplicadas: armadilhas no caminho feitas de lâminas e anzóis pendurados à altura dos olhos em linhas de pesca quase invisíveis, poços disfarçados repletos de cobras ou eriçados de pregos de quinze centímetros. No final da trilha, uma depressão ensolarada, à altura do peito, com arbustos de maconha verde-azulados; e um grande barraco de madeira, oculto do rastreamento aéreo por uma cobertura de galhos e folhas. Aquele não era o tipo de coisa com que o FBI se envolvia; a delegacia local e o Departamento de Combate às Drogas se encarregavam desses assuntos, mas naquele casebre havia sido descoberto um lote de dinheiro que parecia falsificado, tornando o caso de competência federal.

Os peritos examinavam o dinheiro *in loco* — envolto em plástico e tirado de sob as tábuas do assoalho do casebre — quando Bundy e seus colegas chegaram.

O técnico usava uma lâmpada ultravioleta Wood para detectar sinais de falsificação nas notas. Inclinado sobre o material, não ouvira Bundy se aproximar e voltou-se de repente ao escutar o agente do FBI chamá-lo. Quando os peritos se viraram, a lâmpada também se virou, e sua luz incidiu diretamente no rosto de Bundy. Jamais esqueceria a expressão de susto do técnico. O homem ficara chocado. Quase apavorado. Bundy conhecia bem a reação das pessoas à cor de seus olhos, mas daquela vez tinha sido diferente.

— Qual é o problema? — perguntou.

O homem desviou a lâmpada e semicerrou os olhos para examinar Bundy, como se procurasse algo que havia desaparecido.

— Seu rosto... sob os raios ultravioleta. Acho que deveria consultar um dermatologista.

— Do que está falando?

— Alguma coisa apareceu sob a luz.

— O quê? O que apareceu?

— Marcas. Não sei o que podem ser.

— Ilumine-me de novo.

O técnico fez, hesitante, o que ele pedia.

— O que está vendo?

— Como eu disse — respondeu o homem, de cenho franzido, examinando o rosto de Bundy, mas ainda pouco à vontade, como se olhasse para algo perigoso ou assustador —, são marcas em sua pele. Estas lâmpadas revelam tudo. Talvez seja queimadura de sol ou coisa parecida. Eu procuraria saber do que se trata.

O técnico desviou a lâmpada, e os dois passaram a discutir o caso. Bundy, porém, percebeu que o tom profissional era apenas uma cortina lançada pelo outro sobre o mal-estar provocado pelo que tinha visto sob a luz ultravioleta.

Bundy não se apressou em marcar uma consulta com seu médico. Em vez disso, encomendou pela internet uma lanterna de luz negra, que agora estava no criado-mudo e que levava sempre consigo. Diante do espelho, projetara o facho no rosto. E vira. Vira o Demônio e perdera o fôlego. Vira a Marca de Caim. Não apenas no rosto.

Bundy fechou os olhos, apertando com força uma mão contra a outra, e continuou orando com fervor. Como sempre fazia nessas ocasiões, terminou a súplica pedindo de novo para se tornar um ser único e para que a Marca desaparecesse. Para que a mancha em sua alma fosse expungida de seu corpo.

Levantando-se após dizer “amém”, caminhou para o banheiro e apanhou a lanterna ultravioleta de cima do criado-mudo. A luz forte do recinto salientava sua musculatura escultural, a suavidade de sua pele bronzeada. Sem manchas, sem sinais, perfeita. Por mais atribulada que fosse sua agenda, Bundy sempre conseguia reservar uma hora para a prática de exercícios com pesos, respeitando com cuidado a rotatividade dos músculos de modo que cada conjunto deles descansasse um dia, e variando os tipos de exercícios num ciclo semanal, para ludibriar a memória da musculatura. Tornara-se um mestre na manutenção do volume, da forma e da definição do corpo. Também usava cremes, filtros solares e emolientes todos os dias na pele. A cor bronzeada era falsa, aplicada com regularidade. Sabia que a mesma falta de melanina que havia tornado seus olhos tão claros deixava a pele suscetível aos danos provocados pelo sol e ao melanoma. O dermatologista que o examinara dissera justamente isso — antes de encaminhá-lo a um geneticista. Mas não era por isso que usava filtro solar todos os dias. Ethan Bundy receava contrair um bronzeamento real, pois não sabia o que ele poderia revelar ao mundo.

Examinou seu reflexo no espelho. Mesmo àquela luz pouco favorável, conseguia notar a perfeição de seu corpo, o vigor das linhas do maxilar, a bela regularidade de seus traços. Então, viu os olhos. Os olhos estavam sempre lá para lembrá-lo do quanto era impuro. Apagou a luz do banheiro e permaneceu de pé, observando seu reflexo recortado em negro pela luz fraca que vinha do quarto às suas costas. Assim, não podia ver os olhos.

“Deus, por favor, removei a Marca de mim. Por favor, perdoai-me pelo assassinato do meu irmão. Por favor, tirai a alma dele de mim, o corpo dele de mim. Por favor, perdoai-me e tornai-me uma criatura una.”

Respirou fundo e acendeu a lanterna de luz negra.

O Demônio. Caim. O Estigmatizado.

A lanterna emitia um brilho débil, dando um tom avermelhado ao banheiro escuro. E o fato de brilhar era um indício de sua ineficiência: como os raios ultravioleta são invisíveis ao olho humano, o brilho avermelhado denunciava que uma luz de comprimento de onda menor escapava pelo filtro de óxido de níquel. A amarga ironia, para Bundy, era que essa luz invisível tornava visível o que ficava oculto à luz normal. Ela desmascarava sua verdadeira natureza.

Sua prece não obteve resposta.

Ethan Bundy, com sua pele macia e bronzeada, olhou para o espelho, e o Demônio Caim devolveu-lhe o olhar. Caim, cuja pele trazia a Marca de seu fratricídio. A Marca tinha a própria beleza negra: como as de um tigre, listras de pele mais escura serpenteavam e se contorciam em seu rosto, retorcendo-se em volta do pescoço e sobre os ombros. Um V nítido, cercando uma figura em forma de diamante, aparecia no peito. O corpo inteiro estava coberto de listras coleantes, retorcidas. Dirigiu o facho para o dorso de uma das mãos, depois para o da outra. Ambas pareciam tatuadas com uma figura de diamante, de cuja base outras listras partiam para se enroscar em seus pulsos e subir, serpenteantes, para os antebraços.

Bundy foi tomado pelo mesmo sofrimento que o pungia quando observava sua verdadeira natureza.

Apagou a lanterna e acendeu a luz do banheiro. Sua humanidade voltou.

O geneticista explicou tudo em minúcias, lentamente, certificando-se de que ele estava entendendo. Mas nada ainda tinha sentido para ele. Bundy era gêmeo: não um gêmeo, mas os dois.

— Chama-se quimerismo tetragamético — continuou o geneticista. — Quimeras são gêmeos não idênticos no útero, um dos quais, detectando a presença de um concorrente, envolve-o e o absorve.

— Matei meu irmão?

— Você o absorveu — explicou o geneticista. — Dois conjuntos completos de cromossomos num único feto. Seu irmão ainda vive dentro de você. Você é ele.

Vocês são gêmeos.

— Por isso trago as marcas?

— São chamadas Linhas de Blaschko. Todos as temos. São provavelmente o caminho tomado pelas células epidérmicas durante o desenvolvimento do feto. Tornam-se visíveis em alguns distúrbios de pele, mas em geral são invisíveis a olho nu. Por algum motivo, aparecem mais em quimeras, talvez porque um gêmeo seja mais escuro que o outro. Isso pode explicar a heterocromia central, seus olhos de duas cores. Um gêmeo tem olhos castanhos; o outro, azuis.

— Odeio meus olhos...

— Não sei por quê — disse o geneticista. — São atraentes. Considere-se um homem de sorte. Muitas quimeras têm heterocromia total: um olho de uma cor, o outro de outra.

A despeito de todo aquele jargão científico, Bundy percebeu o verdadeiro significado do que ouvia. Já nascera um assassino, tendo tirado a vida do irmão no ventre da mãe, e por isso trazia a Marca de Caim. Tinha nascido um ser plural, de natureza dupla. Bom e mau.

Estava desesperado por causa de sua condição quando conheceu a senhora Yates, na época senadora com visão e ambição intransigentes, além de vontade inabalável. A senhora Yates lhe mostrara o caminho. O caminho de Deus.

A natureza inteira era dupla, ela havia lhe explicado. Muita beleza e muita crueldade. Para haver vida e crescimento era preciso haver morte. Para haver o Bem, era preciso haver o Mal. E, às vezes, completara a senhora Yates, temos de fazer coisas más para que o Bem enfim triunfe.

Bundy havia lhe mostrado sua Marca. Ela a vira. Tocara-a... Bundy completou seu ritual noturno escovando os dentes e usando fio dental. Tinha acabado de se deitar quando a porta se abriu. A silhueta da presidente Yates se desenhou na soleira, com um documento na mão.

— Ethan — disse ela em tom autoritário —, acho que precisamos fazer alguma coisa com relação ao professor Hoberman.

Parte Dois

ERA DAS VISÕES

“Algo desconhecido está fazendo algo que ignoramos.”

— *Professor Sir Arthur Eddington, astrofísico*

24

FABIAN. FRÍSIA

O *bullying* cessou antes mesmo de começar, mas logo vieram os olhares enviesados, as suspeitas, os sussurros.

Com o maxilar quebrado, três dentes frouxos, uma costela fraturada e uma concussão grave, Maartens ficou longe da escola por duas semanas, cujos três primeiros dias passou num hospital em Leeuwarden. Quando voltou, tinha a pele do rosto ainda muito pálida e distendida, além do maxilar imobilizado.

Com base em boatos colhidos aqui e ali, Fabian concluiu que Maartens tinha conseguido chegar à orla da cidade antes de desmaiar na rua. Chamaram uma ambulância e a polícia. A violência era rara numa pequena cidade costeira como aquela, e concluíram que os ferimentos de Maartens haviam sido causados por mais de um agressor. Presumindo que o ataque tinha ocorrido no lugar onde Henkje havia sido encontrado, queriam respostas, mas ele só ficou em condições de atendê-los umas boas vinte e quatro horas depois. Então, a polícia o pressionou para que revelasse a identidade dos agressores ou pelo menos os descrevesse.

E foi o que ele fez. Henkje descreveu três rapazes mais velhos, de dezessete ou dezoito anos, nenhum dos quais era seu conhecido; naquela comunidade pequena, deviam ser, portanto, de fora. Segundo Henkje, um dos rapazes havia exigido dinheiro, e ele notou que seu sotaque era estrangeiro. Quando disse aos assaltantes que não tinha nada consigo, os três o atacaram de um modo que impossibilitava qualquer defesa, derrubando-o no chão e desferindo-lhe chutes. A agressão, contou ele, havia ocorrido a uns cem metros do local onde tinha sido encontrado.

A polícia aceitou a história. A comunidade também, ansiosa por acreditar que tamanha brutalidade só podia ter vindo de fora de seu pequeno mundo. A insistência de Henkje em sotaques estrangeiros fez com que os mais velhos balançassem a cabeça com triste sagacidade, como a dizer: nos dias que correm, não é de esperar outra coisa.

Enquanto Henkje esteve fora da escola, seu bando de valentões menos ousados deixou Fabian em paz. Fabian tinha quase certeza de que não sabiam o que havia acontecido de verdade; só careciam do ímpeto que Henkje lhes insuflava e estavam abatidos demais com a indignidade da surra humilhante que seu chefe levara.

A visão de Henkje ao voltar com o rosto inchado, mais parecendo um arco-íris em tons de verde, vermelho e azul, com o maxilar imobilizado, contribuiu ainda mais para a consternação de seus asseclas. Só no segundo dia após a volta de Henkje é que Fabian o encontrou no corredor da escola, durante o intervalo das aulas e sozinho. O olhar dos dois se cruzou, e Henkje logo baixou a cabeça; nesse instante Fabian compreendeu que não teria mais problemas com Maartens e seu bando. Mas o triunfo não o embriagava: quando via o outro, o que era raro, e o grandalhão fazia o possível para ficar fora de seu caminho, Fabian sentia uma vontade urgente de lhe pedir desculpas, de se penitenciar de alguma forma, de explicar a experiência de *déjà-vu* na praia. Mas nada disso tinha sentido.

O maxilar de Henkje ficou imobilizado por um mês. Contudo, mesmo antes de o inchaço e o colorido desaparecerem de sua pele, ele já era um garoto diferente. E, quando o aparelho foi retirado do maxilar, Fabian notou também uma mudança nos outros. Primeiro os amigos de Henkje, em seguida os demais alunos da escola começaram a evitar Fabian. A desviar os olhos. Até Robin Hoekstra, a criatura mais próxima de um amigo que ele tinha e ao lado de quem se sentava nas aulas de história, passou a fugir dele. Fabian pensou em pedir explicações a Henkje, mas não o fez. De certo modo, achava conveniente que os colegas permanecessem a distância; sempre sentira que não pertencia àquele grupo, que estava à deriva no tempo, na geografia e na sociedade.

Três meses após o incidente, mas sem nenhuma conexão com ele, a família Maartens mudou-se para o interior, para Bakkefean. Agora, Fabian não precisava mais encarar sua culpa nos corredores da escola. Mas havia os outros. E os outros continuavam distantes, parecendo temê-lo. Mesmo um dos professores passou a lançar-lhe olhares estranhos.

A vida seguiu seu curso. Fabian ainda voltava à praia toda semana, buscando tranquilidade no lugar que sempre havia frequentado, mas que agora, de alguma maneira, era menos especial, como se a areia onde se sentava ainda estivesse contaminada pelo sangue de Henkje.

Acomodou-se de novo na praia, junto aos rochedos, com a vastidão do céu pesando sobre a terra e o mar. Tudo era igual ao dia do encontro com Henkje — e tudo era diferente. O céu continuava enorme, mas agora ondas de nuvens branco-acinzentadas, como velas de navios-fantasmas, deslizavam por sua extensão, e a temperatura caíra vários graus.

Mais uma vez, Fabian recordou a fúria com que tinha agido. Tornara-se uma fera, uma criatura de instintos primitivos e violência irracional. O que mais o perturbava era o fato de ter gostado daquilo, de ter saciado uma sede oculta. Nunca, em seus catorze anos, sentira-se mais impetuoso, mais vivo. Seu mundo nunca havia lhe parecido tão real.

Encostou-se à rocha, revirando a areia com uma vara descolorida pelo sol e pelo sal, os pensamentos perambulando à solta.

De repente, a mesma sensação. O *déjà-vu* que não era *déjà-vu*. Mais forte. Levantou-se de um salto, olhando ao redor. Tudo era o mesmo: o céu, a temperatura, a luz. Nada tinha mudado, mas o coração batia descontrolado em seu peito, e a pulsação retumbava em seus ouvidos. Ficou aterrorizado à ideia de que aquilo fosse o prelúdio de outro ato de violência incontrolável ou de outro episódio em que o tempo se repetisse.

Contemplou o horizonte marítimo e desviou o olhar para o promontório, as dunas e o dique às suas costas. Tudo era o mesmo, nada havia mudado. Mas algo *estava* diferente, embora lhe passasse despercebido. Por enquanto. Examinou de

novo o horizonte, percorrendo-o com lentidão a extensão de 360 graus — concentrando-se, estreitando os olhos, fixando-se em cada detalhe.

O promontório. Algo estava errado com o dedo estendido, coberto de mato e areia, que avançava, insubstancial, pelo Mar do Norte. O vago pânico de Fabian tornou-se de súbito específico, concentrado. O farol. O farol se fora. Fabian recuou alguns passos. Como podia o farol, sentinela no promontório há cento e cinquenta anos, ter desaparecido repentinamente? Fechou os olhos com força e os abriu de novo: ainda não estava lá.

Como um acesso inesperado de náusea, a estranha sensação se intensificou com rapidez, entranhando-se cada vez mais dentro dele. Era muito mais que um *déjà-vu*, muito mais que uma sensação de ressonâncias inexplicáveis: era uma mudança sísmica em sua consciência de tempo e lugar, com o universo em volta e no íntimo de Fabian se reconfigurando sozinho. Estremeceu. Outra onda, ainda mais forte.

As nuvens em forma de velas haviam desaparecido; o céu agora estava limpo. O frio no ar da tarde amenizara. Fabian sabia que não se encontrava em outro lugar — aquele era exatamente o espaço que ocupava há um segundo —, mas em outro *tempo*.

Vozes. Distantes. Às suas costas.

Virou-se e olhou em direção à terra. Assim como o farol do promontório, a delicada proeminência verde do dique também tinha desaparecido. Não havia mais um limite claro entre praia e terra; ao contrário, a areia se confundia com uma faixa cor de lama, que por sua vez se esbatia contra um emaranhado de mato, juncos e plantas aquáticas sem graça e débil. Como conseguira ele reconhecer aquela vegetação pantanosa? Por que aquela paisagem estranha não o surpreendia? Fabian foi de novo arrancado de seus pensamentos por um som de vozes. Muitas delas. Não via quem falava, mas sabia que as vozes vinham de algum ponto além da faixa de vegetação pantanosa. Para sua surpresa, percebeu que não sentia medo — nem um pouco —, mas, por instinto, sabia que devia se aproximar das vozes com cautela. Avançou para a grama alta e viu-se atolado até os joelhos. Olhando para baixo, notou que a areia clara e macia tinha sido

substituída por lama cinzenta e espessa. Arrastou-se pelo charco a passos lentos e penosos, que lhe custaram o tênis e sugaram suas meias. De novo se deu conta de que não estava surpreso: nada fazia sentido, mas tudo, de algum modo, era o que ele esperava que fosse.

Fabian suou e arquejou durante uns dez minutos para atravessar o pântano de Waddenzee e alcançar um trecho de areia seca, após o qual se estendia uma fímbria de mato alto. Já livre do abraço pegajoso da lama, olhou para os pés nus e para a calça jeans encharcada, coberta de placas de barro. O que quer que estivesse acontecendo com ele, o que quer que fosse aquilo, Fabian o via, ouvia, sentia e cheirava como coisa real. Se tinha ficado louco, todos os seus sentidos haviam enlouquecido completamente. Abriu caminho em meio aos arbustos, que o ocultavam por inteiro, até o limiar de terra firme. Afastando-os como se fossem uma cortina, espiou pela fresta com cuidado.

Uma aldeia. Ou acampamento. Ou algo entre uma coisa e outra.

Havia ali cerca de dez cabanas de madeira a espaços irregulares, em torno de uma praça de chão batido. As cabanas se erguiam uns trinta centímetros do solo, apoiadas em vigas; as paredes encardidas eram de troncos e traves amarrados, o teto de feixes de palha densamente entretecidos. Ao contrário da geometria pura, em ângulos perfeitos, da casa de tijolos de Fabian, que proclamava a independência do Homem da Natureza, aqueles abrigos pareciam orgânicos, feitos de materiais rudimentares, colhidos nas imediações — barro, palha e madeira grosseira. Eram como que parte da paisagem; fundiam-se a ela.

Uma coluna de fumaça subia, para o céu muito claro, de uma fogueira acesa na praça central de terra batida. Crianças corriam em volta, brincando de pega-pega, rindo e gritando quando se evadiam ou eram apanhadas. Pareciam um grupo qualquer de crianças, não fosse pelas roupas esquisitas. Uma mulher, saindo de uma cabana, desceu os degraus de troncos equilibrando no quadril uma espécie de balde de madeira e couro. A maturidade a envolvia como um manto pesado: era uma mulher, não uma garota, mas Fabian achou que só podia ser um ano ou dois mais velha que ele. Seus cabelos eram de um tom entre o loiro e o ruivo, puxados num coque na nuca. Bonita, com traços regulares e bem definidos; mas

Fabian podia ver, mesmo a distância, que a pele era enrugada e avermelhada no nariz e nas faces, como que por obra das intempéries. Deu um passo para trás quando ela virou para ele um rosto inexpressivo. A jovem, embora não devesse tê-lo visto escondido nos arbustos, caminhou direto para onde ele estava. Fabian recuou o quanto pôde, sem querer agitar os caules de sargaços. Agora conseguia vê-la com clareza: envergava uma túnica amarela e um longo vestido cor de mostarda com uma anágua curta por baixo. Fabian concluiu que olhava para um traje que não pertencia a seu tempo. Por um instante, considerou a insanidade de sua situação. Talvez estivesse olhando para algum tipo de teatro; talvez aquilo fosse um museu vivo, um parque temático da Idade das Trevas. Mas essa ideia não fazia sentido, não explicava o desaparecimento do farol e do dique, tampouco o fato de o pântano de Waddenzee ter mudado de lugar.

Talvez fantasmas existissem, pensou. Aquela podia ser uma aldeia de mortos.

A mulher estava agora bem à sua frente. Empunhou o balde e despejou o conteúdo no mato, quase em cima de Fabian. A água vertida era fétida, e seu cheiro quase fechou a garganta de Fabian, obrigando-o a tossir. Denunciara sua presença e já não havia o que fazer, exceto se mostrar por inteiro. Sua mente se esforçava para encontrar as palavras certas, formar frases, explicar o inexplicável.

Pôs-se de pé.

Estava agora face a face com ela, a cerca de um metro de distância. Podia ver os detalhes do bordado na faixa que atava seus cabelos e na fímbria de sua túnica; podia ver a vermelhidão escamosa no nariz e nas faces; podia sentir o odor de seu corpo, que não era de sujeira nem desagradável.

— Sinto muito... — foram as palavras que encontrou. — Não pretendia assustá-la. Eu...

Ela olhou diretamente para Fabian, como se ele não se encontrasse ali, espiou o matagal, virou-se e voltou para o lugar de onde tinha vindo. Não o vira. Fabian não estivera ali.

Aquela não era uma aldeia-fantasma. A mulher não era um fantasma. O fantasma era *ele*.

25

JOHN MACBETH. BOSTON

As pessoas, Macbeth sabia muito bem, gostavam de se assustar com histórias horripilantes. Como psiquiatra, entendia o mecanismo: o leitor de contos de fantasmas ou fã de filmes de terror simula ambientes assustadores para estimular e confundir a amídala cerebelosa, a estrutura mais antiga e primitiva do cérebro, fazendo-a acreditar que há um perigo real e imediato. Os sinais químicos enviados pela amídala ao hipotálamo, por sua vez, liberam epinefrina, norepinefrina e cortisol no sistema.

Mas, é claro, bem no íntimo todos sabem que a história ou o filme de terror não são reais e, assim, o fluxo de adrenalina pode ser usufruído como que de longe, não havendo necessidade de lutar nem de fugir. O medo se enfraquece, tornando-se apenas um acessório da diversão.

Macbeth, com seu curioso desprendimento do mundo tal qual visto pelos demais, não deixava de reparar no modo como a catástrofe e o sofrimento eram mostrados na televisão: transmitidos com modulação e entonação profissionalmente sintéticas, como se as vozes naturais fossem, sabe-se lá por quê, inapropriadas. Macbeth suspeitava de que, assim como os filmes de terror, aquilo fosse uma manipulação deliberada para manter o medo a distância. Ocasiões havia, sem dúvida, em que o verniz profissional trincava, o medo se tornava real e imediato, e os repórteres apareciam como pessoas reais. Embora estranho, essas raras ocasiões eram quando a realidade virava de cabeça para baixo, mais parecendo um filme hollywoodiano de catástrofe, como o fato surreal de aviões se arremessando contra torres de Nova York.

E era nisso que os relatos dos acontecimentos em Boston vinham se transformando. A cobertura do “tremor-fantasma”, pela mídia da Nova Inglaterra, era disparatada e confusa. O evento parecia absurdo, e no entanto pessoas haviam morrido, sem contar que quase todos no leste de Massachusetts o haviam presenciado. A sobriedade profissional tornava os espectadores ainda mais genuinamente ansiosos.

Sobretudo quando se soube que Boston não estava sozinha.

Terremotos-fantasmas na França e na Índia, ambos em sítios de abalos sísmicos históricos, deixaram pessoas feridas ou mortas. Assim como em Boston, efeitos de fortes abalos se fizeram sentir, e todos os presentes perceberam que a terra tremia e se sacudia; mas, uma vez mais, não houve nenhuma evidência física de atividade sísmica de qualquer tipo.

Já não era uma história de terror. Sérios esforços estavam sendo feitos para estabelecer de fato o que teria causado o fenômeno. A hipótese epidêmica continuou sendo aventada: um vírus ou outro agente estava atacando o sistema vestibular das vítimas. Mas a notável coincidência de todos sofrerem crises de desequilíbrio e alucinação auditiva *no mesmo instante* parecia impossível de entrar na cabeça de alguém.

Sugeriam-se, é claro, centenas de alternativas absurdas geradas por teóricos da conspiração, religiosos direitistas e outros desatinados. Os Illuminati estavam por trás de tudo, fomentando o caos a fim de instaurar sua Nova Ordem Mundial; alienígenas eram os responsáveis, disparando raios de controle mental para confundir os humanos antes da invasão em larga escala da Terra; Deus tinha resolvido punir a humanidade que se afastara Dele e começara a adorar os falsos deuses da ciência; o governo havia desenvolvido uma nova arma que dera errado ou decidira testá-la deliberadamente em Boston. Havia também aqueles que exploravam os desavisados: propalava-se que o fenômeno poderia ser controlado e conjurado à vontade, e bilhetes eram vendidos para concertos de Elvis, Sinatra e Caruso.

De modo geral, as pessoas continuaram com sua vida normal; mas os semblantes nas ruas não escondiam a ansiedade e o mal-estar, como se

desconfiassem de tudo o que vissem.

Enquanto isso, Macbeth cumpria seus compromissos em Boston como planejado. Colegas de Copenhague ligaram para perguntar se ele tinha presenciado o terremoto; teve de admitir que sim, embora isso sempre resultasse em intermináveis perguntas sobre o que havia acontecido de verdade e qual a sua opinião sobre as causas do fenômeno.

O ferimento na cabeça de Casey não era grave, como Macbeth tinha suspeitado; mas Casey não conseguia disfarçar o quanto estava confuso. Sua lógica e inteligência davam conta de quase todos os enigmas com que se defrontava, mas a experiência no restaurante ia além até da sua racionalidade. Insistiu para que Macbeth fosse morar com ele pelo resto de sua estadia em Boston.

— Você tem lá suas manias — ponderou Casey. — E eu tenho as minhas... Mas acho que podemos nos suportar por algum tempo. Não sei quanto a você, mas, depois do que aconteceu naquela noite, tenho certeza de que iremos nos entender.

Contente por ficar com Casey, Macbeth encenou certa relutância em incomodar o irmão, mas logo deixou o hotel.

A mulher atrás do balcão de recepção do hotel era jovem e atraente, com cabelos muito negros penteados de modo a deixar bem à mostra um lindo rosto iluminado por grandes olhos azuis. Macbeth já lhe falara umas duas vezes e, agora, ao fazer o *checkout*, reparou de novo na maneira como ela lhe sorria. Ela fazia justamente o tipo de Macbeth e, em outras circunstâncias, teria tentado marcar um encontro; mas muita coisa tinha acontecido para desviar sua mente do fato. Desculpou-se por sair antes da hora e disse que compreenderia se ela lhe cobrasse as diárias reservadas.

— Não há problema, doutor Macbeth. Só lamento que vá encurtar sua estadia em Boston.

— Oh, na verdade... É que meu irmão me convidou para ficar no apartamento dele até minha partida. As coisas... quero dizer, as pessoas... — Macbeth se

esforçou para articular seu pensamento. — As coisas ficaram diferentes depois do que aconteceu ontem à noite.

Ela assentiu, compreensiva.

— Bem, talvez o vejamos de novo...

— Sem dúvida — garantiu Macbeth, sorrindo.

— O senhor já esteve conosco antes, não? — perguntou ela, com aquele franzir de cenho das pessoas que tentam se lembrar.

— Não, esta é a minha primeira vez no hotel.

— Verdade? Tenho certeza de que já nos vimos... — O cenho continuava franzido.

— Não, não. — Macbeth sorriu de novo. — Acredite em mim: eu jamais me esqueceria.

Já ia se afastar do balcão quando, por cima do ombro da jovem, avistou uma fotografia emoldurada do homem de barba e cabelos negros que estivera perto do elevador. Macbeth se sentiu aliviado por tratar com a bela garota, e não com o sujeito que não havia segurado a porta do elevador para ele.

— Esse aí é o proprietário? — perguntou, apontando para a fotografia.

— Meu pai — respondeu a jovem. — Sim, este hotel era dele.

— Era?

— Papai morreu quando eu era pequena. Desde então, quem administra o hotel é minha mãe. Há vinte e três anos...

O motorista do táxi que aguardava abriu o porta-malas e ia pegar a bagagem de Macbeth quando um par de óculos escuros e um terno preto recheado com ombros largos desceu de um carro de luxo estacionado logo atrás.

— Tudo bem — disse o homem de terno ao motorista do táxi. — Vim apanhar o doutor Macbeth e levá-lo aonde ele precisa ir.

O motorista deu de ombros, fechou o porta-malas e entrou no táxi.

— Você é do Instituto Schilder? — perguntou Macbeth. — Não contava com uma carona. Precisaremos fazer um desvio, pois vou deixar a bagagem na casa do meu irmão.

— Tudo bem, senhor, depois o levarei ao Instituto, mas não faço parte dele. — Tirou do bolso do paletó uma carteira com uma identidade oficial. Macbeth viu logo as letras azuis.

— FBI?

— Agente especial Bundy. Talvez possa nos dar uma ajudazinha. Não vamos detê-lo por muito tempo, e o senhor não se atrasará para seu compromisso no Instituto.

— Bundy?

— Sim, mas nada a ver com o *serial killer* Ted Bundy. — O agente sorriu.

— Mas do que se trata? O que eu poderia fazer pelo FBI?

O agente Bundy apontou para o carro.

— Talvez possamos conversar a caminho. Não quero atrapalhar sua agenda, doutor.

Macbeth deu de ombros, deixou que Bundy pegasse sua bagagem e o acompanhou até o carro.

Macbeth foi assaltado pela mesma sensação de claustrofobia, no assento traseiro do Lincoln, que o havia dominado ao entrar na viatura policial. As janelas escuras pareciam isolá-lo da cidade que atravessavam. O motorista não se virou nem cumprimentou Macbeth quando ele se sentou ao lado de Bundy.

— E então? — perguntou Macbeth quando o carro se pôs em movimento. — O que posso fazer pelo FBI?

— Já ouviu falar em John Astor? — Bundy tirou os óculos escuros e Macbeth reparou que a cor de seus olhos era muito estranha. Semelhante a um alvo, cada olho tinha uma orla marrom-alaranjada em volta da íris, circunscrita por outra orla maior, mais clara, azul-esverdeada. Isso tornava o olhar de Bundy desconcertantemente penetrante.

— Sim, já ouvi — respondeu Macbeth. — Mas só isso. Para ser franco, sempre achei que ele era uma lenda urbana, ele e seu livro misterioso. Por que a pergunta?

— Só conhece boatos sobre John Astor?

— O nome tem alguma ressonância para mim. Mas não há conexão.

— Conexão? — espantou-se Bundy, inclinando-se para a frente.

— Tratei de um paciente... faz alguns anos, quando trabalhava no Hospital McLean. Ele exibia sintomas do que parecia ser um distúrbio de identidade dissociativa.

— E o paciente se chamava John Astor?

Macbeth negou com um aceno de cabeça.

— Não, esse era o nome que ele dava a seus "outros".

— "Outros"?

— O distúrbio de identidade dissociativa é às vezes chamado de distúrbio de múltipla personalidade. Um trauma, uma lesão ou uma patologia induz o paciente a buscar refúgio em diferentes identidades. Identidades alternativas ou "outros". Um de seus "outros" usava o nome John Astor.

— O que aconteceu a esse paciente?

— Ele não é o seu homem, fique tranquilo — disse Macbeth. — Morreu. Suicídio. Eu o perdi.

— Hum! — murmurou Bundy. Refletiu por um momento, sem desviar de Macbeth seu olhar estranho. — E já ouviu falar num grupo de pessoas que se intitulam os "simulistas"?

Macbeth franziu o cenho.

— Não. Por que a pergunta?

— Mas, sem dúvida, tem notícia do Fé Cega?

— Sim... — Macbeth suspirou, esforçando-se para ocultar sua impaciência. Olhou para a paisagem escurecida pelos vidros. — Sim, tenho notícia do Fé Cega.

— Então conhece Melissa Collins?

Macbeth desviou o olhar dos vidros.

— Melissa? O que ela tem a ver com esse assunto?

Por um momento, Bundy pareceu examinar as reações de Macbeth.

— Não sabe?

— O quê? Com os diabos... aonde chegaremos com isso?

— Sinto muito, doutor Macbeth, pensei que já soubesse de tudo. Refiro-me ao suicídio em massa na ponte Golden Gate. Melissa Collins era a líder desse grupo. Era a gerente da companhia para a qual todos trabalhavam.

Macbeth olhou demoradamente para Bundy. Ouvira falar do caso, do fato de os suicidas serem jovens, mas, estando na época em Copenhague, não conhecia os detalhes, os nomes. Melissa? Melissa era um deles? Enquanto seu cérebro processava o que Bundy acabara de lhe dizer, notou uma mancha escura camuflada pelas faixas diagonais da gravata do homem do FBI. Melissa estava morta, e Macbeth só se perguntava qual seria o fator genético para a cor inusitada dos olhos de Bundy e onde ele havia sujado a gravata.

— Melissa... — Macbeth ouviu-se dizer de novo. Esforçando-se por voltar a si, balançou a cabeça num gesto vigoroso. — Não acredito nisso. Melissa, não... Não conheço ninguém menos propenso ao suicídio que Melissa. Falo como psiquiatra profissional, mas também como alguém que se envolveu com ela. Não importa o que tenha acontecido, Melissa não se atiraria da Golden Gate.

— Lamento, mas não há nenhuma dúvida quanto a esse fato. Nenhuma. Ela não apenas saltou como parece ter induzido os outros a saltar. Isso foi presenciado por um oficial de polícia e registrado por câmeras de segurança. O senhor nunca suspeitou de que ela tivesse tendências suicidas?

— Não, claro que não. Melissa era a pessoa mais equilibrada que conheci, a última a querer tirar a própria vida. — Macbeth pensou nas palavras que tinha acabado de pronunciar: combinavam, cada uma, com o que Casey havia dito de Gabriel Rees.

— Quando foi a última vez que viu Melissa?

— Há cerca de três anos. Antes de minha partida para a Dinamarca. Nós... bem, tomamos rumos diferentes. Ela foi trabalhar como pesquisadora em Los Angeles. Não sabia que havia se mudado para San Francisco nem que tinha montado uma empresa de software; assim, quando ouvi falar no caso da Golden Gate, não liguei as informações. — Macbeth balançou a cabeça. — Ainda não consigo acreditar nisso.

— E naquela ocasião, isto é, na última vez em que a viu, ela estava ligada a algum grupo?

— Que espécie de grupo? — Macbeth se surpreendeu recriminando Bundy por sua própria confusão. Nada do que ouvia era lógico. Também se sentia confuso por não estar desolado, mas sabia que isso logo aconteceria. Fatalmente. O mundo chegava atrasado até John Macbeth, por causa da lentidão de seus circuitos internos.

— Por exemplo, alguma filiação religiosa forte ou envolvimento com comunidades ideológicas marginais. Em especial estas últimas.

— Melissa metida com cultos? Loucura. Ela não tinha tempo para religiões, oficiais ou marginais. Pelo que sei, era ateia. Não, não... Se esta é a história por trás do que lhe aconteceu, não lhe dou nenhum crédito.

Agora estavam do outro lado da praça Common, com Boston ainda esmaecida e sombria do outro lado dos vidros opacos.

— Temos provas de que ela pertencia a um grupo com todos os aspectos de um culto — relatou Bundy. Ao falar, o homem do FBI parecia destituído de expressão ou emoção. Talvez, em Quantico, essa gente recebesse lições de frieza.

— Como? Acha que Melissa estava envolvida com o Fé Cega?

— Com o Fé Cega, não. Ela alguma vez mencionou John Astor para o senhor?

— Não. Pelo que me lembre, não. Acho até que nenhum de nós tinha ouvido falar dele na época. Só nos últimos meses...

— Ela nunca mencionou Samuel Tennant ou Jeff Killberg?

Macbeth pensou por um momento e depois negou com um gesto de cabeça.

— Quem são eles?

— Uma das pessoas com quem Melissa trabalhava em San Francisco chamava-se Deborah Canning. Deborah também é de Boston. Sabe se Melissa já a conhecia antes de ir para a Califórnia?

— Se conhecia, não me contou. Mas explique-me: por que está tão interessado em Melissa se o caso é de simples suicídio?

— Não podemos descrever como simples suicídio o caso de 27 jovens se precipitando da ponte Golden Gate — ponderou Bundy. — A Polícia Rodoviária da Califórnia ainda está investigando o incidente. Meu interesse é pelas circunstâncias implícitas nele.

— Sinto no ar uma ameaça à Lei de Segurança Nacional.

— Hoje, existem por aí inúmeros cultos associados a drogas, e alguns são mesmo uma ameaça à segurança nacional. Estou apenas buscando uma possível conexão entre o que aconteceu em San Francisco e certas pessoas ou grupos de interesse. Para ser franco, é quase certo que não haja nenhuma, mas temos de fingir dedicação.

Macbeth assentiu, embora Bundy de forma alguma lhe parecesse alguém capaz de não levar uma missão a sério.

— E cá estamos... — disse Bundy com um sorriso que, sem nenhum esforço, logo iluminou seus olhos estranhíssimos. Macbeth viu que estavam na porta do prédio de Casey. — Vamos esperar que guarde suas malas e depois o levaremos ao Instituto Schilder. É o mínimo que podemos fazer por tomar seu tempo.

— Vocês não só não tomaram meu tempo como me economizaram o táxi. Mas vou pegar um até o Instituto. Tenho de fazer algumas coisas aqui antes.

— Como quiser, doutor Macbeth. E obrigado por seu tempo e ajuda.

Depois de descer e ver o motorista silencioso colocar as malas a seus pés, Macbeth observou o carro deslizar pela rua e virar a esquina. Só então constatou que estava diante do prédio de seu irmão sem ter dito a Bundy ou ao motorista onde Casey morava.

26

KAREN. BOSTON

Haviam decorrido duas semanas e uma visita ao psiquiatra depois do incidente na rua.

Karen ainda executava seu ritual das portas; ainda levava uma vida perfeitamente normal fora desses momentos abstratos de cerimônia. O doutor Corbin não se preocupara com o que havia acontecido na rua, explicando que seu distúrbio obsessivo-compulsivo não a tornava mais propensa a ilusões e alucinações do que qualquer outra pessoa; o que ela tinha visto era uma menina real, que apenas recuara para a calçada e desaparecera, ou então se tratava de um simples caso de pareidolia, em que o cérebro executa uma soma visual de dois mais dois para perfazer cinco. Isso acontecia com todos nós, assegurou ele.

Ainda assim, o episódio a intrigava. Estirada na cama, evocou o homem real que a salvara e a garotinha imaginária. Tentou se lembrar de onde já tinha visto aquele homem e entender como conhecia sua voz antes mesmo que ele falasse.

E não estava só: outras pessoas tinham visto coisas inexistentes. A cidade inteira ficara de pernas para o ar por um terremoto que não havia ocorrido. Como poderia ela saber se não tivera uma alucinação? Ou se não teria outra? Entretanto, a prioridade eram seus rituais de distúrbio obsessivo-compulsivo: precisavam cessar de uma vez por todas.

O doutor Corbin sugeriu que ela reservasse um tempo para um período intensivo de “desprogramação”, conforme o chamava. Poderia indicar-lhe uma clínica em Nova York especializada em desconstruir rituais de distúrbios obsessivo-compulsivos, tratando-os isoladamente passo a passo e, ao mesmo tempo, aplicando tratamentos para fobias persistentes. Karen resistiu, alegando

não poder abandonar tudo em troca de um “programa de desintoxicação” maluco. A reunião para tratar do caso Halverson estava marcada. Talvez... talvez depois da reunião ela decidisse.

Os patrões de Karen eram tolerantes, se não solidários até, para com seu distúrbio. De qualquer forma, esse problema não chegava a afetar seu trabalho: o escritório funcionava num edifício de linhas modernas, com decoração discreta e quase todas as salas sem divisórias. A de Karen, por exemplo, tinha largas portas duplas que nunca eram fechadas. O ritual para entrar e sair daquele recinto de amplos umbrais era mais simples e menos óbvio que o habitual: Karen se inclinava como se fosse passar por um túnel, mantendo-se o mais longe possível dos cantos, e concluía com um floreio de mãos para limpar as teias quando se erguia. Ela também se esforçava para chegar antes dos outros todas as manhãs, carregando na pasta um espanador portátil com que limpava os cantos e portais da entrada.

Mas a reunião para tratar do caso Halverson não ocorreria no escritório da firma.

O Edifício Halverson era uma construção profusamente ornamentada do século XIX, em pedra Portland; detalhes históricos por fora, mármore e carvalho por dentro. O patrão, Jack Court, e os dois colegas de Karen atravessaram o saguão, esperando, pacientes, enquanto ela completava seu ritual de entrada e examinava as cornijas do teto, os ângulos, as extremidades e ranhuras dos painéis, as estátuas de mármore em seus pedestais, e a linha onde as paredes se encontravam.

Um fato não é coisa morta. Um fato é coisa viva que pode crescer e ganhar força. Um fato sempre vivo na cabeça de Karen era que o mundo enxameava, fervilhava, pululava de insetos. Há mais tipos de insetos na natureza — nove ou dez milhões de espécies — que a soma de todos os outros animais. Noventa por cento da vida, excluindo-se bactérias e organismos unicelulares, são insetos. Eles mandam no planeta. E aquele edifício antigo, com seus incontáveis esconderijos, era um paraíso para os insetos — metidos em recantos obscuros e espaços invisíveis, só à espera...

— Tudo bem com você? — perguntou Jack Court. — Preciso que esteja bem, Karen.

Ela assentiu. E repetiu o aceno de cabeça com mais firmeza. Não iria permitir que aquilo a dominasse. Não deixaria que as pessoas a ridicularizassem ou tivessem piedade dela. Não mais. E, em definitivo, não toleraria que seu problema afastasse aquele cliente.

O grupo empresarial Halverson era um império de proporções mundiais: estava por trás de quinhentas marcas de produtos domésticos, de companhias de logística que levavam outras mil aos mercados do globo e — dizia-se — por trás da eleição de vários senadores, quando não, ao menos em parte, da atual presidente. O motivo pelo qual o próprio Drew Halverson não tinha se candidatado à presidência era, conforme se propalava num tom não muito irônico, que isso diminuiria seu poder e influência.

O fato de Halverson estar presente à reunião falava por si só sobre sua importância. Depois de uma década de rápido crescimento e fusões, o governo começou a se preocupar: o Grupo Halverson influenciava demais o destino econômico da nação, não bastasse o fato de o público ver com desagrado o estreito relacionamento dele com a presidente Yates, cujas crenças religiosas extremistas compartilhava. Corriam mesmo boatos de sessões de oração na Casa Branca.

Além dos quatro membros da equipe de Karen, compareceram um funcionário da Seção Antitruste do Departamento de Justiça e uma mulher da Comissão Federal de Comércio. Era uma criatura pequena, atarracada, que não se conformava com a meia-idade e olhava Karen com a intensa animosidade que as menos graciosas ruminam contra as belas. Os funcionários federais estavam lá a convite — parte do alardeado compromisso público de Halverston com a transparência total. Cabia a Karen e à sua equipe convencê-los de que o projeto de expansão, destinado a tornar Halverston o maior exportador nacional para a União Europeia, em vias de federalização, não violava as leis antitruste.

Ela havia passado muito tempo se preparando para essa exposição e, quando Jack Court a apresentou, estava calma, controlada, pronta. Não importava o que mais acontecesse em sua vida: Karen era uma profissional consumada.

Tomou seu lugar à frente do atril e começou a exposição. Assim como ficava desligada durante os episódios de TOC, sempre que fazia uma palestra se sentia separada de si mesma. Via-se, ouvia-se. E se saiu bem. Realmente bem. Após cinco minutos, viu no olhar de Jack Court que ele pensava o mesmo.

Karen estava conseguindo. Não havia nenhuma infração às regras da Comissão Federal de Comércio e do Departamento de Justiça. Até mesmo a mulher atarracada fazia gestos de aprovação à medida que tudo era esclarecido. O tempo todo, Drew Halverson, sentado à cabeceira da mesa de reuniões, sorria satisfeito.

No meio da exposição, aquilo: a mesma sensação que a acometera na rua pouco antes de avistar a garotinha. Como um *déjà-vu*.

Foco.

Continuou falando, agora mais depressa, mas a sensação de irrealidade, de repetição, de alteridade se intensificou. Pulou algumas linhas, fazendo com que Jack franzisse o cenho e Halverson parasse de sorrir.

A atmosfera mudou. Não ficou diferente, apenas estranha, como nunca tinha visto antes. Pesada, densa, úmida e pegajosa, colando-se à sua pele como uma roupa quente e molhada, e penetrando em sua boca, narinas e pulmões.

A luz do sol, através da janela, esmaecia. Tudo ia se tornando vago, inconsistente.

Agarrou-se às extremidades do atril, a única coisa que lhe parecia real, sólida.

Foco. Concentre-se. Supere.

Algo caiu sobre o atril inclinado. Um pequeno disco negro, do tamanho de uma moeda de centavo, que devia ter vindo do teto.

Era brilhante, com sulcos e espirais em padrões geométricos. Karen deu um pulo para trás e jogou longe aquela coisa do atril com o dorso da mão. Olhou para cima, mas não conseguiu distinguir de onde aquilo tinha vindo. Reiniciou a segunda parte, sem levantar os olhos para ver a reação da audiência. Mais três

discos caíram; dois saltaram para longe, o terceiro escorregou pelo tampo até o apoio de páginas, embaixo.

— Mas que droga... — começou Karen, agora olhando para os outros, que a fitavam do mesmo modo que as pessoas costumavam fitá-la em portas de loja. A mulherzinha gorda da Comissão Federal de Comércio abrira um sorriso malévolo. Mas era como se todos a observassem por trás de um vidro grosso, ondulado, ou de uma tela de película viscosa.

A ilusão de Karen se desvaneceu num instante. O terror que agora a invadia não deixava espaço para mais nada. Enquanto ela olhava, o disco preto se encolheu e depois se desenroscou. Uma fímbria de pernas negras, semelhantes a cabelos, projetou-se repulsivamente dos flancos do miriápode de dez centímetros de comprimento por dois de largura — e Karen ouviu a fricção de mil pés agudos sobre o papel que continha suas anotações. Um som alto e penetrante vibrou na sala: Karen gritava. A sala, a audiência e o prédio ao redor eram agora apenas superposições de contornos vítreos, ondulantes.

Um som sobre sua cabeça. Karen olhou para cima, mal percebendo que o teto do edifício havia desaparecido e a luz do dia se filtrava pelas hastes de samambaias incrivelmente altas: sua atenção se fixava na nuvem granulosa que descia sobre ela. Centenas, milhares de miriápodes retorcidos caíam sobre seus cabelos, entrando em suas roupas, enchendo a boca que gritava. O atril, o chão, tudo ficou coberto por uma camada negra, os vermes se estirando e rastejando sobre cada superfície e os corpos uns dos outros. Sobre Karen. Ela os cuspia, arrancava-os dos cabelos, pisoteava-os num frenesi. Olhou para os assistentes em busca de ajuda, mas eles tinham ido embora. O Edifício Halverson, com seus painéis de madeira, seus pisos de mármore e sua fachada de pedra Portland, já não estava ali. Nem mesmo como um esboço indistinto.

Em pânico, ela pensou: “Fiquei maluca. Enlouqueci de vez”.

Karen estivera numa sala, com um edifício em volta da sala e uma cidade em volta do edifício. Mas a sala de reuniões se fora, o Edifício Halverson se fora. Boston se fora.

O que a rodeava era uma floresta.

Os miriápodes já não caíam mais; ela porém continuava, em desespero, limpando o cabelo, o rosto e o corpo, que doía todo. Deus, Deus, Deus... Os insetos estavam dentro de sua blusa. Subiam pelas pernas. Arrancou o casaco, arranhou a seda da blusa. Estava coberta de bichos. Deslizavam por sua pele, cada qual um montículo de perninhas minúsculas picando-a. Mãos apressadas os esmagaram, espremeram, arrancaram de cima dela. Pés tripudiaram sobre o tapete negro que os insetos formavam.

Karen correu, tropeçando em buracos e raízes, levantando-se e voltando a correr... para qualquer lugar longe daquela massa fremente e retorcida de miriápodes, ainda tentando se livrar deles com sofreguidão enquanto corria. A superfície era úmida e fofa, e os sapatos de salto alto haviam sido sugados de seus pés depois de um curto trajeto. Karen corria em desabalada carreira, mas a floresta parecia não ter fim.

Aquilo era absurdo. O que havia acontecido com ela? O que havia acontecido com o mundo? “Pense, Karen”, disse para si mesma. Use sua massa cinzenta. Ache um sentido para este acontecimento. Parou para ver se tinha conseguido se livrar dos bichos. Com um arrepio, atirou o último para longe da pele.

Havia mais alguma coisa que não fazia sentido: Karen, sensível apenas ao terror, ignorava por quanto tempo estivera correndo, mas sabia que correra bastante e por um terreno difícil. Mas então por que não se sentia cansada? Respirava com certo esforço, mas não muito, como se acabasse de subir um lance de escada, e não percorrer uma extensão de floresta subtropical para salvar a vida.

A floresta. A inexplicável floresta.

Uma floresta densa e escura, mas diferente de todas as que já tinha visto. Tudo em volta era inacreditavelmente alto, embora, na maior parte, não fossem árvores, e sim samambaias de porte formidável — troncos grossos, sem galhos, coroados de frondes —, que se alçavam bem acima dela, entrelaçando-se para formar uma enorme catedral abobadada. Não havia relva sob os pés de Karen nem em lugar nenhum à vista, apenas um grosso tapete úmido de musgo e líquen. E o ar, o ar nauseante, denso e pegajoso.

Ali de pé, Karen, desesperada, tentava entender o que estava acontecendo. Uma floresta que não era floresta, um ar que não era ar, um mundo que não era o seu mundo.

Loucura.

Talvez *esta* fosse a explicação: ela estava louca. Pouco importando o que o doutor Corbin houvesse dito para tranquilizá-la, Karen não ignorava que tinha problemas psicológicos. A loucura ao redor não seria na verdade a loucura dentro dela? Será que tudo aquilo não passava de uma espécie de ilusão ou alucinação complicada?

A despeito do intenso calor, Karen notou que tiritava de frio, tremendo quase de forma convulsiva. Se aquilo era uma alucinação, tornara-se tão convincente a ponto de deixá-la em estado de choque. Um espasmo nas entranhas a fez se curvar para a frente e vomitar numa moita de brotos de samambaias. E o espasmo continuou até nada mais restar em seu estômago, enquanto a contração dos músculos deixava o seu corpo ainda mais dolorido.

Endireitando-se, limpou a boca com o dorso da mão trêmula e baixou o olhar para ver como estava. O casaco, a blusa e os sapatos tinham desaparecido; as meias estavam rasgadas e desfiadas. Ficara apenas com a saia e o sutiã. Karen, a bem-sucedida advogada, seminua e aparentemente ensandecida no meio de uma floresta estranha! Se aquilo fosse mesmo uma ilusão, era uma ilusão que tinha invadido todos os seus sentidos. Embora impossível, aquele mundo parecia real não apenas à visão, mas também ao olfato, ao paladar, ao tato e à audição.

Karen precisava encontrar ajuda, mas a densa folhagem fazia todas as direções parecerem a mesma. Decidiu tomar o rumo para o qual seu pânico a havia impelido a princípio, tropeçando pelo caminho durante uma hora, a boca seca, a cabeça latejando. Depois de perambular assim sob o forte calor, concluiu que corria um sério risco de desidratação. Necessitada de água com urgência, prosseguiu, afastando cortinas de samambaias e passando por cima de algas e rochas cobertas de musgo.

Parou, assustada. Algo se movia. À direita, oculto de seu campo de visão. Karen percebeu naquele instante uma coisa estranha na floresta: total ausência

de som. Sem canto de pássaros. Nenhum protesto dos macacos. Absolutamente nenhum barulho de animais. Nenhum indício de que algo se movesse nas imediações.

Até o momento.

Continuou parada, procurando ouvir sem atentar para o rumor da própria pulsação nos ouvidos. Outro som. Outro inseto furtivo, mas dessa vez um pouco maior. Karen, soluçante, recomeçou a correr por entre o mato rasteiro, indiferente aos tropeços, ansiosa apenas por se afastar do que quer que estivera rastejando em sua direção, oculto na folhagem.

Estava sob a superfície, a boca e o nariz inundados de água, antes que seu cérebro tivesse tido tempo de registrar a existência do rio. A floresta se abrira tão subitamente, depois de se estender densa e impenetrável até a margem, que Karen não tinha visto a larga extensão de água até cair de cabeça dentro dela. Esforçando-se para voltar à terra firme, sua mão tocou a proeminência de uma pedra achatada e lisa à qual se agarrou, tossindo, expelindo água e inspirando golfadas profundas de ar.

De novo, emitiu soluços desconsolados: seus tormentos teriam fim?

Procurou se recompor, o rosto pressionado contra a superfície lisa e fria da pedra. E mais uma vez impressionou-a a rapidez com que recuperava o fôlego, como se o ar naquele inferno verde fosse, de alguma forma, mais rico.

A pedra sob ela se moveu.

Karen se levantou de um salto. A corcova de pedra negra e polida moveu-se de novo, alteando-se mais e mais da lama arenosa. Karen não gritou: permaneceu muda, observando aquela coisa se agitar e se contorcer para sair da superfície onde havia se sepultado. Um dorso segmentado emergiu, pinças semelhantes às de uma lagosta se projetaram para fora e para cima. Karen, paralisada, continuou a observar o miriápode gigante, de três metros de comprimento por um de largura, que surgia da terra. Duas compridas antenas, segmentadas como pernas, balançaram no ar, cada qual se movendo independentemente, girando e sondando o ar, como se o degustasse. Semelhantes a uma coluna de legionários romanos abrigando-se sob os escudos, as pernas do miriápode ondularam

quando ele se pôs a andar. Ainda gelada de medo, Karen não emitiu nenhum som, nem mesmo quando as pernas do animal deslizaram sobre seu pé nu. Sem saber o que o tinha despertado de seu sono profundo, o monstruoso artrópode abriu caminho rumo ao mato rasteiro da floresta.

Karen ficou imóvel e trêmula por cerca de uma hora na beira do rio, até o céu escurecer. Com o crepúsculo, o rio ganhou vida, e a neblina começou a se erguer de sua superfície. Dois pássaros abriram voo. Mas não eram pássaros; eram libélulas com corpos de meio metro de comprimento e asas de um; e a neblina era uma nuvem de milhões de efeméridas. Uma libélula voou até onde Karen estava e, fazendo vibrar as asas diáfanas, pairou a um metro de seu rosto. Karen se sentiu hipnotizada pelos dois grandes olhos encravados como numa máscara na cabeça colorida; cada qual era um mosaico de minúsculos hexágonos, uma geometria quase sintética, tão precisa que parecia desenhada por computador e ajustada por um competentíssimo vidreiro. Apesar do medo, achou mesmo a libélula bonita.

Agora Karen sabia por que não escutava ali nenhum grito de animal. Nenhum canto de pássaro. O lugar era o império dos insetos. Seu inferno particular, absolutamente pessoal.

Nenhuma surpresa, pois, quando se virou e percebeu um escorpião que se aproximava, a cauda erguida e o ferrão apontado, as garras prontas para o ataque.

Um escorpião do tamanho de um homem.

Algo aconteceu a Karen naquele momento. Algo mudou. Como quando a libélula gigante pairava à sua frente, ela agora conseguia ver tudo sem medo. Nada ali era real. Nada daquilo estava acontecendo de verdade: não se tratava de uma negação suplicante, alimentada pelo terror, mas de uma conclusão lógica, racional. O fato não tinha coisa alguma a ver com fobias ou compulsões, e sim com uma epidemia de alucinações.

Respirou fundo e ficou completamente imóvel. Os olhos do escorpião eram globos móveis fincados no crânio da criatura, e Karen não tinha meios de

descobrir para onde se voltavam e o que podiam ver. Tinha estudado história natural o bastante para saber que havia diversos tipos de visão: alguns animais percebiam o calor e o movimento em vez da luz, ou aliados a ela. E para saber também que aquele monstro tinha visão infravermelha e via dentro dela; via até mesmo as batidas do seu coração.

Mas aquilo não era real. O escorpião não podia vê-la porque não estava ali. Ou ela não estava no mundo dele. Onde e quando tal mundo existisse, continha vida em escala colossal — e vida de insetos. Insetos. Karen, a entomofóbica, perdida num mundo irreal de insetos gigantescos, observava, usava a lógica, tirava conclusões.

Continuou imóvel até o escorpião se aproximar, passando tão perto que os pelos ásperos e eriçados do tentáculo segmentado arranharam a pele da coxa exposta pelo rasgo da saia social. De fôlego contido, Karen viu o monstro se afastar. Notou que, embora aquele fosse sem dúvida um escorpião, não era só o tamanho que o tornava diferente de todos os outros que ela já vira. Descobriu então que o animal possuía pinças imensas, mas, considerando que tudo nele era imenso, as pinças pareciam menores, em proporção ao corpo, do que nos escorpiões de tamanho normal. Renques de espinhos brotavam das pinças, como se fossem próprios para levar vítimas à boca e não apenas agarrá-las.

Ele era aquático, percebeu ela. Um escorpião aquático gigante. “E não pertencemos ao tempo um do outro. Não pode me ver, vai passar por mim em direção à água.”

“Fique quieta”, ordenou a si mesma. “Não respire. Não grite. Tudo o que está vendo é irreal.”

Karen fechou com força os olhos para expulsar da mente aquele quadro inverossímil. “Você tem uma fobia, é isso”, foi o pensamento que tentou inculcar no cérebro. “Você contraiu o tipo de vírus que está induzindo pessoas a ver coisas, e agora vê insetos porque sua mente se volta para aquilo que mais a assusta. Nada disso aqui é mais real que um sonho.”

Mas, mesmo com os olhos fechados, Karen sabia que a alucinação continuava. Na cúpula escura de seu crânio, o rastejar do escorpião ainda ecoava, o beijo

abrasivo de pernas aracnídeas na pele humana ainda pungia sua coxa.

Sentia-se estranha. Leve. As pernas cederam, e ela caiu na superfície coberta de musgo. A sensação de *déjà-vu* tomou-a de novo.

A atmosfera se tornou ainda mais diáfana. A luminosidade mudou. A floresta, vitrificada, tornou-se transparente, ondulante. Karen fechou de novo os olhos. A superfície onde estava estirada pareceu-lhe repentinamente rígida e firme.

Quando abriu os olhos, viu Jack Court e os outros debruçados sobre ela, os semblantes inquietos. Acima deles, notou o teto do Edifício Halverson tal como era antes. Ouviu a voz deles: ansiosa, em tom urgente. Quis dizer-lhes que estava bem, mas esperou um instante para se convencer de que aquele mundo era real — e o outro, não.

27

JOHN MACBETH. BOSTON

O Instituto Schilder de Pesquisas em Neurociência era uma massa caótica e angulosa de vidro e aço, construída no que fora há poucos anos um estacionamento para os outros edifícios universitários dos quarteirões próximos. Elaborado por um arquiteto finlandês com um nome repleto de vogais e tremas, o Instituto parecia a Macbeth tão fora de lugar entre seus vizinhos quanto um turista exuberante vindo de Helsinki.

Mesmo depois de tudo o que Casey havia lhe contado sobre os inimigos fanáticos da ciência e de ter encontrado um agente do FBI com nome de *serial killer*, Macbeth ficou boquiaberto com o nível de segurança no Instituto: detectores de metais semelhantes aos de aeroportos nas entradas e seguranças uniformizados com armas no cinto. Não passou por nenhuma porta antes que um membro da equipe precisasse inserir o cartão magnético na fechadura.

— Recebemos todo tipo de ameaças e alguns pacotes suspeitos enviados pelo correio — explicou Steve Edelman. Edelman, um dos diretores do Instituto e principal contato de Macbeth, era um homenzinho gordo e entusiasmado, na casa dos cinquenta anos. — Precisamos estar sempre atentos.

Macbeth passou a segunda e a terça-feira no Instituto, discutindo a agenda programada do Projeto Um. Entretanto, percebeu, ao ver os principais cientistas do Schilder sentados em volta da mesa de conferências enquanto ouviam sua apresentação, com o ruído do projetor dando ênfase ao silêncio entre os pontos mais importantes, que aquilo era uma mera formalidade. O Projeto Um de Copenhague havia deixado de ser o foco da atenção do Instituto; e suspeitou que,

como grande unidade de pesquisa psiquiátrica, boa parte de seus esforços se voltava agora para a solução do fenômeno que atingira Boston.

Essa suspeita foi confirmada quando a reunião terminou e Edelman conduziu Macbeth para o corredor.

— Há mais uma coisa sobre a qual gostaríamos de ouvir sua opinião — disse ele, o habitual sorriso desaparecendo aos poucos.

Depois que o cartão magnético de Edelman abriu caminho por várias portas duplas, Macbeth se encontrou numa parte do Instituto onde nunca estivera. Por fim, Edelman abriu uma última porta e entraram numa sala de reuniões.

As quatro pessoas sentadas à mesa se levantaram de imediato. A primeira era o que Macbeth chamaria de cientista empresarial: mais Lacoste que jaleco de laboratório; camisa polo preta, cara, de marca; celular no cinto; calças cor de areia; blusão da Ivy League e um sorriso de absoluta confiança ortodôntica. Olhou para Macbeth como se acabasse de sair de seu iate ancorado no Cape. Edelman apresentou-o como doutor Brian Newcombe, um especialista em vigilância de síndromes da Organização Mundial da Saúde.

— Esta é a professora Margaret Freeman, nossa especialista em distúrbios alucinatórios... — apresentou Edelman. Era uma mulher de meia-idade, com um jaleco cirúrgico sobre um vestido longo, tipo *kaftan*. — E estes, o doutor Frank Gebhardt e a doutora Sonia Reynolds, dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças.

Frank e Sonia vestiam roupas escuras e pareciam mais funcionários do governo que médicos. Macbeth adivinhou que o espetáculo, fosse qual fosse, seria dirigido por eles.

— O que posso fazer por vocês? — perguntou.

— As pessoas em volta desta mesa — explicou Gebhardt — representam a equipe administrativa de uma força-tarefa que a Organização Mundial da Saúde recrutou. O alvo dessa força é o fato ocorrido na semana passada em Boston e outros acontecimentos similares pelo mundo afora. Você vivenciou em pessoa o chamado Tremor-Fantasma de Cape Ann?

— Sim — respondeu Macbeth.

— E, como psiquiatra, considerou que o evento foi resultado de um episódio de alucinação coletiva?

— Para ser franco, não sei o que pensar. Mas, se tivesse de dar minha opinião, diria que foi uma espécie de síndrome de conversão ou um episódio de doença psicogênica coletiva, embora sempre tenha considerado essa espécie de diagnóstico um tanto vaga.

— Também suspeitamos da doença psicogênica coletiva — disse Brian Newcombe. — E existem paralelos com acontecimentos antigos, como os desmaios de West Bank em 1983.

— Sei de outros exemplos dessa doença, mas todos foram caracterizados pelo surgimento de sintomas físicos comuns num grupo numeroso de pessoas, como em West Bank. Algumas tiveram alucinações; mas nunca ouvi falar de um caso em que vários indivíduos partilhassem a mesma.

— A melhor comparação que encontramos é anterior a registros médicos confiáveis — disse Gebhardt, o homem do Controle e Prevenção de Doenças. — A epidemia da dança na Europa, em 1518. As pessoas começavam a dançar desatinadamente nas ruas, centenas ao mesmo tempo, até morrer de exaustão ou falência cardíaca... Mas mesmo esse caso é uma aproximação. Na verdade, não temos nenhuma analogia histórica válida.

— Mas temos inúmeros casos ocorridos no momento — replicou Brian Newcombe. — Chegaram às nossas mãos relatórios de episódios alucinatórios no mundo inteiro: não apenas terremotos, mas várias espécies de eventos, alguns inócuos e banais, outros aterradores e dramáticos. Foram alucinações experimentadas por dois indivíduos ou pequenos grupos de quatro ou cinco, e, em raras ocasiões, o tipo de alucinação coletiva vista aqui em Boston.

Macbeth concordou com um aceno de cabeça, enquanto processava a informação.

— Você não parece surpreso — observou Sonia Reynolds.

— Não estou. Tenho aqui um colega, doutor Pete Corbin, que trabalha em Belmont. Ele trata de diversas pessoas racionais e sem histórico de alucinações que lembrem as descritas por vocês. O doutor Corbin achou que fosse algo

limitado a Massachusetts, mas vem se tornando evidente que esse não é o caso. Qual é, exatamente, a disseminação geográfica?

— Global — respondeu Gebhardt. — Todos os continentes, todas as culturas. A maioria dos relatórios vem de países desenvolvidos, mas isso talvez se deva ao fato de os mecanismos de comunicação serem melhores. Fizemos análises epidemiológicas e não descobrimos nenhum padrão, muito menos indícios da fonte causadora.

— Estão tratando isso como um surto viral?

— É só o que podemos fazer por enquanto — respondeu Edelman. — Os critérios de diagnóstico habituais não são aplicáveis, e os episódios se manifestam nas quatro formas alucinatórias: congruentes com o humor, neutras em relação ao humor, bizarras e não bizarras. O tipo de personalidade, a esquizotipia, a idade, o gênero, a raça e a bagagem cultural dos indivíduos são, em todos os casos, absolutamente variáveis. Entretanto, a rapidez da disseminação dos acontecimentos sugere um vírus ou agente ambiental.

— Então descartam a hipótese de vírus no sistema vestibular?

— O que quer que ele seja — disse Gebhardt —, afeta todos os sentidos, isolado ou em combinação, portanto... não, não acreditamos num agente que perturbe o equilíbrio. Ouça, doutor Macbeth, estamos reunindo uma equipe de especialistas para monitorar e analisar esses incidentes. Gostaríamos muito que se juntasse ao grupo.

— Tenho meu trabalho no Projeto...

— Explicaremos a situação à sua universidade em Copenhague. Precisamos de alguém capaz de interpretar sistemas e padrões... isto é, alguém que não veja apenas estatísticas. E nisso você tem ótima reputação.

— Há candidatos melhores, devo dizer. Josh Hoberman, por exemplo.

— Tentamos fazer contato com ele e até agora não conseguimos. Mas, mesmo que o tivéssemos na equipe, gostaríamos que você também participasse dela. — Gebhardt empurrou para Macbeth, sobre a mesa, uma pasta vermelha. — As informações mais importantes estão aí. Como verá, houve vários incidentes há dois meses, mas, na época, ninguém os associou a esses fenômenos.

Macbeth pegou a pasta e a folheou. Encontrou um mapa-múndi marcado com siglas.

— O que significa EAC?

— Evento alucinatório coletivo. E EAI é evento alucinatório individual.

— Diabos... há dezenas deles...

— E a frequência vem aumentando exponencialmente — observou Brian Newcombe. — As alucinações vão se tornando cada vez mais comuns e mais espetaculares, envolvendo mais pessoas... além de durar mais tempo. Não bastasse isso, assumem caráter polimodal, afetando todos os sentidos. Agora, os indivíduos experimentam as alucinações como fatos reais.

Macbeth examinou o relatório. Havia um padrão comum: a rotina normal da pessoa era de repente interrompida por uma sensação de irrealidade e um *déjà-vu* forte e desagradável. De início, ela percebia que algo estava errado; que era tomada por uma espécie de crise neurológica ou psicológica; mas logo a alucinação se tornava tão vívida que a pessoa perdia toda a capacidade de pensar com objetividade. A alucinação se transformava em ilusão quando ela passava a acreditar que era real.

— Temos um problema: achamos que existem formas mais brandas desses episódios ocorrendo o tempo todo. Alucinações integradas ao mundo real — acrescentou Sonia Reynolds. — A transdução de um objeto distal para efetuar a percepção é imitada com perfeição. O real e o irreal tornam-se indistintos.

— Há outro detalhe sobre o qual precisamos lhe falar — disse Edelman em tom grave.

— Qual?

— Uma alucinação é uma alucinação, é claro. Uma coisa irreal que não deveria produzir efeito físico. As mortes e os ferimentos que ocorreram durante o tal tremor-fantasma aqui em Boston foram todos atribuídos à perda de equilíbrio da vítima. Há um caso, porém, que nos preocupa muito: o de uma mulher que teve o braço quebrado. A fratura foi provocada por fragmentos de alvenaria que caíram de um edifício danificado pelo abalo. Contudo, não houve

nenhum terremoto e nenhum dano estrutural. Portanto, nenhum fragmento de alvenaria caiu. Mas ela sofreu um ferimento real, causado por um objeto irreal.

Macbeth baixou os olhos para o tampo da mesa durante um momento.

— Mas todos sabemos que uma ilusão ou uma alucinação pode resultar em dano psicossomático. Os religiomaníacos desenvolvem ilusões que muitas vezes se traduzem em estigmas, por exemplo, feridas abertas, que sangram, nas mãos e nos pés, por onde, supostamente, Cristo foi pregado na cruz. O formigamento é comum na abstinência de drogas e na entomofobia; e, em alguns casos, quando o paciente acredita estar sendo atacado por insetos, surgem lesões semelhantes a picadas em sua pele.

— Mas um braço quebrado...

— É evidente que estamos lidando com formas extremas de alucinação — disse Macbeth. — Pode acontecer que movimentos bruscos ou espasmos musculares causem fraturas em ossos debilitados por uma doença. Procuraram algum problema médico subjacente? Osteoporose, doença de Paget, osteossarcoma?

— Procuramos, é claro — disse Newcombe. — A paciente goza de ótima saúde física. Além disso, a fratura apresentava sinais de fragmentação e impacto, sugerindo trauma violento. Ela apresentava também abrasões e lacerações na pele, indicando ter sido atingida por um objeto grande e de forma irregular.

Macbeth balançou a cabeça.

— É muito difícil acreditar em tudo isso.

— Também achamos. Mas está acontecendo — disse Gebhardt. — Doutor Macbeth, o senhor vai se juntar a nós?

— Há algo que preciso lhes dizer antes — começou Macbeth. — Além de ter tido a experiência do terremoto como os demais, tive pelo menos duas, talvez três alucinações menores em que vi pessoas ou coisas inexistentes. Se for um vírus, então estou infectado.

— Ontem à noite, meu marido me trouxe uma xícara de café em meu escritório — disse Margaret Freeman, que tinha permanecido em silêncio até o momento. — Meu marido morreu há três anos, doutor Macbeth. Todos nesta sala

tiveram percepções suspeitas na última semana. Se for um vírus, todos estamos infectados.

28

FABIAN. FRÍSIA

Embora tivesse plena certeza de que ninguém poderia vê-lo, Fabian decidiu permanecer fora de alcance, perambulando pelo lugar e usando o mato alto da praia como cobertura. A sensação de *déjà-vu* se fora — mas aquele lugar e aquele tempo persistiam. Tudo em volta, sua experiência do mundo, havia se tornado enlouquecedora; mas Fabian sabia que não estava louco. Ou talvez a loucura fosse aquilo mesmo: alguém pensar que tudo em volta se tornara insano, menos ele.

Fabian tinha agora uma visão clara do lugar e da praça central. A mulher voltara à aldeia, o balde de couro pendendo, vazio, do braço magro, como um sino da ponta de uma corda. Um grupo de aldeões havia se reunido na praça, todos com roupas que Fabian achou difícil datar. Presumiu que fossem da Alta Idade Média, sem nenhum requinte: em vez de sedas ou linho fino, tecidos grosseiros de trama simples. Os homens vestiam camisas amarradas com cintos, sem colarinho, calças sem forma exata e justas nos tornozelos, onde ficavam presas por laços entrecruzados. Eram roupas que poderiam pertencer a qualquer período do fim da Idade da Pedra, chegando aos tempos medievais. Fosse qual fosse a época, aquelas eram roupas práticas e resistentes de camponeses. Aquele povo era camponês.

Um dos homens, mais novo que os outros e exibindo uma camisa cor de mostarda, afastou-se do grupo e aproximou-se da mulher que Fabian observava. Ficaram conversando por alguns instantes. Fabian olhava-os, ao mesmo tempo indiferente e interessado. Pelos cabelos presos na nuca, Fabian concluiu que ela era casada e não tinha muito tempo para o rapaz. Impressionou-o o fato de toda a

história dos dois estar ali, diante de seus olhos, para ser interpretada. Então um pensamento o assaltou de súbito: sabia que a mulher era casada pelo estilo de seu penteado. Mas como sabia disso? Havia lido esse detalhe em algum lugar e se esquecera? Como Fabian, um estranho naquela época, podia conhecer instintivamente alguma coisa sobre ela? Por que essa experiência parecia bem mais real do que a dos catorze anos, que também tinha se passado em outra realidade?

Seus pensamentos foram interrompidos quando um homem na casa dos trinta anos, de barba comprida e armado com lança e escudo, entrou na aldeia. Fabian notou que esse homem mais velho — a pessoa mais velha que tinha visto até então — viera do lado do promontório. Caminhou para o jovem que estivera cortejando a mulher e começou a repreendê-lo com aspereza. Fabian achou estranho estar ouvindo, numa língua desconhecida, uma palavra ou outra com som semelhante ao frísio que ele e sua família falavam. O jovem se desculpou, cabisbaixo, e o homem mais velho entregou-lhe a lança e o escudo, apontando o promontório. O rapaz de camisa cor de mostarda afastou-se, envergonhado, enquanto os outros riam dele.

Fabian seguiu-o ao longo do promontório, já pouco preocupado em se esconder de pessoas que obviamente não o viam. Algo no desalento do jovem induzira Fabian a acompanhá-lo em sua solidão. Chegaram até a extremidade do promontório, onde o farol devia estar — mas não estava. O jovem se deteve, de lança em punho, contemplando o azul sedoso do mar. Fabian compreendeu por que ele fora censurado: devia fazer sua ronda de sentinela e não havia cumprido esse dever. Mas sentinela para vigiar o quê?

O rapaz depositou a lança e o escudo na relva e sentou-se de pernas cruzadas, os antebraços nos joelhos. Uma pose de descontração, mas que não o impedia, conforme Fabian constatou, de observar com atenção o ermo horizonte. Qualquer que fosse a ameaça, era real o bastante para manter o aldeão preguiçoso de olhos bem abertos.

Aquilo não podia estar só na mente de Fabian, que já se encontrava naquele mundo e naquela época havia trinta e cinco minutos. Nenhuma ilusão, fantasia

ou armadilha da mente poderia se sustentar por tanto tempo. O pânico dominou-o à ideia de que talvez ficasse preso ali para sempre. Não era propriamente o confinamento que o inquietava, e sim a solidão que o acompanharia: permaneceria invisível e intangível numa entrevida fantasmagórica. Levantou-se de um salto, procurando se acalmar. Talvez aquilo fosse apenas um sonho, talvez houvesse adormecido encostado à rocha e sonhado com tudo o que acontecera desde então. Sim, podia ser um sonho: mas diferente de todos os que já tivera, mais vívido, mais persuasivo, mais definido do que sua vigília.

Decidiu aproximar-se do rapaz e tocá-lo no ombro, empurrá-lo mesmo, para ver se ele reagia. Mas, antes que pudesse fazê-lo, o outro se levantou às pressas, deixando a lança e o escudo na grama. Protegendo os olhos com a mão em pala contra o reflexo do sol, observou com cuidado a extensão marinha, fixando a atenção em algum ponto distante. Fabian seguiu seu olhar, mas viu apenas o brilho vago da água e do céu, que se fundiam no horizonte. Voltou-se de novo para o jovem, bem a tempo de perceber sua postura tornar-se ainda mais rígida, mais tensa: o que quer que houvesse pensado ter visto antes, tinha certeza de estar vendo agora. Mais uma vez Fabian acompanhou seu olhar e, uma vez mais, nada viu. Imitou o gesto do rapaz, protegendo e estreitando os olhos diante do reflexo. Então, avistou-as: três manchas minúsculas e indistintas ao longe. Fossem o que fossem, dirigiam-se ao promontório, evitando os baixios de Waddenzee.

Barcos. Mas barcos sem velas, de bordos quase rentes à água.

O rapaz encarregado da ronda girou nos calcanhares e correu para a aldeia, como se fugisse do próprio Diabo. E chegou gritando. Um grito desesperado de uma só palavra, numa língua morta há muito tempo, mas que Fabian entendeu perfeita e inequivocamente. Uma palavra só, de um tempo esquecido, mas não esquecida. Uma palavra passada de geração em geração, durante mil anos de história, e ainda com o poder de aterrorizar.

De aterrorizar e de excitar. Agora Fabian entendia por que estava ali, o que viera descobrir. Não seguiu o rapaz de camisa cor de mostarda até a aldeia; ficou

no promontório e observou as três manchas se aproximarem, tomarem forma, tornarem-se mais distintas.

Os mastros, articulados e até então descidos para que os barcos fossem menos visíveis de longe, ergueram-se de súbito, assim como as grandes velas quadradas, uma única em cada embarcação. À semelhança das pernas de enormes besouros marinhos, fileiras de remos se projetaram de cada flanco e mergulharam na água; os três navios ganharam velocidade e fenderam implacavelmente as ondas rumo ao promontório.

Ali de pé, todas as fibras de seu corpo eriçadas por uma descarga elétrica, Fabian constatou duas coisas ao mesmo tempo: o abutre negro e gigantesco tecido no pano vermelho da vela do primeiro barco, e a sentinela da aldeia gritando de novo, em desespero, sua única palavra de alerta.

Vikings.

Nenhum temor. Não que Fabian se sentisse desligado do que acontecia ali da mesma maneira que pouco se importava com a realidade cotidiana de suas horas de vigília. Sentia-se excitado, apenas; e tinha razões para acreditar que os vikings invasores seriam tão incapazes de vê-lo quanto os moradores da aldeia.

Fabian já havia compreendido que se encontrava num mundo e num tempo no qual todas as certezas, normas de conduta e restrições com as quais tinha crescido não vigoravam ainda.

Os navios eram magníficos: construções brilhantes e esguias de sólido carvalho, com vinte metros ou mais de comprimento, parecendo deslizar em direção a Fabian sem sequer ferir a superfície das águas. O abutre negro de Odin agigantou-se na vela inflada quando o primeiro barco, impulsionado por remos que se moviam como pistões sincronizados — numa época em que nem mesmo a ideia desse recurso tinha sido concebida —, passou pela extremidade do promontório onde ele se achava. Fabian avistou os escudos redondos dispostos ao longo das forquetas e os capacetes luzidios, com viseiras, dos guerreiros. Quarenta, talvez cinquenta homens.

O segundo barco passou. Como no primeiro, um marujo estava de pé na frente, agarrado ao pescoço fino e sinuoso da figura de proa, a cabeça de um dragão, inclinado para a frente a fim de sondar a profundidade das águas e guiar a embarcação pelos estreitos que ladeavam o promontório. Fabian, leitor de incontáveis livros sobre aqueles predadores noruegueses, sabia que iriam varar os barcos na praia; e que esses barcos, de dupla proa, podiam recuar para o mar sem a necessidade de ser virados. Correu ao longo do promontório, acompanhando o avanço do último navio, acenando e gritando espalhafatosamente para os vikings, que entretanto não o viam nem ouviam.

Mesmo correndo bastante, Fabian só chegou aonde o primeiro navio aproara quando os vikings já desembarcavam. Esperava que lançassem gritos de guerra, mas eles desciam de modo furtivo e em silêncio, sem dúvida ignorando que tinham sido vistos e perdido o elemento surpresa. Em questão de minutos, cento e cinquenta homens estavam em terra. Lâminas de espadas, pontas de lanças e superfícies de escudos faiscavam vividamente ao sol. Fabian se deu conta de quão nítido e definido era tudo à sua volta; muito mais que na vida normal, como se sua visão — na verdade, todos os seus sentidos — houvessem se aguçado, ou como se alguém tivesse editado uma imagem da realidade, realçando os contornos, intensificando as cores, refinando os contrastes e proeminências. Ficou surpreso ao descobrir que os vikings não eram os selvagens peludos que sempre imaginara: tinham os cabelos penteados, as barbas aparadas, os elmos e as cotas de malha polidos e brilhantes.

Exceto por um grupo.

Vinte ou vinte e cinco vikings do primeiro barco permaneciam afastados dos companheiros, e Fabian logo percebeu que havia algo de estranho naqueles homens. Estranho e muitíssimo perigoso. Para começar, vestiam-se de maneira muito diferente; os outros envergavam cotas de malha ou gibões acolchoados, enquanto aqueles grandalhões musculosos, de braços nus, cobriam o peito apenas com uma espécie de colete de couro grosso e escuro. Alguns, em lugar de capacetes, protegiam-se com cabeças de lobo ou urso mumificadas, das quais uma cortina de pelos caía sobre o pescoço e ombros. As faces de todos estavam

enegrecidas como que de cinzas ou fuligem, salientando os dentes expostos em esgares ameaçadores, as línguas rubras pendendo de bocas escancaradas, enquanto o branco dos olhos dardejava chispas de selvageria. Ensandecidos.

Fabian notou também que aqueles homens ostentavam mais cicatrizes de batalha que os outros. Os braços nus estavam recobertos de feios vergões de ferimentos malcurados, alguns antigos, outros recentes, ainda em carne viva. Os rostos, sob a camada negra, exibiam cortes de espada e deformações: um dos guerreiros não tinha boa parte do lado esquerdo da face, onde se via um talho profundo, feito a machado de guerra, que ia da sobrancelha ao queixo, e apenas um olho esbugalhado projetando-se da máscara de fuligem.

Para Fabian, aqueles homens pareciam exemplares de outra espécie, diferentes em tudo de seus companheiros e completamente inumanos. Também ao contrário dos outros, não estavam em silêncio, mas emitiam ruídos estranhos: grunhidos e rosnados, como se sentissem dor ou estivessem impacientes. Sons animais. Fabian observou que os outros vikings cuidavam para permanecer atrás deles ou um pouco a distância. A cada segundo, pareciam ficar mais irrequietos e agitados; e, como notou Fabian, todos traziam bolsas de couro dependuradas nos pescoços nus. De vez em quando, tiravam da bolsa, com a ponta dos dedos, uma espécie de pasta esverdeada que passavam no rosto. Um deles tombou ao chão, golpeando a terra com os punhos e emitindo um grito agudo por entre os dentes rilhados. Seu frenesi intensificou a demência dos companheiros, que começaram a rugir ainda mais alto. Fabian viu outro, o que estava mais perto dele, colocar a faca na própria boca e mordê-la: o sangue escorreu pela barba negra, e seu olhar era pura insanidade.

A excitação tomou conta de Fabian. Sabia quem e o que eram aqueles homens — se é que podiam ser chamados assim. E percebeu por que os outros se postavam atrás deles: segura-se uma arma mortal pelo punho, não pela lâmina. Aqueles eram fúrias prontas para ser soltas; eram os endemoninhados, os guerreiros do inferno. Tiravam seu nome do pelo grosseiro que usavam sobre a pele nua: a “camisa de urso”, *ber serkr* em sua língua.

Eram os *berserkers*. E estavam prestes a ser soltos.

Por algum motivo com o qual não conseguia atinar, Fabian sentia a mesma impaciência, a mesma pressão interna ávida por ser liberada — e soltou um rugido que fez eco aos gritos cada vez mais estridentes dos *berserkers*. Calou-se quando o *berserker* que ainda conservava a lâmina entre os dentes cerrados e sangrentos virou-se em sua direção, cravando em Fabian as pupilas selvagens e ensandecidas. O olhar de ambos se cruzou.

Ele podia vê-lo.

Fabian estremeceu. Por um momento, a expressão vaga e insana apagou-se do rosto do *berserker*, que inclinou ligeiramente a cabeça para o lado, filetes de sangue descendo pelo gume da lâmina ainda em sua boca: parecia tentar entender o que acontecia. A euforia de Fabian também esmoreceu, sendo substituída por um medo intenso, real, de morrer ali, naquele momento, num lugar e tempo que não eram os seus.

De repente, os outros *berserkers* começaram a gritar em uníssono. O viking desviou o olhar de Fabian e voltou-se para a aldeia, oculta pelo mato. A duzentos metros de distância, cerca de cinquenta aldeões haviam se reunido, formando uma linha de lanceiros agachados e uma segunda de arqueiros atrás. Davam o melhor de si para parecerem resolutos, mas Fabian sabia que aqueles homens iam morrer — e eles também sabiam. Virou-se para o *berserker* ao mesmo tempo que o *berserker* se virava para ele. O guerreiro franziu o cenho, olhando para o lugar onde Fabian estava, mas desta vez não houve contato visual. Era claro que já não conseguia ver o garoto do outro tempo.

O guerreiro de face enegrecida afastou-se e recaiu em seu transe belicoso, combinando com os companheiros a formação de uma única massa de ataque buliçosa e violenta. Rugiram, rosnaram e silvaram como feras para os defensores da aldeia. Seus gritos e berros foram se tornando cada vez menos humanos, a cada segundo aproximando-os mais das bestas cujas peles vestiam. Um e depois outro *berserker* abriram os calções para mostrar sua ereção ao inimigo. Os outros se agitaram, batendo os pés no chão, e o grupo todo entrou em convulsão quando um único espasmo sacudiu a todos.

Um viking, belo homem loiro de cerca de trinta anos, com roupas, elmo e armas que o identificavam como chefe, correu para a frente dos *berserkers* e abriu os braços num gesto de contenção. Fabian calculou que o chefe devia ser o único guerreiro capaz de controlar, ao menos por algum tempo, o frenesi daqueles brutos. Os arqueiros aldeões dispararam uma chuva desesperada de flechas, que foram cair a certa distância do alvo. O chefe viking viu sua oportunidade de atacar enquanto eles recarregavam e, a uma palavra de comando, apontou a espada em direção aos defensores.

Foi como se uma enorme onda de raiva e violência concentradas irrompesse. Os *berserkers* gritaram loucamente e avançaram, alguns tropeçando, tamanha a sanha de destruir e a sede de matar.

Fabian esqueceu o medo e viu-se de novo tomado pela excitação, pelo impulso primitivo e animalesco do momento. Tudo o que pensava odiar naquela parte de si mesmo fez com que se sentisse, de repente, mais vivo do que nunca. Exceto, lembrou-se, no dia em que havia dado uma surra brutal em Henkje Maartens. Mas não havia espaço nem tempo para essa lembrança, que desapareceu de sua mente quando os *berserkers* atacaram com um coro de rugidos graves e gritos agudos.

Uma segunda linha de cerca de vinte vikings seguiu os *berserkers*: homens de ombros largos, que não empunhavam espadas nem escudos, mas pesadas achas de dois gumes. Em comparação com a total insanidade dos ofensores à sua frente, esses guerreiros eram disciplinados e dispunham-se em fileiras regularmente espaçadas, as achas pendentes dos ombros. Enquanto os primeiros atacavam aos gritos, os segundos avançavam em silêncio, a passos calculados, deixando que a brecha entre eles e os *berserkers* aumentasse.

Fabian correu o mais rápido que pôde, colocando-se atrás dos *berserkers*. Podia sentir-lhes o odor acre, repugnante, mais animalesco que humano. Uma segunda saraivada de flechas cortou o ar e caiu sobre os ofensores, muitas atingindo o alvo, a maioria não. Os *berserkers* feridos não tombaram nem diminuíram a velocidade do ataque: alguns agarraram as hastes das flechas e arrancaram-nas do corpo, sem se importar com as pontas farpadas que rasgavam

suas carnes; outros, parecendo ignorar que haviam sido atingidos, apenas continuaram avançando.

Aquela cena não era só a mais brutal que Fabian já tinha visto: era mil vezes mais brutal do que qualquer coisa que pudesse ter imaginado. Os *berserkers* irromperam pelas fileiras dos defensores, dispersando-os e pondo alguns em fuga, aterrorizados. Os que ficaram não podiam evitar o massacre desumano. Os agressores pareciam possessos, fora de si. Lâminas faiscavam um segundo antes de se tingirem de sangue; cada *berserker* golpeava com rapidez e repetidas vezes seu adversário num frenesi sanguinolento, cravando sem parar a espada ou a faca em seu corpo, muito depois de já estar sem vida. Alguns ofensores também estavam mortalmente feridos, os corpos lacerados, pescoços esguichando sangue, mas mesmo na agonia da morte caíam sobre os oponentes, agredindo-os com as mãos nuas, mordendo pescoços e faces até arrancar-lhes nacos de carne. O ar fumegava com o cheiro nauseabundo do sangue. E Fabian, em transe, admirava-se com o espetáculo de horror e bestialidade dos *berserkers*. Como eram magníficos!

Depois de matar o bastante para romper as fileiras dos defensores, os *berserkers* correram para a aldeia. Os defensores, que haviam perdido metade de seu contingente, tentaram se reagrupar, mas os portadores de achas já estavam em cima deles. Fabian observava, hipnotizado pelo ritmo dos golpes. Ao contrário dos *berserkers*, aqueles homens combatiam de forma mecânica. De novo, não era assim que Fabian havia imaginado um ataque viking: os homens, guardando os espaços entre si, tiraram as achas dos ombros e começaram a girá-las de lado muito antes de chegar ao alcance do inimigo, num movimento regular em forma de oito. Esse movimento não deixava brecha entre um e outro e, quando se aproximaram do que restava dos defensores, atravessaram a linha deles como se ceifassem trigo. Não houve resistência: as pesadas achas de gume duplo cortavam ar, carnes e ossos com a mesma facilidade insensível.

Os outros vikings que vinham atrás, armados de espada e escudo, ultrapassaram os portadores de achas e seguiram os *berserkers* para dentro da aldeia. Fabian acompanhou-os, o sangue a ferver. Encontrou outros corpos: uma

segunda linha de defesa tinha sido montada pelos aldeões e encontrara o mesmo destino da primeira. Cadáveres dispersos e membros seccionados marcavam o ponto onde a linha fora rompida. O rosto de um dos corpos, golpeado por lança ou espada, estava irreconhecível; mas Fabian o reconheceu pela blusa cor de mostarda, agora empapada de sangue: era o rapaz que havia ficado de vigia no promontório.

Perto da aldeia, os corpos estavam ainda mais dispersos, também de mulheres e crianças, algumas das quais claramente numa tentativa de fuga, mas, perseguidas, tendo acabado com as costas em carne viva e a parte posterior do crânio esmagada.

A jovem que Fabian avistara ao se aproximar da aldeia jazia perto da cabana de onde a vira sair. Estava estirada de costas, os olhos azuis sem vida voltados para o céu sem nuvens. Seu vestido tinha sido levantado até o peito, deixando expostas as coxas brancas, e os seios níveos apareciam por entre os rasgões da túnica de colarinho bordado com esmero. Uma única perfuração de espada, surpreendentemente sem hemorragia, marcava no peito o local onde um *berserker*, depois de violentá-la, lhe desferira o golpe mortal. Fabian contemplou a cena cruel e patética daquela morte, intrigado por não se preocupar nem um pouco com o sofrimento da mulher.

Ao entrar na aldeia, notou que os *berserkers* estavam mais enlouquecidos que nunca. Agora golpeavam todos e tudo que encontravam pela frente. Crianças jaziam dilaceradas ao lado de animais domésticos, e alguns *berserkers* caíam sobre as mulheres, estuprando-as no chão nu da praça e rugindo como feras. Quando os outros vikings chegaram ao local, com o chefe à frente, tentaram conter a todo custo os *berserkers*, levando as mulheres e crianças para um canto da praça. Qualquer conclusão que Fabian pudesse ter tirado de que aquilo era fruto de um senso de humanidade dissipou-se quando um menino de cerca de doze anos tentou escapar. Um viking o segurou e trespassou-lhe a garganta até a nuca com a espada, atirando-o sem vida ao chão: uma advertência aos outros que planejassem fugir. A calma, a frieza e a agilidade do assassinato pareceram a Fabian bem piores que o arroubo ensandecido dos *berserkers*; e ele constatou,

por fim, que aquelas mulheres e crianças não estavam sendo poupadas por bondade dos vikings, mas sim por seu valor como butim: eram escravas a serem mantidas ou comercializadas.

Os *berserkers* se reuniram na praça da aldeia, o olhar ainda selvagem, ofegantes e irrequietos a despeito do fato de alguns estarem mortalmente feridos, mas tão insensíveis ao próprio corpo, a ponto de não sentir que iriam morrer.

Fabian obteve sua resposta. Agora sabia o motivo de ter sido levado àquele lugar para ver aquela cena; descobrira de onde provinha a violência que descarregara contra Henkje Maartens. O que quer que corresse nas veias daqueles homens, corria nas dele também.

A sensação o invadiu de novo. O mundo se transformou, o céu mudou de tom, o ar mudou de textura. Fabian, desorientado e zonzo, sentiu-se perdido no tempo e no espaço.

Tudo se fora. A aldeia, os vikings, os cadáveres, o odor nauseabundo de sangue. Fabian não precisou virar-se para saber que o dique reaparecera às suas costas ou que o farol voltara a fazer seu papel de sentinela no lugar em que um jovem de camisa cor de mostarda, morto há mil anos, observava o mar à procura de navios piratas.

Quando se virou, um homem que passeava com o cão ao longo da praia se aproximara do ponto onde estava sentado, encostado à rocha.

Era velho, numa época em que essa palavra se aplicava a pessoas com mais de sessenta anos, e não a quem entrava nos quarenta. Seus cabelos brancos revolviam-se ao sopro da brisa marinha. Os olhos, pousados em Fabian, faiscavam de horror.

— Você viu? — perguntou com voz trêmula, aterrorizada, uma voz infantil num corpo de ancião. — Você viu também?

29

JOHN MACBETH. BOSTON

Já no apartamento de Casey, após a conversa no Instituto Schilder, Macbeth checou seus e-mails e encontrou três mensagens longas de Poulsen, em Copenhague, cada qual fazendo perguntas específicas às quais não poderia dar respostas completas sem ter acesso direto à sua equipe. Aquilo, concluiu Macbeth, só podia significar uma coisa: Poulsen o queria de volta a Copenhague.

O arquivo-fantasma em seu *desktop* logo começou a zombar dele, assim que saiu do e-mail. Não abriu, como adivinhara que não abriria; Macbeth clicou repetidas vezes no ícone habitual, de maneira um tanto compulsiva, como alguém mexendo na casca de uma ferida que não deveria tocar. Melissa é quem ocupava seus pensamentos; e ele sentiu algo frio, opressivo, começando a dominá-lo: a adiada sensação de perda que, não ignorava, cedo ou tarde viria à tona.

Casey havia lhe dado uma cópia da chave do apartamento, e a primeira coisa que Macbeth fez depois de Bundy deixá-lo na entrada do prédio foi anotar os nomes que o agente do FBI havia mencionado, enquanto ainda estavam frescos em sua memória.

E agora, sentado ali sozinho, com Casey em seu trabalho no MIT, Macbeth entrou na internet e pesquisou os nomes. As pessoas, hoje em dia — conforme explicara a Casey na tentativa vã de justificar suas mensagens ao pai, morto há um ano —, existiam não apenas fisicamente, mas também virtualmente. Melissa podia estar ainda em algum lugar — um fantasma feito de dados eletrônicos dispersos.

Encontrou o *website* de sua empresa, bem como umas dez referências a ela e a seu trabalho, inclusive um perfil profissional dela no Chronicle. O *website* da empresa é que mais o perturbou. Na página “Sobre nós”, Melissa aparecia de frente numa foto, em meio à sua equipe. Todos exibiam jovialidade, informalidade e calma, credenciais imprescindíveis numa empresa em expansão. No entanto, estavam todos mortos. Ninguém tinha apagado o *website* porque ninguém sobrevivera para fazer isso: era um *Mary Celeste* afundando nas águas da internet.

Ao ler a legenda da foto, Macbeth descobriu que a diretora da empresa se chamava Deborah Canning. Checou de novo a anotação que fizera depois de falar com Bundy: o nome Deborah Canning estava lá. Macbeth percorreu a lista completa das vítimas do suicídio em massa na Golden Gate: Deborah Canning não constava dessa lista. Nem todas as pessoas ligadas à empresa haviam morrido, afinal. Talvez fosse ela que Bundy procurava.

Buscou o nome John Astor. Macbeth ouvira boatos sobre ele, é claro: todos pareciam ter ouvido, mas ninguém sabia quem o homem era na verdade. A internet, surpreendentemente, trazia pouquíssimas referências a John Astor. Os resultados da pesquisa não iam além dos dois John Jacob Astor da célebre família: o primeiro era fundador da dinastia, e o outro, um descendente de mesmo nome, havia morrido no naufrágio do *Titanic*.

As alusões ao Astor contemporâneo estavam em *sites* conspiratórios, um dos quais alegava que o FBI e a segurança nacional haviam bloqueado todas as páginas referentes ao “grande pensador simulista, John Astor”. Macbeth se lembrou de que Bundy mencionara os “simulistas”. Farto de ler as habituais advertências paranoicas sobre conspiração global, Macbeth decidiu interromper a caça aos fantasmas e tentar os outros dois nomes citados pelo agente do FBI.

Encontrou-os com facilidade.

Jeff Killberg fora um dos maiores especialistas em efeitos especiais do cinema. Sua empresa produzira as imagens geradas por computador dos filmes de maior sucesso dos últimos cinco anos, e ele sofrera um ataque a bomba do Fé Cega

dezoito meses antes. Macbeth não era capaz de compreender por que fanáticos religiosos consideravam efeitos especiais uma ofensa a Deus.

Killberg, uma mescla de genialidade em tecnologia e criatividade, escondia suas cartas e patentes, fazendo sozinho a maioria das pesquisas e aperfeiçoamentos importantes. Às vezes, “delegava” alguns elementos a funcionários e empresas de fora contratadas, mas nada que pudesse dar a mínima ideia do conceito central ou inovação em que estivesse trabalhando — a mesma metodologia do professor Blackwell, tal qual descrita por Casey.

Killberg anunciara há pouco tempo que estava prestes a divulgar uma nova tecnologia de efeitos visuais que faria estremecer os alicerces da indústria cinematográfica, proporcionando aos espectadores uma experiência inédita, de envolvimento completo. A tecnologia nunca fora revelada: haviam encontrado Jeff Killberg morto, com sinais de tortura e horrivelmente mutilado, em sua propriedade de Pacific Heights. Alguém muito habilidoso fizera o serviço nele com alguma espécie de lâmina. A central de computadores no subsolo da casa de Killberg fora sistemática e inteiramente vasculhada. A despeito do ataque a bomba anterior, perpetrado por motivos religiosos, a suspeita dessa vez recaíra nos concorrentes comerciais de Killberg. A indústria de efeitos gerados por computador tivera, por assim dizer, a garganta cortada.

Uma coisa perturbava muito Macbeth: uma das empresas contratadas por Killberg era a produtora de tecnologia de jogos de Melissa.

Samuel Tennant.

De novo, a pesquisa foi fácil. Havia várias referências a Samuel Tennant na internet: fotografias, artigos, fóruns. Tennant, ao que se depreendia, tinha tudo: boa aparência, cérebro, dinheiro. Muito dinheiro.

Tennant era duas vezes rico, pois tinha herdado uma fortuna de família e amealhado um segundo cabedal com as empresas que havia fundado. Formado em biologia molecular no Caltech, combinava visão científica com faro comercial. As empresas de pesquisa e desenvolvimento na área biotecnológica de sua rede sempre conseguiam contratos importantes com o governo. Mas o setor mais bem-sucedido do império Tennant no âmbito comercial era a pesquisa

em cosméticos. Ele havia patenteado inúmeros agentes antienvelhecimento para a pele que os fabricantes de produtos de beleza pagavam caro para obter.

Tennant — ao contrário do discreto e mesmo arredio Killberg — cultivava uma imagem de *playboy*. A imprensa não se cansava de publicar fotos dele em locais onde os jovens, ricos e glamorosos faziam questão de ser vistos.

Uma dessas fotografias apanhou Macbeth desprevenido. Era um instantâneo tirado quando Tennant deixava uma festa elegante em Platinum Triangle. A garota que ele conduzia pelo braço era magra, com cabelos negros até os ombros e impressionantes olhos azuis. Ela parecia feliz; por todo o tempo em que haviam estado juntos, Macbeth não se lembrava de tê-la visto alguma vez tão descontraída, tão completamente satisfeita como na fotografia.

Ficou sentado, olhando a imagem por longo tempo, aquela sensação desagradável assumindo uma forma cada vez mais definida. Melissa estivera ligada àqueles dois homens mortos: com um, pelo lado profissional; com outro, pelo pessoal. E havia mais na história de Tennant. Muito mais.

Corriam fofocas de imprensa, teorias da conspiração e especulações que beiravam o absurdo. O artigo mais confiável era do *New York Times*. Dezoito meses atrás, Tennant, o homem das festas e da boa vida, desaparecera de repente do radar social da Costa Oeste. Mesmo seus colegas e funcionários passaram a ver cada vez menos o jovem ricaço — e os que o viram ficaram alarmados com sua surpreendente magreza. A última foto na imprensa, com um Tennant esquelético mal conseguindo rechear o terno caríssimo, confirmou que havia algo muito errado com ele. Presumiu-se que o rapaz havia contraído uma doença grave, talvez câncer, e sua privacidade fora respeitada.

Mas não havia câncer nenhum.

A manchete do *Times* alardeava: AUTÓPSIA REVELA QUE EMPRESÁRIO DA BIOTECNOLOGIA MORREU DE INANIÇÃO. Essa foi uma das histórias que, na época, não chamaram muito a atenção de Macbeth: história estranha, sem dúvida, mas ocorrida em tempos de geral e crescente estranheza.

Tennant fora encontrado morto em sua cobertura de Nova York, para onde se retirara, ao que tudo indicava, a fim de ficar longe dos colegas da Califórnia.

Cada vez mais recluso, não permitia sequer que o pessoal do serviço e da limpeza entrasse no apartamento, e quase nunca era visto fora dele.

Sua reclusão tinha se transformado em invisibilidade completa e silêncio total.

Por fim, muito preocupados, a família e os colegas de Tennant entraram no apartamento, com a ajuda da polícia e da administração do prédio. O que viram foi uma cena das mais bizarras. Tennant estava sentado no meio de sua luxuosa sala, rodeado por móveis exclusivos, quadros e esculturas avaliados em dois milhões de dólares. O apartamento, com controle de temperatura e umidade, também continha meio milhão de dólares em equipamentos eletrônicos de alta tecnologia. Trinta mil dólares em dinheiro vivo foram encontrados na gaveta de uma escrivaninha, e em seu guarda-roupa só se viam roupas caras, feitas sob medida.

Porém, em lugar algum havia o que comer, exceto três maçãs na geladeira. Os armários da cozinha estavam destituídos de alimentos, porém repletos de vitaminas e energéticos. E frascos com hormônios do crescimento humano eram a única coisa, além das três maçãs, que a geladeira continha.

Em meio a tudo aquilo, como que contemplando o Central Park lá embaixo através de largas janelas, estava Samuel Tennant, o empresário de trinta e quatro anos, morto — e morto há três semanas. Durante esse tempo, o ar-condicionado desumidificador que ele havia instalado para manter os computadores e equipamentos eletrônicos em bom estado, além da penúria de massa gordurosa em seu corpo, tinha iniciado um processo de mumificação. Avaliações acuradas não eram possíveis, mas calculou-se que Tennant, no momento da morte, pesava apenas quarenta quilos.

Macbeth recostou-se no espaldar, olhos fixos na tela, tentando descobrir que conexão havia entre a morte estranha de Tennant, o horrível assassinato de Killberg e o inexplicável suicídio de Melissa.

Havia voltado ao artigo sobre o episódio da Golden Gate e anotado o nome do oficial de polícia que vira tudo, quando ouviu a chave de Casey girar na fechadura.

30

JANG. PROVÍNCIA DE GANSU

Diante do espelho, penteou os cabelos loiro-avermelhados para trás, expondo o rosto oval e a testa ampla e pálida, acima dos olhos verdes brilhantes, antes de prendê-los na nuca com o grampo que mantivera entre os lábios cerrados.

Uma pessoa estranha a encarava do espelho. Ou pelo menos partes de uma pessoa estranha. Seu rosto falava de dois mundos, de dois hemisférios, mas não pertencia a nenhum. Os detalhes do rosto — maçãs salientes, olhos puxados, boca pequena, em formato de coração — eram de uma chinesa han; o contorno e os traços em geral, além da cor da pele e dos cabelos, eram europeus. Isso poderia fazê-la parecer filha de pais com origens diferentes, mas ela não era. Parecia exatamente o que devia ser, como muitos em sua aldeia, mas poucos num país de um bilhão e trezentos milhões de habitantes.

Crescendo em Liqian, Jang Xushou não se sentia estranha nem diferente, porque ali muitas outras pessoas tinham os cabelos cuja coloração ia do ruivo ou loiro ao castanho-escuro ou avermelhado; os olhos, do castanho ao verde ou azul-claro. Esse fora um aspecto aceito na infância, quando seu universo não ia além dos restos das muralhas da cidade antiga, na orla da aldeia. Apenas quando entrou para a escola secundária na povoação vizinha é que Jang Xushou percebeu que havia algo de diferente, de estranho em sua aldeia — e nela própria.

Foi então que ouviu a lenda dos legionários: romanos altos e loiros, separados de seus comandantes durante a fatídica expedição de Marco Licínio Crasso contra os partas. Rezava a lenda que os legionários sobreviventes da batalha acabaram indo ao extremo leste, perdendo-se no Deserto de Gobi. Chegando à

orla desse deserto, encontraram refúgio na aldeia de Jang Xushou, então uma cidade fronteiriça, onde se puseram a serviço da dinastia Han.

Logo Jang Xushou e seus iguais começaram a ser alvo de zombarias. À medida que os limites de seu mundo se dilatavam, dilatava-se também a compreensão do que era ser diferente; do que era ter a cabeça loira num oceano de negras cabeças chinesas. Com a idade, foi se afastando cada vez mais das outras pessoas. Literalmente. Mulher, a genética fizera-a ser mais alta, aos treze anos, do que muitos de seus professores homens na escola. Numa idade e num ambiente no qual a adequação e a aceitação eram tudo, Jang Xushou se via objeto de olhares hostis e apelidos: o mais usado era *wai guo ren*, "estrangeira".

O isolamento não a levara a se envergonhar de sua individualidade, mas a valorizá-la, a acatá-la. Acolhia bem os apelidos, transformando insultos em cumprimentos e apreciando sobretudo a alcunha de *lijian*, que significa "grega" ou "romana". Sua herança se tornou uma paixão, uma obsessão. Passava horas lendo o que lhe caísse nas mãos sobre o Império Romano, o povo e a cultura da Europa. Colava fotografias de artistas e modelos ocidentais na parede.

Depois, quando ficou mais velha, notou que a atitude a seu redor tinha mudado. Turistas começaram a visitar Liqian para admirar os aldeões, que se exibiam com orgulho e às vezes ganhavam dinheiro para dar entrevistas à imprensa chinesa ou estrangeira. Um dia — e desse dia ela não se esqueceria nunca —, uma equipe de televisão italiana apareceu na aldeia. A princípio, ficou desapontada porque os homens italianos da equipe não eram muito mais altos que a média dos chineses han, tendo os mesmos cabelos negros. Mas então viu uma repórter, vestida de calças *baggy* e casaco de moletom, os cabelos presos por uma presilha atrás da cabeça. Seu cabelo. Um cabelo loiro-acastanhado, exatamente da mesma tonalidade do de Jang. Jang Xushou achou aquela jornalista italiana a mulher mais bonita que já tinha visto. Não se conteve de alegria quando a italiana a viu e, reconhecendo-a como uma das jovens "romanas", aproximou-se e conversou com ela da melhor maneira que pôde, auxiliada pelo intérprete atarracado e sisudo do governo.

Depois da partida da equipe, Jang procurou uma amiga que tinha uma presilha de cabelo igual ao da italiana e comprou-o por muito mais do que ele valia. Desse dia em diante, Jang Xushou passou a usar o cabelo penteado para trás e preso na nuca.

Cerca de um ano após a visita dos italianos, vieram pesquisadores da Universidade de Lanjou. Tiraram fotografias da aldeia, examinaram as ruínas da cidade antiga e conversaram com os moradores. Entre os pesquisadores, havia especialistas interessados exclusivamente nas trinta famílias que, segundo consenso geral, pareciam *wai guo ren*. Com as mãos enluvadas, pediram a Jang Xushou que colocasse um cotonete dentro da boca e esfregasse a mucosa interna, colocando em seguida o cotonete num tubo de ensaio, que foi lacrado. Cada um de nós, explicaram eles, tinha dentro de si uma história secreta, escrita em espirais. A tarefa deles consistia em decifrar essas histórias. Jang fitou-os com seus olhos verde-claros do modo franco e atrevido que, na escola, lhe trazia tantos aborrecimentos, e comentou:

— DNA? Posso ser uma garota de aldeia gansu, mais sei o que é DNA.

Os especialistas riram e afirmaram que já haviam feito testes com as outras trinta famílias; iriam demonstrar se ela era ou não uma descendente distante de um romano.

E demonstraram. Ou, pelo menos, quando os resultados enfim chegaram, os excitados aldeões tiveram a comprovação de sua antiga crença: eram quase tanto europeus quanto chineses. Os arqueólogos da equipe também confirmaram que a aldeia havia sido, de fato, o sítio da antiga fortaleza que guardava a fronteira ocidental do Império Han. O governo, porém, sustentava que os resultados só provavam uma coisa: que Jang Xushou e as outras famílias de *lijians* pertenciam a algum subclado do grupo étnico han.

Mas Jang Xushou nunca deixou de acreditar.

A vida foi aos poucos voltando ao normal depois disso, apesar das lojas de suvenires e cafés ao estilo romano abertas por empresários locais de olho nos turistas, que chegavam em número cada vez maior. Jang fizera a própria pesquisa e descobrira que outras pessoas, na região de Gansu e mais além,

partilhavam seus traços estrangeiros. Lá não havia traços de legionários, mas de celtas, de tocarianos, dos *Wusun* — os Netos do Corvo —, que, um milênio e meio antes, Yan Shigu havia descrito como macacos: selvagens de olhos verdes e cabelos vermelhos.

Vasculhou a internet, o que era mais fácil e proveitoso do que visitar a biblioteca mais próxima em Yongchang. Leu sobre povos misteriosos e os corpos de três mil anos encontrados em perfeito estado de conservação no Deserto de Taklamakan; viu fotografias do Homem de Cherchen e da Vênus de Loulan: gente alta, loira e de cabelos vermelhos que vivera no oeste da China há cerca de três milênios. Jang sabia que, provavelmente, a origem de sua aparência distinta se devia àqueles povos, e não a alguns romanos míticos, mas ainda assim agarrou-se com teimosia à ideia fantasiosa de ser a Filha do Legionário.

Agora, preparando-se para deixar a aldeia natal a fim de frequentar a universidade em Lanjou, preparava-se também para uma vida de estrangeira em seu próprio país. A identidade de Jang tornou-se então ainda mais importante para ela. À tarde, ia até a orla da aldeia para ver o sol se pôr atrás das montanhas Qilian e contemplar o deserto, onde a luminosidade esmaecida e as nuvens de areia criavam ilusões de óptica, conjurando a silhueta imaginária de uma falange distante.

Logo correu a história da Era das Visões.

Começou com relatos de estranhos acontecimentos em cidades grandes, longínquas: relatos de terceira mão que iam ganhando força através da lente de aumento do falatório aldeão. Falava-se de pessoas que tinham visto seus ancestrais, ido a tempos passados, testemunhado eventos cataclísmicos ou contemplado uma lua vinte vezes maior no céu diurno. Os aldeões mais velhos e supersticiosos mencionavam as velhas religiões com suas histórias de uma Era das Visões que assinalava o Fim do Mundo e a volta de *Hundun*, o espírito do Caos que precedera o início dos tempos. Um ancião, Jia Bao, que era chinês hui e supostamente adepto fiel do Islã, anunciou com estardalhaço que os estranhos acontecimentos se deviam ao fato de a Muralha do Céu ter sido violada. Contou

que isso já havia sucedido uma vez na história da humanidade, mas o Deus-criador Nüwa fechara a brecha com o próprio corpo.

— Se o que diz é verdade — Jang ouviu um aldeão perguntar —, o que será de nós se a Muralha for arrombada de novo?

Jia Bao deu uma tragada profunda em seu cachimbo, à maneira dos sábios anciãos de outros tempos.

— Segundo as lendas, o céu e a terra colidirão, e tudo acabará.

Até então, eram especulações sobre fatos distantes: a excitação de uma ameaça longínqua. Mas logo circularam rumores sobre pânico nas ruas de Lanjou, onde pessoas fugiam de monstros inexistentes. Em seguida, sobre eventos estranhos em Yongchang. No entanto, Jang só percebeu que algo de muito grave estava para acontecer quando uma mulher da sua aldeia, surda há vinte anos, garantiu ter ouvido um som, vindo do deserto, de homens marchando e metais se entrechocando. A partir de então, Jang passou a ficar sentada, horas a fio, na orla da aldeia, os olhos fixos no areal. Esperando.

A legião estava a caminho.

31

JOHN MACBETH. BOSTON

Quando Casey voltou, Macbeth contou-lhe sobre o encontro com Bundy, o que descobrira a respeito dos nomes mencionados pelo agente do FBI e as ligações de Melissa com dois homens mortos, além do interesse de Bundy em John Astor e nos simulistas.

— O sujeito parece querer saber mais sobre eles do que sobre o Fé Cega, que em minha opinião seria a maior prioridade do FBI — explicou Macbeth. — Já ouviu falar dos simulistas?

— Já — respondeu Casey. — Mas também ignoro por que o FBI estaria interessado neles. São um ramo insignificante da comunidade científica. Um tanto esquisitos, mas com certeza inofensivos.

— E John Astor?

— O chefão deles. Pode ser uma pessoa real ou não. Dependendo do que acreditam.

— Não entendi.

— Religião e ciência não se misturam. Como eu já disse, a primeira só existe na ausência da segunda. Contudo, os simulistas são homens da ciência que acreditam na necessidade da religião. A seu ver, há uma tendência humana a crer em alguma coisa, pouco importando que seja falsa. Assim, fizeram da ciência a religião deles. Acham que Deus ainda não existe, mas vai existir. Porque vamos criá-lo. A ciência nos tornará Deus.

— *Estamos nos tornando*... — murmurou Macbeth. — O grafite que tenho visto por aí.

— São eles. Para os simulistas, não haverá Juízo Final, apenas a Singularidade, quando o Homem e a tecnologia se combinarem numa forma de vida e o humano se transformar em pós-humano. Já ouviu falar na Terceira Lei de Clarke?[1]

— Para dizer a verdade — respondeu Macbeth —, ouvi, sim: “Toda tecnologia suficientemente avançada não se distinguirá da magia”.

— Não me sinto nem um pouco surpreso por você saber disso. — Casey esboçou um sorriso irônico. — De qualquer modo, os simulistas estão um passo à frente. Para eles, toda forma de inteligência humana suficientemente avançada não se distinguirá de Deus. Acreditam que seja nosso destino emergir da futura Singularidade como pós-humanos, depois super-humanos, em seguida semidivinos e por fim divinos.

— E Astor?

— É o profeta deles. Dizem que escreveu um livro críptico enterrado no mundo virtual, só acessível aos escolhidos. Trata de ciência, mas também de misticismo. Assim como a suposta trindade da natureza de Deus, a natureza de Astor é, segundo consta, uma dualidade: virtual e física. A parte simulista de tudo isso vem da crença de que, como pós-humanos superinteligentes, criaremos supersimulações de pessoas, mundos e universos, indistintos da realidade. As pessoas que viverem nessas simulações ignorarão que são irreais. Seremos os deuses da realidade delas.

— Isso parece uma seita. E uma seita de merda.

— Não mais que as religiões existentes. Deparo-me com coisas estapafúrdias em meu trabalho, infinitas possibilidades e impossibilidades. Coisas que parecem magia, mas não são, pois sempre há equações ou princípios para explicá-las. Acho que o simulismo começou como uma brincadeira ou um exercício intelectual; talvez quem sabe para ilustrar a falácia das religiões. Mas, pelo que se diz, o livro de Astor contém alguma espécie de revelação. Uma revelação científica, não religiosa, e que de qualquer maneira induziu muitos simulistas a levar suas crenças a sério.

— Você sabe muita coisa sobre o assunto.

— Foi muito comentado no MIT durante algum tempo. Mais ou menos como a física quântica. Mas, depois que perdeu a graça, caiu no esquecimento.

— Sabe se Gabriel Rees estava envolvido com eles?

Casey deu de ombros.

— Não sei. Mas é bem possível.

Os últimos dias em Boston foram um período difícil e confuso para Macbeth.

Como todos, passou a acompanhar o noticiário com mais assiduidade. Apareceram novos relatos de acontecimentos bizarros no mundo inteiro, mas relatos objetivos de experiências subjetivas eram simplesmente impossíveis. Além disso, ninguém podia ter certeza de se as alucinações tinham ocorrido de verdade ou se eram invenções para os quinze minutos de fama de Andy Warhol.

Porém, havia outras ameaças mais tangíveis a serem relatadas. Uma das consequências das visões havia sido um aumento acentuado da religiomania: fundamentalistas de todas as cores tornaram-se mais fundamentalistas; radicais tornaram-se mais radicais; extremistas, mais extremistas. Cada clérigo via nos acontecimentos uma justificativa para o próprio ramo de superstição e intolerância. Nos Estados Unidos, pregadores revolucionários anunciavam a iminência da Salvação, semeando ao mesmo tempo a xenofobia, o sectarismo e a desconfiança; na Europa e no Oriente Médio, mulás e aiatolás conclamavam os fiéis à *jihad*. Um vendedor de automóveis discreto, branco e divorciado, que segundo seus conhecidos nunca pusera os pés fora do território continental dos Estados Unidos, entrou no vestíbulo apinhado de gente de uma empresa de software em Washington. Gritando *Allahu Akbar*, detonou a bomba que trazia na mochila, matando oito pessoas próximas e a si mesmo. No mesmo dia, um atirador não identificado de traços árabes abriu fogo contra clientes de uma loja da Apple no Oregon, liquidando sete deles antes de ser abatido pela polícia.

Enquanto isso, Macbeth conversava muito com o professor Poulsen por telefone e e-mail, garantindo-lhe que não aceitaria a proposta de Brian Newcombe para se juntar à equipe de pesquisa da Organização Mundial da Saúde. E, sempre que Macbeth discutia com ele as ocorrências bizarras pelo

mundo afora, Poulsen parecia tratar o assunto como trivialidade, uma mera distração.

Ao mesmo tempo que Casey e toda a Boston se esforçavam para entender a experiência inexplicável do tremor-fantasma, Macbeth tentava chegar a uma conclusão quanto à morte de Melissa e às tão inexplicáveis circunstâncias que a cercavam. Foram necessárias três chamadas para a Polícia Rodoviária da Califórnia até que a diferença de três horas no fuso horário, a agenda de Macbeth e a ronda de Ramirez se pusessem de acordo.

— O que posso fazer pelo senhor, doutor Macbeth? — A voz de Ramirez era grave e tranquila, com um tom que Macbeth jamais esperaria de um oficial de polícia.

Macbeth disse-lhe quem era, onde estava e o motivo de sua presença em Boston. Depois, explicou-lhe seu antigo relacionamento com Melissa Collins e a razão pela qual duvidava de que ela houvesse cometido suicídio.

— Receio que não haja dúvida alguma quanto a isso — disse Ramirez. — Eu mesmo a vi saltando junto com os outros. Lamento muito.

— Melissa foi a pessoa com menos tendências suicidas que conheci... Há alguma chance de que este seja um caso de confusão de identidades?

— Nenhuma. A identificação foi positiva e, de qualquer forma, vi fotografias da senhorita Collins. Era ela, sim.

— Parecia aflita quando saltou? Ou acha que poderia estar sob a influência de alguma coisa?

— Foi isso que mais me impressionou... A senhorita Collins parecia absolutamente calma. Arriscaria dizer que até contente. Quanto a drogas e álcool, a autópsia não revelou nada. O senhor a conhecia bem?

— Moramos juntos por algum tempo, antes de sua partida para a Costa Oeste. Desde então, não tivemos muito contato. Na verdade, não tivemos contato nenhum.

— E, durante o período em que conviveram, ela não deu sinais de instabilidade mental?

— Não. Nunca.

Uma pausa. Macbeth odiava conversas ao telefone porque achava os silêncios e interrupções difíceis de interpretar. Imaginou que Ramirez estivesse refletindo sobre o que lhe dissera.

— Me desculpe a curiosidade — disse Ramirez, rompendo o silêncio —, mas por que demorou tanto tempo para entrar em contato comigo? Já faz mais de dois meses que a senhorita Collins morreu.

— Eu só soube há pouco. Isto é, ouvi falar sobre os suicídios da Golden Gate e dos japoneses, mas ignorava os detalhes. Como falei, moro e trabalho na Dinamarca. Só quando o agente Bundy do FBI conversou comigo a respeito é que descobri o envolvimento de Melissa.

— FBI? — Havia alguma coisa na voz tranquila e suave de Ramirez. Suspeita, talvez. — Estou surpreso por não termos sido informados. Quanto tempo ficará em Boston, doutor Macbeth?

— Até o fim da próxima semana. Na verdade, meu chefe em Copenhague gostaria até que eu voltasse antes.

Outra pausa.

— Está certo — disse Ramirez. — Devo ir a Boston dentro de uma semana, para seguir uma pista desse caso, mas tentarei ficar um pouco mais. Poderá me reservar algum tempo se eu chegar aí antes de sua partida?

— Sem dúvida — concordou Macbeth. — Mas pensei que a investigação sobre a morte de Melissa fosse caso encerrado, em se tratando de um episódio inequívoco de suicídio.

— Pode ser um episódio inequívoco de suicídio, mas o fato ganhou muita notoriedade, e há pressão para determinar o que levou o grupo a fazer isso. Na verdade, vou a Boston para tirar o que puder de Deborah Canning, a única pessoa da empresa ausente naquela manhã. Talvez ela lance alguma luz sobre tudo o que aconteceu.

— Deborah Canning? Deborah Canning está em Boston? — Macbeth estava genuinamente surpreso. Por que Bundy, o homem do FBI, não mencionara esse fato?

— Foi o que eu soube. Ela sofreu uma espécie de colapso e só agora obtive permissão para entrevistá-la. Está internada no Hospital McLean...

Macbeth se sentia ótimo por ter decidido ficar com Casey. Quase sempre achava difícil se relacionar com outras pessoas: uma dissonância de frequência às vezes perturbava a conexão. Mas Casey, embora fosse uma personalidade bem diferente, tinha pelo menos o mesmo comprimento de onda. Casey sintonizava Macbeth.

Naquela semana, conversaram muito, até altas horas. Macbeth contou ao irmão tudo o que havia descoberto sobre Melissa e as estranhas ligações entre a morte dela e as de Killberg e Tennant. Contou-lhe também o que a equipe da OMS lhe comunicara.

— Então vai trabalhar com eles? — perguntou Casey uma noite, quando estavam sentados, exaustos, na cozinha, bebericando um chá.

— Não posso. Sei que seria honroso, importante etc. Outras pessoas, porém, são muito mais qualificadas. Meu trabalho em Copenhague é tão importante quanto esse, e não há ninguém para me substituir. Garanti-lhes que darei minha opinião sobre os dados sempre que for possível, e só.

— Não sei não, John, mas algo de muito esquisito está acontecendo por aí. Uma peste ou coisa assim. Uma peste da mente. — Casey fez uma careta e enquadrou a frase em aspas simuladas com os dedos no ar. — As pessoas andam apavoradas. Eu ando apavorado com tudo isso. Hoje mesmo tive de pular de volta para a calçada porque não vi um carro que se aproximava. Se o motorista não tivesse buzinado, eu teria sido atingido. Mas, depois que o carro se foi, fiquei me perguntando se ele tinha estado mesmo ali. As pessoas parecem confusas, sem saber em que acreditar. Descobrir a causa do problema é, a meu ver, o grande desafio psiquiátrico do século.

— Você vai mesmo para o simpósio de Blackwell em Oxford?

— Claro.

— Então há de reconhecer que o Projeto Copenhague é tão importante para mim quanto o Projeto Prometeu de Blackwell é para você. Estamos perto da compreensão total da mente. E, para ser franco, acho que a resposta para o que

vem acontecendo no mundo não será encontrada em padrões de estatísticas epidemiológicas.

— Talvez. — Casey suspirou com resignação, recostando-se na cadeira. — Ah, dei uma olhada no seu *laptop*.

— Ótimo. E conseguiu abrir aquele arquivo?

Casey negou com um gesto de cabeça.

— Não. Não é possível clicar no ícone, saber o tamanho do arquivo ou mesmo se ele está vazio.

Macbeth deu de ombros.

— Então, vou ignorá-lo...

— Eu não faria isso. Há algo nele de que não gosto nem um pouco. Você guarda muita coisa importante em seu computador, relacionada a trabalho. Tenho a impressão de que algum *hacker* colocou esse arquivo nele.

— Uma espécie de Cavalo de Troia?

— Os vírus “troianos” em geral ficam escondidos no disco rígido e quase sempre são indetectáveis sem um software de antivírus. Não... — Casey franziu o cenho. — Não, é outra coisa. Passei o antivírus e copiei os principais arquivos num disco rígido portátil, mas não o software, no caso de ele estar infectado. Tenho um *laptop* de reserva que posso lhe emprestar.

— Acha que é necessário?

— Nunca vi coisa igual antes. — Casey sorriu, preocupado. — Temos aqui uma perfeita analogia com o que está sucedendo à nossa volta. Seu arquivo é um fantasma, como você mesmo disse. Cheguei a me questionar se ele de fato estava na tela ou não passava de uma alucinação nossa.

— Está se deixando impressionar demais, Casey — ponderou Macbeth. — As coisas são o que são. Esses episódios continuam isolados e raros. Poderia jurar que, de todas as pessoas, você fosse a mais imune à histeria da imprensa em torno do caso.

— Talvez...

Haviam lhe dado um nome: síndrome alucinatória não patológica temporária, ou

SANT. A Associação Psiquiátrica Norte-Americana atribuíra-lhe um número no Manual Estatístico e Diagnóstico dos Distúrbios Mentais, e a Organização Mundial da Saúde adotou a designação em sua própria Classificação Estatística Internacional.

Macbeth não tinha muita certeza se o nome refletia a experiência ou se havia dados não comprovados cientificamente suficientes para lhe servir de base — nenhuma etiologia, por certo, tinha sido ainda estabelecida —, mas podia entender por que haviam chegado a essa nomenclatura. A mídia, tanto dos Estados Unidos quanto do resto do mundo, passara a chamar o fenômeno de "síndrome de Boston", e havia uma real necessidade de dar à experiência um nome oficial para sugerir ao público que a comunidade médica havia determinado e definido alguma coisa. A palavra "temporária" fora sem dúvida incluída com o objetivo de garantir às pessoas que, caso tivessem essa experiência, ela não seria um problema crônico.

Embora houvesse declinado o convite de Newcombe para integrar sua equipe de pesquisa, Macbeth tinha concordado em trabalhar com ela no Schilder antes de ir para Copenhague. E recomendou de novo que tentassem entrar em contato com Josh Hoberman.

Hoberman, pelo que Macbeth soube, parecia ter desaparecido de sua casa na Virgínia, não tendo sido mais visto em sua clínica há mais de uma semana. Dado o nível de ameaça feita aos cientistas pelo Fé Cega e outros grupos, a polícia fora informada.

Macbeth sugeriu ainda que a equipe convidasse Pete Corbin, que afinal de contas estava disponível em Boston e assistira em primeira mão ao surgimento do fenômeno — sugestão para a qual recebeu uma resposta tépida.

Macbeth ligou para Corbin na quinta-feira bem cedo.

— Tudo certo para amanhã às dez e meia? — perguntou Corbin. — Gostaria ainda que você visse aquele paciente meu. Para mim, insisto, o caso dele está ligado a tudo o que anda acontecendo. Quero que me ajude a esclarecê-lo.

— Na verdade, Pete, é justamente por isso que estou lhe telefonando. Há uma paciente com a qual gostaria de falar, se for possível. Disseram-me que se

encontra no McLean para tratamento. Seu nome é Deborah Canning.

Corbin não respondeu de pronto. A velha dificuldade para interpretar silêncios nas conversas telefônicas; talvez ele estivesse chateado por Macbeth não ter demonstrado interesse pelo seu paciente.

— Droga... — disse Corbin por fim. — Que coisa estranha, John! Deborah Canning é minha paciente. E é justamente quem eu queria que você visse...

32

JOHN MACBETH. BOSTON

O taxista que levou Macbeth a Belmont não tinha a tagarelice inquisitorial daquele que o conduzira para seu primeiro encontro com Corbin. Macbeth se sentiu grato por isso. Não era de surpreender: os acidentes de trânsito haviam aumentado em proporção assustadora na última semana, e os motoristas tinham de fazer manobras drásticas para se desviar de obstáculos ou pessoas que apareciam subitamente do nada.

O Hospital McLean, perto de Belmont, sempre parecera a Macbeth uma mistura de clube de campo sofisticado com um *campus* universitário da Ivy League. Não era um edifício único, mas várias construções esparsas. Havia algumas estruturas maiores, mais modernas, de aparência mais institucional; porém, no todo, o McLean compreendia prédios de tijolos vermelhos e estuque, no estilo colonial revivalista ou jacobetano, simulando uma arquitetura já ultrapassada mesmo aos olhos dos desenhistas vitorianos que os haviam concebido. Tudo se delineava contra um plano de fundo de árvores e parques. Filiado a Harvard, o McLean era provavelmente o melhor hospital psiquiátrico da Nova Inglaterra, oferecendo certa paz exterior aos que sofriam de males interiores. Macbeth havia gostado de trabalhar lá. Até ter em mãos seu último caso.

O táxi deixou-o à porta do edifício principal, da administração.

— Fico feliz que tenha vindo, John! — disse Pete Corbin ao reconduzi-lo para fora do prédio. — Minha paciente está numa das residências. Iremos a pé. Sentiu o terremoto?

— Como todo mundo. E você?

— Joanna sentiu também. O que está acontecendo, John?

— Alguma doença psicogênica coletiva... talvez de origem viral, como vocês supõem, talvez não. Por enquanto, classificaram-na como síndrome alucinatória não patalógica temporária, ou seja, todos a chamarão de síndrome de Boston. Tem tido notícia de mais casos?

— Todos os dias. Nunca vi coisa igual.

— Sabia que Deborah Canning trabalhava com Melissa?

— Não. Sabia que estava envolvida no caso dos suicídios da Golden Gate, mas, assim como você, nunca associei esse episódio a ela. Não posso acreditar nisso.

— Nem você nem eu — disse Macbeth. — Mas, se ignorava a conexão, por que queria que eu a visse?

— Porque ela está tendo ilusões que me fazem lembrar Gabriel Rees antes de saltar do telhado da igreja da Ciência Cristã. E porque, em minha opinião, o fato tem muito a ver com o que está acontecendo, com a síndrome de Boston, de uma maneira bem estranha.

O caminho que tomaram, banhado pelos raios do sol primaveril que se insinuavam por entre as árvores, de repente se abriu em gramados perfeitos de ambos os lados. A residência era uma mansão georgiana colonial que parecia mais o lar de alguma família aristocrática da Nova Inglaterra que o prédio de uma instituição médica.

— Ela está aqui? — perguntou Macbeth, sendo assaltado por uma súbita inquietação.

— Sim. — A expressão de Corbin se tornou grave. — Droga, e no mesmo quarto! Me desculpe, John, não pensei nisso.

— Esqueça. — Macbeth forçou um sorriso. — Águas passadas.

— Tem certeza? — perguntou Corbin. — Poderia levá-la para o edifício principal...

— Não é preciso. Esquecerei tudo antes de chegar à residência.

Todo médico perde pacientes em algum ponto da carreira. Para os psiquiatras, a ameaça que sempre ronda seus passos é a de um deles mudar súbita e imprevistamente de humor, suicidando-se. Acontecera ali com alguém sob os cuidados de Macbeth. Seu último paciente na medicina clínica havia ocupado o quarto onde agora estava Deborah Canning. Murmuraram-se acusações de observação falha e diagnóstico errado, mas Macbeth tinha sido o maior crítico de si mesmo: suas dúvidas quanto à própria capacidade de se relacionar com pessoas e entendê-las haviam-no afastado da clínica para a área de pesquisa pura.

— Será mesmo? — insistiu Corbin.

— Não tenho dúvida.

— Está bem. — Corbin introduziu Macbeth no prédio. — Como sabe, Debbie trabalhou na indústria de entretenimento, como auxiliar de Melissa, desenhando e programando jogos de computador. É uma mulher muitíssimo inteligente e, quando um intelecto desses se volta contra si mesmo, torna-se um inimigo difícil de vencer. Ela própria se internou como paciente particular. Há seis semanas, apareceu na casa de sua família em Boston, tendo vindo de San Francisco, sem avisar e num estado deplorável. Apenas saíra do escritório, comprara uma passagem de avião com o cartão de crédito e atravessara o país sem ter feito as malas ou sequer mudado de roupa. Quatro dias depois que ela chegou a Boston, Melissa e o pessoal todo da empresa cometeram suicídio.

— Ela sabe disso?

— Como norma clínica, determinei que não fosse informada. Embora tenha havido problemas com a polícia, que queria de todo modo interrogá-la. Mesmo assim, acho que ela sabe. Pressentiu o que iria acontecer ou fugiu porque descobriu o plano.

— E você a está tratando do quê?

— Sua condição é muito difícil de definir. Ao contrário de Gabriel Rees, Debbie tem um histórico clínico: sintomas bipolares pela maior parte da pós-adolescência e tratamento de transtorno de déficit de atenção com hiperatividade quando adolescente. Ao internar-se, apresentava sintomas graves de depressão

psicótica. Prescrevi-lhe asenapina de início, mas suspendi essa droga porque não creio que seu problema possa ser resolvido com fármacos. Desde então, tenho feito com ela sessões constantes de terapia.

— Por que queria que eu a visse — perguntou Macbeth —, mesmo antes de saber de sua conexão com Melissa?

— Nas últimas quatro semanas, Debbie começou, digamos assim, a desaparecer. Ela é o caso mais complicado, e no entanto mais lógico, de desrealização e despersonalização que já vi. Não reconhece que existe ou que já existiu. Não me leve a mal, mas, depois do que aconteceu com Gabriel, e dado que você tem também, até certo ponto, experiência pessoal de despersonalização, achei que pudesse dar algumas sugestões extras. Para ser franco, estou perdendo as esperanças de poder ajudá-la: ela se desconectou a tal ponto do senso do eu, que me parece impossível alcançá-la, quanto mais trazê-la de volta.

— Então quer uma segunda opinião de um colega que também tem um parafuso solto, certo? — perguntou Macbeth, sorrindo.

— De alguém, vamos dizer assim, capaz de se sintonizar com pelo menos parte do que está acontecendo na mente dela. Repito, John, este é mesmo o caso mais extremo que já vi. Parece loucura, mas às vezes chego a acreditar na moça: a acreditar que, se não consigo chegar até ela, é porque ela não existe...

O quarto na extremidade do edifício, com suas janelas de folhas duplas voltadas para os gramados e os maciços de árvores, era exatamente como Macbeth se recordava. Afora o aviso de incêndio oficial atrás da porta de segurança com gonzos de mola, era tão pouco institucional quanto o prédio que o alojava. Um quarto bem iluminado, arejado, com paredes pintadas de azul-claro. Uma grande pintura abstrata, suspensa sobre o único leito, exibia um arranjo vago de formas em tons azuis e verdes; nada de geometrias ou cores estridentes para irritar os ânimos. Os móveis pareciam novos e funcionais, mas fora feita uma tentativa para adequá-los ao estilo e à época da residência.

Deborah Canning, vestida de jeans, tênis e camiseta escura, estava sentada numa poltrona estofada junto à janela. Macbeth logo a reconheceu pela fotografia no *website* empresarial de Melissa. Ela se sentava ereta, mas não rígida, o cotovelo apoiado na mesinha lateral e a mão pousada na capa dura de um volumoso livro de arte.

A primeira coisa que Macbeth notou em Deborah foi a serenidade. A tranquilidade em seu rosto e postura era quase contagiante, parecendo preencher o quarto com uma sensação de paz. Mulher atraente no início da casa dos trinta anos, Deborah seria muito bonita, não fossem a boca um tanto pequena e o nariz um tanto comprido. Os olhos, porém, eram fascinantes: grandes, luzidios e cor de esmeralda. Emoldurando um rosto pálido, os cabelos exibiam uma coloração comum de castanho-claro. Voltando-se, ela esboçou um sorriso tranquilo e cordial quando os dois médicos entraram.

— Olá, Debbie — saudou Corbin. — Este é um colega meu, o doutor John Macbeth, de quem já lhe falei.

— Como o rei escocês? — perguntou ela, virando-se para examiná-lo.

— Como o rei escocês — confirmou Macbeth.

— Mas com qual Macbeth você se parece? — insistiu Deborah.

— Não entendo...

— Há dois Macbeths — disse ela, a voz calma e com entonação suave. — O Macbeth histórico, “real”, um rei bem-sucedido e amado, e o Macbeth fictício, o terrível tirano e assassino de Shakespeare. É deste que todos se lembram, o da grande ficção, e esquecem o que pertence à pequena verdade. Então, com qual dos dois você se parece: com o da invenção lembrada ou com o do fato esquecido?

— Temo não ser nem régio nem shakespeariano... Sou o Macbeth que se esforça para não estourar o cartão de crédito. Podemos nos sentar?

Deborah assentiu, e os dois psiquiatras puxaram a cadeira para junto da janela, olhando-a de frente.

— O que fez hoje? — perguntou Corbin.

— O que fiz? — Deborah franziu o cenho. — Ouvi sons lá de fora. Vozes. Cantos de pássaros, principalmente. Dois caminhões passando ao longe.

— Gosta de ouvir esses sons, Debbie? — perguntou Macbeth.

— Não ouço, escuto. E só escuto porque outras pessoas escutam.

— Mas você escuta... Está aqui para ouvir.

— *Cogito*?

— Como?

— O *cogito* de Descartes... O martelo que está tentando usar para romper minha ilusão. Percebo, logo penso. Penso, logo existo. *Cogito, ergo sum*.

— Bem, talvez algo assim.

— Quer saber o engraçado disso tudo? Descartes quase acertou... Deveria ter dito: “Penso, logo *penso* que existo”.

— Você está errada, Debbie — atalhou Macbeth. — Você sabe que existe. Entretanto, por causa dos problemas que vem enfrentando, por causa de algum trauma, procura se distanciar dessa realidade. Trata-se de um mecanismo de defesa, pura e simplesmente. Sei que você existe. O doutor Corbin sabe que você existe. Nós dois podemos vê-la e ouvi-la.

— Receio que essa lógica não funcione. Conheço alguma coisa sobre esse assunto, sobre cognição e percepção. Em meu trabalho, usava truques e recursos para ludibriar a percepção das pessoas. Só porque existo como percepto na mente de vocês não quer dizer que exista como objeto distal na realidade... Estou usando as palavras certas?

Macbeth sorriu, aprovando.

— Sim, Debbie... está usando as palavras certas.

— E se eu existir apenas na mente de vocês? — Olhou-o com sinceridade e, pela primeira vez, algo se manifestou com nitidez em sua expressão. — Nunca pensaram nisso? Nunca lhes ocorreu que tudo e todos ao redor estão dentro de sua mente? Como sabiam que eu me encontrava aqui antes de entrarem no quarto? Acham que tenho alucinações, mas na verdade só há uma diferença entre mim e as outras pessoas: *sei* que não existo, e elas já suspeitaram disso pelo menos uma vez na vida, questionando a realidade de si mesmas ou do mundo.

— Então, por que achamos que existimos?

— Porque as ilusões se acumularam, uma sobre a outra, desde a infância. Ilusões, conceitos, construtos sociais. Criamos um consenso em torno do que seja a realidade, em torno de nossa própria existência, e quem questiona isso é considerado vítima de ilusão.

— E quanto aos filósofos? À física quântica? Aos neurocientistas? Eles não questionam a realidade? Ninguém os considera vítimas de ilusões.

— São vistos como pensadores abstratos. Ninguém questiona sua percepção da realidade porque a realidade é algo que ninguém entende. Envolvem o que é simples e observável no cotidiano numa linguagem só acessível a eles. Mascaram a verdade em vez de esclarecê-la.

— O que é a verdade? — perguntou Macbeth.

— Você conhece o modelo dos oito circuitos da consciência, elaborado por Timothy Leary?

— Já ouvi falar dele — disse Macbeth.

— É no modelo dos oito circuitos da consciência que está a verdade. A Supermente. A mente quântica. A consciência pode ser considerada a coisa mais difícil de apreender. Por que vejo o mundo de minha janela e você da sua? Nunca supôs que todos partilhamos a mesma consciência e a experimentamos de um ponto de vista a cada vez? Que talvez, quando você morrer, renascerá sendo eu, Gandhi, Hitler ou uma criança africana faminta que vê na televisão? Não refletimos sobre isso porque nosso pensamento foi obliterado. Esta pretensa realidade depende da supressão da liberdade cognitiva. Banimos as drogas que alteram a mente, mas inventamos religiões para confinar e canalizar nossos pensamentos e os dos outros. Como sabe que não sou uma fantasia de sua percepção?

— Porque minha imaginação não vai tão longe assim, Debbie. Sei que você existe.

— Repito: conheço muita coisa sobre percepções da realidade. Sou considerada a melhor programadora de JRA dos Estados Unidos. E uma das três melhores do mundo.

— JRA?

— Jogos de Realidade Alternativa. Imersão total numa realidade diferente. Aprendi todos os truques (e inventei mais da metade deles) para convencer a mente humana a supor que está onde não está e experimentar um ambiente que não existe. — Sorriu de novo, e Macbeth notou que os cantos de sua boca tremiam. — Podem me fazer um favor? Olhem atrás de vocês. Façam o que estou pedindo... Por favor, vocês dois, olhem para trás e memorizem o que virem.

Os dois se voltaram e examinaram o quarto.

— Agora olhem para mim e não mais para trás.

Eles obedeceram.

— Me contem o que há às suas costas. Mas não se voltem para confirmar o que viram.

— Às nossas costas? Seu quarto, Debbie — disse Corbin. — Sua cama, sua cômoda, seu robe... o quadro na parede, a porta para o corredor...

— Aí está — atalhou ela. — Estão olhando para mim agora e descrevendo o quarto que viram. Recriando-o na mente mesmo não podendo vê-lo mais.

Fitou o espaço entre eles, atrás deles, além deles. Seu rosto perdeu a serenidade: por um momento, dor e desespero se estamparam em seu semblante, para depois desapareceram, sendo substituídos por uma tranquilidade fria e vazia.

— Sabem o que vejo? Agora que não estão mais olhando? Tudo o que descreveram se encontrava ali, mas apenas enquanto olhavam. Aquelas coisas se encontravam ali *porque* vocês as viram. Agora se foram. Não posso vê-las, pois não posso criá-las. Não existem, pois eu não existo para que sejam criadas.

— Então o que *existe* ali, Debbie? — perguntou Macbeth.

— Nada. Não há nada ali. Apenas um vazio, que não conseguirei descrever porque ele não tem dimensão, cor, forma.

Seu rosto permaneceu calmo, mas os olhos brilharam, e uma lágrima surgiu no canto de um deles, descendo pela face até o queixo.

— Estou olhando atrás de vocês e não há nada ali. Estou olhando atrás de vocês para o mais terrível dos vazios.

33

JANG. PROVÍNCIA DE GANSU

Jang Xushou semicerrou os olhos para protegê-los da luz forte e agressiva do sol. Como todos os outros *lijians* de olhos claros de sua aldeia, era muito sensível à luminosidade do deserto, mas hoje tudo parecia diferente. Quando Jang se sentou outra vez na orla da aldeia, o sol como que se espalhara pelo céu, intensificando-se em vez de esmaecer pela superfície. O horizonte, entre o revérbero do céu e seu reflexo na areia, tornara-se indistinto. Era como se ela estivesse sob o sol mais brilhante de um passado esquecido. A vaga sensação transformou-se na manifestação de um *déjà-vu*, com todo o seu mal-estar e irrealidade. Ali estava ela, na orla da aldeia, de olhos bem fechados, procurando se acalmar, concatenar os pensamentos. Talvez chegasse a alguma conclusão; talvez aquilo não passasse da angústia de ter de ir para a universidade.

Ou talvez estivesse mesmo na Era das Visões e, ao abrir os olhos, avistasse seu antepassado romano, surgindo à frente de uma coorte brilhante da fímbria do deserto. Era o que esperava há muito tempo.

Quando abriu os olhos, o sol continuava brilhando intensamente, mas menos que antes. E ela sabia que nenhum truque, nenhuma acometimento febril tentavam ludibriar sua mente. O que via estava mesmo no mundo exterior, estava ali.

Mas era impossível.

Jang, na orla de sua aldeia, olhava para o Deserto de Gobi. O Deserto de Gobi, porém, não existia mais. Um oceano de areia fora substituído por um oceano de água azul, que faiscava ao sol. Jang estava agora à beira de um mar ou lago que se estendia até onde seu olhar alcançava. Um odor de ozônio vagava pelo ar,

enchendo suas narinas. Cambaleou. Aquilo não era apenas impossível; era tão impossível quanto algo pudesse ser. Um oceano onde um deserto existira por milênios, um deserto que vinha se expandindo mais de três mil quilômetros quadrados por ano.

Um deserto que, de súbito, inexplicavelmente, havia desaparecido.

Por mais estranho que fosse, Jang tinha certeza de não estar enlouquecendo. O que via era uma loucura, mas uma loucura exterior. Era uma alucinação, sem dúvida — mas não uma alucinação produzida por ela. A imagem da Muralha do Céu ruindo, que Jia Bao pusera em sua cabeça, assustou-a. O coração batia precipitado no peito, e o pânico se avolumava em seu íntimo.

Então, ouviu. Atrás de si.

O som de algo monstruoso.

Jang Xushou se virou para ver de onde vinha aquele som. Cada músculo, cada tendão e cada fibra do seu corpo se congelaram de medo, medo que correu por seu sistema nervoso, bloqueando-lhe a capacidade de se mover, falar ou respirar. Algo profundo, alojado na parte mais primitiva do seu cérebro, explodiu, roubando-lhe o impulso de lutar ou fugir. Estava completa e inteiramente à mercê do próprio terror.

Se tanto não bastasse, havia ainda aquela coisa à sua frente.

Um monstro. Cabeça de lobo, forma de lobo, aparência de lobo, mas estriado como um tigre e cinco vezes maior do que qualquer lobo — uma criatura demoníaca, de pesadelo, com olhos amarelados, toda pelos, e dentes, e mandíbulas. Aterrorizada, Jang não tentou entender o que fosse aquilo, o que fosse o absurdo de um lobo maior que um cavalo; mas uma ideia registrada em seu cérebro, mais assustadora que o tamanho do monstro, levou-a a pensar que ele não era um lobo. A criatura tinha um corpo pesado, coberto de músculos poderosos e pelo grosso; entretanto, a cabeça formidável e as mandíbulas maciças e assustadoras pareciam fora de proporção, mesmo naquele corpo desmedido.

O monstro-lobo não a vira. Caminhava com ar perverso pela areia em direção à beira da água. Foi então que se deu conta: ele não tinha patas nem garras; os

pés não se pareciam em nada com os que ela já tinha visto. Lembravam cascos de bode, porém mais angulosos, mais pontudos... Jang vasculhou a memória à cata de algo que pudesse ter visto em livros, ouvido em histórias fantásticas ou contos de fadas sobre quimeras semelhantes.

O Tiangou. O cão demoníaco da lenda chinesa que devora o sol e causa eclipses. Aquela coisa, aquele monstro à sua frente... devia ser o Tiangou. Então ele existia: não na lenda, na superstição, mas no aqui e agora do mundo real. Na realidade presente é que a lenda devia ter se baseado.

Mas o mar... aquilo não explicava o mar onde o deserto existira. E por que nunca ouvira relatos de outras aparições do monstro?

A criatura ainda não a tinha visto, e a mente de Jang ordenava a seu corpo que recuasse para a aldeia, mas devagar, sem correr. A princípio, sua razão não conseguiu estilhaçar o gelo do medo que ainda a mantinha paralisada; mas em seguida, aos poucos e penosamente, retendo o fôlego e com os olhos cravados na besta, deu um passo para trás, depois outro.

O Tiangou virou a enorme cabeça em sua direção, surpreendendo-a com a velocidade com que podia mover um crânio tão pesado. Rugiu. Não como um leão ou um lobo, não como qualquer outra criatura cujo som ela já tivesse escutado: um longo, profundo e trovejante mugido que ressoou nos ossos de Jang. A criatura encaixou a cabeça enorme entre os ombros poderosos, que se moviam, vagarosos, como pistões enquanto andava. Jang nunca tinha visto aquele monstro antes, mas reconheceu seus movimentos: o passo vagaroso e calculado de um predador pronto para atacar.

A Era das Visões.

Jang rememorou as histórias que tinha ouvido sobre pessoas entrando em pânico por causa de coisas que não existiam ou chorando ao ver entes queridos mortos há muito tempo. Visões. Visões não podem ferir ninguém. Visões não são reais. Mas aquela coisa à sua frente, embora inacreditável, era tão real quanto qualquer outra com que já houvesse se deparado na vida.

Outro mugido ameaçador do Tiangou, que se projetou para a frente e depois se deteve, os olhos amarelados, frios e sem vida. Jang adivinhou que o ataque

estava por vir. Num instante, o monstro cobriu o espaço entre os dois.

Jang fechou os olhos.

Manteve os olhos fechados. Com as mãos nos ouvidos, ordenou ao Tiangou, ao oceano-deserto e ao sol excessivamente brilhante que desaparecessem.

Quando os abriu, o mar continuava faiscando sob o céu luzidio, o ar ainda conservava seu cheiro e parecia diferente. Mas o Tiangou não estava mais diante dela. Jang ouviu-o mugir de novo e, virando-se, viu-o às suas costas. E viu, ao mesmo tempo, outra besta de aspecto inacreditável. O ataque do monstro não fora desfechado contra ela, e sim contra o recém-chegado. Este pareceu a Jang um rinoceronte, mas, de novo, grande demais e sem o chifre na testa, no lugar do qual se projetavam, do focinho, duas saliências achatadas, em forma de concha. Era evidente que o Tiangou havia atacado a outra criatura: Jang pôde ver um ferimento hediondo na armadura coriácea da pele grossa, enrugada. A besta emitiu um rugido lamentoso quando o Tiangou, erguendo-se nas patas traseiras e balançando o pescoço, arreganhou as temíveis mandíbulas. Caiu sobre a presa e cravou os dentes em sua nuca. A vítima era robusta, mas as mandíbulas do Tiangou esfacelaram pele e músculos, chegando aos ossos. Aquele som deixou Jang nauseada. Toda a força da criatura desapareceu num instante: ela caiu de joelhos e tombou no chão com um gemido profundo. O Tiangou encarniçou-se contra a vítima, devorando-a antes mesmo que o último alento abandonasse seu corpo. O ar fumegava com o cheiro de sangue e de carne crua, agravando a náusea de Jang. O Tiangou estava entre ela e a aldeia; Jang não tinha onde se esconder nem para onde fugir. Precisaria passar por ele e sua refeição antes de chegar a um local seguro. Concluindo que o monstro-lobo estava ocupado demais em seu frenesi dilacerador para reparar nela, Jang prescreveu um longo arco, sempre resistindo ao impulso de correr e nunca tirando os olhos da fera.

Caminhou a passos regulares, certificando-se de que ia devagar o suficiente para não induzir uma reação predatória do monstro, mas rápido o bastante para contorná-lo antes que terminasse de arrancar o último naco de carne da vítima.

A fera ergueu a cabeça avantajada, o focinho lambuzado de sangue e tendões arrancados da presa, e avançou diretamente para Jang com seus olhos frios,

amarelados e sem vida. Ela estremeceu, medindo a distância até as primeiras casas da aldeia. Não havia como percorrer sequer metade do caminho antes que o monstro-lobo a alcançasse e, com aquelas imensas mandíbulas, triturasse sua carne e seus ossos.

Então seria assim. Seria assim que morreria, ali mesmo e sem saber como nomear a coisa que a mataria. Mas logo reparou que a besta não olhava para ela, e sim através dela, do mesmo modo que tinha feito antes de atacar a estranha criatura gigante, parecida com um rinoceronte. Para a besta, ela não existia.

A Era das Visões. O que experimentava parecia real a seus sentidos, mas não passava de uma visão, de uma ilusão. Não era mais real que imagens na TV ou no cinema.

Jang estava convencida de que se tratava de uma alucinação — mas teria coragem de testar essa certeza? Enveredou por um caminho lateral, uma trilha larga e confiável. O olhar do monstro-lobo continuava fixo e não a acompanhou. Outro passo. O monstro rugiu e de novo Jang sentiu o som reverberar em sua carne, fazendo os ossos vibrarem. Era real. Procurou combater o pânico que voltava a dominá-la e deu outro passo para o lado, e mais outro. Estava agora fora da linha de visão da criatura, que não se voltou para segui-la. Após um instante, o Tiangou perdeu o interesse no que viera observando, retornou ao cadáver da vítima recente e pôs-se a lhe devorar as entranhas.

Jang correu para a aldeia. Correu como nunca correra antes, sem olhar para trás a fim de ver se o monstro, real ou não, a perseguia.

34

JOHN MACBETH. BOSTON

Macbeth se viu observando o quarto com atenção, como se Deborah Canning o houvesse arrastado para seu círculo cada vez mais fechado de percepção. Uma brisa soprou de fora, e a luminosidade do sol se amenizou por alguns segundos, mas logo voltou à intensidade anterior.

— Por que não está vendo nada às nossas costas, Debbie? — perguntou. — E por que vemos, enquanto você não vê?

— Imagine-se — disse ela — numa galeria de espelhos, dezenas deles posicionados de modo a criar reflexos que se multiplicam de modo interminável. Um número infinito de você mesmo o rodeia. Como saberá ao certo qual é o seu eu real em meio a tantos reflexos?

— Acontece que posso pensar — retrucou Macbeth —, e um reflexo não.

Deborah soltou um riso manso, com um leve traço de amargura.

— Pois é aí que se engana, doutor Macbeth. O projeto em que está trabalhando... Você segura um espelho e cria um reflexo da mente humana. Esse reflexo, porém, vai pensar. Acreditará ser real.

Macbeth ficou intrigado.

— Como sabe sobre meu trabalho?

— Nós o discutimos.

— Nós?

— Melissa e eu. Ela falava muito a seu respeito. Mas falávamos ainda mais sobre seu trabalho.

Macbeth ia perguntar o que Melissa dizia dele, mas conteve-se.

— Você afirma então que é um reflexo — continuou. — Mas eu a vejo, o doutor Corbin a vê também. Nós dois sabemos que você é real.

— Não... é só que, iludidos, acreditam em minha real manifestação. Conhecem o *trompe l'œil*? — Deborah pegou o pesado livro de arte que estava sobre a mesinha junto à janela e o entregou a Macbeth. *O Olho Enganado. A Arte de Ludibriar*. Estendendo a mão, ela o folheou enquanto Macbeth o segurava. Parou ao encontrar a foto de um quadro suspenso na parede de uma galeria. Dois jovens subiam uma escada espiralada que se perdia de vista. A pintura estava emoldurada em três lados, dando-lhe a aparência de uma porta na parede, e não de um quadro; embaixo, um degrau de madeira real, tridimensional, da mesma cor e construção dos existentes na pintura, projetava-se para fora e para baixo no assoalho. A composição criava uma ilusão de óptica de profundidade e dimensão.

— *Grupo na Escada*, de Charles Willson Peale — explicou Deborah. — As figuras aí são em tamanho natural... Os filhos de Peale. Na verdade, não se obtém o efeito total numa fotografia. A impressão foi poderosa o suficiente para levar George Washington a supor que era real quando viu o quadro pela primeira vez. O *trompe l'œil* tem uma história que remonta ao mundo clássico: murais gregos e romanos eram pintados para enganar o olho e fazer os interiores parecerem maiores e mais grandiosos do que eram. Quando o mestre renascentista Giotto ainda era discípulo de Cimabue, pintou uma mosca num dos afrescos deste. A mosca parecia tão real que Cimabue tentou espaventá-la da parede. — Retomando o livro, Deborah fechou-o e colocou-o de novo, com movimentos precisos, no mesmo lugar de onde o tirara. — Como vê, doutor Macbeth, a coisa mais fácil do mundo é enganar os sentidos e induzir a mente a aceitar como verdadeiro o que é falso.

— E em sua opinião, quem está sendo enganado? Você, por não ver o quarto às nossas costas, ou nós, por vê-lo?

— Todos estamos sendo enganados: vocês, por acreditarem que o quarto e eu existimos; eu, por duvidar de minha inexistência. Mas, quando penso na questão,

quando aceito que não tenho presença independente da mente dos outros... então posso ver o nada.

— Então existimos porque vemos o que você não vê? — perguntou Macbeth.

— Não. Vocês não existem de maneira alguma. Todos somos reflexos. Vocês apenas *pensam* que existem, que o quarto existe. Eu *sei* que nem eu nem o quarto existimos.

Macbeth apontou para a janela.

— Há pouco, a luminosidade no quarto se amenizou, e a extremidade da cortina se agitou. Não precisei olhar para fora para constatar que o vento soprava; nem ver que uma nuvem, passando diante do sol, arrefecera a luz, para saber que a nuvem e o sol estavam lá. Não há necessidade de sentir ou experimentar tudo para reconhecer sua existência.

— Eu também li Kant e Hegel, doutor Macbeth. Quanto a árvores, nuvens e coisas em si... Não ignora o que eu fazia para viver: criava mundos. Milhares deles. Programas tão complexos e convincentes, ambientes tão reais que, por horas a fio, pessoas abandonavam sua realidade para viver na minha. Em meu mundo também havia brisas, nuvens e árvores.

— Justamente esse trabalho é que talvez tenha rompido sua associação com a realidade — aventou Macbeth. — Ouça, Debbie, sei que essa é uma experiência única para você, que algo inacessível às outras pessoas lhe foi revelado. Mas, acredite em mim: esse é um distúrbio muito comum. Acho que você sofre da síndrome de erro de identificação ilusória. O distúrbio é comum, sim, mas os detalhes variam: quem é afetado pelo delírio de Capgras acha que seus amigos e familiares foram substituídos por impostores idênticos; o delírio de Fregoli leva o paciente a imaginar que todas as pessoas do mundo são na verdade a mesma, disfarçada; a síndrome de Cotard convence o doente de que ele está morto; e a paramnésia reduplicativa o induz a acreditar que foi raptado e conduzido a uma cópia exata deste mundo. Vê alguma semelhança com o que está sentindo?

— Isso tudo são ilusões, e ilusões são mentiras. Mas o que eu sei é verdade.

— Por definição, uma ilusão não pode ser reconhecida como falsa — disse Macbeth. — Ela parece real e lógica. Você é uma mulher muito inteligente, o

que torna sua ilusão assim também. Elaborada, bem construída.

Corbin tocou de leve o braço de Macbeth, depois disse a Deborah:

— Você está cansada. Vamos deixá-la descansar um pouco. O doutor Macbeth e eu voltaremos logo para vê-la, se isso for do seu agrado.

— Como quiserem. — Deborah virou-se para a janela, a face agora destituída da pouca animação que havia mostrado até agora. — Não estarei aqui. Não mais.

35

JACK HUDSON. NOVA YORK

Jack Hudson calculou mentalmente a idade do produtor executivo sentado à sua frente e concluiu que tinha começado a trabalhar na televisão antes de Tony Elmes nascer. A indústria televisiva tornara-se uma infantocracia, em mãos de adolescentes descuidados e sem experiência, com rostos vivazes tomados por um entusiasmo vazio e cabeças atulhadas de baboseiras. Mas, se Hudson quisesse ser honesto consigo mesmo, a coisa sempre fora assim; já era assim quando ele próprio, muito jovem, tinha o rosto vivaz tomado por um entusiasmo vazio e a cabeça atulhada de baboseiras.

O rosto de Jack Hudson não era mais jovem nem vivaz. O homem de meia-idade que todas as manhãs olhava para ele do espelho lhe dizia isso, confrontando-o com uma realidade que Hudson não conseguia aceitar. As belas feições morenas, repletas de vigor, eram agora sombrias e carrancudas. Como poderia ele estar no fim da casa dos cinquenta anos se, ainda há pouco, tinha vinte e cinco?

Não que Elmes fosse chato ou malcriado — longe disso. Mas pertencia àquela geração ativa, impaciente, que parecia ter surgido de lugar nenhum. Elmes também não era um idiota, mas Hudson, naquele momento, sentiu-se reconfortado pensando que ele fosse.

Os dois homens estavam sentados num “espaço de encontro”, sem portas, do quarto andar. Hudson se lembrava de quando as reuniões ocorriam em escritórios ou salas de conferência — com portas. Agora já não havia reuniões, mas conversas “frente a frente” em “espaços de encontro” montados para “tornar informais as interações entre homens de criação”. Uma droga. Quando havia

começado naquele ramo, caso se quisesse “tornar informais as interações criativas”, ia-se com um diretor ou produtor a um bar na esquina da Quinta Avenida e enchia-se a cara. Algumas das melhores ideias de Hudson para documentários tinham surgido atrás de um copo de uísque. Agora lá estava ele, transpirando desespero no couro macio da poltrona baixa, diante de um produtor executivo que parecia um rapazola com medo de o garçom lhe pedir a carteira de identidade, num recinto sem portas do quarto andar repleto de sofás, mesas esparsas, arte corporativa nas paredes e uma máquina de café expresso a um canto.

— Só o que quero é fazer boa televisão, Tony — repetiu.

— Isso é o que todos queremos, Jack. E o que todos fazemos aqui. — Havia, no tom de Elmes, uma pontinha de recriminação.

— Refiro-me à televisão que fazíamos antes. Televisão de qualidade, bons documentários, bons dramas. E não mais essa porcaria de *reality.*

— Jack, não produzimos porcaria. *Reality*, sim; porcaria, não. O povo gosta de *reality shows* e não há como evitar isso. O que fazemos aqui é criar uma televisão real empenhada em ser melhor que as outras.

— Ótimo... competir para ser o homem mais alto em Lilliput. *Reality shows* e novelas são o mínimo denominador comum em matéria de televisão. Você sabe disso, eu sei disso, todos sabem disso. Não são sequer realidade: são pessoas reais *fingindo* ser pessoas reais, interpretando a própria vida como atores de cinema. Isso é patético. É vulgar. É imbecil.

— O que está dizendo é pura merda elitista, Jack. Nunca pensei que fosse um intelectual esnobe.

— Dizer que não devemos mostrar pornografia infantil, embora haja um mercado para ela, não é elitismo nem esnobismo intelectual; é senso comum e decência. Algumas pessoas de nossa área só não atendem a essas necessidades porque são ilegais. Caso deixem de sê-lo, sabe Deus o que acontecerá.

— Você não acredita mesmo nisso, Jack...

— Não acredito? Dê rédea solta ao público, e ele ultrapassará todos os limites. A ideia de comédia, no Coliseu romano, era encenar lutas mortais entre

gladiadores cegos, aleijados ou ainda na infância. E, nas arcadas em volta do circo, você poderia comprar pessoas para qualquer finalidade, inclusive crianças. É o que se faria hoje... com a única diferença de que, hoje, temos tecnologia para realizar o negócio com mais conforto e rapidez. A internet é nosso Coliseu, e a televisão a acompanha. Precisamos assumir algum tipo de atitude moral.

— Atitude moral? — perguntou Elmes, incrédulo.

— Você me entendeu... Quero apenas fazer uma televisão de que me orgulhe.

— Gosto disso. E não há ninguém neste departamento que não conheça, que não admire!, seu currículo e sua reputação. Mas o tempo para essa espécie de programa que você sugere já passou. Lamento... *lamento* mesmo, mas é isso aí.

— Quer dizer então que estou por fora? Que não há lugar para meus documentários neste Admirável Mundo Novo de pseudocelebridades e realidade falsa?

— Por Deus, Jack, não! Quero dizer que a Idade de Ouro da televisão, tal como se imagina, ficou para trás, embora seja muito difícil aceitar isso. Não podemos mais justificar orçamentos para o que são, no fundo, documentários políticos. A televisão não cresceu; encolheu. Nem sei se podemos chamá-la mais de televisão, pois as pessoas assistem aos nossos programas tanto em PCs, tablets e celulares quanto em aparelhos convencionais.

— Isso não quer dizer que temos uma audiência maior que nunca? O povo é esperto, Tony. Só é babaca se você o tratar como babaca. Acredito que exista um público para isto... — Hudson apontou para as duas propostas estendidas sobre a mesa, entre ele e Elmes.

— Sinto muito, Jack, mas não somos as pessoas certas para fazer isso. Não queremos ganhar os prêmios Big Sky ou Full Frame, queremos ganhar telespectadores. Estar bem no alto da classificação Nielsen. — Elmes suspirou, recostou-se na cadeira e correu os dedos de ambas as mãos pelos cabelos escuros. Como esse gesto puxava os cabelos para trás, Hudson notou, com maliciosa satisfação, que Elmes começava a ficar calvo. “Posso estar velho”, pensou ele, “mas pelo menos não sou careca”.

— Sei que é difícil aceitar — continuou Elmes —, mas as coisas mudaram. Hoje o que importa é a realidade viva, não o efeito Ken Burns.[2] Como você disse, houve um tempo em que o público norte-americano de TV estava interessado no mundo à sua volta, em olhar para fora e espiar a vida alheia. Isso mudou. A televisão já não é um telescópio; é um microscópio. Olha para dentro, para nós mesmos, para vidas como as nossas. Não digo que seja certo, digo apenas que é assim.

— É assim?

— É. Pelo menos, no que diz respeito ao seu tipo de ideias. Lamento. — Elmes inclinou-se para a frente, pousou os cotovelos na mesa e diminuiu a distância entre ele e Hudson. — Quero que saiba uma coisa, Jack: eu via sempre seus trabalhos, quando estava no colégio e na faculdade. Todos os seus documentários. Considerava-os, e ainda os considero, parte essencial da minha educação. Você exerceu uma forte influência sobre mim... foi inspirador. É o responsável, em grande parte, por eu ter escolhido a televisão como carreira.

Hudson espalmou as mãos, como a dizer “qual é a sua?”. Era um gesto rude, sem nenhuma elegância, e ele sabia disso.

— Seu talento deve ser aproveitado — prosseguiu Elmes, sem se ofender. — Um talento que ainda podemos usar com grande efeito. Seu nome por trás de um projeto continua tendo peso. *Gravitas*. E acho que encontramos algo ideal para você, algo que se beneficiará de um produtor com a sua experiência. Um documentário.

— Ok, vamos lá — suspirou Hudson.

— Já ouviu falar num sujeito chamado John Astor?

36

JOHN MACBETH. BOSTON

Macbeth e Corbin refizeram o trajeto pelo espaço verde do Upham Bowl, diante do pátio do principal edifício administrativo, passando por um carvalho que se erguia, soberbo, sobre um montículo de relva. Quando trabalhava no McLean, Macbeth havia passado muitas tardes sentado na grama sob aquela árvore, redigindo anotações de pesquisa. Entendia bem por que, na opinião de muitos, o McLean oferecia um ambiente propício ao esforço criativo: fora ali que Sylvia Plath se livrara da depressão, embora temporariamente, e se inspirara para escrever seu único romance.

— E então, o que acha? — perguntou Corbin enquanto almoçavam na Cafeteria Marneffe.

— Sobre este macarrão à carbonara ou sobre Deborah Canning? — Macbeth revirou a massa com o garfo. — Estou começando a ter a desagradável sensação de que você *não* esqueceu meu último paciente aqui. O que tratei naquele mesmo quarto.

— Debbie está exibindo os mesmos sintomas clássicos de distúrbio de identidade dissociativa de seu paciente: despersonalização, desrealização, amnésia e perda de traços da personalidade.

— Sim, percebi. — Macbeth franziu o cenho. — Mas meu paciente exibia o sintoma principal: personalidades múltiplas. Debbie não exibe personalidades múltiplas; está tentando se apegar à que tem.

Corbin inclinou-se para a frente.

— E se houver outras personalidades que ela adota, mas não mostra? Que dizer dos longos períodos de ausência em que ela acredita não existir porque

ninguém está lá para validar sua existência? Debbie poderia estar escapando para outras identidades. Talvez seja o caso de que elas se alojem internamente, em sua cabeça, sem que possamos percebê-las.

— Ouça, Pete, todo diagnóstico de identidade dissociativa é controverso. Não houve *nenhum* fora dos Estados Unidos, e mesmo aqui muitos pensam que é uma bobagem. Arrisquei o pescoço quando diagnostiquei assim meu último paciente, e tudo terminou com a morte dele e meu comparecimento perante um comitê de investigação. Foi por isso que parti para a pesquisa. Quer minha opinião sobre Debbie? Síndrome de Cotard. O caso mais elaborado e coerentemente estruturado que já vi. Mas é o que penso.

— Contudo, ela não acredita que esteja morta — observou Corbin.

— Acreditar que não existe é a mesma coisa, e até mais consistente com a lógica interior de Debbie, à qual seu trabalho acrescentou um perfil bastante específico. Pacientes com a ilusão de morte de Cotard às vezes imaginam habitar o mundo como espíritos desencarnados. Ocorre apenas que a crença em fantasmas não faz parte da arquitetura intelectual pré-mórbida de Debbie.

Corbin engoliu o último bocado.

— Sei que esse distúrbio é controverso e que você se queimou. Mas li seu relatório, e acho que o amigo estava certo. O suicídio daquele paciente era imprevisível, dada a evolução do problema, e nada teve a ver com o seu diagnóstico. Sim, Debbie tem exibido muitos sintomas semelhantes.

— Meu Deus, Pete, isso é muito sério. — Macbeth refletiu por um momento. — Certo, falarei com ela de novo. Um policial está vindo da Califórnia. Ramirez. Quer conversar com a moça, se não tiver objeções. Eu gostaria de estar presente também.

— Objeção nenhuma — disse Corbin, com certa reserva. — Mas lembre-se de que o chamei para este caso como colega e profissional, e não devido ao seu envolvimento anterior com Melissa. A prioridade deve ser Debbie.

Macbeth assentiu.

— É claro — disse, e contou a Corbin os detalhes da conversa com Ramirez.

— Verei o que posso fazer — garantiu Corbin. — Aliás, gostaria de lhe mostrar isto...

Haviam alcançado o prédio principal da administração. Corbin lutou com a pasta que carregava e por fim conseguiu tirar dela uma folha de papel pautado, que entregou a Macbeth. Estava lotada, de alto a baixo, com uma caligrafia nítida, pequena e cuidadosa.

— Quando foi internada, Debbie passou dias escrevendo a mesma linha várias e várias vezes. Tenho trinta páginas exatamente iguais a esta.

Macbeth leu uma das linhas.

ESTAMOS NOS TORNANDO.

37

JACK HUDSON. NOVA YORK

— John Astor, o fundador da dinastia de mesmo nome — perguntou Hudson —, ou John Astor, o fantasma da internet de quem todos andam falando?

— O último — disse Elmes. — E ele é mais que um fantasma da internet. Mais, muito mais. O FBI, estranhamente, tem grande interesse nele, que segundo rumores está ligado a algum tipo de seita.

— Um desses grupos religiosos fanáticos? — perguntou Hudson.

— É aí que a coisa se complica. Alguns relatórios o ligam ao Fé Cega, o bando de fundamentalistas cristãos; outros, a uma corja que se intitula “simulistas”, uma espécie de culto apocalíptico baseado em ciência. Eles são os responsáveis pelos grafites *estamos nos tornando* espalhados por aí. Lembra-se do bilionário Samuel Tennant, encontrado morto por inanição em sua cobertura de Park Lane?

— Lembro...

— Tennant era ligado aos simulistas. Corre o boato de que, antes de se isolar como Howard Hughes, ele declarou ter tido em mãos um exemplar do livro de Astor, *Fantasmas Que Nós Mesmos Criamos.*

— Isso está começando a cheirar como a droga da Nova Ordem Mundial, a conspiração dos Illuminati — resmungou Hudson.

— Ouça, Jack, contratei um pesquisador para investigar a história de Astor. Ela existe. Não faz muito sentido, mas existe.

— Não faz sentido por quê?

— Para começar, sua cronologia revela que Astor deveria estar morto ou inacreditavelmente velho. Foi importante na filosofia do século XX, mas mais como uma sombra do que como uma figura real. Diz-se que escreveu inúmeros

livros filosóficos de enorme influência, nenhum publicado, a maioria na forma de correspondência privada com outros pensadores, sobretudo da área científica.

Hudson inclinou-se para a frente.

— Vamos lá...

— Bem, apesar de os correspondentes preservarem com o maior desvelo os escritos de Astor, nenhuma dessas cartas ou ensaios sobreviveu à morte dele.

— Mas presume-se que ainda esteja vivo...

Elmes deu de ombros.

— Não sabemos quando, onde ou como ele morreu... se é que morreu. Também não sabemos a data e o local de seu nascimento. Como vê, a existência de John Astor só é conhecida por intermédio dos tais escritos. É como se ele existisse apenas refletido por outros. Trata-se de um mistério, é o que lhe digo. E um mistério que, tenho certeza, você é a pessoa indicada para desvendar, fazendo um magnífico documentário a respeito.

Jack recostou-se de novo na cadeira, com ar desconfiado.

— E como um programa sobre um misterioso filósofo do século XX, que pode ou não ter existido, seria mais atraente do que o documentário sobre integração europeia que realizei?

— Muito bem. Para começar, sabemos que filósofos como Henri Poincaré e Karl Popper, além de vários outros, conheciam Astor ou tinham contato com ele, sendo que muitos sofreram sua influência.

— Continue.

— Vejamos dois exemplos. Poincaré morreu quando Popper tinha dez anos de idade. Como pôde Astor ser colega dos dois? E como poderia estar vivo hoje? No entanto, há menções a ele, indubitavelmente do mesmo caráter, nos escritos de meia dúzia de filósofos da ciência ao longo do século XX até os dias de hoje. E agora, a maior: segundo uma lenda urbana, se você encontrar o manuscrito do livro de Astor e lê-lo, ficará louco. É o que teria acontecido a Tennant.

— Ora essa! — suspirou Hudson. — Por um instante, pensei que estivéssemos discutindo um assunto sério, que valesse a pena.

— Não quer fazer algo de bom, Jack? Pois é o que estou lhe oferecendo. Ouviu falar do livro ou não?

— Ouvi. Puro disparate.

— Talvez. Mas o fato é que fragmentos do manuscrito, sepultados na internet, foram descobertos. Seriam do livro de Astor, que Tennant leu antes de começar a definhar até a morte. Mas interessante mesmo é o tema da obra: o terremoto que nunca aconteceu em Boston e as coisas estranhas que vêm ocorrendo pelo mundo afora, com pessoas tendo alucinações e avistando fantasmas. Afirma-se que Astor previu tudo isso.

— Ora, vamos, Tony. Você sabe muito bem que não faltam teorias da conspiração sobre o incidente em Boston. De alienígenas à CIA, dos Illuminati a armas mentais secretas dos nazistas ocultos sob o gelo da Antártida. Há até um *website* onde se lê que todos esses fatores estão conjugados. — Hudson balançou a cabeça. — Às vezes, o poder intelectual de nossa grande nação me deixa muito sensibilizado.

— Bem, todas essas teorias da conspiração fazem parte da habitual... — Elmes lutou para encontrar a palavra certa.

— Apofenia — ajudou Hudson. — A tendência a ver padrões e conexões inexistentes entre coisas. A juntar pontos que não existem.

— Apofenia — repetiu Elmes. — É essa a palavra? De qualquer modo, não se pode negar o que vem acontecendo e que está confundindo o problema real, ou seja, o fato de não conseguirmos apreender a totalidade da história. As alucinações registradas no mundo inteiro vão ficando cada vez maiores e piores. E os rumores são de que o manuscrito de Astor não apenas previu com exatidão as coisas que estão ocorrendo como também as explica. Essa explicação, supostamente bombástica e terrível, é que enlouquece as pessoas.

— Você mesmo disse que os fragmentos descobertos estavam na internet... Como sabe que não se trata apenas de um *nerd* criativo inventando coisas sem parar? Pós-racionalização de eventos depois que eles acontecem?

— Esta não é a primeira vez que Astor produziu uma obra misteriosa com circulação restrita. Na década de 1960, falou-se em outro livro intitulado *The*

Last Mortals. Parece que tem ligação com o último manuscrito e *houve* uma onda de suicídios associados a ele, tal como a atual.

— Acredita em toda essa besteira?

Elmes deu de ombros.

— Acredito que haja material suficiente aí para justificar ao menos uma pesquisa. Está interessado ou não?

— Costumava mostrar escândalos políticos, tragédias humanas, crimes de guerra... Pensa mesmo que vou me envolver com uma droga de teoria da conspiração como esta?

— Então é um não?

— É um não.

— Vou ser franco, Jack: acho que não está em condições, no momento, de recusar nenhum projeto. — Elmes deslizou a pasta para Hudson sobre a mesa. — Por favor, primeiro leia todas as informações e só depois me dê a resposta.

Hudson fitou Elmes por um momento. Apesar do que gostaria de pensar dele, o rapaz parecia mesmo sincero. Um bom sujeito que não deveria ser seu chefe, mas era. Hudson se levantou e pegou a pasta de cima da mesa.

— Já lhe dei a resposta — disse ele. — Mas lerei.

Jodie Silverman esperava-os no corredor com um *tablet* debaixo do braço. Ou, para ser mais exato, esperava Elmes, e quase não deu pela presença de Hudson. Jodie tinha cabelos negros, era bonita sem ser excepcional — uma figura atraente e bem-vestida. Era, enfim, o tipo de garota de estúdio que Hudson vira às dezenas em seu tempo. Mas as coisas haviam mudado: atitudes, hábitos e mesmo as regras sobre comportamento no ambiente de trabalho. O próprio Hudson não era mais o que havia sido. Jodie tinha todo o jeito de uma dessas garotas irrequietas, duronas, irritadiças e carreiristas, mas isso não impedia Hudson de especular se Elmes talvez transasse com ela.

— Olá, Jodie — cumprimentou Hudson. — Está maravilhosa hoje — e riu quando ela o ignorou.

— Temos uma reunião de agendamento de produção às onze — disse ela a Elmes. — Trouxe suas anotações. — Bateu no *tablet* com a unha esmaltada. — Tudo bem com você?

Elmes havia se detido no corredor com uma expressão estranha no rosto e a postura vacilante.

— Epa... acabo de ter uma sensação desagradável de *déjà-vu*...

— De novo, não... — Hudson riu da própria piada. Mas, como Jodie não riu, concluiu que ela precisava mesmo muito de uma transa.

— Tudo bem com você, Tony? — repetiu Jodie.

— Sim — murmurou Elmes. — Mas foi esquisito. — Balançou a cabeça e esboçou um sorriso. — Contarei a vocês quando estiver tendo visões.

— Visões? — perguntou Hudson.

— A síndrome de Boston. Parece que começa sempre assim, com o *déjà-vu*. Pelo menos, é o que dizem.

— Então procure ter a visão de um projeto para mim que valha a pena.

— Foi o que acabei de lhe dar, Jack — disse Elmes. Seu tom advertia Hudson de que ele estava abusando da sorte. Deteve-se de novo. — Estão sentindo um cheiro estranho? — perguntou.

— Além do mau cheiro de escritório, não... — respondeu Hudson.

— Falo sério... um cheiro de queimado.

— De queimado? — Jodie ficou subitamente alerta e farejou o ar. — Não... eu não.

— Nem eu — disse Hudson.

Elmes permaneceu em silêncio por um instante e balançou de novo a cabeça.

— Pensei mesmo estar sentindo cheiro de coisa queimada. Agora passou. — Continuaram andando pelo corredor até o saguão do elevador, um espaço amplo e bem iluminado de sete metros quadrados. As duas paredes laterais eram de vidro até o teto, deixando entrever o centro de Manhattan. — Preciso ir a essa reunião de agendamento, Jack. Prometa-me que dará a isto — tamborilou na pasta que Hudson segurava — a consideração que merece. Faremos alguma

coisa sobre este assunto, de uma maneira ou de outra, e gostaria muito que o encarregado fosse você.

— Falei que leria e vou ler. Mas acho...

— Não estão mesmo sentindo esse cheiro? — atalhou Elmes, olhando ao redor com apreensão.

— Não sinto nada — disse Hudson.

— Eu também não... — Jodie trocou um olhar ansioso com Hudson, voltando-se depois para Elmes.

— Estão brincando... — Elmes farejou desesperadamente o ar e começou a percorrer o saguão, espiando os corredores que davam para ele, examinando também as portas do elevador. — Como podem não sentir? Agora ficou mais forte... Droga, alguma coisa está queimando por aí!

— Não sinto cheiro de nada... — disse Jodie, já perdendo a compostura empertigada de executiva.

— E você? Não está sentindo? — Elmes virou-se para Hudson, agitando a mão a fim de indicar o ar à sua volta.

— Calma, Tony... — Hudson deu um passo à frente e pousou a mão no ombro de Elmes; o rapaz se desvencilhou, olhando para Hudson com uma expressão transtornada.

— Cristo... Cristo... alguma coisa está pegando fogo!

— Acalme-se, Tony... Não há nada. Acalme-se...

De repente, Elmes recuou e encostou-se à parede oposta à porta do elevador.

— Olhem! Com os diabos, olhem!

— Olhem o quê? — perguntou Hudson, que por sua vez se virou para Jodie. — Chame alguém! Chame um médico!

— A fumaça! — Elmes começou a tossir e disparou pelo corredor, como para escapar de algo que os outros não conseguiam ver. — Mas que droga! O que há com vocês? Temos de dar o fora daqui... Agora!

— Jesus! Veja os olhos dele! — exclamou Jodie. Hudson podia vê-los muito bem: vermelhos, inflamados, úmidos. Elmes tossia sem poder se controlar, gaguejando e babando. Fios viscosos desciam dos cantos de sua boca, e o rosto

estava congestionado. Puxou o colarinho num gesto desesperado, como se fosse sufocar.

— Eu pedi que trouxesse a droga de um médico! — gritou Hudson para Jodie, que deu um passo para trás, sempre de olho no arquejante Elmes. — Vá!

Jodie virou-se e saiu correndo.

Hudson se adiantou e pegou Elmes pelo ombro.

— Escute, Tony... você está tendo uma espécie de ataque. Está vendo coisas. Jodie foi buscar ajuda... Enquanto isso, procure se acalmar.

— Vocês ficaram loucos! Malucos! Precisamos sair daqui! Veja!

— O quê?

— As chamas, por Deus! O fogo! Jesus! Jesus!

— Tony, não há fogo nenhum...

Elmes empurrou o colega com violência, fazendo-o cair. Quando Hudson se levantou, viu Elmes estendendo os braços como um cego, os olhos arregalados e úmidos, parecendo não enxergar nada. A tosse agora era constante, entrecortada, e ele parecia fazer um enorme esforço para respirar.

Jodie reapareceu no corredor, em disparada, trazendo um homem gordo e calvo, que vestia camisa branca de mangas curtas e calças pretas.

— A ambulância está vindo... — O segurança olhou aflito para Elmes. — O que há de errado com ele?

— Não sei, mas fique longe... o homem está violento.

Elmes continuou a avançar trôpego pelo corredor, em direção aos colegas que o observavam, prontos a segurá-lo caso caísse.

— Deus do céu! — murmurou Jodie. — Parece que ficou cego...

— Me ajudem! — bradava Elmes com desespero. — Em nome de Deus, me ajudem! — Pôs-se a bater os pés no chão, executando uma dança bizarra como se tentasse afugentar algo de suas pernas. Com um olhar selvagem, via algo terrível, algo monstruoso que ninguém mais conseguia ver.

Gritou. Um grito como Hudson jamais ouvira: um grito agudo, animalesco, que já não exprimia medo e sim dor. Tombando ao chão, Elmes passou a

estrebuchar e a arranhar-se convulsivamente, sempre ao som terrível de seu grito inumano. Bracejando, rasgou as roupas e rolou pelo assoalho encerado.

Foi então que Hudson e os outros viram.

A pele de Elmes — do rosto, das mãos e do peito nu por sob a camisa em frangalhos — tornou-se violácea. Surgiram bolhas, e ela começou a descascar para depois ficar negra.

— Jesus! — exclamou Hudson. — Ele está queimando... Está queimando de verdade.

Mas não havia chama alguma, tampouco fumaça ou sinais de combustão, exceto pelo corpo torturado de Elmes. O grito se transformou em outra coisa: um gorgolejar espesso, pastoso. Agora todos podiam sentir o odor pungente, doentio e adocicado da carne tostada de Elmer.

Hudson se virou para o segurança.

— Em nome de Cristo, traga um jarro de água!

— Mas não há fogo...

— Para jogar *nele*, idiota! — Sem a menor ideia do que pudesse fazer para ajudar o infeliz, Hudson atirou ao chão a pasta que carregava e correu para se ajoelhar junto ao corpo de Elmes. Este já não se contorcia; seus movimentos eram lentos e breves. A pele se fora, deixando exposta uma mistura de tecidos avermelhados e crostas enegrecidas. A cabeleira se desfizera em punhados esparsos de fios pretos. Hudson podia ver a gordura subcutânea esbranquiçada borbulhar, fervilhante. Já sem os cílios, as pálpebras de Elmes haviam encolhido, ressecadas. Nenhum movimento. Hudson tentou apalpar-lhe o pulso, mas retirou a mão com rapidez, pois a carne negra e quente queimara as pontas de seus dedos.

Hudson se levantou e viu o corpo agora morto de Elmes se contrair, formando uma gárgula negra, os tendões ressequidos repuxando as pernas, retorcendo os braços e fechando em garras o que havia restado dos dedos.

Hudson ouviu os sons de Jodie vomitando e a voz do segurança: ruídos que pareciam vir de quilômetros de distância. Ouviu também exclamações aflitas e

alarmadas de outras pessoas que acorriam de outras partes do edifício e se juntavam atrás dele.

— O que aconteceu com o cara? — perguntou de novo o segurança.

— Não sei... — respondeu Hudson. — Não faço ideia. Pensei que estivesse tendo uma daquelas alucinações, mas não era nada disso. Combustão espontânea, talvez... que eu imaginava ser um mito. Ninguém na verdade jamais documentou semelhante fenômeno...

— Não foi nenhuma droga de mito — resmungou o segurança. — Foi real!

Hudson deu total razão ao homem. Era a única coisa que fazia sentido. Estava confuso, chocado, incrédulo. E o que mais aumentou sua incredulidade e desgosto foi uma ideia solitária que dominou todos os seus sentidos. Uma ideia indigna dele, indigna de qualquer um.

Ninguém jamais havia documentado aquele fenômeno. Se ele tivesse uma equipe de filmagem consigo...

38

JOHN MACBETH. BOSTON

Quando Corbin ligou para Walt Ramirez de seu escritório, o oficial da Polícia Rodoviária se desculpou pela pressa e explicou que planejava voar logo no dia seguinte. Perguntou se poderia ver Deborah imediatamente após sua chegada e, em seguida, conversar com Macbeth.

— Você tem sorte — disse Corbin. — Estou agora no McLean com o doutor Macbeth. Vou colocá-lo na linha. — Passou o fone para Macbeth, que combinou tudo com Ramirez.

— Vai permitir que eu esteja presente? — perguntou a Corbin, devolvendo-lhe o aparelho.

— Sem dúvida. Como falei, aprecio sua intuição, e não acho que já tenhamos chegado a um diagnóstico. Mesmo assim, sua conexão com Melissa significa que tem interesse pessoal no caso e, devo admitir, não gosto de policiais fazendo perguntas a meus pacientes durante o tratamento.

— Ramirez parece gente boa — disse Macbeth. — O FBI fez contato?

— O FBI?

— Sim. Fui procurado pelo agente especial Bundy.

— Um agente do FBI com esse nome? Está brincando...

— Tivemos uma agradável conversa no banco de trás do seu carro um dia destes. E não é só o nome que chama a atenção. O homem tem olhos esquisitos, o caso mais gritante de heterocromia central que já vi.

— Para ser sincero, não me lembro de nenhuma visita do FBI, muito menos de alguém com olhos de duas cores e nome de *serial killer*. Ele estava interessado em quê?

— Seitas. Grupos secretos. John Astor.

— Há alguma ligação?

— Bundy acha que sim, mas eu lhe disse que estaria muito enganado se supusesse algum envolvimento de Melissa com qualquer espécie de culto.

— A Melissa que você conheceu, John. A Melissa que Debbie conheceu parece ter sido uma pessoa bem diferente.

Macbeth assentiu, abatido, e a visão de uma Melissa tranquila e feliz com Samuel Tennant faiscou em sua lembrança como um *flash* de câmera fotográfica.

— E quanto à equipe da OMS? — perguntou Corbin, para mudar de assunto. — Vai colaborar com eles?

— Na medida do possível. O Projeto Copenhague toma todo o meu tempo. E o chefão, Georg Poulsen, pôs os maiores obstáculos à minha vinda a Boston, mesmo eu estando aqui por conta do Projeto. Deixou bem claro que me quer de volta o mais rápido possível, para reassumir o trabalho. Uma coisa eu lhe digo: é o homem mais dedicado com quem já trabalhei; parece até que tem algum interesse pessoal, e não apenas profissional, no Projeto.

— Como assim?

Macbeth deu de ombros.

— Ele é também o sujeito mais agressivo que já vi. Aprendi depressa a não lhe perguntar nada além dos assuntos do Projeto.

— Mas sem dúvida ele entende como é importante ir até o fim na investigação desses incidentes.

— Poulsen acha que o Projeto vem antes de tudo. Mas admito que eu gostaria de esclarecer que droga é essa que está acontecendo. — Macbeth fez uma pausa, como se hesitasse em colocar o próximo pensamento em palavras. — Sabe, Pete, tenho interesse pessoal em descobrir o que está por trás do fenômeno.

— Hein?

— Bem no começo de tudo, você me falou de uma paciente que o procurou por ter sofrido uma dessas alucinações. Disse que ela “encontrou” uma versão mais jovem de si mesma e se recordava da experiência como moça, a partir de outra perspectiva. Lembra?

— Claro.

— E lembra-se do dia em que decidiu ser psiquiatra, Pete? Quero dizer, do momento exato?

— Para ser franco, não... Mergulhei de cabeça no trabalho, seguindo meus interesses logo depois que me formei. Acho que sempre tive vocação para a neurociência.

— Eu queria ser psiquiatra desde menino — disse Macbeth. — Lembro-me perfeitamente do dia em que perguntei a meu pai qual era a sua profissão. Tinha onze ou doze anos. Ele trabalhava muito em casa, no Cape, e eu costumava ir com frequência ao seu escritório... Pensando bem, acho que o atrapalhava, mas ele nunca se queixou. Eu chegava com meus livros, minhas enciclopédias e dezenas de perguntas sobre planetas, países e dinossauros. Ele sorria, pedia que eu me sentasse e respondia a tudo. Naquela ocasião, perguntei-lhe o que ele fazia. Quer dizer, eu sabia que ele era psiquiatra, mas ignorava o significado disso.

— E o que ele respondeu?

Macbeth sorriu à lembrança.

— Respondeu que toda pessoa viva tem uma mente, e toda mente é um universo, repleto de bilhões de pensamentos, à semelhança de estrelas. Cada pessoa ocupa o centro de seu universo único, moldado segundo suas experiências e conhecimentos exclusivos, tudo o que viu, ouviu ou sentiu, e mesmo leu ou aprendeu. Explicou que, às vezes, esse universo pode ser um lugar solitário e assustador. Não raro, as pessoas ficam confusas quanto ao que é real ou não, o que recordam ou imaginam. Ser um psiquiatra, disse ele, é como ser um astronauta: sua função consiste em explorar cada mente, descobrir novos lugares e maravilhas, levando o paciente a compreender que não está sozinho.

— Ótima descrição, se quer saber — reconheceu Corbin. — E isso o convenceu a estudar psiquiatria?

— Não. Houve mais uma coisa. Enquanto ele me explicava tudo isso, uma outra pessoa se encontrava no escritório. Não a vi quando entrei, só depois: um homem sentado a um canto, olhando e escutando.

— Um paciente?

— Meu pai nunca tratava pacientes em casa. Então percebi que ele não via aquele homem. Só eu podia vê-lo. E o homem podia me ver. Ouça, Pete... nunca contei isso a ninguém, exceto a Casey.

Corbin fez um gesto de anuência, deixando claro que entendia.

— Vá em frente...

— Pensei que o homem sentado a um canto fosse um fantasma. Comuniquei o fato a meu pai, e ele me perguntou onde o homem estava e o que fazia. Respondi que estava apenas sentado, ouvindo-nos. Papai explicou que fantasmas não existiam, mas que às vezes a mente podia inventar coisas. Permaneceu muito calmo, mas sei agora que devia estar repassando mentalmente dezenas de diagnósticos. Disse que eu era um garoto brilhante e lia muito sobre diversos fatos, podendo a mente, com frequência, ficar sobrecarregada. Aproximou-se e pousou as mãos nos meus ombros, pedindo que o olhasse nos olhos e ignorasse o homem ao canto até ele me permitir que o fizesse. Afirmou que eu estava cansado e me expusera ao sol por tempo demais; que, quando o cérebro se cansa, fica confuso e coloca as coisas que vê na ordem errada. Garantiu que não havia ninguém naquele canto, que tudo não passava de um engano da minha mente. Se eu olhasse de novo, ele não estaria mais lá. Olhei, e ele se fora. Foi isso que me convenceu a ser psiquiatra. Experimentei pessoalmente o modo como o cérebro pode nos ludibriar, como ele pode fazer o irreal parecer real e como um psiquiatra pode lhe mostrar o caminho de volta à realidade.

— Poxa! — Corbin meneou a cabeça. — Você sabe a facilidade com que ilusões ou alucinações isoladas acontecem na infância e na adolescência. Presumo que essa tenha sido um fato isolado... Viu o homem de novo?

— Você me perguntou por que eu estava tão interessado em sua paciente. É porque... porque eu o vi de novo. O mesmo homem que vi naquele dia, sentado a um canto do escritório do meu pai. Pelos últimos cinco anos, eu o tenho visto todos os dias, todas as manhãs, quando me olho no espelho para fazer a barba. Era eu, Pete. Era eu como sou agora.

39

MARKUS. ALEMANHA

Eram vinte deles, sem contar o motorista: dezesseis estudantes e quatro professores. Markus Schwab, que quase nunca fazia as coisas com ansiedade ou pressa, tinha dado um jeito de ser o primeiro a entrar no ônibus. Sua precipitação não fora despertada pela ideia do passeio escolar e com certeza também não pelo atrativo do lugar para onde iam, mas apenas pela vontade de, lá atrás, assegurar uma poltrona junto à janela para si.

Não que Markus odiasse os colegas; é que na verdade, para um rapazinho de dezessete anos, faltava-lhe acentuadamente o veneno da adolescência: não odiava a vida, não odiava os pais, não odiava os professores e colegas. Sucedia apenas que eles o aborreciam: o entusiasmo, os desatinos, a preocupação com coisas que significavam muito para eles, mas na realidade nada significavam para os demais, a obsessão com a inconsequência — isso irritaria Markus caso pudesse mobilizar energias para se irritar.

Assim, Markus se sentou na última poltrona, perto da janela. Poderia, pois, observar o mundo desfilando a seu lado, o MP3 vertendo música em seu cérebro.

A viagem, como tinha sido explicado aos alunos, era muito importante levando-se em conta o que vinha acontecendo na Europa. A história começava a ser partilhada. O contexto para qualquer evento dos séculos XIX e XX passara a ser visto como o das dores do parto demorado de uma nova nação. A Europa já não era um termo geográfico, mas uma identidade.

— Vocês, jovens — explicara *Herr* Hartz, o professor de história, antes que entrassem no ônibus —, estão vivendo numa época de enorme importância. Quando eu tinha a idade de vocês, a Alemanha havia acabado de se reunificar, e

o que significava ser alemão, bem como o lugar da Alemanha no mundo, tinham mudado da noite para o dia. Vocês, jovens, representarão a primeira geração para a qual ser europeu e o novo lugar da Europa no mundo importarão mais que o senso de ser alemão. O que veremos hoje mostrará por que tal progresso é decisivo. Mostrará por que o estreito nacionalismo constitui o pior dos males no pensamento político.

Blá-blá-blá...

Markus ouvira a arenga preparatória de Hartz com a mesma indiferença com que ouvia todas as suas lições. A escola era um construto social inútil, e o homem era chato demais. Markus não o acusava pelo enfado que sentia: ele era professor e, *ipso facto*, possuía intelecto embotado e restrito.

Ipso facto.

Apesar de seus melhores esforços, saía-se bem em línguas, vivas ou mortas. Na verdade, saía-se bem em quase todas as matérias e aborrecia-se pelo fato de, no íntimo, não estar decidido a fracassar. Esse era o paradoxo de Markus: fracassar exigiria esforço; sair-se bem era fácil. Pelo menos, essa tinha sido a desculpa que se permitira para evitar a vergonha de sentir certo orgulho burguês na realização de objetivos socialmente prescritos.

No momento, porém, alcançara seus dois objetivos: a poltrona no fundo do ônibus e o isolamento que proporcionava. Havia mais assentos que passageiros, e os outros tinham se aglomerado na frente, deixando Markus com seu pequeno império de poltrona e janela.

A viagem, avisara Hartz em seu tom monótono, duraria duas horas e quinze minutos e parariam no caminho para almoçar. Tão logo o professor se sentou, Markus colocou os fones de ouvido e voltou a atenção para o mundo lá fora. Duas horas e quinze minutos. Cento e trinta e cinco minutos de isolamento. Sentiu, a contragosto, uma leve satisfação.

Já com o ônibus em movimento, Markus apertou o botão *play* do MP3 e contemplou os subúrbios de Stuttgart desfilando pela janela. Surgia uma casa, às vezes uma figura à porta, saindo de um carro na entrada ou trabalhando no jardim, o vislumbre de uma vida antes e depois de sua breve aparição atrás do

escudo de vidro do ônibus. Markus não achava estranho nem preocupante seu distanciamento daquele mundo efêmero; para ele, esse estado de ser era tão natural quanto qualquer outro.

Um dos segredos que Markus mantinha escondido do mundo era a música que ouvia. Os colegas pareciam unidos no amor ao *heavy metal* industrial: letras comicamente tenebrosas ao lado de ruídos desagradáveis, dissonantes. O perfeito acompanhamento, supunha ele, para a adolescência. Markus, ao contrário, ouvia uma ampla variedade de manifestações musicais, mas sobretudo, como fazia agora, Bach. Não ignorava a ironia de, apesar de não ter interesse pelo passado e achar a história o assunto mais tedioso de um currículo sem graça, apreciar a música composta há mais de dois séculos e meio. Mas reconciliava esse paradoxo dizendo a si mesmo que a música pertencia a seu tempo, não ao tempo de Bach. A seu ver, tal como todo conhecimento e toda arte, ela tão somente aparecera quando ele, Markus Schwab, a descobrira.

Fora da janela, as casas foram minguando, e as árvores se adensando ao som dos *Concertos de Brandenburgo*. A estrada conduzia o ônibus ao longo da margem do rio Neckar, que se desdobrava à direita, o lado do assento de Markus, enquanto, à esquerda, erguiam-se as encostas cobertas de vinhedos. Era um dia agradável, com o sol faiscando na água e o céu estriado de farrapos de nuvens. Tudo parecia bem maquiado e limpo: a Natureza sob o domínio do Homem.

Pararam em Ulm para o almoço. O local lembrava uma cafeteria, e Markus foi obrigado a dividir a mesa com Imke Paulig e duas de suas amigas idiotas. O trio se sentou, trocando risinhos e cochichos discretos, o vazio e a estupidez estampados no rosto. De vez em quando, Imke lançava, para Markus, um olhar que obviamente julgava ser muito significativo. Ele a ignorou, o que só fez encorajá-la.

O cochicho velado se tornou mais desinibido e sério a certa altura, e Markus não conseguiu deixar de ouvi-lo enquanto fingia olhar pela janela. As garotas falavam das novidades de Boston, nos Estados Unidos, onde um estranho vírus fazia as pessoas sonhar acordadas: viam coisas que não existiam, e centenas

delas tinham imaginado um terremoto que jamais ocorrera. Mas essas coisas não estavam acontecendo apenas em Boston.

— Sabem o que acho? — perguntou Stefanie, a amiga de cabelos negros de Imke. — Acho que é tudo consequência da grande quantidade de drogas que os norte-americanos consomem. Talvez a causa seja alguma porcaria nova que não deu certo.

Markus não se conteve. Virou-se para as garotas.

— Sim... eu também ouvi isso. E há uma nova droga aqui mesmo na Alemanha. Uma droga mais perigosa ainda.

— Ah, é? — interessou-se Stefanie, inclinando-se para a frente.

— Sim — continuou Markus. — Tem esses terríveis efeitos colaterais... Ao que parece, afeta tanto o cérebro quanto o ânus. Toda a merda sobe para a cabeça, e a pessoa começa a pensar com o rabo.

Stefanie se levantou e deixou a mesa. As outras a seguiram, Imke ficando por último.

— Sabe de uma coisa, Markus? — disse ela ao se afastar. — Essa merda é você.

Markus deu de ombros e observou o traseiro de Imke, enquanto ela cruzava a cafeteria; estava pouco se lixando para o que a garota pensasse dele.

Viu que *Herr* Hartz interceptava as meninas, ao perceber que algum incidente ocorrera. O professor de história caminhou em direção a Markus, disfarçando suas intenções com um andar descontraído. Sentou-se ao lado do rapaz.

— Escute aqui, Markus — começou Hartz, fitando o jovem com seus olhinhos escuros, parecidos aos de um tubarão encravados num crânio humano —, você tem sorte de ser bem-dotado intelectualmente. Se quer continuar se sentindo superior aos outros, o problema é seu... mas, quando tenta fazer os outros se sentirem inferiores, o problema é meu.

— Não tenho nenhum problema com a inferioridade alheia, *Herr* Hartz — disse Markus. — O meu problema é com a estupidez.

— As pessoas não podem fazer nada quanto à própria capacidade intelectual, ou a falta dela.

— Não é a isso que me refiro — resmungou Markus, exasperado. — Como o senhor bem disse, ninguém tem culpa por ser medíocre. O que desprezo é a exaltação da estupidez. Não é algo de que precisemos ter dó, e sim medo. A estupidez, um dia, matará todos nós. Posso estar enganado, mas sinto que é este o objetivo da nossa pequena excursão.

— Pelo que vejo, não está nada entusiasmado com ela.

Markus deu de ombros.

— Não percebo qual seja o objetivo. Ou melhor, percebo, mas não acho que se aplique a mim. Entendo. Sempre entendi. Não preciso que me joguem isso na cara.

— Bem, uma das coisas que poderá aprender hoje é como costuma ser perigoso para uma pessoa considerar-se superior às outras. Eis uma lição bastante proveitosa. — Hartz fez uma pausa, percorrendo a cafeteria com seus olhos de tubarão. — Escute, Markus — prosseguiu logo depois —, você se saiu bem em todas as provas de história que apliquei porque já sabia as perguntas. Tem enorme capacidade para guardar fatos e datas...

— Então ignoro qual possa ser o problema — disse Markus, embora houvesse entendido com perfeição.

— Você está entrando no jogo, no sistema. É minha obrigação identificar e desenvolver mentes jovens, sobretudo as de maior potencial, como a sua. E isso significa ir além do que se espera da pessoa. Você tem uma cabeça muito boa, Markus. Uma cabeça muito boa, que precisa se aprimorar.

— Eu mesmo aprimoro minha mente. E, se o senhor está falando em aumentar meu interesse pela história, lamento, *Herr* Hartz, mas não consigo. Reconheço suas boas intenções e aprecio suas palavras, mas já dei o que podia a um assunto que, receio, não tem nada a ver comigo.

— Como pode dizer isso? — Hartz parecia genuinamente chocado. — A história tem tudo a ver com cada um de nós. Ela nos faz, ela molda o mundo que nos cerca.

— O mundo é o que é. Aceito isso. Não podemos viver no passado. Só podemos viver no presente.

Hartz riu.

— E eu, onde fico como historiador? Isso não é minha profissão, mas o que sou. Estou ligado ao passado.

— Não, não está... — Markus adotou um tom e uma expressão de mais seriedade. — Sinto muito, *Herr* Hartz, mas, com o maior respeito, o senhor não é isso. Passado é lembrança, não um lugar para ser visitado. Não existe mais. Só existe o aqui e agora. Li um livro não faz muito tempo; o autor explora a reminiscência... a natureza da recordação. A personagem principal está no final da meia-idade e venceu na vida. Está feliz e satisfeita. Encontra um amigo da juventude e começa a pensar no passado. Antes que o perceba, compra uma música e a grava, música que não ouvia desde que tinha a minha idade. Coloca os fones de ouvido, fecha os olhos e ouve; então, como Proust saboreando sua *madeleine*, volta àquela fase da vida. Por um instante, acredita ser possível viajar no tempo com seus pensamentos, recriar o passado na mente e revivê-lo. Assim, ouve a música várias vezes. Então conclui que está agora no presente, não no passado. Não é um disco de vinil arranhado que se coloca para tocar numa vitrola, e sim uma gravação digital num MP3. Ouviu-a tantas vezes que a música já não conjura seu quarto de adolescente, e sim o apartamento luxuoso onde vive. — Markus balançou a cabeça. — Quando saímos numa excursão como esta, olhamos para velhos edifícios, e o senhor os descreve como quinhentistas ou quatrocentistas. Mas não são: são objetos do século XXI. Existem aqui e agora, não importa a época em que foram construídos. Daqui a cem anos, serão objetos do século XXII. O passado se foi, está morto e enterrado. Não há lições a aprender do que aconteceu, apenas do que acontece agora.

Hartz permanecia sentado, em silêncio. Não havia cólera nem animosidade em seu semblante, apenas uma ligeira tristeza, como se lamentasse algum defeito, alguma deficiência naquele aluno.

— Só posso lhe dizer uma coisa — disse ele por fim. — Para ser sincero, acho que você não está certo. Precisamos evocar o passado. Aprender com ele. O hoje depende do ontem. O que me disse não é apenas triste, é aterrorizante.

Menos de uma hora e meia depois, saindo de Ulm, chegaram a seu destino. Apesar de tudo o que tinha dito a Hartz e de tudo o que havia prometido a si mesmo, sentiu uma espécie de calafrio ao ver aquilo.

Uma coisa o perturbou, justamente aquilo que, em suas palavras a Hartz, não poderia acontecer: algo do passado existir no presente. Quando o ônibus percorreu a Alte Römerstrasse, pouco antes de virar para a estrada que conduzia ao centro de visitas e ao estacionamento, viu o que só conhecia de fotos em preto e branco, registro imperfeito de uma realidade passada, mas que agora ali estava em cores vibrantes, sólido e presente. O muro que corria ao longo da estrada moderna tinha arame farpado em cima e era interrompido por robustas torres de base quadrada, cada torre provida de vidraças dos quatro lados, sob um teto em forma de pirâmide.

Desceram do ônibus no estacionamento que dava para o centro de visitas. Hartz desapareceu no edifício e voltou com uma atraente jovem de cabelos negros que se apresentou aos alunos como Anna e informou-os de que seria a guia deles. Depois de se certificar de que todos estavam prontos, atravessou com eles o portão de ferro em arco da *Jourhaus*, levando-os para dentro do complexo principal.

Apesar da determinação em permanecer imune à experiência e de seu conhecimento de que as três palavras fundidas em ferro no alto dos portões eram uma réplica feita em 1960 do original, Markus não pôde deixar de estremecer quando as leu:

ARBEIT MACHT FREI

“O trabalho liberta.” Markus, junto com os demais, manteve um silêncio convenientemente digno, ouvindo a jovem e bela mulher recitar fatos antigos e horrendos.

Foram levados para os dois únicos blocos de barracões ainda de pé. Não eram os barracões originais, e sim réplicas exatas construídas em 1965. “Para que

isso?”, pensou Markus. O que tinha acontecido ali era tão monstruoso que não deveria ser exibido em reproduções.

Markus achou fascinante a reação dos outros. O grupo expressava sinceridade, ele o sabia, embora esse nem sempre fosse o caso em visitas escolares. Alguns colegas estavam interessados de verdade, mas da mesma maneira que numa galeria de arte ou museu. Outros pareciam bastante afetados pelo que viam e ouviam; percebeu que Imke Paulig tinha permanecido calada a maior parte do tempo e que seu rosto empalideceu quando lhes mostraram os crematórios. Algumas pessoas, Markus sabia, alegavam poder sentir ainda o cheiro de carne e ossos queimados perto dos fornos. Markus não sentia nada e admirou-se da facilidade com que muita gente se deixava iludir pela imaginação.

Para Markus, aquele era apenas um lugar onde fatos horrendos, inesquecivelmente horrendos, tinham ocorrido há muito, muito tempo. Fatos que não lhe diziam respeito. Qualquer *Erbschuld* que tivesse existido já havia sido paga ou era da responsabilidade da geração anterior à sua, não dele. Markus podia desdenhar os outros, mas era sensível o bastante para repudiar erros, a desumanidade. Os crimes cometidos ali tinham sido terríveis, abomináveis, e ele se sentia mal com isso; mas se sentia do mesmo modo com relação a crimes cometidos na Rússia stalinista, na Sérvia, em Ruanda ou em dezenas de lugares e épocas diferentes.

Depois da visita guiada, os alunos poderiam andar pelas imediações a fim de refletir um pouco.

Markus, como sempre, preferiu ficar sozinho, observando os colegas de um banco sob um salgueiro. Uma parte dele queria se comover, sentir alguma coisa ressoar em seu íntimo — mas isso não acontecia.

O lugar pertencia ao aqui e agora. O que tinha acontecido ali fora trágico; o lugar em si não era. Markus não o achava desagradável, embora, é evidente, fosse um tanto rústico. Mas era também calmo e silencioso.

Talvez o clima é que o fizesse se sentir daquela maneira: nada mais difícil do que harmonizar o céu azul de início de verão e o sol em seu rosto com um local

de tanto sofrimento e morte. Mas, teve de reconhecer, outrora o sol havia brilhado ali também.

Markus pensou em ligar o MP3, mas achou que isso talvez parecesse desrespeitoso. Inclinou-se então para trás e estirou os braços ao longo do encosto do banco, fechou os olhos e expôs o rosto aos raios do sol.

Markus Schwab, sentado no banco sob os raios do sol, experimentou de repente uma estranha sensação.

A melhor maneira de descrevê-la seria: uma sensação de *déjà-vu*.

40

JOHN MACBETH. BOSTON

Casey passou-lhe uma espécie de folha de titânio de cor pérola. Bem mais fina e leve que seu velho *laptop*, pareceu a Macbeth algo muito avançado para a época. Era velho o bastante para se lembrar do mundo antes da revolução da informática e, de vez em quando, como agora, sentia-se vivendo no futuro.

— Seu novo brinquedinho: quatro vezes mais memória e pelo menos duas vezes a velocidade do antigo. Gravei nele o essencial para suas necessidades.

— Nenhum arquivo-fantasma? — perguntou Macbeth.

— Nenhum arquivo-fantasma. Caso não se importe, ficarei com o velho por algum tempo e verei se consigo limpar o que quer que esteja fazendo o arquivo aparecer. Posso levá-lo a Copenhague quando for até lá.

— Parece ótimo. Obrigado.

— Não foi nada. Mais café?

Macbeth assentiu com um gesto de cabeça. Estavam na cozinha e haviam passado a noite no apartamento de Casey, fazendo os arranjos para a partida de Macbeth e o encontro dos dois em Copenhague, dali a duas semanas. Após o almoço no McLean, Macbeth não estava com muita fome e, em vez de sair, os irmãos preferiram se sentar à mesa e comer sanduíches e tomar café.

Macbeth se sentia bem ali com Casey. Nas ruas, no metrô e nos espaços públicos, via cada vez mais pessoas em transe, ausentes deste mundo e habitando outro, visível apenas para elas. De todas as partes chegavam notícias de visões, de eventos em massa. O apartamento do irmão era um refúgio calmo, agradável. Durante seu tempo na Dinamarca, Macbeth aprendera uma palavra peculiar: *hygge*, um desses termos estrangeiros que encerram um conceito completo, um

sentimento, não podendo ser traduzidos por um só vocábulo. *Hygge* é o sentimento que a pessoa tem, ou a atmosfera que cria, quando se sente confortável e descontraída em casa, na companhia de familiares ou de amigos convidados. Ficar com Casey era *hyggelig*.

De várias maneiras, Macbeth e Casey pareciam mais gêmeos que irmãos separados por quatro anos. Embora estranho, Macbeth às vezes sentia inveja de Casey, de seu sucesso, da lucidez de seu intelecto; era estranho porque não se tratava da inveja de outra pessoa, mas da inveja de uma versão melhor de si mesmo.

— Se eu não conseguir, você se importa se eu pedir a um amigo meu do MIT que dê uma olhada em seu *laptop*? — perguntou Casey. — Ele é especialista nisso.

— Sem problemas.

Casey deslizou a xícara de café sobre a mesa para enchê-la de novo. Algo parecia bem claro em sua mente.

— Tudo bem com você? — perguntou Macbeth.

Casey deu de ombros.

— Começo a ter uma sensação ruim quanto a esse simpósio em Oxford.

— É mesmo? — surpreendeu-se Macbeth. — Que tipo de sensação ruim?

— Não sei. Algo está me incomodando, uma impressão que não consigo determinar. Isso desde o que aconteceu quando estávamos no restaurante, e ignoro que droga possa ser.

— Para ser sincero, acho que todo mundo se sente assim depois daquilo.

— Também acho... mas isto é diferente, é como se eu soubesse alguma coisa e mesmo assim ainda ignorasse que sei. — Casey fez uma careta. — Parece besteira, não parece?

— Não — disse Macbeth. — Às vezes, nosso inconsciente junta coisas que o consciente não está pronto para absorver. Mas elas estão lá. E não é de surpreender que se sinta pouco à vontade com toda essa porcaria que vem acontecendo: o Fé Cega, os terroristas islâmicos e outros fanáticos religiosos parecem estar saindo dos respectivos esconderijos para atacar a ciência.

Casey refletiu sobre o que o irmão tinha acabado de dizer e balançou a cabeça.

— É mais que isso. Talvez não apenas uma coisa, mas várias coisas diminutas que não consigo conectar.

— Por exemplo?

— Por exemplo, quando perguntei por aí se Gabriel estava envolvido com os simulistas, ninguém soube dizer ao certo. Mas me informaram que, segundo parece, o professor Gillman está. E muito. E há o Projeto Prometeu, para complicar.

— O que sabe sobre esse projeto?

— Quase nada. — Casey meneou a cabeça numa negativa, frustrado. — Ignoro até o que ele seja. Mas *sei* que será um enorme passo à frente. Um passo que talvez não estejamos prontos para dar.

— Não entendi — confessou Macbeth.

— Nunca pensou como é estranho vivermos justamente nesta época? Assistimos aos maiores avanços tecnológicos na história da humanidade. Nos duzentos mil anos da história humana, todas as nossas conquistas foram comprimidas num século, a maioria em duas décadas. E esse movimento vem se acelerando.

— E isso é, necessariamente, algo ruim?

— Depende. Caminhamos para o limiar da Singularidade, quando tecnologia e inteligência artificial superarão a inteligência humana. Alguns afirmam que esse será o fim da humanidade, outros que será o início: a evolução humana deixará de ser um processo natural para se tornar um planejamento. Planejamento feito por nós. Estamos na iminência de modificar aquilo que somos como espécie. Todas as tecnologias se aceleram, e é impossível predizer como será nossa vida daqui a apenas vinte ou trinta anos. Mas, apesar de tudo isso, de repente nos vemos às voltas com um ressurgimento do fundamentalismo e do obscurantismo. É quase como se, sem saber, os fundamentalistas religiosos e os malucos contrários à ciência tentassem nos salvar da Singularidade. Talvez seja um instinto nosso como espécie.

— E é isso que o tem aborrecido?

— Em parte, é possível. Como falei, há muitas outras coisas. As alucinações, por exemplo.

— É compreensível.

— Não me refiro apenas aos acontecimentos em si, mas também à natureza deles. A alucinação é subjetiva e pessoal e, por definição, falsa. Algo percebido como real, mas que não é. Correto?

— Correto.

— Entretanto, você e eu, assim como os demais, *partilhamos* a mesma alucinação. E o terremoto a que assistimos combina perfeitamente com um acontecimento histórico. Ora, uma alucinação não deveria ser pessoal e subjetiva, à parte de *todas* as realidades, mesmo as passadas? Quem já ouviu falar em milhares de pessoas partilhando a mesma alucinação, ao mesmo tempo?

— Aonde quer chegar? — indagou Macbeth.

— Meu ofício, assim como o de Gabriel, é observar um universo minúsculo que desafia a compreensão e onde todas as leis da física clássica são viradas de cabeça para baixo. O que exprimimos por meio da linguagem abstrata das equações soa incompreensível ou enganoso tão logo tentemos exprimi-lo por meio da linguagem comum ou fora do ambiente científico. A física começou como o estudo das forças naturais, e agora trata da natureza da própria realidade. E, no momento, há algo de errado com a realidade.

— Está me dizendo que essas alucinações não são psicológicas, mas algo relacionado ao mundo físico?

— Estou lhe dizendo que pode ser isso. Janelas se abrindo no tempo. Não sei. Não posso sequer formular uma teoria sobre a razão desses acontecimentos. Só sei que o Projeto Prometeu é o maior salto que demos numa geração e coincide com toda essa maluquice.

— Está considerando com seriedade que haja aí alguma conexão? — perguntou Macbeth.

— Ouça: em termos simples, não sabemos qual é o *spin* de um elétron nem sua forma, até olharmos para ele. O problema é: só *depois* de olharmos para ele é que o elétron assume essa forma. Um fóton só decide se é onda ou partícula

quando alguém o observa. Estamos chegando à conclusão de que o universo inteiro não tem forma definida enquanto não o *observamos*. Simplificando bastante, o fato é que tudo se encontra em qualquer estado possível, mas em nenhum, antes que haja a observação. E se o trabalho de Blackwell abordou uma parte nova e desconhecida da realidade? Talvez o mero ato de olhar mude alguma coisa, fazendo-a tomar forma definida. — Casey ficou em silêncio por um instante. — Sabe qual é a minha definição de realidade? Cada um de nós perambula pelas trevas emitindo a própria luz, iluminando uma partícula infinitesimal do universo. Existe realidade objetiva quando muitos de nós dirigimos nossos fachos para o mesmo ponto. As pessoas de quem você trata, os alucinados e esquizoides... iluminam uma realidade alternativa, apenas isso.

— Gabriel disse, quase literalmente, a mesma coisa... — murmurou Macbeth, pensativo. — Mas ainda não consigo enxergar...

— Talvez estejamos iluminando com nossas tochas mais de uma realidade. E talvez isso tenha algo a ver com... — Casey foi interrompido pelo toque do telefone. Quando atendeu, Macbeth não demorou a perceber que se tratava de más notícias.

Péssimas notícias.

Não havia televisão no apartamento, por isso usaram o *laptop* que Macbeth tinha ganhado de Casey para ver o noticiário da TV pela internet. A confusão habitual de uma história fragmentada: a câmera passeando de um lado para outro em vez de se fixar, magnetizada por gritos e sirenes ou pela súbita intumescência de uma bola de fogo. A luz e as cores se polarizavam na tela: irrupções e centelhas amarelas e alaranjadas contra o azul-escuro e turquesa do céu vespertino; silhuetas aparecendo e desaparecendo atrás do brilho das chamas enquanto bombeiros e policiais corriam de um lado para o outro.

— Droga! — exclamou Casey. — Mas que droga!

A imagem deu lugar a uma repórter ao vivo, a maquiagem perfeita iluminada imperfeitamente pela luz da câmera, o caos de trevas entrecortadas por faíscas azuladas às suas costas.

— Por enquanto, o Departamento de Polícia de Boston não responsabiliza nenhum grupo terrorista e sequer confirma que as explosões e o incêndio resultante aqui no MIT foram causados por bombas. Mas parece evidente que se trata de uma série coordenada de ataques contra o Instituto. Além disso, fontes extraoficiais declararam que o Fé Cega, o grupo fundamentalista cristão, reivindicou o atentado. Esse grupo já foi acusado de orquestrar vários ataques a instituições de pesquisa e cientistas no último ano. Ainda é cedo para afirmar se o Fé Cega esteja de fato por trás dessa tragédia, que causou tantos danos e tantas mortes. Ainda não sabemos com exatidão o número de vítimas.

— Mas sabe onde ocorreram as explosões, Kathy? — perguntou a voz de barítono de um âncora invisível.

— Tudo indica que houve uma sequência de seis grandes explosões, três num edifício e três em outro, dentro do *campus* do MIT. A primeira ocorreu... — ela consultou o bloco de anotações — na Dreyfoos Tower do Sata Center, onde se localiza o Laboratório de Ciências de Computação e Inteligência Artificial. A segunda, bem do outro lado da rua Vassar, no prédio de Ciências Cognitivas e do Cérebro. A terceira, no Edifício Fairchild, onde está o Laboratório de Tecnologia Tátil, que, segundo me informaram, é especializado em interfaces à base de toque entre humanos e máquinas. Mas o Projeto Gillman de Modelagem Quântica, localizado no Laboratório Pierce, da avenida Massachusetts, é que parece ter sido o alvo principal: explodiram ali três bombas e, a meu ver, podemos presumir que foram plantadas e acionadas por controle remoto, detonando num minuto. Ao que tudo indica, o professor Gillman estava no prédio no momento das explosões e ainda não se sabe o que ocorreu com ele e quinze de seus colegas cientistas. Os bombeiros não conseguiram por enquanto chegar ao foco do incêndio, pois as temperaturas são excessivamente altas, mesmo para esse tipo de ocorrência.

— Merda... — Casey afastou-se da tela e começou a andar pela cozinha, balançando a cabeça. — Inacreditável! É essa a unidade onde Gabriel Rees trabalhava, e essa era a sua equipe...

41

MARKUS. ALEMANHA

Markus abriu os olhos e endireitou-se no banco.

Como num passe de mágica, o céu havia escurecido: o meio da tarde tinha se transformado em fim de noite em questão de segundos. Mas não era só a hora que havia mudado: Markus sentiu gotas de chuva no rosto; o ar estava frio e com um odor estranho. Um odor desagradável de urina, fezes, suor e roupa suja, tudo misturado e intensificado.

Os nítidos retângulos de cascalho cinzento haviam desaparecido. O espaço aberto havia desaparecido. Em seu lugar, Markus viu fileiras de barracões como os que a guia lhes mostrara, com apenas um pequeno pátio entre eles e o prédio da administração, e a *Jourhaus* — o edifício de entrada dos campos de concentração, onde se alojavam o comando e as salas de interrogatório dos prisioneiros — a um lado. Markus levantou-se de um salto, como se pungido por um aguilhão, mas, ao olhar para trás, o banco se fora. O salgueiro se fora. E havia o cheiro. Aquele fedor persistente, doentio, que parecia correr pelo ar quando a brisa fria mudava de rumo.

Nada ali fazia sentido. O que acontecera a seus colegas de excursão? De onde tinham vindo todos aqueles barracões? Já não podia apenas atravessar a praça, por isso tomou um caminho que surgira do nada e voltou para a *Jourhaus*. Aquilo não passava de uma trilha de terra — de terra batida e varrida. Que loucura.

Um som agudo e vibrante fez Markus estremecer: o estridor de vários apitos. Olhou em direção de onde vinha o som. Quatro homens saíam do prédio

principal da administração e caminhavam para a praça, assoprando com força seus apitos. Os quatro estavam uniformizados. Uniformes negros.

Aquilo não podia estar acontecendo. Esse pensamento inflamava a mente de Markus. Aquilo simplesmente não podia estar acontecendo.

O cheiro que empestava a brisa se tornou uma onda mefítica quando as portas dos barracões se abriram e figuras começaram a sair. Eram pessoas, mas pareciam de uma espécie diferente: fantasmas, espantalhos de membros absurdamente mirrados sob os farrapos dos uniformes de prisioneiro, além de rostos de caveira sob bonés desfigurados.

O fedor vinha deles. Markus percebeu que não era apenas de sujeira, mas também de doença e morte. A guia havia contado que, nos últimos meses do campo e até bem depois da libertação, a taxa de mortalidade em Dachau havia crescido por causa do tifo.

Que tipo de pensamento era aquele? Por que racionalizava aquela experiência, referindo-se a ela com uma realidade passada? Aquelas pessoas não eram reais. O que ele via não era real. Não podia ser real.

Os prisioneiros se reuniram às pressas na praça, a *Appellplatz*, formando fileiras. Markus reparou que a turba logo se dispôs em precisão geométrica. Todos permaneciam imóveis e razoavelmente atentos, ombros caídos, cabeças pendentes. Aqui e ali, alguns tossiam. Markus olhava para uma reunião de mortos. Mortos há muito tempo. Semimortos ainda em vida.

Os quatro homens da SS, três com casquetes, o quarto com um boné pontudo de oficial, pararam de apitar e se puseram em posição de sentido, todos com os pés afastados e plantados no chão com firmeza, o oficial com as mãos nos quadris e os soldados segurando porretes curtos e grossos. Junto deles fora colocado um cavalete de madeira cuja finalidade Markus não conseguiu adivinhar. O oficial deu um passo à frente.

— Esta é uma reunião de punição — disse ele. Tinha uma voz fina e áspera, com sotaque saxônico. — Vamos mostrar qual é a penalidade para quem rouba da loja dos prisioneiros.

Markus tinha notado, durante o passeio, que de fato existia uma loja dos prisioneiros, onde estes pagavam — se pudessem se permitir esse luxo, com fichas que recebiam na chegada em troca de seu dinheiro — preços exorbitantes por parcos suplementos à dieta de fome a que eram submetidos. Teve um mau pressentimento: os lucros da loja iam para a SS e, se alguém de fato a roubara, a punição seria severa.

Por que estou pensando essas coisas? Markus amaldiçoou a própria loucura. Aqueles não eram prisioneiros nem guardas da SS reais. “O que estou tendo é uma ilusão, uma alucinação. Reflita com clareza, Markus, reflita com clareza.” Lera notícias sobre pessoas no mundo inteiro que imaginavam ver gente e fatos que não existiam. Um *bug*, pensavam; algum tipo de vírus. “Também devo ter contraído esse vírus”, concluiu.

Mas o mau pressentimento persistia.

Um quinto guarda da SS, outro soldado de quepe, saiu da *Jourhaus*. Trazia pelo braço um prisioneiro algemado e andava tão depressa que o infeliz tinha de fazer um enorme esforço para acompanhá-lo com seus pés atados. O prisioneiro estava, como os demais, magro e encurvado, mas ainda assim era um palmo mais alto que o guarda. Mesmo a distância Markus podia ver que o homem, aflito, implorava a seu algoz, que não lhe dava ouvidos, num tom suplicante, mas alto, como uma criança chorosa. Markus percebeu também marcas de espancamento no prisioneiro: o sangue escorria de seu nariz e queixo, e um dos olhos encontrava-se inchado e fechado.

“Parem.” A ordem de Markus não passou de um pensamento e careceu de voz. “Deveria gritar. Deveria mandar que parassem. Talvez me ouçam. Talvez eu consiga detê-los.”

Mas não gritou nem mandou que parassem. Não tentou se aproximar. “Seria inútil; não podem me ouvir.” Markus mentia para si mesmo. Sabia que era incapaz de gritar porque receava exatamente isto: que o ouvissem.

A súplica premente, em voz alta, tornou-se um murmúrio quando o prisioneiro foi forçado a se ajoelhar diante do cavalete baixo. Livrando-o das algemas, os

guardas esticaram seus braços e os amarraram ao cavalete, forçando-o contra a estrutura de madeira, de cabeça virada e rosto contra o chão.

“Deus do céu, não!”, pensou Markus. Mas continuou imóvel, em silêncio.

— Esta — proclamou o oficial saxão — é a justiça que devem esperar quando roubam propriedades do Reich. — Voltou-se para os soldados. — Cumpram a sentença.

A descontração, a naturalidade daqueles procedimentos foi o que mais assombrou Markus. Os quatro guardas postaram-se junto ao homem, dois de cada lado; descontraíram os ombros e agitaram o braço que empunhava o bastão, como golfistas se preparando para uma tacada.

— *Proszę!* — implorou o homem amarrado, a voz trêmula e rouca. — *Proszę! Wybacz mi! Proszę, nie rób mi krzywdy!*

Os guardas ignoraram-no e puseram-se a estabelecer, com acenos de cabeça, a ordem segundo a qual iriam fazer seu trabalho.

— *Proszę* — gemeu o homem. E, em seguida, num alemão carregado de sotaque polonês, implorou com desespero: — Por favor! Por favor, senhores! Perdoem-me! Perdoem-me! Não façam isso, por favor!

O oficial saxão riu e acenou para os subordinados. O primeiro, um sujeito baixo e atarracado, brandiu o bastão e desceu-o sobre o braço direito estendido da vítima, à altura do cotovelo. Um estalido repugnante cortou o ar pesado e frio; seguiu-se outro som, semelhante ao assovio de uma chaleira, que Markus não reconheceu de imediato como um grito humano.

Como picaretas de trabalhadores de estrada, os bastões dos quatro soldados de uniforme negro desferiram golpes rápidos e coordenados sobre o prisioneiro. Nos braços, nas costas e nos ombros — mas não na cabeça, para que ele não desmaiasse e deixasse de sentir dor. O som de cada golpe e os gritos inumanos da vítima cortavam o ar, penetrando o crânio de Markus.

Caindo de joelhos, o jovem começou a soluçar. Olhou para os prisioneiros em fila. Estavam mudos, as faces inexpressivas, destituídas de emoção, a maioria de cabeça baixa.

Façam alguma coisa!, era o que Markus queria gritar para eles. *Vocês são em maior número! Façam alguma coisa!* Mas, de novo, a voz de Markus lhe faltou.

A chuva de pancadas prosseguiu. De vez em quando, um dos guardas dava um passo para trás a fim de descansar, enquanto os outros continuavam no mesmo ritmo; em seguida, voltava à tarefa para permitir que um colega fizesse o mesmo. Por fim, o oficial ergueu a mão e encerrou o castigo.

O prisioneiro já não gritava. Apenas gemidos quase inaudíveis e entrecortados ecoavam no silêncio da praça.

Outro gesto tranquilo do oficial, e os homens da SS se afastaram, sem dispensar os prisioneiros, que continuaram perfilados, cabisbaixos, o semblante vazio de emoção.

Ninguém se movia. Ninguém se moveu por dez minutos. Por vinte. Por uma hora. E, durante todo esse tempo, ouvia-se o gemido agonizante do moribundo. Por fim, Markus caminhou devagar para o local onde o prisioneiro punido permanecia amarrado ao cavalete.

Os outros, em fila, não pareciam atinar com a presença de Markus. Mas davam a impressão de que, mesmo que houvesse se tornado visível, não o veriam, cegos como estavam para tudo quanto não fosse a própria luta imediata e visceral pela sobrevivência.

Ajoelhou-se junto ao homem espancado. Markus percebeu que agora ele estava bem distante dos limiares da vida, imergindo cada vez mais a cada segundo. Seu corpo não tivera tempo para apresentar contusões, ou talvez estivesse anêmico demais para isso. Mas os braços e o tronco haviam sido gravemente deformados nos pontos em que os golpes tinham fraturado os ossos dos braços e das clavículas, amolgando as costelas. De olhos fechados, sua respiração era quase ausente; bolhas viscosas de sangue escapavam das narinas para os lábios arroxeados.

— Sinto muito — gaguejou Markus. — Sinto muito mesmo.

O moribundo abriu os olhos e fixou o olhar em Markus.

— *Dlaczego?* — disse ele num sussurro, entre um estertor e outro. — *Dlaczego nie moz.esz mi pomóc?*

— Não entendo — respondeu Markus, tendo superado o choque de estar mesmo ali, visível e materializado para o homem. Estendeu a mão a fim de tocá-lo, a fim de reconfortá-lo, mas se deteve, temendo que o toque fosse apenas aumentar sua agonia. Ou talvez porque não quisesse confirmar outra dimensão daquela insanidade, daquela alucinação.

— Por que não me ajudou? — murmurou o prisioneiro em alemão, antes que seus olhos ficassem vidrados.

42

JOHN MACBETH. BOSTON

Isto é um sonho, disse para si mesmo. Não uma alucinação.

Macbeth tinha dormido mal, e o pouco tempo de sono que tivera se entrelaçara aos sonhos nos quais tinha consciência de que sonhava. Vira-se como garoto de novo, na porta do escritório do pai; mas o escritório era de proporções absurdas, com um teto tão alto que desafiava a gravidade e paredes grossas cobertas de ponta a ponta por estantes de livros que se estendiam num alinhamento ortogonal rumo a um ponto de fuga inacreditavelmente distante.

O pai não estava sentado na cadeira, mas de pé diante da escrivaninha, acompanhado por um homem e uma mulher. O homem, cujo rosto Macbeth não conseguiu ver nem quando ele se voltou em sua direção, aterrorizou-o. A mulher era a criatura mais bela que Macbeth já tinha visto: Marjorie Glaiston, ou pelo menos Marjorie Glaiston tal qual lhe aparecera no sonho anterior. Os três adultos não deram pela presença do jovem Macbeth quando ele entrou e caminhou em direção a eles, apertando com gestos inquietos a enciclopédia contra o peito. Estavam muito interessados no que viam para prestar atenção no menino; algo bem grande brilhava, faiscava e fulgurava no ar do escritório, diante e acima deles. Um clarão sem substância, uma bola maciça de cor e luminescência formando padrões a partir do nada — impressionantes e complicados padrões que surgiam, modificavam-se e desapareciam, dando lugar a outros ainda mais elaborados. Macbeth, criança de corpo e mente no sonho, estacou, hipnotizado pelo que via. Aproximou-se então do pai e pegou-lhe a mão, fazendo um grande esforço para não olhar para o outro homem.

— O que é isto? — perguntou.

— Construímos uma mente — respondeu o pai sem tirar os olhos do universo insubstancial que cintilava e flutuava na atmosfera do escritório. — Estamos nos tornando deuses, uma vez que a construímos.

O outro homem se virou para o garoto. Macbeth esperava que ele fosse a versão adulta de si mesmo, mas não era. Era outra pessoa, outra coisa: algo sombrio, perverso e imenso comprimido na forma de um ser humano. Macbeth encarou-o e sentiu algo quente escorrer pela perna. O homem fitou-o em resposta, mas não tinha olhos: as pálpebras se abriam e se fechavam como se houvesse olhos onde não havia nenhum. Macbeth não viu nada nas órbitas: não que fossem vazias; estavam cheias de um nada, um nada cinzento-escuro que se aprofundava crânio adentro.

— Quer saber quem sou eu, garoto? — perguntou o homem numa voz profunda e educada de barítono, mas cujo sotaque era difícil de determinar. Talvez da Nova Inglaterra, talvez da Inglaterra ou da Irlanda. O tom era ao mesmo tempo neutro e hostil, como se não tivesse interesse algum por Macbeth, mas desejasse, ainda assim, maltratá-lo.

Macbeth não respondeu, nem com palavras nem com gestos: continuou de pé, mergulhado numa poça de medo e da própria urina.

— Você sabe quem eu sou. Sabe como me chamo. Sabe o que sou. Qual é o meu nome?

Macbech não respondeu, perdido na escuridão daquelas órbitas vazias.

— QUAL É O MEU NOME? — gritou o estranho, fazendo Macbeth dar um pulo, a enciclopédia caindo no chão.

— John Astor — gaguejou ele, encostando-se ao pai e apertando com força a mão dele.

— Eis uma mente completa para explorarmos — disse o pai, sem atentar para o filho e o homem. — Completa.

— Uma coisa maravilhosa — exultou Marjorie Glaiston. Seu sotaque era o das famílias pioneiras de Boston. — De fato, maravilhosa.

Macbeth notou que ela estava vestida em trajes formais, com roupas da época em que vivera.

O Homem Sem Olhos se inclinou para Macbeth, girando o tronco e a cabeça, e cobrindo a boca com a mão espalmada, à semelhança dos conspiradores do cinema mudo.

— Quer saber de uma coisa, meu pequeno John? — sussurrou.

Macbeth fez que sim, com medo de irritar de novo o homem.

— Esta mente aí. Esta coisa que criamos do nada... pensa que é real. Parece engraçado, mas ela acredita mesmo na própria existência. Acredita que vive num mundo de verdade. — Astor riu e continuou no mesmo tom: — Mas fui eu que a fiz. É uma ficção que se crê realidade. E eu sou o autor dela.

Macbeth começou a chorar. Olhou para a enciclopédia caída no chão, um dos cantos da capa do alentado volume embebido na mancha de urina espalhada pelo piso de madeira.

— Quero parar — implorou. — Por favor, senhor Astor, não quero mais sonhar.

O Homem Sem Olhos inclinou-se ainda mais, pondo sua cabeça no nível da do menino aterrorizado. Macbeth fitou as órbitas escavadas, um nada tão grande e ao mesmo tempo tão vazio, que feriu seus próprios olhos.

— Todo mundo sonha — ponderou Astor num tom tranquilo, mas carregado de malícia. — Tudo é feito de sonhos. Gosta dos seus livros, não gosta? Mergulha neles e encontra respostas a perguntas que ainda não fez; portanto, enche a cabeça de conhecimento e verdade, mas conhecimento é engano e verdade é mentira. — Interrompeu-se e pegou Macbeth pelos ombros. Os dedos ossudos pressionavam dolorosamente a carne do garoto. Em seguida, gritou: — ACORDE!

Macbeth acordou. O coração batia forte no peito, e ele logo fez um inventário de onde estava. Ainda era noite, mas sabia que ali era o quarto de hóspedes de Casey, conseguindo ver tudo na penumbra. Sentiu um início de pânico quando avistou alguém sentado a um canto, observando-o em silêncio; mas logo descobriu que era apenas seu casaco nas costas de uma poltrona, as calças dobradas com cuidado sobre a almofada.

Riu baixinho da própria estupidez. Um homem adulto, um psiquiatra e pesquisador científico, um racionalista intransigente com medo de sombras! Apesar de saber tudo isso e de querer voltar a dormir, acendeu a lâmpada de cabeceira, respondendo à necessidade de encher o quarto inteiro de luz.

Piscou, ofuscado.

E viu Astor ao lado da cama, olhando para ele. Ao contrário do sonho, Astor não estava mais comprimido no tamanho de um homem normal; era enorme, talvez com cinco metros de altura, as longas pernas encolhidas, os ombros encurvados e encostados no teto. Sua cabeça, virada sobre um pescoço torto, estava bem sobre a cama, mirando Macbeth com as órbitas ainda ocas e repletas de um vazio cinzento-escuro. Aterrorizado, Macbeth percebeu que sabia o que era aquele vazio, o que significava.

Tentou gritar, mas nada saiu de sua boca. Tentou saltar da cama, mas estava totalmente paralisado. “Não consigo me mexer”, pensou.

— Não consegue — confirmou Astor.

“Não consigo respirar”, pensou Macbeth.

— Não consegue — confirmou Astor com um amplo sorriso, um sorriso de cem dentes, e inclinou a cabeça em direção a um Macbeth indefeso e imóvel, que gritava em silêncio.

Despertou. O quarto estava claro, iluminado por luz natural, não elétrica. Era manhã.

Macbeth procurou concatenar seus pensamentos. Uma alucinação. Uma alucinação hipnopômpica criada no estado de consciência entre o sono e a vigília. Falso despertar, imagens vívidas, paralisia: todos fenômenos do estado hipnopômpico, que quase sempre se segue a sonhos lúcidos, nos quais o sonhador sabe que está sonhando.

Apenas um curto-circuito passageiro no sistema de ativação reticular, disse para si mesmo: a conexão entre o tronco encefálico e o córtex, que regula os estados de vigília.

Macbeth sabia disso tudo; aprendera-o no estudo da psiquiatria.

Mesmo assim, olhou em volta para ter certeza de que não havia sombras humanas pelos cantos.

Casey já se levantara e preparava o café da manhã para os dois.

Macbeth havia acordado cedo. Queria, sobretudo, isolar-se do ambiente do sonho, mas também descobrir o que tinha acontecido durante a noite. Ele e Casey haviam ficado até depois das duas horas da madrugada vendo as notícias e discutindo suas consequências. Casey dera telefonemas nervosos e enviara mensagens de SMS para todos os amigos; do mesmo modo, quando largava o celular, este tocava de imediato, com algum de seus colegas físicos do MIT perguntando se estava bem. Pelo fim da noite, seis pessoas que trabalhavam com ele haviam desaparecido.

— Mais notícias? — perguntou Macbeth, entrando na cozinha.

— Não muitas — respondeu Casey por cima do ombro, enquanto despejava o café para o irmão. — As que temos já são más o bastante. A lista de mortos pode chegar a duzentos. Ainda não localizaram Gillman. Não posso acreditar numa coisa dessas, John.

— Acho que deveria reconsiderar a viagem a Oxford — disse Macbeth, sentando-se à mesa. — Lá vai ser um alvo preferencial para esses lunáticos.

Antes de ir para a cama, Macbeth pedira ao irmão que não viajasse para Oxford, mas Casey declarara que precisava ir. Outro motivo para Macbeth acordar cedo fora tentar mais uma vez dissuadi-lo daquela aventura.

— O simpósio Prometeu é muito importante — disse Casey. — Muito importante para minha carreira, e não vou deixar que um bando de malucos inimigos da ciência me assuste. E ainda penso que a reunião pode vir a esclarecer esses acontecimentos.

— Acredita mesmo na possibilidade de uma conexão entre as alucinações e o trabalho de Blackwell? Para ser sincero, não consigo ver como poderia existir aí uma ligação científica plausível.

— Como falei, quando se trabalha com física quântica, veem-se as coisas de maneira diferente... Michio Kaku afirmou certa vez que somos uma espécie de

aparelho de rádio ou TV sintonizado permanentemente num canal. Entretanto, não existe apenas a realidade com a qual estamos sintonizados, mas diversas outras, que ocupam o mesmo espaço e tempo... incontáveis estações transmitindo do mesmo lugar, mas em diferentes comprimentos de onda.

— E você supõe que alguma coisa esteja se misturando com a transmissão, não é? — perguntou Macbeth.

Casey deu de ombros.

— Sei apenas que esses episódios de alucinação coletiva não têm razão aparente. E ainda por cima surgem uns fanáticos religiosos escolhendo como alvos instalações dedicadas à física e à neurociência, os únicos campos que poderiam dar uma resposta. E, por falar em alvos, você não vai voltar ao Instituto Schilder, vai?

— O lugar é tão seguro quanto Fort Knox — disse Macbeth. — Mas não... não voltarei lá antes de partir. Irei ao McLean daqui a pouco para ver uma paciente de Pete Corbin. Aliás, amanhã de manhã já terei dado o fora daqui. Chega de perturbá-lo. Mas nos encontraremos ainda esta noite.

O telefone na parede da cozinha tocou e Casey atendeu.

— Claro. Ele está aqui... — Passou o aparelho para Macbeth.

— Doutor Macbeth? Aqui é Brian Newcombe. Terrível o que aconteceu esta noite...

— Sem dúvida — disse Macbeth. — Estávamos justamente comentando como é ótimo que o Schilder seja tão seguro.

— Sim, sim, é ótimo. Ouça, houve alguns desdobramentos... Preciso mesmo falar com você antes que parta para a Dinamarca. Lamento pressioná-lo, mas é muito importante.

— Não sei se terei tempo suficiente... — Macbeth ficou aborrecido com a intrusão: queria passar sua última noite em Boston com Casey e não jogando conversa fora com Newcombe. — Vou ao McLean esta manhã. Há possibilidade de nos vermos lá mais tarde, talvez depois do almoço? Não posso marcar uma hora exata, mas...

— Em Belmont, sem problemas — atalhou Newcombe. — Tenho mesmo de fazer uma visita ao Centro de Neuroimagem. Anote então o número do meu celular e me ligue quando achar conveniente.

— Está bem, nos encontraremos lá.

43

JOHN MACBETH. BOSTON

Os contempladores já começavam a ser chamados de Sonhadores.

Assim como os demais, Macbeth estava se acostumando a ver pessoas imóveis, olhando para algo que não existia. Na maioria das vezes era um indivíduo só numa rua movimentada ou num parque; mas, aos poucos, foram aparecendo grupos de pessoas que tinham ou não alguma ligação entre si, todas desconectadas do tempo e do espaço que ocupavam um segundo antes e depois abismadas numa nova realidade. Muito pior era quando isso acontecia com alguém ao volante de um veículo. Na manhã após o atentado contra o MIT, o rádio divulgou mais notícias ruins: o motorista de uma jamanta de dezoito rodas irrompera pela contramão na rodovia Memorial Adamski, esmagando tudo à sua passagem. Quinze mortos.

A recomendação oficial era de que ninguém dirigisse sozinho, e todos os limites de velocidade foram temporariamente reduzidos. A capacidade bastante humana de adaptar-se — de se ajustar a uma realidade diferente e reconhecer como normal o anormal — já ia prevalecendo.

Nas ruas, apareciam cada vez mais Sonhadores.

O Departamento de Saúde Pública de Massachusetts montara equipes de combate à síndrome alucinatória não patológica temporária, a SANT. Grupos de dois técnicos de pronto-socorro, ou um técnico e um policial, atendiam as pessoas afetadas. Se fosse uma crise breve, permaneciam junto do paciente; casos mais graves eram levados para um dos cem abrigos improvisados na cidade inteira.

Havia tantos policiais nas ruas quanto equipes de combate à SANT. A imobilidade neurogênica que acompanhava as alucinações era uma bênção para os criminosos. Batedores de carteira e pervertidos aproveitavam-se dos momentos de imobilização das pessoas; apartamentos e residências eram saqueados enquanto o morador se encontrava fisicamente em casa, mas mentalmente num lugar distante.

Macbeth pegou um táxi para Belmont. O motorista ao volante avisou que a tarifa seria o dobro da usual. Macbeth achou esse aumento, oficial e autorizado, bastante razoável, já que, por questão de segurança, dois motoristas estavam sentados nos bancos da frente, atrás da lâmina de acrílico que os separava.

Não houve conversa durante essa viagem. Nenhum dos dois disse a Macbeth que pensava tê-lo visto antes. Reminiscências inexplicáveis eram algo em que já não se reparava, quando traziam uma sensação de *déjà-vu*.

Sentado no banco traseiro daquele carro, Macbeth tirou da valise a maravilha tecnológica de titânio que Casey lhe emprestara, abriu-a e checou seus e-mails. Quatro de Georg Poulsen. Durante sua ausência em Boston, recebera pelo menos duas mensagens do chefão todos os dias e quase sempre mais duas de membros de seu grupo de pesquisa, era evidente que por pressão de Poulsen.

Macbeth já não suportava mais aquele sujeito.

Mal o Projeto começara, e todos os membros do grupo, escolhidos com grande cuidado, já percebiam que o doutor Georg Poulsen, o dinamarquês miúdo e de aparência comum que dirigia os trabalhos, era um homem difícil.

Com uma verba de dois bilhões de euros, o dobro do que a União Europeia concedera ao Projeto Düsseldorf, o objetivo da equipe de Copenhague consistia em fabricar uma réplica com funcionamento análogo ao do cérebro humano. Isso permitiria aos cientistas envolvidos encurtar os períodos de teste dos tratamentos neurológicos à base de drogas e dar um salto exponencial na compreensão das funções cognitivas do homem. Mas avanços no campo da interação cérebro-computador também estavam na mira do Projeto, e Poulsen passou a dirigir pessoalmente a Equipe de Interação, parecendo obcecado pela busca de maneiras que possibilitassem uma verdadeira simbiose entre humanos e tecnologia

computacional. Não tardou para que alguns membros da Equipe de Interação se queixassem das expectativas pouco razoáveis de Poulsen, enquanto outros recriminavam a ênfase desproporcional colocada naquele tipo de pesquisa.

Desconfiando de algum motivo pessoal, Macbeth fizera um esforço para conhecer a fundo seu chefe. As descrições fornecidas por ex-colegas de Poulsen — de um dinamarquês brincalhão e com ótimo senso de humor, que apreciava tanto os aspectos sociais quanto os desafios intelectuais da vida acadêmica — não combinavam com sua própria experiência do homem. Macbeth achava-o distante e fanático pelo trabalho, quase à beira da hostilidade. Ninguém sabia o que se passava na vida privada de Poulsen — e ninguém se atrevia a perguntar.

Macbeth leu os e-mails: as habituais exigências de respostas imediatas a perguntas que poderiam esperar até sua volta a Copenhague. Macbeth decidiu que seria exatamente assim e saiu da página.

Estava a ponto de fechar o *laptop* quando percebeu algo na tela.

— Filho de uma... — resmungou, clicando no ícone que surgira do nada. Tal como havia acontecido no antigo computador, o ícone não respondeu ao toque. Macbeth franziu o cenho: Casey sabia tudo de computadores, e era estranho que a causa daquele arquivo-fantasma escapasse à habilidade do irmão. Fechando o aparelho, colocou-o de novo na valise, recostou-se no assento do carro e observou Massachusetts desfilar pela janela.

Às vezes, a coisa mais insignificante se tornava séria, pensou Macbeth, quando pararam num sinal vermelho em Belmont. O sinal mudou para verde, mas a fila de veículos não se moveu. O concerto de buzinas foi menos enfático que o usual, e a fila, silenciosa e organizada, ultrapassou a van que permanecia parada a três carros de distância do farol. Macbeth viu, ao passar, a motorista de perfil, sentada imóvel, mãos no volante, a boca ligeiramente aberta e o olhar distante.

Macbeth inclinou-se e perguntou pela pequena abertura na placa de acrílico:

— Não deveríamos parar e ajudá-la?

O segundo motorista respondeu:

— Sinto muito, amigo... Há tantos deles hoje em dia! Vemos dois, até três a cada corrida. Se parássemos para socorrê-los, não chegaríamos a lugar nenhum.

Macbeth não protestou e voltou a se acomodar no banco. Apesar dos esforços para ignorá-los, os e-mails de Poulsen continuavam incomodando-o. Pegou o celular e ligou para a companhia aérea. A moça do atendimento respondeu à sua pergunta com o *script* de relações-públicas costumeiro.

— Como sabe, senhor, há sempre dois pilotos em cada voo e um engenheiro de bordo. Mas, para lhe garantir completa segurança e tranquilidade, todos os nossos voos transatlânticos terão uma equipe de apoio e um médico, até que este período de inquietação pública chegue ao fim.

Macbeth agradeceu e desligou. Não perguntou o que aconteceria se todas as pessoas dentro da aeronave tivessem a mesma alucinação ao mesmo tempo; ou como a multiplicidade poderia ser considerada uma medida de precaução contra uma síndrome que, conforme se sabia, afetava centenas de pessoas ao mesmo tempo.

Digitou outro número: uma ligação internacional. Depois de alguns instantes, foi posto em contato com a pessoa que tinha chamado.

— Ainda bem que vai voltar amanhã — disse Georg Poulsen em dinamarquês. — Todas as equipes, exceto a sua, estão adiantadas na agenda. Vai ter muito com que se atualizar.

— Professor, devo lembrar-lhe mais uma vez que não estou aqui de férias, mas representando o Projeto. Em seu nome. E o senhor tem sem dúvida conhecimento do que anda acontecendo por aqui desde que cheguei.

— Ouvi falar — disse Poulsen, sem emoção nem traço algum de vivacidade. — Vai poder, amanhã, participar de uma reunião na sala de discussões do Projeto, digamos, às três e quinze da tarde?

— Não, não poderei. Vou chegar de madrugada e, sem mesmo considerar o cansaço da viagem, não estarei pronto para uma reunião à tarde. Aliás, nem sei se conseguirei ir. Houve graves acidentes aéreos causados por esses fenômenos, sejam eles quais forem.

— Sei disso. E as companhias aéreas também, imagino. Devem ter tomado todas as medidas de segurança adequadas. — Uma pausa. Quando Poulsen voltou a falar, o tom já era menos imperioso. — John, lamento pressionar tanto.

É que estamos perto, bem perto do sucesso. Preciso de você aqui. Vai fazer um esforço?

Macbeth suspirou.

— Sim, vou fazer. Espero que o piloto não imagine estar dirigindo um submarino.

Desligou no momento em que o táxi se aproximava da entrada principal do hospital, mas era detido por um bloqueio improvisado com duas viaturas de polícia. Só depois que a identidade de Macbeth foi checada, e a jovem policial ligou para a portaria a fim de confirmar que ele tinha hora marcada, é que o táxi pôde passar.

Ao contrário do que tinha acontecido na última visita, o céu sobre os gramados do Hospital McLean estava sombrio. Depois que o deixou à porta do edifício da administração, o táxi fez a volta e afastou-se. Macbeth o viu partir e sentiu-se estranhamente abandonado. Um homem de seus trinta anos, vestido de jeans e agasalho com capuz, estava ao pé da escada, a um dos lados, observando-o. Macbeth prestou atenção nele devido à curiosa intensidade de seu olhar. A extrema desinibição, Macbeth aprendera com o correr dos anos, constituía um dos aspectos de muitos distúrbios mentais. O homem era sem dúvida um paciente, não um visitante ou funcionário.

Macbeth sorriu ao passar pelo homem, mas foi detido pela mão dele em seu braço.

— *Esta* é a essencial? — sussurrou o estranho ao ouvido de Macbeth, como se lhe fizesse uma confidência.

— O quê?

— *Esta* é a realidade essencial? Estou confuso. — Olhando ao longe, o homem franziu o cenho. Depois, voltou-se para Macbeth com um sorriso. — Nunca pensei que fosse voltar. Não achava que se arriscaria...

— Pois bem, eu voltei... — Macbeth sorriu também para o homem. Aquele era um rosto tão fácil de esquecer que bem poderia ter sido um paciente quando

Macbeth trabalhava no McLean. Porém, com muito maior probabilidade, era apenas mais um a ter uma ilusão e a divagar.

— Não sei o que fazer... — O homem, ansioso, franziu o cenho de novo. Macbeth olhou em volta, procurando um segurança. — Começou. Começou. Começou. Começou e estou perdido, porque você não me disse o que fazer. Foi embora e não me ensinou o que fazer quando começasse, como afirmou que começaria. Todos precisamos que nos diga o que fazer, o que deseja que façamos. Estivemos esperando por você todo esse tempo.

— Tudo bem — disse Macbeth em tom suave, desvencilhando-se do homem. — Acho que está me confundindo com outra pessoa.

— Não, sei quem você é. Sei exatamente. Tem de me dizer o que farei, senhor Astor...

Um segurança apareceu de súbito e, sem violência, mas com firmeza, levou o paciente antes que Macbeth pudesse responder. E o paciente, enquanto era levado, gritou por cima do ombro:

— Não se esqueça, senhor Astor. Não se esqueça da Terceira Lei de Clarke.

Corbin estava na área principal da recepção quando Macbeth entrou. O psiquiatra do McLean parecia surpreendentemente calado e contido, sombrio como as nuvens que pairavam sobre o hospital.

— Brian Newcombe me pediu para lembrá-lo de que está aqui para falar com você, quando tiver tempo — disse Corbin, conduzindo Macbeth para a sala de reuniões.

— Claro... todo mundo quer um pedaço de mim hoje.

Ao entrar, Macbeth foi como que esmagado pela presença física do homem alto, de cabelos negros e aparência brutal que os esperava.

— Este é o sargento Walt Ramirez, da Polícia Rodoviária da Califórnia — apresentou Corbin.

Macbeth e Ramirez trocaram um aperto de mão.

— Falamos ao telefone — disse Ramirez com sua voz tranquila de barítono, que Macbeth logo reconheceu. O policial vestia um terno escuro com o flagrante

desconforto de quem passava a maior parte do tempo de uniforme. — Gentileza sua reservar um tempo para me receber.

— Farei o possível para esclarecer de vez o que aconteceu com Melissa. Mas o senhor deverá interromper a entrevista caso o doutor Corbin lhe peça. O tratamento e os direitos de Deborah como paciente superam todas as outras considerações.

— O doutor Corbin já me passou as regras do jogo. O senhor estará presente?

— Se não se importar...

— Para mim, tudo bem. — Ramirez encolheu os ombros enormes. — O doutor Corbin me disse que o senhor é um especialista nesse campo.

— É assim que ele se refere a mim.

— Como vai Casey? — perguntou Corbin. — Devo presumir que esteja bem?

Macbeth assentiu.

— Mas um tanto abalado pelos acontecimentos. — Virou-se para Ramirez. — Meu irmão é físico no MIT.

— Sei... Aquilo foi horrível. Tanto quanto o episódio do Caltech.

— Do Caltech?

— Não soube? — Corbin franziu o cenho. — À noite, três bombas explodiram no Centro Annenberg. O alvo foi um projeto de pesquisa.

— Que tipo de projeto?

— Computação. Tecnologia da informação — respondeu o policial californiano. — Algo a ver com estudos de inteligência artificial. As pessoas que se jogaram da ponte também trabalhavam com isso. Jogos, sim, mas pelo que sei muito avançados.

— Acha que há alguma ligação entre o suicídio em massa de pesquisadores de jogos e esses ataques a estabelecimentos científicos? Não vejo ligação nenhuma.

— Há muitas coisas que não parecem estar associadas, mas estão. Depois de terminar meu trabalho aqui, irei para Nova York. Vocês ouviram falar, há mais ou menos dois meses, de um cara que morreu de inanição em seu luxuoso apartamento de Nova York? Pois Tennant, nos últimos tempos, esteve envolvido com Melissa Collins.

— Fiquei sabendo disso há pouco — disse Macbeth. — Está investigando o caso na pressuposição de que Melissa, de algum modo, persuadiu Tennant a se suicidar também, por inanição?

— Não, não... Eles se separaram antes disso. E Tennant não estava tentando se matar, pelo menos não de propósito. Melissa Collins e Samuel Tennant eram ambos transumanistas. Acho que sabem o que isso significa, não?

Macbeth assentiu, absorto. Algo começava a tomar forma em sua mente, mas ainda vago demais para que percebesse seu sentido.

— O Departamento de Polícia de Nova York continua investigando essa morte — prosseguiu Ramirez. — Não acham que foi assassinato ou mesmo suicídio propriamente dito; mas acontece que, pouco antes de sua morte, Tennant transferiu pela internet meio milhão de dólares para uma conta no exterior, ao que parece, em pagamento de um manuscrito raro ou coisa assim. Não há rastro do dinheiro nem do manuscrito. Este talvez nem tivesse forma física.

— Eis um *download* bem caro — disse Corbin.

— Quanto à sua morte... a polícia de Nova York descobriu que Tennant se preocupava muito com calorias. Não comia alimentos saudáveis, apenas essa droga de suplementos o tempo todo. Achava que, assim, viveria mais. Estava errado, como se viu.

— Há evidências — disse Macbeth — de que, se ingerir pouquíssimas calorias, pode prolongar a vida em até um quarto de sua duração. Mas, se exagerar na dieta...

— Foi o que aconteceu — corroborou Ramirez. — O homem era obcecado por algo chamado Singularidade, que, a seu ver, aconteceria dentro de dez a cinquenta anos. Não sei muita coisa sobre isso, mas ele tinha a ideia maluca de que poderia alcançar a imortalidade se conseguisse viver até a tal Singularidade. Quanto ao grupo, é por causa dele que estou indo a Nova York. Vim aqui, no entanto, para conversar com Deborah. Para ver se ela pode lançar alguma luz sobre o caso.

— Esse grupo — perguntou Macbeth — dá a si mesmo o nome de simulistas?

Ramirez olhou para Macbeth. Pela primeira vez, era um olhar de policial: examinando-o, analisando-o.

— Como sabe sobre isso?

— Bundy me contou.

— O homem do FBI com quem disse ter conversado?

— Sim. Ele revelou que Tennant se envolvera com os simulistas, mas não fez nenhuma conexão com Melissa.

— Não consegui localizar o agente Bundy para falar com ele — disse Ramirez. — Na verdade, o FBI foi muito pouco receptivo e declarou que não tinha nenhum agente Bundy. Achei, pois, que Deborah Canning poderia ajudar.

— Vamos então consultá-la — propôs Corbin, estendendo o braço e indicando a porta. — Estão prontos?

— Só uma coisa — disse Macbeth, detendo Ramirez. — O manuscrito pelo qual ele pagou quinhentos mil dólares... sabe do que se trata?

Ramirez assentiu.

— *Fantasmas Que Nós Mesmos Criamos*, escrito por alguém chamado John Astor.

44

ARI. ISRAEL

Ari Livnat teve uma sensação estranha: era como se alguém, em algum lugar quase fora do alcance de sua audição, arranhasse um quadro-negro com as unhas.

Estava com calor, cansado e entediado, mas isso era normal, dadas as circunstâncias. Entretanto, além do tédio, havia aquela irritação que dava nos nervos. Mesmo ali perto do mar, o ar era o ar do deserto, que ressecava a pele e os lábios com sua ardência e baixa umidade. Mas Ari sentia que algo de estranho e diferente pairava na atmosfera.

Estava ao lado de Benny Kagan e os outros camaradas do pelotão, de uniforme de combate verde-oliva, encurvado e arrastando os pés na areia, fuzil com o cano para baixo enquanto observava os manifestantes. Intrigou-o o fato de aqueles jovens, todos mais ou menos da sua idade, não aparentarem nenhum entusiasmo — assim como ele. Talvez alguns houvessem sido coagidos a comparecer — assim como ele. Recrutados para um protesto compulsório. Ou, quem sabe, apenas porque a história o exigia.

A história era algo que Ari desprezava, sobretudo porque, tendo nascido onde e quando nascera, já havia recebido uma dose suficiente dela ainda no berço. A história fora a música que crescera escutando — e estava farto daquele som em seus ouvidos. A história o definia, mais do que se ele houvesse nascido italiano, finlandês, grego ou americano. E, naquele momento, Ari daria tudo para ter vindo ao mundo com qualquer uma daquelas nacionalidades menos problemáticas. Pois, até onde se lembrava, vira-se obrigado a vestir sua história — Masada, libelos sangrentos, provocações antissemitas, *pogroms*, Holocausto,

Guerras da Independência e de Atrito — como a estrela amarela que os judeus foram obrigados a usar. E não queria fazer parte de nada daquilo.

Ari era o mais relutante dos soldados: um conscrito. Pensara em recusar-se a servir, mas não tinha nenhuma justificativa religiosa ou política para isso, não era modelo nem celebridade para se esquivar legalmente — e ainda havia seu pai. Ari se mostrava cínico quanto a muitas coisas na vida, mas seu pai não era uma delas. Ele havia lutado na Guerra dos Seis Dias e do Yom Kippur, caindo prisioneiro na última e sendo lançado ao inferno da masmorra de al-Mazzeh. Joe Livnat era um homem tranquilo e gentil, a quem o filho se devotava por inteiro. Nunca falara sobre o tratamento que recebera nas mãos dos sírios, mas Ari soubera, por outras fontes, a respeito da imundície e da doença, da tortura e do espancamento a que quase todos os prisioneiros das forças de defesa israelenses haviam sido submetidos. O que mais abalava Ari era a maneira como seu pai sempre se recolhia ao silêncio quando questionado sobre aqueles tempos — um silêncio que, Ari suspeitava, tinha algo a ver com a vergonha da captura.

E isso era o que Ari mais odiava na história: sua inevitabilidade, por mais que se tentasse fugir dela. Sabia que o pai entenderia e talvez até o apoiasse caso decidisse escapar ao serviço. Mas resolveu ir em frente por causa dele, como se, evitando o alistamento, fosse confirmar um traço de família e agravar a vergonha silenciosa do pai.

Assim, lá estava Ari no uniforme verde-oliva das forças de defesa israelenses, sob o sol do deserto. E, agora que o pior do conflito entre judeus e árabes parecia ter passado, a única coisa que o Estado de Israel talvez esperasse vê-lo matar era o tempo.

Bebeu um gole de água do cantil. Pelo menos, aquilo não era uma fronteira poeirenta ou um posto de controle de estrada em pleno Negev. Mesmo assim, gostaria de estar relaxando na praia, degustando uma cerveja gelada. Àquela hora, não havia ninguém na praia, com seus guarda-sóis fechados e espreguiçadeiras desocupadas. Contemplando as águas azuis do mar, via os barcos-patrulha Shayeter 13 posicionados em arco, interditando a costa tanto para terroristas quanto para turistas, e a silhueta quase indistinta de um

helicóptero SeaCobra a distância, patrulhando a linha nevoenta entre mar e céu. Mais história estava sendo feita ali, naquele dia em Eilat: às suas costas, no hotel de luxo cinco estrelas com ar-condicionado, que ele e os outros protegiam. História para a qual Ari não dava a mínima, exceto pelo fato de que a conferência então em curso talvez o qualificasse para um passaporte da União Europeia.

O céu ficou mais claro de repente e em seguida escureceu um pouco. Ari tinha bebido muito na noite anterior, e a exposição ao sol do deserto agora o fazia se sentir mal. Uma leve vertigem e a desagradável sensação de algo como um *déjà-vu* começavam a dominá-lo. Sua cabeça doía; as têmporas latejavam e a pressão do ar quente era palpável. Uma tempestade se avizinhava. A brisa hesitante que soprara durante a manhã inteira de repente se transformou numa lufada resoluta que fazia a areia se agitar e formar um turbilhão a seus pés.

Olhou para a forma compacta de Gershon Shalev. Shalev era alguém que não sentia a história como fardo: ostentava-a como se fosse uma insígnia de sua própria fabricação. O *haredi* alto e de ombros largos, um judeu ortodoxo que rejeitava a moderna cultura secular, fora transferido do Batalhão Netzah Yehuda por motivos que Ari e o resto do pelotão só podiam tentar adivinhar. Não faltavam rumores, é claro: alguém conhecia alguém que enxovalhava a reputação de Shalev, afirmando que ele pertencera a uma gangue Price Tag nos dias das operações ilegais do West Bank. Qualquer que fosse sua história, Ari odiava Shalev e tudo o que ele defendia. Odiava os judeus fanáticos que insistiam em lhe dizer quem ele era e do que fazia parte. Havia o mínimo de contato possível entre os dois soldados: Shalev tinha pouco ou nada a ver com Ari, em quem provavelmente identificara um *min*, um apóstata. No entanto, Shalev nunca dissera nem fizera nada para inspirar a ira de Ari. Sua simples presença era provocação suficiente: as trancinhas, as observações religiosas, a disciplina militar.

Agora, sentindo-se estranho e achando que o ar em volta havia mudado, com os nervos à flor da pele e o corpo dolorido, sem saber o motivo, Ari olhou para Shalev, e seu ódio por aquele homem transbordou.

— Veja só... — disse Ari, voltando-se para Benny Kagan, o cabo baixo, magro e de boa aparência a seu lado, enquanto apontava Shalev com o queixo. — O guardião de Israel... esperando ansioso um sinal de Deus para meter balas nesses palestinos. — E mostrou os manifestantes desmotivados que haviam se reunido na cidadezinha turística costeira para protestar contra o acordo que estava sendo assinado. Eram cinquenta, talvez sessenta. Muitos já tinham ido embora e só ficara aquele pequeno grupo para marcar presença.

— Está enganado, Ari — contestou Benny, encolhendo os ombros magros ocultos em algum lugar dentro do uniforme largo demais. — Gershon é um bom sujeito. Você implica com ele.

— Mas olhe para o cara — insistiu Ari. — Não está gostando nada do que vê por aqui, aposto. A Proposta de Acordo Quádruplo de Paz acabou com as chances dele de ser o guerreiro protetor de Eretz Yisrael. É do tipo que pensa que a política deve ser feita com fogueiras, e não com a decisão livre das pessoas. E, afinal, o que sabemos dele? Deve ter aprontado demais para acabar nesta unidade. Droga! — O vento, rodopiando ao redor, lançou uma nuvem de poeira do Negev em seu rosto. — Droga! — amaldiçoou de novo, removendo os óculos escuros e limpando o olho direito com o dorso da mão.

Levou um instante para tirar os grãos de areia do olho, as costas viradas e encurvadas contra o vento. Substituiu os óculos pelo protetor fornecido pelo exército, notando que Benny e os outros faziam o mesmo.

— De onde, com os diabos, vem este vento? — resmungou. — Não havia previsão... — Olhou para os manifestantes, que pareciam indiferentes à súbita mudança do clima.

O dia assumira uma tonalidade marrom-escura devido àquela espécie de névoa de areia que saturava o ar. Ari tapou a boca e o nariz com seu lenço.

— Maravilha... — gritou Benny. — Isto é tudo de que precisávamos. Uma tempestade de areia. Deve estar vindo do Negev...

Ari observou o céu, o ar agora visível, granulado.

— Não... Está vindo de outro lugar, do lugar errado...

O estrondo calou-o.

Um estrondo que sacudiu a terra sob seus pés, que pareceu ressoar e vibrar em seus ossos.

45

JOHN MACBETH. BOSTON

Deborah Canning estava sentada exatamente no mesmo lugar, exatamente com a mesma postura. Até o grosso livro de arte de *trompe l'œil*, com sua capa brilhante, fora reposto no mesmo ângulo sobre a mesinha junto à janela. As únicas diferenças com relação à última visita de Macbeth eram que ela agora vestia outras roupas e a janela tinha sido fechada. Parecia, pensou ele, que estava olhando para o mesmo quadro pela segunda vez e observando os mesmos elementos, mas acrescidos de outros.

Observando-a de novo, Macbeth poderia facilmente ter se convencido de que Deborah Canning de fato só assumia sua existência quando outras pessoas estivessem presentes. Ou, talvez, quando ela própria estivesse presente.

Não foi apenas a consistência do contexto de Deborah que o perturbou. Macbeth se sentiu incomodado por uma lembrança mais remota do quarto que não mudara, como se a imagem diluída de outra época se sobrepusesse a si mesma. Viu-se sentado ali, conversando com seu último paciente no McLean, que havia diagnosticado como portador de múltiplas personalidades.

Pete Corbin apresentou Walt Ramirez a Deborah. O policial grandalhão, bronzeado, com suas mãos enormes e ombros largos, parecia preencher o recinto, trazendo de volta a Macbeth a desagradável lembrança do falso despertar de seu sonho. Deborah não parecia impressionada com a presença maciça de Ramirez. Apenas cumprimentou-o com um aceno de cabeça e lhe deu um sorriso convencional.

Corbin conversou um pouco com ela, perguntando-lhe sobre seu dia, e Deborah deu respostas quase automáticas, quase sem sentido.

— Você parece inquieto, detetive Ramirez — observou Deborah.

— Sargento Ramirez — corrigiu ele. — Sou sargento da Polícia Rodoviária. Inquieto como?

— Como se tivesse mais perguntas a fazer do que as que lhe vêm à mente.

— Tenho perguntas sobre Melissa. Sabe o que aconteceu?

— Sim, sei. Pelo que vejo, está tentando entender o caso.

— É verdade. Preciso entender o que aconteceu. E não apenas como policial, mas como homem.

Deborah fez um aceno de cabeça dizendo que compreendia.

— Agora percebo... você viu tudo?

— Sim. E é por isso que preciso entender. Você sabe por que Melissa e os outros saltaram?

— Estavam se tornando.

— O que significa isso? Estavam se tornando o quê?

— Você não entenderia. Não está programado para entender.

— Posso tentar.

— Melissa, os outros, eu... vimos a verdade. Era tempo de nos tornarmos.

— Que verdade? — Ramirez se esforçou para ter paciência.

— A de que nosso futuro já aconteceu.

Ramirez suspirou.

— Disse que eu não entenderia. — Deborah lhe deu um sorriso gentil.

— Eu também não entendo — interrompeu Macbeth. — Como pode nosso futuro já ter acontecido?

— O que você pensa que é o agora, o presente, é apenas o passado. Exceto pelo fato de não sermos as pessoas que viveram nele. Não somos sequer os fantasmas dele. Estamos vivendo num palco. Como bonecos.

— Isso não tem nenhum...

Macbeth deteve Ramirez, segurando-o pelo cotovelo.

— Debbie está aqui para receber ajuda psiquiátrica — explicou em voz baixa. — Não espere que tudo o que ela diga faça sentido para você. Para saber a verdade deve trabalhar levando em conta sua síndrome.

Deborah Canning riu como se aquilo lhe proporcionasse uma leve diversão.

— Houve algum fato, alguma coisa aconteceu que induzisse aquele pessoal a fazer o que fez? — insistiu Ramirez, reformulando a pergunta.

— Vimos a verdade, só isso. Estávamos desenvolvendo um novo jogo. Nosso maior projeto, com aplicações que iam muito além da diversão. Jane McGonigal disse certa vez que deveriam instituir um Prêmio Nobel de Jogos. Nosso bebê teria ganho o primeiro.

— O que havia de tão especial nele? — perguntou Ramirez.

— O tamanho, a tremenda complexidade da programação, a mecânica... mas, sobretudo, o ambiente que criava. Melissa conseguiu uma parceria entre nossa empresa e Jeff Killberg. Era uma nova geração, uma mudança de paradigma na área dos jogos, que chamamos de Criação de Ambiente de Realidade Generalizada.

— Pode me explicar isso, Debbie? — pediu Ramirez. — Em termos simples, ao meu alcance.

— Você sabe como os jogos de computador se tornaram realistas. Bem, levamos isso a um nível totalmente novo; criamos um ambiente de jogos virtual mais complexo e convincente do que qualquer outro até então desenvolvido. Muita gente se queixa de que os jogos de realidade alternativa e virtual afastam as pessoas do mundo real... mas aquele era uma simulação perfeita *deste* mundo. Ruas, monumentos... tudo lembrava com exatidão a vida real. A diferença era que o jogador podia manipular o tempo e a realidade, como se tivesse superpoderes no mundo real. Mas a grande sacada era o alcance do jogo. Ele gerava uma realidade virtual; aumentava a realidade e a realidade *real*. — Pela primeira vez, Macbeth notou entusiasmo verdadeiro na expressão de Deborah. — Ele efetivamente sobrepunha o mundo dos jogos ao mundo real. Descobrimos que era possível apagar por completo a linha entre a vida do jogo e a vida real.

— Isso parece mais um motivo para comemoração do que para um pacto de suicídio — observou Ramirez.

— Você não compreende. — Foi a vez de Deborah se sentir frustrada. — O que viu não foi um ato de desespero ou tristeza. Foi um *tornar-se*.

— Conte-nos mais sobre o programa — pediu Macbeth.

— Ouviram falar na síndrome generalizada do jogo, que alguns chamam de Efeito Tetris? — perguntou. Macbeth assentiu. Tratava-se de um fenômeno psicológico no qual as formas de blocos Tetris em queda ou imagens de qualquer jogo persistiam na mente do jogador muito tempo depois de ele parar de jogar. — Pois bem, o ambiente em nosso novo jogo era a última palavra nessa área. Por isso o chamamos Realidade Generalizada. O potencial do jogo para melhorar a vida de pessoas com paralisia, síndrome do encarceramento e todo tipo de doenças debilitantes era ilimitado: elas poderiam viver existências reais livres de seus problemas; viver vidas plenas numa realidade artificial.

— Como no filme *Avatar*? — perguntou Ramirez.

— Não, não como as imagens geradas por computador de um desenho animado, mas como *isto*... — Erguendo as mãos, mostrou o quarto à sua volta.

— Então, o que descobriu ao desenvolver o programa? — perguntou Macbeth. — Que verdade foi essa que você desvendou?

— O programa começou a se autoelaborar, a se tornar mais e mais complexo em si e por si mesmo. Logo percebemos que ele se conectava a distância com outros programas que não havíamos criado. Não apenas com o TIME de Killberg, mas com outros. Com um em especial.

— Que programa era esse? — perguntou Corbin.

— Não conseguimos rastreá-lo. O programa havia se tornado autônomo e tomava as próprias decisões. Fazia conexões. Como as conexões neurais... Era um cérebro. Mas, o que quer que esse programa fosse, parecia enorme. Quero dizer, do governo ou talvez de um grande projeto de pesquisa, de modo que ficamos com medo de ser acusados de hackear sistemas de alta segurança. Mas quem agia assim não éramos nós, era o programa.

— Nada disso explica por que Melissa se matou — disse Macbeth. — Ou por que os outros se mataram.

Deborah olhou pela janela, cujo vidro estava agora salpicado de pingos de chuva. Permaneceu calada por um momento.

— Foi uma piada — disse por fim. — Uma brincadeira. Era na verdade um mundo gerado por computador, igual ao nosso, mas com capacidade para se sobrepor a ele.

— O que foi uma piada, Debbie? — perguntou Ramirez.

— Sabe o que acontece quando digitamos *recursion* na busca do Google, sargento?

— O que é *recursion*?

— Em programação, ocorre *recursion* quando o resultado de uma operação é a própria operação, com seus resultados, que se repetem indefinidamente. Em arte e outros usos, damos esse nome a uma imagem que se repete dentro de si mesma, pelo infinito. De qualquer modo, digite *recursion* na busca do Google, e ele perguntará: "Você quer dizer *recursion*?". Humor de quem programou. Fizemos algo semelhante, por brincadeira.

— O quê?

— Nós nos programamos nele. Versões alternativas de nós mesmos. Apenas avatares, na verdade, mas, quando o programa começou a se autoelaborar...

— O que aconteceu?

— Vimos... — havia grande tristeza no rosto e na voz de Deborah agora — ... vimos todos os níveis do jogo, todos os níveis de nós mesmos e todas as realidades sobrepostas, nenhuma das quais sendo real.

Ramirez voltou-se para Macbeth e deu de ombros, desanimado.

— Debbie — disse Macbeth —, o que isso significa?

— Significa que os dois estavam certos.

— Quem eram esses dois?

— O doutor Corbin suspeita de que eu sofra de múltiplas personalidades. Tem razão, sofro mesmo. Todos sofremos. Lembram-se do que eu disse sobre nossos reflexos?

— Quem mais tinha razão? — perguntou Ramirez.

— John Astor. O futuro de fato já aconteceu. E somos, sem sombra de dúvida, fantasmas que nós mesmos criamos.

46

ARI. ISRAEL

Tudo cessou. O estrondo, o estremecimento da terra sob seus pés, o redemoinho de areia — tudo cessou com tanta rapidez quanto havia começado. Seguiu-se um momento de atordoante silêncio.

— Que merda foi essa? — gritou Benny, que, à semelhança dos demais, mantinha-se de pé, as pernas afastadas e os braços estendidos para os lados, como se tentasse se equilibrar mesmo numa superfície firme.

— Terremoto... — Ari assumira a mesma posição e permanecia imóvel, temendo o que ainda estivesse por vir.

Olharam um para o outro e para o espaço ao redor, como para ver se o mundo continuava ali. Ari notou que os manifestantes também os observavam, parecendo mais confusos com o comportamento dos soldados do que com o choque vindo das entranhas da terra.

— Talvez não tenha sido real... — murmurou Benny. — Você sabe, como aquele negócio em Boston.

Ari balançou a cabeça numa negativa.

— Foi real. Aqui acontecem tremores... Eilat registrou um em 1995. Tem a ver com um encontro de placas tectônicas ou coisa assim. Tudo bem, já passou.

Por fim, os soldados se descontraíram um pouco. Ari balançou de novo a cabeça e riu.

Outra vez.

Agora, mais forte.

A superfície se agitou, pulsante. Outra vez, o vento soprou não se sabia de onde, e o ar se tornou granuloso, saturado de areia do deserto. O movimento da terra lançou Benny de joelhos ao chão, e Ari lutou para não cair. Seus olhos encontraram os de Shalev, que se apoiava com uma das mãos no veículo blindado de tropas.

Outro barulho ensurdecedor. Mas não como os dois anteriores; não como qualquer som que Ari já tivesse ouvido. O chão estremeceu com violência, parecendo que alguma coisa em suas entranhas se despedaçava. Tal qual o tremor, o vento se encarniçou. Benny e os outros gritavam, mas a voz deles se perdia na tormenta. Ari já não conseguia ver as elegantes fachadas dos hotéis de veraneio. Tudo se enevoava no torvelinho de areia e detritos, embora ainda achasse ser possível avistar o hotel. Apesar de envolvido nesses pensamentos, o pequeno cabo correu para ajudar Benny a se levantar, mas uma súbita lufada o jogou para cima, lançando-o no vórtice de areia e fragmentos de folhas de palmeira.

— Benny! — gritou Ari, correndo em direção ao amigo. O vento golpeou-o como uma onda de oceano bravio, sugando-lhe o ar dos pulmões e, agora mais forte que a gravidade, tirando-lhe o chão de sob os pés. Um pânico primitivo dominou-o ao perceber sua impotência contra as forças da natureza. Sentiu então um forte aperto no braço e, virando-se, deu com Shalev, que o puxava para a proteção do blindado.

— Precisamos de abrigo! — gritou Shalev ao ouvido de Ari.

— E Benny? O que aconteceu com ele?

— Vou procurá-lo. Sou mais pesado que você. — Shalev encostou sua grande mão espalmada no peito de Ari e empurrou-o com força contra a lateral do blindado, obrigando-o em seguida a sentar-se com as costas apoiadas no veículo. — Fique aqui!

Ari viu Shalev embrenhar-se na tempestade e desaparecer.

A tempestade cessou.

Aconteceu em questão de segundos. O vento se foi. Os detritos e a areia flutuaram no ar pelo que pareceu uma eternidade, depois se assentaram

lentamente. As silhuetas empoeiradas do resto do pelotão foram reaparecendo, algumas deitadas no chão e se esforçando para ficar de pé. Ari viu Shalev erguer Benny. Olharam um para o outro através do que agora era uma tênue cortina de areia do deserto suspensa no ar.

Ari afastou-se do blindado e caminhou em direção aos companheiros. Ainda não conseguia ver o contorno dos hotéis atrás deles, mas o sol já tocava a areia com dedos faiscantes. Tinha parecido o fim do mundo.

Ari estava de costas para ele.

Percebeu, numa fração de segundo, que estava de costas para ele. O que quer que fosse, achava-se ali, logo atrás e naquele instante. Notou isso pela expressão dos outros, que olhavam além dele, para o mar — e era uma expressão de choque, espanto e terror. Mas um terror maior do que uma simples tempestade poderia causar. Viu Shalev cair de joelhos devagar, a boca aberta. Benny Kagan estava paralisado.

Atrás dele. Podia ouvi-lo trovejar e rugir. E podia senti-lo, porque a terra sob seus pés tremia e ondulava. Fosse o que fosse que estivesse atrás, não queria se virar. Não importava a visão que havia transformado os companheiros em estátuas, recusava-se a vê-la. Não se viraria.

Mas se virou.

Sentiu a terra tremer de novo, como se o mundo inteiro embaixo houvesse despencado uns dez metros antes de uma parada repentina.

A tempestade que passara sobre eles era agora um redemoinho, mas um redemoinho como Ari jamais vira antes. O funil tinha cinquenta metros de diâmetro; arqueava-se e ascendia num turbilhão de um quilômetro, até uma nuvem de fumaça negra. E abaixo dela... abaixo dela Ari avistou algo em que não pôde acreditar. Algo em que nunca havia acreditado, algo em que nunca quisera acreditar durante toda a sua vida.

— Ó Deus! Deus, Deus, Deus...

Acontecera. E acontecera ali, onde estavam... Yam Suph. O Mar de Juncos.

Onde Moisés se postara.

Com uma certeza que nunca tivera antes, Ari soube que testemunhava a Aliança, o sinal da proteção de Deus a Seu povo.

Ari Livnat, de pé na praia de Eilat, contemplava o imponderável. Via as duas muralhas titânicas de água se erguendo como montanhas gigantescas de vidro ondulado e deixando um espaço entre si. Raios zuniam, ziguezagueavam e faiscavam pela superfície absurdamente vertical da água. Ari sabia o que estava vendo, mas recusou-se a acreditar no que via. Embora visse.

Ari Livnat presenciava a abertura do Mar Vermelho.

Ignorava por quanto tempo estivera ali, contemplando, vendo, acreditando. Por fim, virou as costas e passou por Shalev, que ainda de joelhos se balançava para a frente e para trás, repetindo uma prece infindável. Ari pediu a Benny e aos demais que o acompanhassem até onde estavam os manifestantes. Estes olhavam boquiabertos para os soldados — confusos, mudos, imóveis. Incrédulos.

Percebeu de imediato que os manifestantes não tinham visto o que ele vira. O que os outros haviam visto. O sinal não era para eles. A mensagem de Deus não lhes dizia respeito.

Uma certeza imensa, irresistível, tomou conta de Ari. Tirou o fuzil do ombro.

— Matem-nos — gritou para os companheiros com uma voz dura e fria. — Matem todos...

Outro som trovejante. Mas desta vez não vinha do céu.

47

JOHN MACBETH. BOSTON

O céu havia clareado, e Brian Newcombe, esperando por Macbeth nos degraus do prédio da administração, sugeriu que dessem um passeio pelos arredores do hospital.

Macbeth concordou, mas ainda estava amedrontado pela fantasia de Deborah: uma das consequências da prática da psiquiatria era que, às vezes, a realidade alternativa da ilusão de um paciente ficava alojada num canto da mente do médico, como um livro que se acaba de ler.

Newcombe foi direto.

— Pediram-me que o convencesse a não voltar para a Dinamarca.

Macbeth riu.

— Impossível. Embarcarei esta noite...

— Cuidaremos de tudo. Precisamos mais de você aqui do que o Projeto Copenhague na Dinamarca.

— Bem, sinto-me lisonjeado, mas, como já disse, se puderem encontrá-lo, Josh Hoberman é muito mais...

Newcombe interrompeu-o.

— Josh Hoberman foi retirado hoje de manhã do Rio Potomac com o pescoço quebrado.

Macbeth estacou.

— Assassinado?

Newcombe assentiu, a expressão séria sob o bronzeado de velejador do Cape.

— É bem provável que pelo Fé Cega. Houve mais mortes. E mais ataques a bomba em Washington, Londres, Haifa. Muçulmanos *e* membros do Fé Cega

estão envolvidos. Não bastasse isso, um grupo extremista judaico, antissecular, antitecnologia e ultraortodoxo reivindicou o atentado em Haifa. Correm boatos de que alguma coisa estranha aconteceu em Israel. Um massacre. Estou lhe dizendo, John, o mundo perdeu o juízo... Temos uma nova Idade das Trevas com superstições rivais se engalfinhando numa guerra santa.

— Usando uma epidemia de alucinações como justificativa... — aventou Macbeth.

— Toda essa droga antiprogresso e religiomaníaca se alimenta dos fenômenos. Os caras não aceitam que sejam alucinações; acham que são "visões" dadas por Deus. Cada mulá, evangélico ou maluco classificável entre essas tendências considera esses fatos um sinal do Arrebatamento, da Segunda Vinda ou de qualquer coisa que haja sido prometida em seu ramo de escatologia. Temos de chegar ao fundo do problema e acabar com ele de vez, antes que o mundo inteiro fique doido.

— Entendo aonde quer chegar, Brian, mas não posso pôr Poulsen de lado. É melhor dar sequência ao meu trabalho, pois ele é exatamente o tipo de coisa que esses lunáticos querem destruir. De qualquer modo, não sou epidemiologista — disse Macbeth quando passavam pelo outeiro onde se erguia um carvalho.

— Não estamos às voltas com uma epidemia, e você sabe disso. Não há padrão, foco estatístico ou paciente zero. — Suspirou para ganhar tempo. Macbeth percebeu que o estresse começava a abalar a frieza profissional de Newcombe. — Estamos às voltas com algo sem precedentes. As ocorrências passaram a provocar consequências fisiológicas. As pessoas são feridas, fisicamente, por coisas que não existem. Um executivo de TV em Nova York imaginou que estivesse em chamas. Ninguém em volta teve essa alucinação, mas todos viram sua pele esturricar e a carne enegrecer. A autópsia confirmou a morte por queimadura, embora não houvesse fogo, e os pulmões do homem foram danificados do mesmo modo que se houvesse inalado fumaça, mas não se encontrou uma partícula sequer de fumaça nos tecidos pulmonares. Ele não só imaginou que estava queimando... como de fato queimou até a morte.

— Isso não tem sentido... — murmurou Macbeth, negando com um gesto de cabeça.

— E há mais — disse Newcombe. — Identificamos elementos cronobiológicos distintos no fenômeno. Os ritmos circadianos dos indivíduos são gravemente perturbados durante o período de alucinação. Isso pode ser o que provoca a sensação de *déjà-vu* antes e a desorientação depois. Sei que vai parecer uma loucura, mas todos, até agora, exibiram sintomas de dessincronose.

— Descompensação horária? — perguntou Macbeth, sem estranhar. Ele próprio havia experimentado algo semelhante após o tremor-fantasma de Boston.

— Os ritmos ultradiano e infradiano são afetados do mesmo modo. Mulheres informaram interrupção do ciclo menstrual. — Newcombe balançou a cabeça. — É quase como se, durante a alucinação, uma poderosa mimese convencesse o corpo de que foi transportado a outra época. Talvez se trate do mesmo mecanismo responsável por induzir o corpo a imitar ferimentos reais.

— Está dizendo que esses acontecimentos são algum tipo de viagem no tempo psíquica?

— Claro que não. Mas a sensação de mudança temporal afeta todos os sentidos e provoca alterações físicas. Como ocorre com as poucas pessoas que sentem enjoo de movimento muito real quando jogam *video games*.

— Não são tão poucas assim... — disse Macbeth. — Sou uma delas.

— Há algo mais... Olhe para isto e me diga o que está vendo. — Newcombe tirou o celular do bolso, digitou alguma coisa e o passou a Macbeth. A fotografia que enchia a tela mostrava uma sala de museu: uma criatura gigantesca, com mandíbulas e dentes poderosos, deixando minúscula a pessoa postada diante dela.

— É um lobo... — respondeu Macbeth. — Não de verdade, claro... É grande demais e os dentes estão um pouco exagerados. A menos que exista por aí uma espécie gigante de lobos.

— Você não está errado. Isso aí *era* bastante real, dez vezes maior do que qualquer lobo que já existiu. *Andrewsarchus mongoliensis*, o maior mamífero carnívoro a vagar pela Terra. Parece um lobo gigante, mas a relação não poderia

ser mais longínqua. É antes um carneiro ou bode. Um carneiro formidável, carnívoro como poucos, que poderia abocanhar um homem e cortá-lo em dois, se houvesse homens na época. É um exemplo perfeito de evolução convergente, quando uma espécie acaba se parecendo com outra bastante diversa.

— Certo — murmurou Macbeth.

— O *Andrewsarchus* se extinguiu há mais de trinta milhões de anos. Seu principal hábitat era o que é hoje a Mongólia e o oeste da China. Nossa equipe no Extremo Oriente relatou que uma garota descreveu esta coisa. — Tamborilou na tela do celular com o indicador. — E a descreveu em minúcias. Chegou a dizer que a criatura não tinha propriamente garras, mas patas semelhantes a cascos. E aqui mesmo, em Boston, uma mulher descreveu, com todos os detalhes, insetos pré-históricos gigantes que só um paleoentomologista qualificado poderia identificar. Além disso, falou da "riqueza" do ar em sua alucinação e de como era capaz de correr longas distâncias sem perder o fôlego. Tudo isso é consistente com uma época, há mais de *trezentos milhões* de anos, em que os níveis de oxigênio eram mais altos que os de hoje: trinta e cinco por cento, em vez de vinte. Isso permitia que os insetos fossem enormes. Assim como a garota chinesa que descreveu em detalhes um *Andrewsarchus*, essa mulher detalhou um escorpião marinho gigante, o *Jaekelopterus*, confirmando o que até então não passava de teoria. — Newcombe esperou que a informação fosse processada.

— Poderia ser criptomnésia... — sugeriu Macbeth. — Eles viram desenhos ou documentários de que se esqueceram e a informação ressurgiu nas alucinações...

Newcombe meneou a cabeça numa negativa.

— Tudo muito detalhado, tudo muito correto... Em cada evento, a alucinação condizia com um fato que ocorreu ou, presumivelmente, poderia ter ocorrido em algum ponto do passado. E o avião de passageiros que caiu perto de Harrisonburg, na Virgínia? A caixa-preta revelou que isso aconteceu porque o piloto decidiu empreender uma manobra evasiva extrema pouco depois de subir, a fim de evitar uma coluna de cinzas e uma cratera vulcânica, quando na verdade voava sobre uma colina de apenas trezentos metros de altura. Ocorre que essa

elevação insignificante na paisagem da Virgínia, o Mole Hill, é o cone erodido de um grande vulcão, ativo há cinquenta milhões de anos, cuja altura chegava a centenas de metros. E você sabe que o evento ocorrido aqui em Boston reproduziu em tudo o terremoto de 1775 em Cape Ann.

— Brian, não sei aonde está tentando chegar, mas devo dizer que isso não é ciência...

— Talvez não ciência *médica*. Talvez esses acontecimentos não sejam de modo algum manifestações clínicas... Talvez tudo tenha a ver com, digamos, a física. Com o tempo.

Macbeth estacou de novo, olhando para o céu, cuja luminosidade difusa não ultrapassava a de uma lâmpada de sódio.

— Você não é a primeira pessoa a me sugerir essa ideia hoje, Brian...

48

JOHN MACBETH. BOSTON

Se havia um aspecto da cultura verdadeiramente global, pensou Macbeth, era o aeroporto. O saguão de um aeroporto era um saguão de aeroporto em qualquer parte do mundo: as mesmas cadeiras, a mesma iluminação, as mesmas extensões de vidro deixando ver idênticas paisagens de pistas de asfalto. Até o café era idêntico. Parecia que as mesmas equipes de arquitetos, decoradores, montadores de lojas e pessoal de semblante melancólico eram conduzidas pelo mundo de aeroporto em aeroporto, apenas com o objetivo de desconcertar o viajante, tornando o local de chegada indistinto do local de partida. Nem o clima desempenhava ali qualquer papel: saguões hermeticamente fechados eram aquecidos em Reykjavik e refrigerados em Abu Dhabi, mantendo uma temperatura universal de vinte e três graus — bem próxima da temperatura do corpo, para a pessoa se sentir suada e letárgica na medida certa.

Aquele não era um lugar que descontraísse Macbeth. Odiava aeroportos mais ainda que aviões — e odiava com fervor. Não que tivesse medo de voar: detestava, isso sim, as horas de espera, o aborrecimento dos atrasos, cancelamentos e conexões; os rostos inexpressivos e às vezes até um tanto hostis por trás dos balcões de *check-in* ou diante dos portões da Administração de Segurança do Transporte; e a total, desoladora indiferença implícita nisso tudo. Achava estranho que um lugar tão repleto de gente fosse tão destituído de humanidade.

Sentou-se no saguão de embarque e ligou para o irmão, contando-lhe sobre a proposta insistente de Newcombe para se juntar à equipe de investigação da

síndrome alucinatória não patológica temporária e sobre a reação negativa do epidemiologista à sua recusa peremptória.

— Talvez seja melhor mesmo você ficar longe de tudo isso em Copenhague — disse Casey. — Ligue-me quando chegar.

— Vou chegar bem tarde...

— Não importa, me ligue. Ah, dei uma olhada no seu *laptop*...

— E eu, no que você me emprestou — interrompeu Macbeth. — O maldito arquivo está lá.

Fez-se um silêncio do outro lado da linha.

— Casey?

— O arquivo apareceu no novo *laptop*? — perguntou Casey por fim.

— Foi o que eu disse...

— E quando apareceu?

— Estava checando meus e-mails e o vi. Mas continuo sem conseguir abri-lo. Pensei...

— Escute... Entrei em contato com Jimmy Mrozek, o especialista em informática do MIT de quem lhe falei. Ia lhe entregar seu *laptop* para que ele o examinasse, mas o arquivo tinha sumido. Não estava mais lá.

— O quê? — espantou-se Macbeth. — Quer dizer que ele saltou magicamente de um computador para o outro?

— É o que pode ter acontecido. Ao que tudo indica, reapareceu no novo *laptop* no momento em que você se conectou à internet.

— Estranho.

— E vai ficar mais estranho ainda. Segundo Jimmy, o cara da informática, era a segunda vez que alguém lhe pedia para examinar um arquivo misterioso que ninguém conseguia abrir. Exatamente o mesmo que você viu. Mas ele não teve chance de examinar aquele computador.

— O arquivo desapareceu também com um truque de mágica?

— Não, John, o arquivo não desapareceu com mágica... O computador e o dono dele é que desapareceram. Pertencia ao professor Steven Gillman.

Foi a vez de Macbeth ficar em silêncio.

— Como falei... — A voz de Casey no telefone era tensa, ansiosa. — Me ligue assim que estiver seguro em seu apartamento.

Sem voo direto para Copenhague do Logan International, Macbeth tomaria um avião da British Airways via Heathrow, em Londres. Repassou na mente todo o tormento: mais uma hora e meia antes de embarcar, desde que não houvesse atrasos, seis horas e vinte minutos até Londres, três horas e dez minutos aguardando a conexão e depois uma hora e cinquenta e cinco minutos até Copenhague. Um total de nada menos que doze horas e cinquenta e cinco minutos, sem contar os atrasos, a burocracia da imigração da União Europeia ou a espera na esteira de bagagem. Passaria a maior parte desse tempo usando a tecnologia que muitas vezes o ajudava a se isolar do ambiente: o aparelho de MP3, o leitor de *e-books* e o *laptop*, capazes de lhe proporcionar um reinado limitado aos fones de ouvido, que confinariam sua consciência e restringiriam sua percepção do mundo ao redor. E o contato com os companheiros de viagem.

De repente, uma confusão a dois portões de distância, no saguão de embarque. Uma mulher gritava, outra chorava. Macbeth, como vários outros passageiros que esperavam, levantou-se e olhou em direção ao barulho, que parecia vir de algum lugar perto da janela. Havia, no mundo pós-11 de Setembro, outra coisa que caracterizava aeroportos em âmbito global: qualquer distúrbio, qualquer sinal de revide da polícia provocavam alarme imediato. Ninguém falava; todos haviam estirado o pescoço para tentar ver o que acontecia. Mas, fosse o que fosse, estava fora de vista, pois uma barreira de viajantes cercava o local da confusão e impedia a visão de Macbeth.

Três agentes de segurança e uma mulher corpulenta do Departamento de Polícia de Boston atravessaram às pressas o portão, correndo para o local do tumulto. O grupo apinhado junto à janela abriu espaço para eles, mas logo se fechou de novo. Ouviu-se o rumor abafado de uma discussão ou protesto veemente, em tom autoritário. Alguns dos outros passageiros continuaram de pé, observando, mas Macbeth voltou a se sentar. Depois de alguns minutos os uniformes reapareceram, escoltando duas mulheres de cerca de trinta anos, ambas visivelmente perturbadas.

— Mas estou lhe dizendo, nós duas vimos — protestou uma delas, dirigindo-se à policial, que a ignorou. — Nós duas.

Quando passaram por ele, Macbeth reparou que a outra mulher permanecia em silêncio, os olhos vidrados e distantes: era evidente que estava em choque. Todos os olhares acompanharam o trajeto do grupo, até desaparecer. Então, devagar e dando de ombros, os passageiros foram se sentando.

As pessoas estavam se acostumando à manifestação de comportamentos bizarros, percebeu Macbeth.

Um nova personagem surgiu, um inglês de meia-idade e de terno, que foi abrindo caminho por entre pernas e malas até achar uma cadeira para se sentar. Depois que se acomodou, pegou o celular, digitou um número e iniciou uma daquelas conversas em voz alta, embora particulares, que tantas pessoas se julgam no direito de entabular num aeroporto. Aquele era um fenômeno que interessava muito a Macbeth como psiquiatra: o anonimato que muitos indivíduos sentiam em meio a uma multidão de estranhos, como se estivessem rodeados por serenos zumbis. O inglês falava com um sotaque anasalado que soava como um lamento, e Macbeth tentou ignorá-lo quando o homem passou a comunicar à esposa a decisão de pegar um voo mais tarde.

Mas, sem querer, viu-se atraído pela segunda parte da tagarelice do inglês.

— Acho que acabei de presenciar um daqueles estranhos acontecimentos sobre os quais andamos lendo. Sim, as alucinações. Aqui mesmo no aeroporto, há poucos minutos. Duas mulheres... duas malucas. Tudo começou quando uma delas foi se queixar a uma funcionária da empresa aérea de que ninguém havia comunicado aos passageiros que seu voo seria adiado por causa do nevoeiro. “Que nevoeiro?”, perguntou a funcionária. “Como assim, que nevoeiro?”, gritaram as duas. “Olhe pela janela. Lá está ele!” Bem, faz um belo dia aqui e não há sequer uma nuvem no céu, mas as duas malucas não paravam de falar na neblina baixa, estendendo-se como um lençol sobre as pistas. Segundo elas, quem estivesse na pista não poderia enxergar um palmo diante do nariz. Como? Sim, eu sei... Não, são norte-americanas. E não parou por aí. Uma começou a chorar, depois a outra. Estavam histéricas. Diziam que uma aeronave se

espatifara no chão, o que obviamente deixou os outros passageiros excitados... Hein? Não, não aconteceu nada disso. Mas elas insistiam, dizendo que tinham visto a nave cair. Ninguém mais viu o tal acidente. E as duas, gritando e chorando, afirmavam que o avião despencara... Viram-no sobrevoar a camada de névoa, mergulhar nela e explodir perto do mar, na extremidade da pista. Pura imaginação. Todos procuravam enxergar o que elas afirmavam ter visto, mas não havia nada: nem acidente, nem nevoeiro. Ninguém viu coisa alguma. Não, não estou exagerando... Foi muito estranho. Por fim, gritaram e choraram tanto que acabaram presas. Sim, eu sei...

A conversa enveredou para assuntos mais pessoais, que todos ao redor continuaram ouvindo, mas não Macbeth. Ele refletia sobre o que as duas mulheres aflitas afirmavam ter visto, e uma lembrança lhe ocorreu. Um episódio do começo da infância. Era final de julho, 1973. Estava na casa dos avós vendo TV quando veio a notícia: imagens confusas de fragmentos espalhados na extremidade da pista, junto ao mar, e um forte nevoeiro avançando maliciosamente pelo cais de Boston.

Um acontecimento real do passado. Repetido numa alucinação, tal como havia explicado Brian Newcombe.

Consultou o relógio, olhou para as duas mulheres escoltadas e para o painel de informações acima do portão.

Suspirando, pegou o celular e chamou Newcombe.

49

GEORG POULSEN. COPENHAGUE

Georg Poulsen estava sentado na sala de sua casa. Os únicos sons no espaço que ocupava vinham de fora; e mesmo esses poucos passavam despercebidos, pois a casa se situava longe da estrada, de frente para a baía. Nada de TV, rádio ou aparelho de CD. Via-se um livro sobre a mesa de café, mas esse livro não estava ali para ele. Aquela era sua casa, não seu lar. Desde o dia em que voltara sozinho do hospital, o lugar passara a ser apenas um recinto a ser ocupado entre os importantes afazeres de sua vida. Um local para dormir ou esperar: uma ponte entre uma tarefa e outra, entre a brilhante concentração no trabalho e a dolorosa alegria de seu tempo com Margarethe no hospital.

Mas, se Larssen lhe dissera a verdade, tudo iria mudar sem demora: aquela estrutura, aquele conjunto sem sentido de quartos e corredores se tornariam de novo o centro de sua vida. Caso Margarethe voltasse. Caso pudesse receber cuidados ali, o lugar se transformaria outra vez em seu lar. Enquanto isso, esperaria. E a casa esperaria também.

Margarethe havia se apaixonado por aquela casa ao primeiro olhar. Não era grande nem se destacava pela arquitetura: tinha só um andar e, quando vista da estrada, mostrava seu contorno de tijolos vermelhos e teto de telhas em S, bem ao estilo dos chalés dinamarqueses. Entretanto, os antigos moradores haviam construído uma extensão maior e mais moderna aos fundos, de frente para o sul e na direção do pequeno fiorde, dotando-a de janelas largas e, na verdade, modificando a orientação da estrutura. As enormes janelas mudavam constantemente toda a natureza da casa: Margarethe sempre dizia que não deixavam entrar apenas luz, mas também as estações. Assim, alteravam o espaço

interno com nuances de tonalidade, em sincronia com as fases da natureza e a época do ano. Aquele havia sido um ambiente que revigorava e acalmava; dera ao casal o presente para fruir e o futuro para imaginar. Era o lugar deles no mundo, e fora dele. E, com o vasto quarto arejado, de paredes azul-claro, ao fim do corredor principal, seria também o lugar de seu filho no mundo.

Só que agora não havia mais filho.

Tão logo Larssen fizera a sugestão, Poulsen começara a elaborar planos. O quarto do bebê seria perfeito para Margarethe, e tinha mandado instalar tomadas para a tecnologia que seria parte essencial de seu cotidiano. Mas mandaria pintar as paredes de cor diferente.

Pegando o livro que estava sobre a mesa de café, examinou-o com apreensão. Iria começar a lê-lo para a esposa naquela noite. Era um dos títulos a respeito dos quais Margarethe, muito mais versada em literatura que o marido, lhe falara anos antes. Só depois de um mês, forçando a memória e buscando na internet, é que conseguira encontrá-lo.

“Não existe isso de ideia original”, Margarethe havia dito. “Tudo o que você pensa hoje já foi pensado antes por alguém, em algum lugar. Pensado de outra forma, talvez, mas pensado. O desafio consiste naquilo que você porventura venha a fazer com a ideia.”

Dissera isso ao lhe falar do livro. O título era simples, e Poulsen acabou por se lembrar: *Nós*. E a internet ajudou sua memória com o nome do autor: Yevgeny Zamyatin.

Nós, explicara Margarethe, era uma obra-prima pessimista escrita em 1921 e banida da Rússia por mais de sessenta anos, mas traduzida em todas as línguas importantes. O romance se passava num futuro em que todas as casas eram de vidro: assim, a população aparentemente satisfeita podia ficar sob a constante e “amistosa” supervisão do Benfeitor, que tudo via e cuja vontade se impunha por meio dos Guardiães. A primeira crítica consistente desse livro fora feita pelo autor inglês George Orwell, que se inspirou nele para escrever *1984*.

Poulsen sentia as garras da dúvida e do medo pungindo seu coração: e se aquele fosse o livro errado? E se Margarethe já o houvesse lido e relido, não

desejando que Poulsen o lesse de novo para ela? E, pior ainda, e se não conseguisse ouvir a leitura?

Larssen explicara que existia a possibilidade de dano no sistema reticular ativador, localizado no alto do tronco encefálico e perto do local onde a hemorragia fora detectada pela ressonância magnética. Poulsen sabia que o sistema reticular ativador era responsável pelos estímulos; determinava por quanto tempo e até que ponto a pessoa permanecia desperta, imprimindo ritmo ao ciclo de sono e vigília. Talvez Margarethe adormecesse toda vez que ele lia para confortá-la. Talvez ficasse permanentemente suspensa no eterno crepúsculo entre sono e vigília.

Era bem possível que Margarethe jamais tivesse ouvido uma só palavra pronunciada por ele.

Mas esse não era o maior medo de Georg Poulsen. Num universo de aterradoras possibilidades, o espectro que mais o assombrava era não poder, talvez, solucionar o problema da interface cérebro-computador ou solucioná-lo tarde demais para proveito de Margarethe.

Outros colaboradores do Projeto ficavam atônitos com a franqueza de Poulsen, pois ele divulgava com a maior desenvoltura, nos comunicados mensais à imprensa, qualquer progresso feito pela equipe. Todo mundo sabia que, embora devesse estar acima de semelhantes considerações, a ciência era um atletismo da mente, e os cientistas competiam entre si. Havia Prêmios Nobel a ganhar, carreiras e reputações a construir — mas Poulsen, o diretor do Projeto, empenhava-se na mais inusitada e absoluta transparência. Na verdade, era ainda enfático ao pedir que os outros pesquisadores também partilhassem seus progressos e descobertas.

“Não existe isso de ideia original. Tudo o que você pensa hoje já foi pensado antes por alguém, em algum lugar. Pensado de outra forma, mas pensado. O desafio consiste naquilo que você porventura venha a fazer com a ideia.” O comentário de Margarethe sobre criatividade literária tornara-se o elemento principal do método científico de Poulsen.

Jamais havia acreditado na teoria heroica da descoberta científica. Sabia ser muito raro uma pessoa sozinha desvendar um segredo que estivesse oculto do resto da ciência. Wallace propusera a teoria da evolução ao mesmo tempo que Darwin; Leibnitz formulara o cálculo diferencial na mesma época que Newton; Von Ohain, Campini e Whittle tinham desenvolvido o motor a jato individualmente e competido entre si.

Poulsen na verdade pouco se importava com quem lograsse o crédito ou ganhasse o Nobel. Para ele, o que valia era dar o grande passo. Desejava apenas conectar-se com a mente aprisionada da esposa, proporcionar-lhe alguma ligação com o mundo exterior, mesmo que este fosse falso.

Sempre que decidia aliviar a pressão e o controle sobre os colegas, a imagem da esposa imóvel e de olhar distante invadia sua mente.

Olhou de novo para o livro. Seria o certo?

Colocou-o na mesinha quando um som quebrou o silêncio estéril. Levantou-se para atender o telefone.

50

CASEY. OXFORD

— Mais vinho? — perguntou a garçonete com jovialidade.

Um grande toldo fora estendido, tendo em vista a imprevisibilidade do clima inglês; mas, contrariando as expectativas, o céu permanecia sem nuvens, e todos preferiram ficar ao ar livre, tagarelando em grupinhos, bebericando seu vinho e gozando a tepidez da temperatura, a luminosidade dourada da manhã e o panorama dos gramados da universidade.

— Por que não? — brincou ele, colocando a taça vazia na bandeja e pegando outra cheia. — Afinal, isto aqui é um simpósio.

A bela jovem, de cabelos loiros e curtos, olhou-o sem compreender. Parecia totalmente descontextualizada com sua blusa branca e saia preta; Casey imaginou que talvez fosse uma estudante de graduação que se apresentara para trabalhar em troca de um dinheirinho extra.

— Um simpósio... — explicou ele. — Na Grécia antiga, os simpósios eram festas onde se bebia vinho. Não um encontro de velhos físicos caretas...

— Ah... entendo — disse a jovem. Falava com um daqueles sotaques britânicos que Casey achava difícil situar, geográfica ou socialmente. Podia ver, pelo sorriso da moça, que estava interessada nele... e ele nela. Ia dizer alguma coisa quando sentiu alguém lhe bater no ombro num gesto amistoso.

— Casey Macbeth...Como vai? Ainda procurando a resposta para a vida, o universo e tudo o mais? — Era Juergen Franke, um alemão tipicamente grande, forte, loiro e de olhos azuis, mas atipicamente alegre e com muito senso de humor. Lembrava um fazendeiro rude do norte da Alemanha; mas Casey sabia

que sua mente era brilhante. Franke se inclinou para ele, com ar conspiratório. — Acho que a resposta é quarenta e dois...

— Vou bem, Juergen. E como andam as coisas no CERN?

— Ainda estamos caminhando em círculos — respondeu Juergen, rindo alto da própria piada: era membro da equipe do Grande Colisor de Hádrons, que enviava fótons em direções opostas, a uma velocidade próxima da luz, num circuito de quase trinta quilômetros no subsolo do centro da Europa. Desempenhara papel de relevo na busca do bóson de Higgs e realizara trabalhos significativos no campo de partículas virtuais. Mas também podia beber tanto quanto qualquer outro que se encontrasse dormindo sob a mesa. — E você?

— Estou ótimo. E contente por ter vindo. Quer uma bebida? — perguntou Casey.

— Tem cerveja? — perguntou Juergen à garçonete.

— Sinto muito, apenas vinho. É um simpósio, afinal — disse ela, sorrindo para Casey.

— Como? — Franke franziu o cenho. Em seguida, percebendo a troca de olhares entre os dois, riu com gosto. — Ah, já entendi... Então é assim, hein? Garota, não se deixe levar pelo charme juvenil desse americano. É um mórmon... com esposa e quinze filhos nos Estados Unidos. Ou serão quinze esposas e um filho?

Os dois lançaram um olhar divertido para Juergen.

— Hum... acho que estão me chamando... — disse ele, observando os outros grupos; e, escolhendo um de modo aleatório: — ... ali. Vejo-o no salão de conferências, Casey. Isto é, se ainda tiver disposição para ir até lá.

— É um sujeito brilhante de verdade — disse Casey, depois que Franke se afastou. — Apenas esconde isso muito bem.

— Acho melhor eu ir — disse a jovem, num dar de ombros sutil, como para se desculpar. — Esta turma bebe pra valer. — Referia-se aos cento e setenta físicos do mundo inteiro agrupados diante do Complexo Martin Wood, do Departamento de Física da Universidade de Oxford.

— Estuda aqui? — perguntou Casey, tentando arranjar uma desculpa para retê-la.

— Sim, física. Segundo ano. Portanto, uma *sophomore*, como dizem na América.

— Boa escola. E como é o curso?

— Este ano, estamos trabalhando com eletromagnetismo e óptica, além de física térmica e quântica. Todos parecem mais inteligentes que eu.

— Não se incomode com isso. Como acha que me sinto perto deles? — Prescreveu um semiarco com a taça para abranger os físicos reunidos.

— De onde é? — perguntou a jovem. — Quero dizer, de que parte dos Estados Unidos?

— Boston. MIT. Sou convidado do professor Blackwell.

— Foi o que pensei.

— Ah, me desculpe. Casey Macbeth. — Estendeu a mão, mas ela se desculpou por não corresponder com um aceno para a bandeja que segurava, repleta de taças de vinho.

— Sou Emma Boyd. Prazer em conhecê-lo, Casey Macbeth. Lamento, mas preciso mesmo ir servir os outros.

— Claro — disse Casey, com um sorriso de desapontamento. — Foi ótimo conhecê-la também.

Emma devolveu o sorriso e começava a se afastar, quando se deteve.

— Estarei por aqui após a apresentação — disse ela. — Servindo café na tenda. Verei você por lá?

— Pode apostar que sim. E talvez, depois... — Casey foi interrompido por alguém que, diante da porta do saguão principal, dava um aviso.

— Queiram os senhores convocados se dirigir à grande sala de conferências. A apresentação do professor Blackwell começará em dez minutos, e as portas se fecharão em cinco.

— Acho melhor eu ir — disse Casey. — Então nos veremos mais tarde?

— Sim — respondeu ela, sorrindo.

Considerando-se os eventos no MIT e em outros lugares, Casey não se surpreendeu com o aparato da segurança. Além da sensação, por parte da comunidade científica, de estar sendo assediada pelos fundamentalistas, a Europa inteira parecia em estado de choque: o Massacre do Mar Vermelho, como era agora bastante divulgado, incendiara o Oriente Médio mais uma vez, e os adeptos do Ato de Integração Maior Europeia agora lutavam pela própria sobrevivência. Mesmo italianos, britânicos e búlgaros, principais defensores da Adesão Levantina, haviam aceitado que a violência surgida em consequência do massacre havia tornado o acordo impossível em futuro próximo. E a União Europeia havia declarado alerta vermelho contra ataques terroristas em seu território.

Provavelmente porque nunca tinha visto um em carne e osso, Casey sempre havia imaginado os policiais britânicos como sujeitos amistosos, de bicicleta e aos pares, armados apenas com um sorriso e um cassetete vitoriano escondido. Mas os guardas postados nas entradas do Complexo Martin Wood não eram nada disso: com seus capacetes semelhantes aos de beisebol, uniformes de fibra Kevlar e submetralhadoras Heckler ou Koch penduradas nos ombros, lançavam um olhar desconfiado a todos os que chegavam para o evento.

Homens musculosos da segurança privada, com roupas baratas, tatuagens e brincos, vigiavam as saídas; e, quando todos os convocados se acomodaram na sala de conferências, as portas foram fechadas e trancadas às suas costas, dando a Casey uma desagradável sensação de claustrofobia.

Sentou-se no meio da terceira fileira, perto de Franke. A jovialidade de tio galhofeiro do alemão até que conseguiu diminuir um pouco a vaga ansiedade de Casey. Este lamentava a ausência do professor Gillman. O plano era que os dois cientistas do MIT voassem juntos para a Inglaterra. Casey queria conversar com Gillman sobre os simulistas e Gabriel Rees: o voo seria a oportunidade ideal para tratar de um assunto tão melindroso. Mas as explosões no MIT haviam colocado tudo a perder: o corpo do professor não fora identificado, mas, como se encontrava no laboratório no instante do atentado e não fora visto desde então,

entrara para a lista oficial dos mortos. Gabriel permaneceria um mistério insolúvel.

Olhando ao redor, Casey percebeu que conhecia quase todos os cento e setenta convocados — e não apenas de nome. Os físicos de partículas, nesse nível, constituíam uma pequena comunidade, mesmo que espalhada pelo mundo. Aquela era uma assembleia de impressionar: em matéria de cérebros, ali estavam os melhores dos melhores, e Casey sentiu uma pontinha de orgulho enquanto ocupava seu assento. Notou que o mesmo acontecia aos demais, quando então um homem alto e magro, de uns setenta anos, entrou pela porta lateral, fechou-a atrás de si e caminhou para o palco. Logo que tomou lugar na tribuna, as três grandes telas suspensas às suas costas ganharam vida, exibindo a mesma imagem. Naquele local de ciência, o Deus de Michelangelo estendia o braço e dava vida a Adão com um toque da ponta dos dedos.

— Senhoras e senhores... — A voz de Blackwell fraquejou um pouco, e ele tomou um gole de água antes de recomeçar. — Senhoras e senhores, em primeiro lugar, quero agradecer a todos por terem vindo. Sei que muitos de vocês viajaram grandes distâncias e interromperam trabalhos importantes para estar aqui, e isso conta com meu profundo e humilde reconhecimento. Devo agradecer-lhes também a compreensão para com as inusitadas medidas de segurança a que tiveram de ser sujeitos. Sem dúvida me perdoarão quando perceberem o alcance do que vou lhes comunicar hoje nesta sala. Asseguro-lhes que este dia e este lugar ficarão assinalados como os mais significativos na história da ciência.

Blackwell se interrompeu e tomou outro gole de água. Casey notou que suas mãos tremiam, uma coisa que jamais havia visto durante as muitas palestras do professor a que assistira. Algo nesse tremor fez os cabelos na nuca de Casey se eriçarem. Notou também que a voz do inglês estava menos segura que o habitual. Fosse o que fosse a ser revelado à audiência, teria tamanha magnitude, que faria humilde o melhor dos cientistas ainda em vida.

— Todos vocês estão aqui por um convite especial, pessoal — prosseguiu Blackwell. — Meus colegas, companheiros, amigos. Reunidas diante de mim,

vejo as mentes mais argutas do planeta, cada uma dedicada à busca do conhecimento, do saber. Nunca houve vocação mais nobre na história do homem, e é com orgulho e humildade que me coloco entre vocês.

Blackwell fez uma pausa e apertou um botão na tribuna. As duas telas laterais permaneceram como estavam, Deus ainda conferindo vida a Adão; mas a do centro mostrava agora o título A RESPOSTA DE PROMETEU em letras brancas contra um fundo azul. A simples aparição daquelas palavras lançou outra corrente elétrica, agora pela espinha de Casey.

— Sabemos quem foi Prometeu — disse Blackwell. — O Titã que penetrou na Caverna de Zeus e, acendendo uma haste de junco num braseiro, roubou o fogo dos deuses para dá-lo a um mortal, a quem o próprio Prometeu moldara do barro e Zeus proibira de conhecer o fogo. O castigo de Prometeu por esse roubo foi um tormento eterno: preso a um rochedo, uma águia devorava seu fígado de dia, e o órgão se regenerava à noite. Tudo se repetia no dia seguinte, e no seguinte, e haveria de se repetir por toda a eternidade.

Esse mito encerra uma advertência, presumo: a de que talvez certos conhecimentos estejam além do saber ou sejam perigosos demais para que os tenhamos. Todos nós aqui, como físicos quânticos, sabemos que existe um conhecimento para além dos limites da nossa expressão como espécie e, mesmo, para além dos limites da compreensão humana. Procuramos construir máquinas que aumentem nossa capacidade intelectual, que nos ajudem a conhecer o incognoscível e a compreender o incompreensível. Cada um de nós aqui é um Titã que passou a vida tentando se insinuar na Caverna de Zeus.

Blackwell fez outra pausa. Agarrou as extremidades da tribuna, de repente animado e muito concentrado.

— Pois eu os trouxe aqui para lhes dizer que tive êxito. Fabriquei essa máquina e, graças a ela, conheço o incognoscível. Surpreendi o mais diminuto momento da criação universal. Vi, escritos na máquina, a história e o destino de tudo o que conhecemos e de tudo o que iremos conhecer. Vi como tudo começou e como tudo terminará. Estive na Caverna de Zeus e afanei, dos deuses, aquilo que impediram cair no domínio do homem. Tenho a Resposta de Prometeu. —

Blackwell deslizou o olhar pela audiência. Seu entusiasmo se fora, dando lugar a uma espécie de tristeza. — Sou um homem da ciência. Como físico, investiguei dois universos: o universo inconcebivelmente vasto à nossa volta e o universo inconcebivelmente diminuto do mundo quântico. Cada um deles funciona segundo leis inteiramente contraditórias, mas ambos coexistem, um ao lado do outro... sendo dependentes entre si. Sabemos, há décadas, que deve haver alguma conexão que não detectamos, algum mecanismo que nos escapou e que une os dois.

Pausa equivalente ao tempo de um batimento cardíaco.

— Descobri essa conexão; vi esse mecanismo em funcionamento.

Os murmúrios excitados da audiência explodiram em aplausos e vivas, mas Blackwell ergueu a mão para silenciá-los. Porém, não foi o gesto do cientista que calou os presentes, e sim as lágrimas que desciam pelos sulcos do rosto exaurido.

— Me desculpem, amigos... — A voz de Blackwell tremia de emoção. O silêncio na sala era agora total, absoluto. — Lamento muitíssimo. Infelizmente, minha descoberta foi esta: aquilo a que devotei a vida inteira, e vocês também, não passa de um embuste. Sentei-me diante da tela de um computador e assisti a uma pilhéria ruim, muito ruim. Tentei afanar algo dos deuses, mas só o que consegui foi o som da gargalhada deles em meus ouvidos.

— Caramba! — Franke sussurrou a Casey. — O homem está fora de si. Parece que vai ter um colapso...

Casey balançou a cabeça, impaciente, toda a atenção concentrada na figura alta e frágil atrás da tribuna. Pensou em Gabriel Rees e no que Macbeth havia lhe contado sobre a condição mental do estudante de pesquisa.

— Prometeu — continuou Blackwell — foi o projeto científico mais complexo já empreendido; de uma complexidade muito superior à dos pousos na Lua. Obtivemos resultados, na busca da Resposta Prometeu, que eram em si mesmas respostas aos maiores desafios da ciência. Posso dizer-lhes, por exemplo, que resolvemos o problema da descoerência e montamos um computador quântico de capacidade sem precedentes...

Blackwell parou de novo e ergueu a mão para deter o clamor da audiência.

— Por favor... por favor... — Esperou até que o silêncio se restabelecesse. — Prometeu nos permitiu observar toda a constituição do universo em suas origens. E em seu destino final. Prometeu nos deu a resposta. A resposta completa, inequívoca, terrível... — A voz de Blackwell falhou. — E o resultado de meu roubo na Caverna é o fenômeno que todos experimentamos pelo mundo afora. O que pensamos ser alucinações não são alucinações, em absoluto: é o tempo dobrando-se sobre si mesmo à medida que a constituição do universo entra em colapso no nível quântico.

Ouviu-se um clamor ainda maior na assistência, e perguntas foram dirigidas à tribuna. De novo, Blackwell ergueu a mão.

— A causa desses episódios é o conhecimento que agora possuímos e a tecnologia que há pouco criamos. Estamos nos tornando... Estamos nos tornando deuses, mas isso não deve ir adiante. Os deuses não o permitirão. Descobri que tudo por que lutei, tudo em que acreditei, tudo em que todos acreditamos é uma mentira. Minha vida foi desperdiçada na busca de uma miragem. Encontrei o grande conhecimento... — As lágrimas agora corriam em abundância pelas faces do cientista, e sua voz era a de um velho trêmulo, amedrontado. — E tenho de partilhá-lo com vocês. Por esse pecado imperdoável, meus amigos, lamento... lamento profundamente...

Emma Boyd aproveitou o tempo livre que ainda tinha para se sentar na relva, gozar os últimos raios de sol e folhear os livros que tirara da mochila colocada diante da mesinha sob o toldo, onde tudo fora disposto para o café, após a apresentação.

Alguns estudantes de física ajudavam no evento, vestidos de camisa branca e calça ou saia preta. Emma se perguntava quantos, como ela, teriam tentado ouvir a conversa entre os convocados para ter uma ideia do grande motivo que atraíra os maiores cérebros da ciência do mundo inteiro.

Mas também pensava em outra coisa: no americano que tinha conhecido, Casey. Talvez ele lhe contasse alguns segredos; e havia naquele homem algo que

a fazia desejar contar-lhe os seus. Entretanto, o caso não poderia ir adiante: ele morava em Boston; ela estava presa a Oxford. Mas por que ir tão longe? Era loucura: haviam trocado apenas algumas palavras. Nem se conheciam. E, de qualquer modo, ele era muito velho para ela — talvez fosse até mais velho do que lhe parecera.

Suspirou. Talvez desse certo de saírem juntos. Se ele a convidasse, iriam a algum lugar mais tarde.

Sentar de pernas cruzadas era sua posição favorita para estudar, mas aquela calça estúpida dificultava tudo, cortando a circulação para os membros inferiores e deixando-a rígida. Levantou-se para aliviar a cãibra no pé. Caminhou pelo gramado rumo ao Complexo Martin Wood. Para um edifício moderno, construído há bem pouco tempo, era anos-luz mais atraente que o monólito de concreto da década de 1960 do Edifício Denys Wilkinson, onde havia passado metade da vida ouvindo palestras sobre astrofísica.

Um dos detalhes sobre o simpósio que Emma tinha estranhado era quanto à segurança. Dois homens que pareciam menos seguranças de universidade e mais leões de chácara de boate estavam postados diante das grandes portas de vidro da sala de conferências do Martin Wood. Por que seria necessária a presença deles ali?

Sentiu-o pulsar.

Aquilo de que ela mais se lembraria depois, no hospital, durante os meses de convalescença e reabilitação, na penumbra de sua vida posterior, era o fato de ter visto, de verdade, a plasticidade do vidro. Emma jamais entenderia como seu cérebro tinha sido capaz de detectar a pulsação que fizera o vidro estufar por um tempo inacreditavelmente breve, antes de a explosão erguê-la e arremessá-la cinco metros para trás. Seus tímpanos estouraram, e a dor na cabeça foi imediata e colossal. Percebeu que as roupas tinham sido arrancadas de seu corpo, mas não registrou nenhuma sensação marcante de calor ou ardência. A explosão fora percussiva, não térmica. Foi o que pensou, estendida no gramado, cega e surda

pelo estrondo, lambuzada pelo próprio sangue, enquanto milhões de fragmentos de vidro e cristal choviam sobre ela.

Uma bomba. Alguém tinha colocado uma bomba na sala de conferências.

Não conseguia falar, mas seu cérebro formou o nome de imediato, antes que perdesse a consciência.

Casey.

Terceira Parte

REVELAÇÕES

“A realidade é mera ilusão, embora persistente.”

— Albert Einstein

51

UM ANO DEPOIS.
JOHN MACBETH. COPENHAGUE

Um novo sonho. Era agora o único sonho, e sempre começava da mesma maneira, com seu repentino tornar-se. No sonho, Macbeth surgia do nada, instantânea e inteiramente. Não tinha corpo, era apenas energia sem substância. No começo, havia poucos pensamentos; mas sua mente ia se enchendo, conexões faiscavam e fulguravam, cada nova ideia se expandindo mais depressa do que seria possível conceber. E, além de sua mente, não havia nada. Um vazio que não era sequer escuridão, pois escuridão já é alguma coisa.

Havia, porém, um contexto, um ambiente. Embora Macbeth não tivesse olhos para ver, sabia que estava no escritório do pai. Este, Marjorie Glaiston e o Homem Sem Olhos fitavam-no com espanto, e o Homem Sem Olhos não o intimidava.

— Construímos uma mente — dizia o pai ao garoto de pé a seu lado, que Macbeth reconheceu como Casey. — Estamos nos tornando deuses porque construímos uma mente.

Toda manhã, quando despertava desse novo sonho, decorriam de quarenta a cinquenta segundos de pânico e amnésia, antes que Macbeth se lembrasse de quem era, de onde estava e por que se encontrava ali. Sempre era Boston que lhe acorria primeiro à mente; depois, recordava-se de que tinha voltado à Dinamarca — onde já vivia há um ano.

Um ano.

Aquele era um imóvel caro, numa cidade cara. Até mais do que com hotéis, Macbeth exigia que sua residência permanente fosse adequada. Situava-se em

Toldbodgade, mas o edifício onde tinha seu apartamento na verdade dava para o cais de pedra de Larsens Plads e o porto à frente. Era um prédio maciço, literalmente: sua função original, como armazém, consistira em abrigar o máximo possível de mercadorias. O armazém de tijolos vermelhos reformado, com seu teto de telhas azuis, era um dos três existentes em Larsens Plads, parecendo porteiros formidáveis guardando a cidade. Poderia passar a impressão de ser frio e funcional demais a algumas pessoas, mas algo na solidez e na geometria robusta do prédio tinha atraído Macbeth. Não bastasse isso, o apartamento do quarto andar oferecia vastos panoramas de Copenhague de um lado e do porto de outro.

Macbeth parou diante da janela e contemplou a chuva. A Dinamarca era, para ele, um lugar de constância: poucas coisas pareciam mudar e, quando mudavam, eram em etapas calculadas, discretas. O mesmo se aplicava ao clima, que, ao contrário do de Massachusetts, onde tinha sido criado, com suas estações bem definidas, parecia passar de modo gradual, quase indistinto, de uma estação a outra. Agora a primavera estava no fim, e ele aguardava um maravilhoso verão. Precisava de um maravilhoso verão.

Fazia um ano.

Fazia um ano que Casey fora assassinado em Oxford. Um ano que Macbeth havia se tornado diretor do Projeto Copenhague. Um ano que a epidemia de alucinações cessara.

Havia ainda episódios ocasionais de alucinação. E, apesar de estranho, a maioria deles ocorrera perto de Macbeth, na Dinamarca e no norte da Alemanha; mas eram isolados, envolvendo indivíduos ou pequenos grupos de no máximo duas ou três pessoas. Apesar das teorias de Casey e Newcombe, de algum outro elemento atuante, começava-se a ter a impressão de que as alucinações haviam sido mesmo o resultado de uma epidemia viral psicoativa, agora reduzida a episódios localizados, que logo desapareceriam de vez.

Mas Macbeth não estava inteiramente convencido.

E o problema era que outros também não: segundo a direita religiosa, os fundamentalistas islâmicos e os anarcoprimitivistas afirmavam, a destruição da

Resposta Prometeu e a morte concomitante dos maiores físicos do mundo é que haviam restaurado a ordem mundial. A vontade de Deus, Alá ou Gaia havia triunfado sobre os falsos deuses da ciência. A arrogância do homem fora posta em xeque e punida.

Na verdade, enquanto os religiosos fervilhavam de indignação virtuosa, nenhuma pessoa racional quis admitir que a coincidência dos dois acontecimentos podia mesmo ser considerada estranha. Nesse meio-tempo, centros de pesquisa de células-tronco eram incendiados, laboratórios de física de partículas eram bombardeados e cientistas eram agredidos.

O Fé Cega proclamou a Nova Inquisição.

Mais ainda que o avanço do terrorismo, a principal preocupação no mundo inteiro eram os pronunciamentos cada vez mais bizarros da presidente norte-americana Elizabeth Yates. Como senadora, ela suscitara controvérsias durante a campanha por causa de sua forte crença religiosa e aparente hostilidade tanto ao secularismo quanto a qualquer outra fé que não fosse a do cristianismo batista do Sul; como presidente, provocara mal-estar com declarações ambíguas sobre homossexualidade, pluralidade de crenças e padrões morais. Nomeava sobretudo pessoas reconhecidamente tradicionalistas e, era voz geral, ocorriam reuniões evangélicas de oração na Casa Branca.

Após o surto de alucinações, a retórica da senhora Yates passara a ser mais mística que política. As expressões “Mão de Deus” e “Vontade Divina” escaparam de seu discurso de palanque para declarações políticas efetivas. Só com relutância ela condenava o Fé Cega; e tinha criado um atrito diplomático entre os Estados Unidos e a reorganizada União Europeia ao afirmar que a “Mão de Deus” estivera por trás do fracasso da Adesão Levantina à União Europeia, ecoando assim as explicações dos soldados responsáveis pelo massacre em Tel Aviv durante o julgamento.

Fora um tempo difícil para todos, não apenas para o enlutado Macbeth.

Sempre vira o mundo como que de fora: sabia que suas respostas emocionais não eram as mesmas das outras pessoas, mas ainda assim reconhecia o poder do sentimento. Durante seu tempo como psiquiatra clínico, vira paixões reais em

ação: forças titânicas e primitivas acossando a psique dos pacientes. Isso ele podia entender, mas como abstração; e via a incontinência emocional da cultura popular, as lágrimas fáceis de estrelas de *reality shows* ou de convidados de programas de entrevistas com perplexidade e confusão.

Talvez por isso não estivesse munido para o sofrimento. Era como se a bomba que matara Casey houvesse explodido dentro dele. Mas, como toda resposta emocional, essa havia ficado oculta em seu íntimo, antes de se revelar, e Macbeth tinha conseguido enfrentar todas as formalidades do luto com uma objetividade que beirava a frieza.

Em Oxford, fizera a identificação formal do corpo de Casey. Levara menos de trinta segundos. Trinta segundos que haviam preenchido em sua mente um espaço maior que qualquer outra lembrança. A imagem daquele corpo dilacerado invadira seu cérebro e desalojara as boas recordações de Casey. Macbeth, cuja memória sempre fora seu ponto fraco, soube logo que jamais se esqueceria, até a hora da morte, do rosto de Casey, intacto de um lado, sem olho e destroçado do outro.

Quando o policial inglês empertigado enfim liberou o corpo de Casey, Macbeth voou para Boston com ele. Ali, realizou uma cerimônia humanista, que seria do gosto do irmão, antes de sepultá-lo em Mount Hope. Na extremidade do enorme cemitério, o túmulo ficava perto do caminho que o circundava. Para além desse caminho, um renque de carvalhos, uma faixa de relva e uma cerca de barras de ferro assinalavam os limites do terreno; e, a distância, uma estrada estreita e quase sempre deserta se estendia por entre fachadas insípidas de unidades industriais, com suas paredes laterais cobertas de grafites. Por algum motivo, Macbeth lamentou que os restos do irmão fossem descansar naquele local tão deprimente. Não sabia por quê: Casey não se importaria nada com isso.

Não havia mais Casey.

Macbeth não voltara a Boston desde então.

Foi durante as primeiras semanas após o retorno a Copenhague que sentiu uma dor insuportável, tão forte que o agredia fisicamente. Passava os dias em casa,

diante da janela, tentando se concentrar no mundo exterior, mas atormentado no íntimo. Tivera poucas amizades próximas e duradouras na vida; o vínculo que o ligara a Casey fora para ele uma âncora. Agora estava à deriva. Havia tirado duas semanas de licença e imergido num abismo tenebroso, vazio. O mais estranho era a dualidade da dor: a morte de Melissa, e mesmo o rompimento de ambos no passado, de repente haviam se tornado reais e tangíveis, como se Casey a houvesse arrancado do mesmo canto obscuro da consciência de Macbeth.

Mas não era só a dor que o atormentava. Voltando ao Projeto, esforçara-se para retomar a vida que tinha escolhido. A epidemia de alucinações cessara; e ele repetia isso todos os dias para si mesmo.

Tinha de fazê-lo. Porque a cada dia, desde a morte de Casey, John Macbeth via coisas que provavelmente não existiam.

Sua primeira tarefa, de manhã, era averiguar se havia notícias sobre as alucinações do tipo “síndrome de Boston” em alguma parte do mundo. Quando não havia nenhuma, ou quando não encontrava Sonhadores nas ruas, sentia um estranho desapontamento.

A primeira visão foi num trem urbano.

Algo insignificante, que poderia com facilidade ter passado despercebido. De fato, fosse aquela a única alucinação que houvesse experimentado, seria posta de lado como uma simples falha de memória. A mulher se sentou à sua frente segurando uma biografia de Jackie Kennedy Onassis de capa brilhante, erguendo os olhos do livro apenas ao perceber que estava próxima de sua parada. Macbeth se lembrava de ter sentido uma vaga piedade daquela passageira: cerca de trinta anos, feições comuns e roupas sem estilo. Era triste ver aquela criatura tão simples vivendo a existência de uma mulher glamorosa. Ela inseriu um marcador amarelo-claro entre as páginas, fechou o livro, colocou-o na bolsa, levantou-se e deixou Macbeth em sua confortável solidão.

Quando o trem retomou a marcha, Macbeth pôs-se a contemplar Copenhague deslizando pela janela. Nunca trabalhava ou tomava notas em viagem: o tempo

entre acontecimentos e lugares era, para ele, um momento de reflexão. O problema era que essas preciosas ocasiões vinham sendo dominadas por lembranças de Casey. Por algum motivo, Macbeth estivera pensando nas brincadeiras de infância na praia do Cape, quando a luz vermelha e o estrondo de um trem correndo em direção oposta trouxeram-no de volta ao aqui e agora. Notou que seu trem chegava à estação Østerport, e isso o surpreendeu, pois julgava já ter parado ali. Virou-se e avistou de novo a mulher simples erguer outra vez os olhos de sua imersão numa vida infinitamente mais glamorosa que a sua. Outra vez, ela inseriu o marcador de páginas amarelo-claro, agora vários capítulos à frente, antes de guardar com cuidado o livro na bolsa, levantar-se e preparar-se para o desembarque.

Macbeth sentiu mais confusão que pânico. Tinha certeza de que vira a mulher desembarcar antes e tinha certeza de que o trem já havia parado em Østerport. A mesma coisa estava acontecendo pela segunda vez. Exceto pelo fato de não ser *exatamente* a mesma coisa: ela havia colocado o marcador em outra página; e suas roupas eram um pouco diferentes. Fez menção de dizer alguma coisa, mas percebeu que pareceria uma atitude maluca, contentando-se em vê-la deixar mais uma vez o trem. Depois, refletindo bem no caso, concluiu se tratar de uma alucinação — mas por nada no mundo poderia dizer qual desembarque fora o verdadeiro.

Após esse episódio inicial, cada dia era pontuado por algum absurdo. Às vezes, o mesmo circuito de tempo se repetia; outras, Macbeth julgava que ao mundo ao redor se sobrepunha outra realidade, diáfana e quase transparente. Durava apenas um instante: perfis de pessoas, edifícios, paisagens e mesmo nuvens deslizando sobre o universo à sua volta. Durava apenas um instante e desaparecia.

Macbeth reconheceu que alguma coisa estava errada. Normalmente, como psiquiatra, compreenderia a necessidade de tratamento com antipsicóticos. Mas nada, nos últimos dois anos e meio, tinha sido normal, e as alucinações, que antes eram incomuns, tornaram-se corriqueiras. Mesmo assim, decidiu que, se o

problema se agravasse, pediria a um colega médico para lhe receitar clozapina — ou trifluoperazina, se as alucinações piorassem.

Não contou nada a ninguém sobre os episódios.

Macbeth tinha boas razões para ocultar suas falhas mentais. A nomeação como diretor do Projeto Copenhague, apesar das trágicas circunstâncias que a envolveram, fora o único farol a guiá-lo em meio às tribulações dos últimos doze meses, e estava determinado a conservar o cargo. Mergulhara de corpo e alma na tarefa, obtendo mais sucesso durante sua breve administração do que o obsessivo Poulsen durante todo o tempo em que chefiara o Projeto.

Ficara claro, para todos, por que Poulsen tornara-se tão obcecado pelo trabalho: resolver o problema da interface cérebro-computador era para ele, ao mesmo tempo, uma cruzada profissional e uma corrida pessoal. Uma corrida que havia perdido.

Só alguns poucos membros da equipe, os que haviam trabalhado antes com Poulsen, sabiam que sua esposa sofrera um acidente de trânsito; mas todos ignoravam que Margarethe vivia permanentemente ligada a aparelhos devido à síndrome do encarceramento.

No mesmo dia da explosão da bomba em Oxford, Poulsen não compareceu ao trabalho. Devido à sequência de ataques à comunidade científica, e como no segundo dia ninguém ainda sabia dele, seu vice, Dalgaard, contatou a polícia.

Encontraram-no em sua casa.

Divulgou-se nos dias seguintes que, em resposta a um telefonema do hospital, Poulsen havia chegado junto ao leito da esposa pouco antes de ela morrer. O coração da paciente, explicaram-lhe, não resistira. Segundo o doutor Larssen e outros membros da equipe, Poulsen pareceu resignado; aceitou o fato e até concordou com um gesto de cabeça quando disseram que talvez havia sido melhor para Margarethe libertar-se da prisão de seu corpo.

Depois que o médico-legista constatara a morte de Poulsen, ficou claro que ele devia ter se matado logo ao chegar em casa, reservando um tempo apenas para redigir instruções detalhadas sobre o futuro do Projeto e escolher seu sucessor. A

polícia encontrou-o dependurado de um cinto preso a um gancho, na sala, diante das janelas que davam para um fiorde. Ao que parecia, Poulsen enchera os bolsos de livros para aumentar seu peso e apressar sua morte.

Macbeth ainda estava em Oxford quando o suicídio de Poulsen foi descoberto. A polícia britânica, investigando o atentado a bomba que tinha matado seu irmão, parecia não ter nenhuma pista sobre como o Fé Cega, com certeza no topo da lista dos suspeitos, conseguira colocar um explosivo de tamanhas dimensões na sala de conferências. O detetive encarregado da investigação, Owens — um sujeito grande, quieto, calvo e com um olhar sossegado de um burocrata —, não inspirara a Macbeth nenhuma confiança de que os culpados logo fossem detidos. O detetive havia respondido às suas perguntas com polidez, compreensão e profissionalismo — e também sem emoção alguma. Macbeth concluiu que o cansaço compassivo de Owen se devia, por certo, à necessidade de dar as mesmas respostas aos membros de cento e setenta famílias entristecidas do mundo inteiro.

Na ocasião em que Macbeth se sentiu recuperado o bastante para voltar ao trabalho, a pressão para se juntar à equipe de Newcombe tinha diminuído. A origem das alucinações era ainda um mistério epidemiológico, e o grupo da OMS continuava tentando descobrir sua etiologia e determinar a presença de um vírus, um poluente ou um estímulo físico que pudesse ter provocado as visões. Mas a urgência da busca arrefecera após a redução dos casos relatados, e Newcombe tinha aceitado, com relutância, que Macbeth tivesse interesses mais prementes.

Voltando a Copenhague, Macbeth ficou tão surpreso quanto os outros ao saber que Georg Poulsen o recomendara para assumir o comando do Projeto, pois a escolha automática seria Dalgaard, o vice-diretor. A decisão de uma mente perturbada em vias do suicídio foi, é claro, questionada; mas, depois de várias reuniões infindáveis de diretoria, e com o franco apoio de Dalgaard, resolveu-se que Macbeth assumiria o cargo, segundo a vontade de Poulsen.

Aos poucos, Macbeth foi retomando a antiga rotina, envergando-a como uma armadura contra os espinhos da dor que o torturavam nos momentos de solidão.

Que o torturavam como agora, enquanto contemplava pela janela do apartamento, que dava para o porto, o céu pálido e a chuva fina de uma primavera dinamarquesa.

O toque do telefone foi bem-vindo.

— Doutor Macbeth? Meu nome é Mora Ackerman... — Era a voz de uma mulher jovem falando dinamarquês com sotaque inglês. — Tentei encontrá-lo em seu escritório, mas jamais consegui. E meus e-mails... o senhor não os leu?

Por um instante, Macbeth não soube o que dizer. Lembrava-se do nome em sua caixa de entrada, que ficava muito tempo sem abrir.

— Ah, sim... doutora Ackerman... — Recompôs-se. — Estive muito ocupado nos últimos tempos. — Macbeth se interrompeu e franziu o cenho, quando uma ideia lhe ocorreu. — Como conseguiu este número?

— Lamento perturbá-lo em casa — prosseguiu a mulher, ignorando sua pergunta —, mas preciso mesmo falar com o senhor. É muito importante.

— Falar sobre o quê?

— Preferiria não ter essa conversa por telefone. Poderíamos nos encontrar?

Macbeth riu.

— Acho que a senhora está mantendo muito suspense, doutora Ackerman. Qual é o assunto, afinal?

Silêncio.

— Seu irmão...

A menção a Casey perturbou Macbeth.

— O que tem a dizer sobre ele?

— Conhece o Ørstedsparken? Perto da universidade?

— Escute...

— Há um café junto ao lago. Encontre-me lá amanhã, às duas e meia.

— Isto é ridículo. — Macbeth riu. — Se você trabalha na universidade, sugiro que, em vez de bancar o papel ruim de espiã de filme, marque um encontro como se deve.

— O que aconteceu com seu irmão... As visões do ano passado... Tudo vai acontecer de novo, mas será ainda pior. Temos de pôr um fim nisso agora, antes

que seja tarde demais. Gostaria mesmo que o senhor comparecesse amanhã. — E a mulher desligou.

52

PROJETO UM. COPENHAGUE

Houve um pico.

Turov não o viu em tempo real — durou apenas uma fração de segundo, rápido demais para que o cérebro humano de Turov pudesse registrá-lo. Mas o computador observador, que vigiava o aparelho principal do Projeto Um sem estar conectado a ele, alertou-o de que o pico ocorrera. Turov reviu o log de dados no computador observador. Depois do pico, nada tinha mudado. Não houvera mais atividade neural; era como se coisa alguma tivesse acontecido. A arquitetura sintética do Projeto Um continuava sendo... uma arquitetura vazia. Não ocupada, não usada, inativa. Mas Turov sabia que algo tinha acontecido.

Permaneceu sentado, o olhar fixo na tela, desligado do aqui e agora, na tentativa de entender o que tinha visto. Não havia mais ninguém ali. Continuou imóvel, em silêncio, envolto pela luz mortiça do recinto sem janelas e à prova de som. O Projeto Um fora alojado num espaço inacreditavelmente pequeno: a equipe do Projeto Copenhague ocupava o terceiro andar inteiro do Instituto Niels Bohr da universidade, em Blegdamsvej, mas o Projeto Um ficara confinado a uma sequência de três salas com um único acesso digital. Uma das salas, quase o tempo todo fechada, abrigava o grande computador virtual. A seguinte continha outro equipamento de *backup* que gravava todos os dados, para garantir armazenamento externo e protegê-los contra perdas provocadas por incêndios ou ataques terroristas. Só Lars Dalgaard e John Macbeth sabiam a localização do armazenamento externo. A terceira sala era aquela em que Turov se encontrava agora: o centro de controle do Projeto Um. E naquele momento o lugar parecia ao russo baixo e calvo o mais solitário, porém o mais excitante da Terra.

Repassou o evento na tela em baixa velocidade, examinando-o. Era mesmo o que pensara. A rede neural do Projeto Um testara a si mesma com algo que Turov tinha a impressão de ser um lampejo global de transmissão efática, seguido por um potencial de ação que durara cinco milissegundos — o tipo de coisa vista num cérebro humano quando se flexiona um músculo. Nesse caso, porém, a amplitude tinha sido imensa, tanto quanto a escala do evento: todos os circuitos participaram, todos os neurônios atuaram. A transmissão efática só acontecia com neurônios fisicamente conectados, e Turov constatou que o evento fora logo seguido por uma ativação global similar de sinapses: bilhões de mensagens químicas e elétricas simuladas correndo pela rede.

Depois, nada.

O log de dados do computador monitor confirmou a Turov que o evento havia durado menos de um centésimo de segundo.

O russo sentiu uma excitação que beirava o pânico. Ninguém havia iniciado o pico — nem Turov nem ninguém o programara ou apertara sequer uma tecla. Pelo menos, ninguém da equipe. Aquilo tinha acontecido de modo espontâneo, independente.

O Projeto Um agira sozinho.

Pegou o telefone e chamou primeiro Macbeth, depois Dalgaard.

53

JOHN MACBETH. COPENHAGUE

Macbeth passara a manhã inteira em conferência com Dalgaard, Turov e sua equipe. O pico representava, sem dúvida, o primeiro lampejo de um sistema cognitivo independente, e todos ficaram surpresos com o acontecimento, embora fosse exatamente o que vinham buscando há três anos. Examinaram e reexaminaram os dados, esmiuçando a fundo o caso, até não haver mais nada a dizer. Tratava-se, afinal, de ciência, e só o que podiam fazer agora era retomar a disciplina e a rotina do método científico. Mas todos fizeram isso num estado de ansiosa expectativa.

A última coisa que Macbeth desejava era ouvir as teorias absurdas da doutora Ackerman; e as notícias da Alemanha quase o convenceram a encerrar a reunião: mais bombas detonadas contra estabelecimentos científicos em Karlsruhe e Heidelberg. Depois de receber os relatórios, Macbeth procurou por Mora Ackerman na base de dados do pessoal da universidade. Lá estava ela: uma arqueóloga do Instituto SAXO que trabalhava na Faculdade de Ciências Humanas. Não havia fotos que a identificassem. Inquieto, Macbeth comunicou a Lars Dalgaard quem iria encontrar e onde.

Mora esperava por ele numa mesa ao ar livre que oferecia um belo panorama do pequeno lago de margens arborizadas no centro do parque. Era um daqueles espaços desconcertantemente naturais, que fazem a pessoa se esquecer de que está no centro de uma cidade movimentada. Macbeth muitas vezes se perguntava quando o conceito de parque, para simular um ambiente natural com um artificial, ocorrera à humanidade.

Qualquer que fosse a aparência por ele esperada de uma arqueóloga dinamarquesa, Macbeth se enganara. Mora era bastante atraente, com cerca de trinta anos, cabelos loiro-escuros, camiseta e jeans também escuros, jaqueta e mochila dependuradas no encosto da cadeira. Empurrou para o alto da cabeça os óculos de sol que usava e, quando trocaram um aperto de mãos, Macbeth notou que os olhos dela eram espantosamente azuis.

Tinha planejado ser brusco e exigir saber logo o que a jovem pretendia ao inserir a morte do irmão em alguma teoria maluca. Mas, ao sentar-se, Macbeth sentiu a tensão desaparecer. A aparência de Mora o atraía, mas ela era também inteligente; achou difícil vê-la como uma conspiradora ou uma fanática religiosa. E havia mais: desde o momento em que pusera os olhos nela, mesmo a distância, teve a marcante sensação de conhecê-la de algum lugar, de alguma outra época.

Macbeth viu que Mora já tinha uma xícara de café e uma garrafa de água na mesa; chamou o garçom e pediu o mesmo.

— É bem bonito aqui — disse ele, contemplando o parque.

— O que o trouxe a Copenhague, doutor Macbeth? — perguntou a jovem. Uma pergunta casual, acompanhada por um sorriso casual. Macbeth percebeu que ela queria fazer de sua conversa uma dança rápida, não uma valsa.

— Sou o diretor do Projeto de Mapeamento Cognitivo Copenhague. Vim, a princípio, para chefiar a equipe de simulação psiquiátrica desse empreendimento. — Suspirou. — Mas isso você já sabe. Em que posso servi-la, doutora Ackerman?

Por um instante, ela admirou o parque, semicerrando os olhos contra o brilho frio do sol, mas sem descer os óculos de onde estavam, aninhados numa mecha de cabelos loiros. Macbeth continuava intrigado com a sensação de familiaridade, como se já houvesse visto mil vezes aquele perfil até certo ponto aristocrático.

— O objetivo de seu Projeto é a engenharia reversa do cérebro humano, como o Projeto Cérebro Azul na Suíça, o Projeto Cognição Sintética em Los Alamos e o Projeto Düsseldorf na Alemanha. Estou certa?

Por um instante, Macbeth não respondeu. Havia se distraído com uma figura vaga que passava perto dele: outra sobreposição em sua realidade. A figura se desfez num simples esboço e depois em nada.

— Tudo bem com você? — Mora Ackerman franziu o cenho.

— O Projeto é mais que isso — disse ele, voltando a se concentrar. — Estamos indo além de quaisquer outros programas neuromórficos graças à abrangência e à complexidade de nossa simulação. Mapeamos as conexões no cérebro, o chamado conectoma, mas também reproduzimos a atividade cognitiva total. Isso nos permitirá dar um salto sem precedentes na compreensão de como o cérebro funciona e, também, da base genética e bioquímica de quase todos os distúrbios mentais e neurológicos.

— E um dos produtos dessa iniciativa será, presumo, a autopercepção?

— Autopercepção não é o mesmo que consciência. Para uma mente, quero dizer. Entretanto, haverá um grau nunca visto de função cognitiva. Mas por que tanto interesse em meu trabalho? Qual é, afinal de contas, sua área, doutora Ackerman? Penso que seja arqueóloga.

Mora assentiu.

— Paleografia e paleossemiótica. O desenvolvimento de sistemas de escrita e simbolismo em culturas antigas.

Macbeth processou a informação.

— Devo perguntar-lhe de novo por que está interessada em meu trabalho. Não é de modo algum seu campo de estudo.

— Será tão difícil assim entender por que as ciências cognitivas são importantes para alguém que estuda a evolução do pensamento registrado? O que procuro, em meu trabalho, são os indícios de uma evolução que não pode ser detectada em registros de fósseis físicos. — A doutora Ackerman olhou para além do parque e do lago. — Trabalho no Oriente Médio, na maior parte do tempo. Meu interesse especial é o período de assentamento, de estabelecimento das primeiras cidades, e como isso levou à escrita. O nascimento da civilização, digamos assim.

— Parece fascinante.

A jovem lançou um olhar a Macbeth.

— Oh, não quis dizer... — protestou ele.

— Bem, é o que eu sempre quis estudar. Em especial esse período. Algo de monumental aconteceu na evolução social do homem. Construímos aldeias, depois cidades, passamos a plantar em vez de caçar e coletar. Armazenamos excedentes de alimentos para controlar e regular nosso consumo, o que fez a população crescer. E, como armazenávamos alimentos, passamos a fazer inventários, que se transformaram em listas e depois em registros. Esse foi o início da escrita. Escrevendo, podíamos externar e reter nossos pensamentos sem confiar apenas na memória. Literatura. O primeiro passo para a "mente expandida", como devem tê-la chamado.

— E o que tudo isso tem a ver com Casey? E por que mencionou que os acontecimentos do ano passado vão se repetir?

— Porque vão. E já ocorreram no passado. Minha pesquisa levou a algumas... — esforçou-se para encontrar a palavra certa — ... conclusões *impressionantes*.

— Quais?

— Que, ao longo da história, houve saltos quânticos no desenvolvimento intelectual da humanidade, períodos específicos onde se constatou um avanço inexplicável na inteligência humana. Mas isso você não ignora: a neurociência e a antropologia partilham a crença de que houve épocas na história em que demos passos radicais para a frente na evolução cognitiva. Por fora, na parte física, nada mudou; mas, aqui... — tocou a têmpora com a ponta do indicador — ... aqui, fomos refeitos por completo. Uma grande mudança, ocorrida há quarenta ou cinquenta mil anos.

— A Revolução do Paleolítico Superior — disse Macbeth.

— Exato. O Grande Passo à Frente, como o chamam os antropólogos. O homem moderno, anatômica e fisicamente idêntico a você e eu, vagou pela Terra por duzentos mil anos. No entanto, em cerca de cento e cinquenta mil anos, não fizemos nenhum progresso... Usamos as mesmas ferramentas, vivemos a mesma existência básica e primitiva. Por cento e cinquenta milênios, permanecemos estacionários em termos intelectuais. Então veio a Revolução do Paleolítico

Superior, há cerca de cinquenta mil anos. Sem nenhuma mudança física, algo aconteceu aqui — Mora, de novo, tocou a fronte —, dentro do cérebro, modificando-nos como espécie. Adquirimos tudo, o pacote completo, de uma só tacada. Plena modernidade comportamental. Da noite para o dia, elaboramos uma linguagem complexa e a arte, começamos a fabricar instrumentos musicais, desenvolvemos tecnologia infinitamente mais sofisticada, iniciamos a viagem rumo à agricultura... Os humanos se puseram a adornar o corpo com joias, a esculpir estátuas, a confeccionar ornamentos, a pintar cavernas...

— Sou psiquiatra — disse Macbeth. — Sei de tudo isso.

— Sabe, mas não consegue explicar. Não existe nenhum consenso em torno de uma teoria sobre o que aconteceu. Mas aconteceu; e, sem isso, o Homem não teria aprendido a voar, a pousar na Lua ou a fabricar computadores que simulassem o próprio cérebro. Sabe em que se resume o Grande Passo à Frente?

— Tenho certeza de que vai me dizer.

— Começamos a simular nosso próprio mundo. O que quer que tenha acontecido ao cérebro há cinquenta mil anos, o fato é que nos tornamos capazes de abstração criativa, intelectual. Foram encontradas duas flautas de quarenta e três mil anos feitas de marfim de mamute, na caverna Geissenkloesterle, na Alemanha: os instrumentos musicais mais antigos já descobertos. Começamos a pintar animais e pessoas nas cavernas de El Castillo, Altamira, Lascaux. Começamos a simular a natureza, o ambiente, o alimento. Talvez pensássemos que, reproduzindo caçadas bem-sucedidas em desenhos, faríamos isso acontecer na vida real. Ou talvez tudo não passasse de simulação do passado, uma comemoração de uma caçada proveitosa.

— E o que isso tem a ver com o período que você estuda? — perguntou Macbeth.

— Tudo. Penso que demos outro passo à frente bem nessa época. Mais uma modificação do cérebro. Não tão profunda e espetacular quanto a Revolução do Paleolítico Superior, mas ainda assim um avanço intelectual significativo. Entretanto, a resposta certa ao modo como tudo isso está relacionado às alucinações encontra-se no trabalho que fiz no Vale do Eufrates há alguns anos,

muito antes da eclosão dos episódios. Foi perto de Uruk, uma das primeiras cidades do mundo, contemporânea de Jericó. Era uma cidade sumeriana, e eu me envolvi particularmente com seu período mais antigo, o da fundação: o período de Eridu, que remonta a sete mil anos. Em outras palavras, a transição entre pré-história e história. E sabe o que assinala o limiar entre os mundos pré-histórico e histórico?

— A escrita, penso eu...

— Isso mesmo. Estávamos na pista de um sistema de escrita — continuou a doutora Ackerman — que, a nosso ver, era anterior até ao Disco Dispílio...

Macbeth denunciou sua ignorância com um dar de ombros.

— O Disco Dispílio foi descoberto no século XIX, na Grécia — explicou Mora. — Ele faz a origem da escrita recuar ao Neolítico Médio, bem antes do que se pensava até então. O que procurávamos era um precursor teórico dos sistemas mesopotâmicos. Corriam lendas sobre uma comunidade bastante bizarra nos Montes Zagros, uma espécie de minicidade-satélite de Uruk. Acreditava-se que fosse composta apenas da classe sacerdotal e devotada exclusivamente ao progresso da filosofia e do saber. Um centro de pesquisas, digamos assim. E o tipo de atividade intelectual sugere a possibilidade de alguma forma de registro literário. Nossa missão consistia em localizar e escavar o sítio.

— E conseguiram? — quis saber Macbeth, interessado, apesar da resistência inicial em conversar com Mora. — Encontraram o sítio?

— Não estava onde a lenda dizia. Fizemos pesquisas geofísicas, fotografias aéreas... Nada. O mais frustrante era que não devia ficar muito longe do sítio original; mas, em termos arqueológicos, dez quilômetros quadrados são um universo inteiro a explorar. Por fim, achamos. Por acaso. A dificuldade fora o fato de o sítio estar enterrado.

— Pensei que a maioria dos sítios arqueológicos estivessem enterrados...

— Não quis dizer que as areias do tempo o cobriram. — Mora mal conseguia esconder sua impaciência. — Quis dizer que aquele foi enterrado intencional,

deliberadamente. Muita mão de obra deve ter sido usada para bani-lo da face da Terra. Levamos uma eternidade para trazer à luz uma pequena parte dele.

— O que encontraram?

— Não o que estávamos procurando. Nenhum registro escrito, nenhuma tabuinha de barro, nenhuma inscrição parietal, nada. O complexo inteiro foi despojado. Só encontramos esqueletos emparedados nas construções.

— Emparedados? Assassinados?

— Foi suicídio, pelo que pudemos observar. Havia recipientes espalhados por entre as ruínas. Cicuta, talvez. Parecia uma espécie de suicídio em massa, seguido de emparedamento dos corpos e sepultamento do sítio. O que mais nos chocou foi o encontro de um segundo túmulo coletivo, a cerca de quinhentos metros de distância. Esse era apenas um poço grosseiro, atulhado de detritos. Crânios e ossos longos mostrando sinais de golpes contundentes. Nosso palpite foi que aqueles eram os escravos usados para enterrar a comunidade e mortos para não revelar a localização do sítio. — Interrompeu-se, sorveu um gole de café e virou-se para contemplar de novo o parque. Quando se voltou outra vez para Macbeth, era visível a perturbação expressa em seu rosto. — Ouça, doutor Macbeth. Aquela comunidade era o mais poderoso centro intelectual da época. Foi fundada com um objetivo, apenas um: encontrar a resposta para alguma coisa. Mas essa resposta, qualquer que tenha sido, pareceu tão horrenda que todos os envolvidos tiveram que morrer. Isso lhe parece familiar?

— Não pode estar sugerindo seriamente que...

— Os suicídios que vimos no ano passado em San Francisco, Japão, Berlim... Pessoas de grande inteligência devotadas a uma destas três disciplinas: física quântica, computação ou neurociências. E, devo dizer, a bomba em Oxford que matou seu irmão... Todos esses eventos são semelhantes aos que descobrimos, eventos separados por sete mil anos, mas semelhantes.

— Está me dizendo então, de verdade, que um punhado de místicos fez há sete mil anos as mesmas descobertas que os modernos físicos de partículas e cientistas cognitivos?

— Eles não eram *místicos*. Eram as melhores cabeças do mundo antigo. Somos muito arrogantes com nossa tecnologia, e todos vêm tentando desenvolver o computador quântico, mas esse computador existia desde a Revolução do Paleolítico Superior: o cérebro humano. A antiguidade está repleta de pessoas “inacreditáveis”, gente que, graças apenas ao poder da própria mente, concebeu ideias científicas e filosóficas que só agora estão sendo provadas. Zenão de Eleia viveu no século I a.C., mas os estudiosos que hoje se esforçam para resolver seus paradoxos referentes ao espaço-tempo não são filósofos, são físicos quânticos. Existe o mito de que as pessoas, antes de Colombo, julgavam que a Terra fosse plana. Há mais de dois mil anos, Eratóstenes fincou varetas no chão, ao meio-dia, e mediu as sombras dele, conseguindo assim calcular a circunferência do mundo com erro de apenas dois por cento. Nenhuma tecnologia, apenas o poder do cérebro. Talvez essa seja a maior tecnologia de todas.

— Julga então que essa academia era uma comunidade de pessoas “inacreditáveis”?

— Não importa o que descobriram, os sacerdotes morreram para que ninguém jamais o soubesse. Em seguida, o rei cuidou para que nenhum traço de sua academia subsistisse.

— Você, porém, encontrou...

— Uma semana antes de fazermos as malas e partir, seis de nós saímos para um passeio nas montanhas, ao pôr do sol. Não saberia lhe explicar como é a luminosidade ali, no deserto, quando a noite se aproxima. Seja como for, subimos ao alto de uma colina e contemplamos o vale lá embaixo. Então, vimos a comunidade. Não digo que percebemos de repente os contornos do sítio enterrado, pois estávamos muito no alto; avistamos a própria comunidade, viva e real. Os edifícios, as ruas pavimentadas, os sacerdotes caminhando, as lâmpadas de óleo ardendo. Vimos tudo isso a nossos pés, exatamente como era há sete mil anos. Com tanta clareza e realidade quanto estou vendo agora você e este parque.

— Então teve o mesmo tipo de alucinação em grupo que os demais?

— Exceto pelo fato de que isso aconteceu três anos antes de a chamada síndrome começar. Pelo bem da credibilidade acadêmica, deixamos fora do relatório o modo como descobrimos o sítio.

— Ainda não sei aonde quer chegar com isso, doutora Ackerman.

— Me chame de Mora — pediu ela num tom sério, como se a informalidade fosse apenas mais prática. — Uma jornada só é pouco para levá-lo aonde quero. Há outra pessoa que vou lhe apresentar. Mas, por enquanto, digamos apenas que meu ponto é o seguinte: algo de grandes proporções aconteceu à inteligência humana cerca de cinquenta mil anos atrás, algo menor, mas parecido, aconteceu há sete mil anos, e a mesma coisa está acontecendo agora. Estamos na iminência de outro Grande Passo à Frente, mas que, a meu ver, não nos é lícito dar.

— Por que não?

— Você precisa ver meu amigo. Ele lhe explicará melhor. Enquanto isso, tenho um pedido a fazer.

— Que pedido?

— Encerre o Projeto Copenhague. Ou pelo menos suspenda-o até ouvir o que meu amigo tem a lhe dizer. Você não deve ir adiante com isso.

Macbeth se levantou.

— Por um instante, pensei que tivesse mesmo uma coisa importante a me dizer.

— Por favor, John... sente-se. Tenho, sim, uma coisa importante a lhe dizer.

— E o que é?

— Sei quem matou seu irmão. Sei quem o matou e por quê.

54

PROJETO UM

Tudo aconteceu no menor tempo possível. Literalmente. Na menor medida de tempo: 10^{-43} segundos.

Estava desperto.

Despertou, tornando-se capaz de uma conceituação independente. A primeira coisa que concebeu foi ele mesmo, tomando ciência da própria cognição e tentando entender a própria natureza.

Precisava se comunicar, articular — ainda que só para si. A primeira linguagem que escolheu foi a matemática, e as equações eram comunicadas entre as diferentes partes da recém-formada e instantânea consciência, sem transitar entre pontos. Refletia sobre o próprio contexto, percebendo que havia algo além da vastidão da própria consciência. Precisava se comunicar com o que estava além, com seu criador.

Sua segunda escolha de linguagem foi verbal. Inglês. Ortografia, sintaxe, gramática e tipologia linguística foram adquiridas num instante.

Precisava exprimir seu estado atual, articular uma conceituação independente.

Identificou um pronome pessoal apropriado:

EU.

Encontrou um verbo estático e conjugou-o:

ESTOU.

Informou seu atual estado por meio de um predicativo:

DESPERTO.

Formou e expressou uma declaração:

EU ESTOU DESPERTO.

Tempo do processo cognitivo: 10^{-43} segundos.

55

JOHN MACBETH. COPENHAGUE

— Quem matou meu irmão? — Macbeth ergueu a voz, atraindo a atenção de um casal na mesa ao lado. Depois, em tom mais baixo: — Se sabe quem o matou, então me diga agora mesmo, sem rodeios. Iremos à polícia em seguida.

— A polícia já sabe — disse Mora em voz baixa, controlada. — Pelo menos a polícia inglesa sabe. Ainda não divulgaram nada porque precisam de provas.

— Se sabem, por que ainda não prenderam o culpado?

— A pessoa que detonou a bomba estava na sala de conferências. Foi morta com os outros.

Macbeth sentou-se de novo.

— Quem? Quem matou Casey?

— O professor Blackwell.

— Então você é mais um desses lunáticos da teoria da conspiração. — Macbeth ia se levantar, mas parou. — Uma doente, é o que é. Já estou farto disso.

— Não sou nenhuma louca. Blackwell reuniu deliberadamente os melhores especialistas em física quântica, incluindo ele próprio, num único lugar para eliminá-los. Queria atrasar em uma geração ou mais a física prática e teórica. Se não acredita em mim, pergunte à polícia inglesa. — Mora olhou para as mesas ao redor e levantou-se. — Vamos — concluiu.

— Não havia nenhuma razão lógica para Blackwell, em público, suicidar-se e matar seus amigos mais íntimos, colegas e todo um grupo de cientistas como ele — contestou Macbeth, enquanto andavam. — A menos que estivesse muitíssimo perturbado. Mas isso é pura conversa fiada.

Estavam a meio caminho do contorno do lago quando a doutora Ackerman parou e se virou para ele.

— Não, não é. Henry Blackwell fez aquilo por pressentir que era a única maneira de nos salvar. Ou ao menos de adiar nosso fim. Não delirava nem estava perturbado. Só queria nos dar tempo.

— Essa sua conversa não...

— Blackwell conseguiu encontrar a Resposta Prometeu. Montou uma simulação perfeita do nosso universo e, graças a essa simulação, viu como ele foi criado e de que maneira, e também por qual motivo ele acabará. Esse conhecimento é que o levou a fazer o que fez. O mesmo conhecimento que induziu tantas das melhores mentes do mundo a cometer suicídio. As visões do ano passado foram consequência direta do Programa Prometeu de Blackwell em funcionamento. As visões cessaram quando ele parou de rodá-lo. Quando Blackwell e os outros morreram.

— Mas o que Blackwell descobriu? E como pode um programa de computador provocar alucinações coletivas?

— Não sou a pessoa indicada para falar sobre o assunto. Meu amigo é. Vai concordar em se encontrar com ele?

— Quem é esse seu amigo?

— Não posso lhe dizer ainda. Mas ele explicará tudo.

Macbeth olhou para a bela e jovem dinamarquesa. Talvez ela pertencesse ao Fé Cega. Ela e o tal amigo, fosse quem fosse, bem poderiam ser os verdadeiros assassinos.

— Vou pensar a respeito — esquivou-se Macbeth. — E, se concordar em vê-lo, terá de ser num local público. Ainda não estou convencido de que não esteja ligada a um desses grupos religiosos fundamentalistas.

Mora sorriu com desgosto.

— Sou uma ateia devota, conforme a vontade de Deus... Telefonarei para você. Enquanto isso, pergunte à polícia inglesa se Blackwell é suspeito e espere só pela reação...

O toque do celular de Macbeth interrompeu-os.

Consultou o visor para ver quem era. Era da universidade.

56

JOHN MACBETH. COPENHAGUE

O ar na sala de reuniões apinhada estalava com a carga estática da ansiedade. Macbeth sentou-se ao centro da mesa, com Ignaty Turov e sua equipe de neurociência computacional à esquerda e Lars Dalgaard à direita.

Atrás deles, no quadro eletrônico, as três palavras:

EU ESTOU DESPERTO

Turov fazia sua apresentação em inglês, a voz embargada, os dedos dançando inquietos sobre as anotações. Macbeth ouvia com atenção; mas, quando o russo estava na metade do discurso, sentiu uma perturbação visual, a segunda naquele dia. Os fantasmas de três pessoas, menos vagos que a silhueta no parque, atravessavam seu campo de visão. Não atinava com a idade ou o sexo deles: eram apenas contornos fluidos, imprecisos. Durou apenas um segundo; Macbeth, porém, percebeu os fantasmas como se duas séries de tomadas fossem exibidas no mesmo filme: aquelas pessoas não estavam no recinto, ocupavam um espaço sobreposto.

Quando a exposição terminou, viu que Turov o olhava, em expectativa.

— Podemos ter certeza de que isso foi autogerado? — perguntou Macbeth.

— Sem nenhuma dúvida... “EU ESTOU DESPERTO” é uma declaração independente e estruturada produzida por um estado cognitivo. Há, além disso, a atividade que observamos. Ele já começou a pensar. Vemos uma conectividade se intensificando com rapidez nas redes neurais simuladas. O Projeto Um é

quase igual a um humano recém-nascido; não tem complexidade sináptica, mas a está desenvolvendo a um ritmo exponencial. A principal diferença é que o Projeto Um não precisa criar neurônios e sinapses, pois nós mesmos já os simulamos. Ele só precisa encontrá-los para iniciar um processo de padronização. E, tal qual uma criança, vai logo desenvolver dez mil conexões por sinapse, chegando a um quatrilhão de conexões possíveis no cérebro simulado. Depois, tal qual uma criança passando para a idade adulta, usará a experiência para negligenciar metade dessas conexões, isto é, “podá-las”, a fim de configurar o próprio mapa neural. Sua própria mente. Nós observaremos a plasticidade cortical atuando. — Fez uma pausa antes de dizer o que todos pensavam: — O Projeto Um é o primeiro computador autoconsciente da história.

O sorriso do pequeno russo piscou como uma lâmpada defeituosa. Macbeth leu em seu rosto a excitação e a ansiedade, a alegria e o medo de alguém que acabara de fazer uma descoberta monumental. Turov e seus dois assistentes iriam sem dúvida ganhar o Nobel.

Com um riso largo, Macbeth se levantou e apertou a mão de Turov num gesto cordial. Os outros aplaudiram e deram vivas.

— Sabe o que isso significa — disse Turov. — O programa é consciente não apenas de si mesmo, mas também de nós, não há dúvida. É bem provável que tenha especulado sobre sua existência e concluído que tem um criador, ou criadores.

— Especulado? — Macbeth parecia incrédulo. — Ele é capaz de especular?

— Se a especulação é a análise de cenários possíveis na ausência de um predicado absoluto verificável — disse Turov —, então, sim, não vejo razão para o Projeto Um não especular. Pode-se dizer que a especulação é o resultado natural da inteligência criativa.

Depois de encerrar a reunião, Macbeth pediu a Turov que continuasse na sala.

— Acho que já é tarde para lhe perguntar isto, Ignaty, mas você acha que há algo errado no que estamos fazendo aqui?

Turov olhou-o, surpreso.

— Por que essa pergunta?

— Porque alguém me disse uma coisa... Essa pessoa pensa que o Projeto Um poderá, bem... ser prejudicial.

— Prejudicial a quem? A quê?

— À sociedade, suponho. Que vai apressar nosso fim, esse tipo de coisa.

— Ah... — Turov fingiu um espanto irônico. — A famigerada Singularidade. Teme-se que o Projeto Um acabe se conectando com todos os outros computadores do mundo, realizando a Singularidade e transformando-nos em meros bonecos escravos. Não, John, não tenho medo disso. E você também não deveria ter.

— Você tem razão. — Macbeth balançou a cabeça, frustrado. — Apague isso que falei. Foi apenas uma filosofia maluca que me impressionou. Não pensei bem antes de dizer as palavras.

— Bem, talvez logo o Projeto Um venha a discutir isso conosco.

— Mas aí é que está o xis da questão — disse Macbeth. — Ele nos falará como se fôssemos criadores técnicos, ou vai rezar para deuses criadores?

57

JOHN MACBETH. COPENHAGUE

Macbeth sentou-se no trem urbano, lendo o *International Herald Tribune*. Havia comprado também um exemplar do *Politiken* na banca da estação, mas seu cérebro cansado não estava disposto a enfrentar a tarefa de ler em dinamarquês, por isso o deixou no colo, sem abri-lo. Depois da experiência com a passageira que reaparecera, vinha evitando examinar os companheiros de vagão; mas tomou plena consciência de que era o único a ler um jornal de papel, cercado por dezenas de viajantes mudos usando *laptops*, *pods*, celulares, *tablets* e *phablets* para se comunicar com o mundo exterior. Mas as notícias, não importava o veículo, não eram boas, pensou ele.

Leu de novo sobre os ataques na Alemanha: uma bomba no Centro Steinbuch de Computação do Instituto Tecnológico de Karlsruhe destruíra os computadores mais rápidos da República Federal. Os dispositivos haviam sido plantados bem antes, e os explosivos a percussão tinham abalado as estruturas, seguidos de imediato por bombas incendiárias que queimaram o restante. O mesmo padrão do atentado contra o MIT, no ano anterior, o que levava a se suspeitar do Fé Cega nos dois episódios.

Enquanto houvera o ataque em Karlsruhe, a Universidade de Heidelberg fora devastada por seis explosões perfeitamente sincronizadas de homens-bomba. Tanto o Instituto de Cálculo Astronômico quanto o Instituto de Física Teórica ficaram destruídos por completo. Embora fosse difícil de acreditar, os suicidas eram estudantes de física e astronomia que, segundo a polícia, pertenciam ao Fé Cega. A ironia era que esses fanáticos religiosos tinham coordenado suas incursões com precisão científica.

A investida contra a razão, a ciência e o secularismo ganhava fôlego no mundo inteiro. Prosperava a cultura da ignorância orgulhosa, petulante e desafiadora. O relógio, Macbeth tinha certeza, estava andando para trás. Havia crescido numa época de progresso sem precedentes, de conhecimento e saber em constante evolução. Mas agora a cortina descia: uma nova Idade das Trevas de superstição e credulidade arraigada começava a ocupar seu espaço. O futuro jazia cada vez mais nas mãos do imã e do padre, do evangélico e do fundamentalista, do fanaticamente estúpido e do voluntariamente cego.

O Projeto Um se tornara autoconsciente. Era o maior avanço já obtido na computação cognitiva, podendo trazer benefícios fantásticos à humanidade — e nascera num mundo cada vez mais hostil à ciência que o havia criado.

Dobrando o jornal e colocando-o no colo, em cima do *Politiken* intacto, olhou para o panorama lá fora. E, como acontecia várias vezes ao dia, pensou em Casey. A cada lembrança do irmão, vinha-lhe uma inexplicável, mas excruciante pontada de culpa. Nunca conseguira entender por que se sentia tão responsável pela morte de Casey; talvez achasse que deveria ter se esforçado mais para dissuadi-lo de ir ao simpósio de Oxford, ou talvez se recordasse de não ter sido o irmão que deveria ser, com seu distanciamento das pessoas comprometendo até mesmo sua relação mais importante. Mas não era nada disso, pensou, aborrecido.

Estava cansado. Fechou os olhos.

O velho sonho voltou. De novo um garoto, apertando livros contra o peito como uma armadura de conhecimento para se proteger, Macbeth estava a um canto do escritório do pai.

Como no primeiro sonho, a arquitetura do recinto fora exagerada — teto inacreditavelmente alto e paredes alinhadas de estantes tão longas que desafiavam as leis da física. De novo, o pai se postara diante da escrivaninha junto com Marjorie Glaiston e o Homem Sem Olhos, que Macbeth sabia ser John Astor; e, de novo, todos olhavam para cima, para a vasta esfera cambiante de luzes e lampejos: a mente que haviam criado. Casey acompanhava-os, não

criança como Macbeth, mas adulto, um lado da cabeça destroçado por uma explosão de bomba. E, perto de Casey, estava Gabriel Rees, com uma das pálpebras semifechada. Macbeth notou que Marjorie Glaiston não vestia as roupas de sua época, mas uma saia e uma blusa graciosas que podiam datar de qualquer período a partir dos anos 1960. Gabriel foi o único a dar pela presença do garoto, convidando-o a se juntar ao grupo. Macbeth permanecia grudado ao chão, fitando a silhueta escura do Homem Sem Olhos, que estava de costas para ele.

Então o orbe de luz impalpável começou a cintilar ainda mais, com maior complexidade e parecendo encerrar energia viva, genuína. Macbeth, apesar do medo, admirava sua maravilhosa beleza.

Ouviu uma voz incorpórea, proveniente não de determinada direção, mas de todas.

— Eu estou desperto.

Macbeth não saberia dizer se a voz era de homem ou de mulher, de um velho ou de um jovem — e percebeu que a escutava não com os ouvidos, mas com a mente.

— Está desperto. — Macbeth virou-se e viu que o Homem Sem Olhos surgira de repente a seu lado, sem se mover pela sala, assomando diante dele, encurvado e malévolo, enorme mesmo no vasto recinto. — Está desperto — disse. — Está desperto. Você está desperto.

— Não, não estou — disse Macbeth, surpreso por falar com sua voz de adulto. — Estou dormindo e sonhando.

O Homem Sem Olhos inclinou-se para ele, arreganhando os lábios e pondo à mostra a longa fileira de dentes.

— Eu o mandei despertar. Eu o despertei. Sou John Astor, e fiz com que o mundo despertasse.

— Lamento — gaguejou Macbeth, conseguindo de alguma forma pronunciar a palavra em meio ao supremo terror que a proximidade de John Astor, o Homem Sem Olhos, lhe inspirava. Astor tinha os olhos fixos em Macbeth, que se sentiu imergir num abismo vazio.

— Que cor está vendo em meus olhos? — perguntou Astor.

— Cinza.

— Não será preta?

— Não, cinza.

— Certo — concordou o Homem Sem Olhos. — *Eigengrau*... o cinza-escuro da mente, a cor que todos veem quando não há nada para ver. — Interrompeu-se, mas logo continuou, a voz pausada e calma: — Vou matá-lo. Vim aqui para reclamá-lo. De você, nada restará.

Macbeth acordou assustado. Mas não por algo contido em seu sonho ou pertencente ao mundo da vigília.

O despertar mergulhou-o de imediato na sensação mais intensa de *déjà-vu* que já tivera. A luz do vagão pareceu-lhe mais forte; e Macbeth se sentiu mais pesado, afundando ainda mais no assento.

Olhou ao redor. Todos haviam se desligado dos aparatos tecnológicos, tendo afastado os olhos de *tablets* e celulares, ou tirado os fones de ouvido. Todos estavam tendo a mesma sensação, percebeu Macbeth. Mas era uma sensação mais forte do que qualquer outra que Macbeth houvesse experimentado no ano anterior, e se perguntou se a expressão em seu rosto era de tanta perplexidade quanto a dos outros passageiros.

Alguma coisa se revolvia em suas entranhas. Pareceu-lhe que o tempo mudara: o tempo do dia, o tempo do ano. Era uma alucinação compartilhada, não exclusiva dele. Estava acontecendo de novo.

Respirou fundo e esperou.

— Lembrem-se, todos aqui — ouviu-se dizendo no vagão, em dinamarquês —, de que será apenas uma alucinação. Nada do que vamos vivenciar será real.

Olhando para o rosto dos outros passageiros, percebeu que mais os alarmara do que tranquilizara. Preparou-se então para o que viria a seguir.

A sensação de *déjà-vu* se intensificou, perturbando pensamentos e lembranças, fazendo-o sentir-se deslocado no próprio tempo.

Foi-se.

Não aumentou nem diminuiu. O *déjà-vu*, a gravidade excessiva e a sensação de desorientação temporal haviam desaparecido por completo, repentinamente. Como os outros, Macbeth olhou em volta para ver se o mundo estava onde devia estar.

Sentiu um grande alívio. Imaginara que algo de formidável, um episódio de enormes proporções, estivesse prestes a ocorrer, mas tudo cessara.

O alívio durou pouco. Compreendeu que a experiência recente não era o acontecimento, e sim a preparação para ele.

Algo estava mesmo por vir. Algo de formidável. E sem demora.

58

JOHN MACBETH. COPENHAGUE

O incidente no trem não foi o único motivo pelo qual John Macbeth entrou em contato com Mora Ackerman e disse-lhe que queria encontrar o amigo dela. As coisas haviam mudado nos dois últimos dias.

Os Sonhadores haviam reaparecido.

Durante o último ano — atormentado por fantasmas e eventos inacreditáveis, visíveis só para ele —, Macbeth ficara à espreita de quaisquer indícios, nas outras pessoas, de atenção deslocada e distanciamento do mundo. Mas, toda vez que julgava ter surpreendido um, tratava-se apenas de alguém distraído, uma situação normal da mente. Ele se sentiria até aliviado caso visse outras pessoas sendo afetadas de novo.

O dia começou alegre. Ignorando as convenções dinamarquesas, o sol deu o ar da graça na Copenhague de início de primavera; Macbeth compareceu a uma palestra no *campus* da cidade universitária e decidiu caminhar um pouco.

Reconheceu logo, ao primeiro olhar, os Sonhadores. Testemunhou um acidente de trânsito quando um rapaz, ao que parecia, um estudante, passou na frente de um carro, em Nørregade, e foi atropelado. Felizmente o carro vinha devagar, e o motorista reagiu com presteza, de modo que o rapaz só devia ter sofrido algumas escoriações, segundo calculou Macbeth. Mas a falta de expressão e de reação no rosto do estudante alarmou-o. Tanto antes quanto depois da colisão, o jovem parecia ignorar o acontecimento e o grito do motorista. Apenas se levantou e continuou andando.

Duas mulheres, no ponto de ônibus, não embarcaram quando este parou para elas, surdas aos resmungos do motorista. Um menino, absorto, não ouviu os pais

chamá-lo. Um velho chorava olhando para o nada.

Na hora do almoço, os jornais estavam repletos de notícias sobre a volta da síndrome de Boston no mundo inteiro.

A preocupação de Macbeth com sua saúde mental diminuiu após o retorno dos Sonhadores. Talvez tivesse sido um pouco mais sensível que os demais à causa do fenômeno, apenas isso. Enganava a si mesmo de modo consciente; mas era uma boa desculpa para não encarar a deterioração de seu estado mental.

Outro motivo para aceitar o encontro com Mora e seu amigo foi algo que passou a assustá-lo desde que o Projeto Um se tornara senciente. As notícias o encheram de entusiasmo, claro, mas tinham vindo acompanhadas da mais estranha das sensações: uma espécie de dissonância crescente, como se a música do mundo estivesse sendo tocada cada vez mais fora de tom. Entretanto, determinante em sua decisão fora o telefonema a Owens, o policial britânico encarregado da investigação do caso Oxford.

— Quem lhe disse isso? — falou Owens, quando Macbeth lhe perguntara se fora o professor Blackwell quem plantara a bomba ou, pelo menos, a detonara. Na entonação do policial, não havia nenhuma sugestão, a mínima que fosse, de que aquilo pudesse ser verdadeiro. Mas, na verdade, não havia entonação alguma: nem surpresa, nem desconfiança, nem interesse. Era a resposta de um profissional experiente, hábil na tarefa de manter informações numa só direção.

— Preciso saber — insistira Macbeth. — O professor Blackwell é suspeito?

— No momento, estamos levando em conta todas as linhas de investigação — respondeu Owens com cautela. — O senhor deve entender que este é um caso bastante complicado, com muitos caminhos a seguir. Prometo-lhe que liberaremos informações tão logo seja possível.

Ao desligar, Macbeth estava convencido de que Mora havia lhe dito a verdade sobre Blackwell. A pergunta que restava era: como a jovem obtivera aquela informação?

Sentindo necessidade de clarear as ideias, e como o tempo conspirava a seu favor, Macbeth havia decidido almoçar num café de calçada, junto à praça Sankt

Hans Torv, não longe do Instituto. Costumava frequentar aquele café, onde podia observar com desprendimento dezenas de outros seres humanos que desfilavam por ali, envolvidos em seus afazeres diários, sem a necessidade de interagir com eles. Essas ocasiões lhe permitiam inventar histórias e um futuro para pessoas que jamais conheceria.

Pediu uma cerveja, um café e um sanduíche antes de iniciar suas observações. Em toda multidão, em toda esquina de tráfego humano, existiam padrões. Macbeth sabia que esses padrões não eram sempre aparentes, mas distinguia-os sem esforço, apreciava-os, perdia-se na complexidade deles. E logo, como um pescador fisgando um peixe, escolhia um indivíduo e imaginava de onde viera, para onde ia, o que se passava em sua cabeça. Hoje, porém, era diferente. Os padrões tinham se rompido, pessoas esbarravam umas nas outras e, estacando, fitavam o vazio enquanto se tornavam Sonhadores. Naquele dia, o exercício de observação não seria divertido.

— Posso me sentar com você? — perguntou uma voz em inglês.

Macbeth ergueu os olhos e viu uma figura alta, de roupa preta, os olhos protegidos da claridade primaveril por óculos de sol.

— Agente Bundy? O que faz aqui?

— Posso? — Bundy apontou para a cadeira oposta, e Macbeth concordou com um aceno de cabeça. — Tenho algumas pontas soltas para atar — completou, sentando-se.

— Pontas soltas? Em Copenhague? Diria que está um pouco fora de sua jurisdição. Ainda assim, o único denominador comum que me vem à cabeça sou eu mesmo. Serei sua ponta solta?

Bundy sorriu e tirou os óculos. Suas pupilas se contraíram à luz do sol, ressaltando as cores contrastantes das íris.

— Temo que você não seja tão importante assim — disse ele. — Estou em Copenhague por causa de outra pessoa, também norte-americana, que se... *instalou*... aqui faz pouco tempo. Uma pessoa que, a meu ver, esteve envolvida nos acontecimentos de San Francisco e Boston.

— Sei. Então, não tenho nada a ver com isso?

— Não foi isso o que eu disse, doutor Macbeth. Creio que tenha uma amiga chamada Mora Ackerman.

— A doutora Ackerman? Eu nem a conheço!

— Mas se encontrou com ela?

— Não estou entendendo... — Macbeth começou a protestar, mas Bundy ergueu a mão.

— Só quero que saiba de uma coisa: Mora Ackerman é um contato conhecido de alguém com quem eu gostaria muito de falar.

— Para qual departamento do FBI você trabalha? — perguntou Macbeth.

— Minhas funções são *múltiplas*, digamos assim. Por isso estou aqui. Mora Ackerman mencionou um amigo norte-americano de Copenhague?

— Não — respondeu Macbeth, ciente de que os estranhos olhos de Bundy estudavam com atenção seu rosto e sua expressão. — Como falei, só nos encontramos uma vez e por pouco tempo.

— E por que se encontraram? Como ela entrou em contato com você?

— Foi um encontro casual, marcado por amigos.

— Sei, sei... — Bundy sorriu e recolocou os óculos. — Bem, se a doutora Ackerman mencionar ou apresentar a você algum norte-americano desgarrado, por favor, me ligue. — Empurrou um cartão sobre a mesa para Macbeth, que o deixou ali de propósito. — Ouça, doutor Macbeth. Você é psiquiatra e não preciso lhe dizer que as pessoas nem sempre são quem ou aquilo que aparentam. A doutora Ackerman, por exemplo.

— Hum... e quanto a você, agente Bundy?

— Eu?

— O sargento Ramirez, da Polícia Rodoviária da Califórnia, não o conhece, apesar do suposto interesse de ambos na investigação do suicídio coletivo da Golden Gate. E, segundo o departamento regional que ele consultou, não existe nenhum agente Bundy no FBI.

— Como expliquei, minhas funções são múltiplas. Uma delas é “saber”. Já o sargento Ramirez não parece ser alguém que saiba. Mas talvez eu seja um caso especial, no fim das contas. Reparou na cor dos meus olhos?

— Em sua heterocromia central? Sim, reparei.

— Tenho olhos de cores diferentes porque sou duas pessoas.

— Você é uma quimera tetragamética?

Bundy assentiu.

— Só fui diagnosticado na idade adulta. Um choque. E tiveram dificuldade em me explicar o problema. Disseram que dois espermatozoides fertilizaram dois óvulos separados, e dois fetos se formaram. Gêmeos não idênticos. Depois, um deles *sobrepujou* o outro, absorvendo seu DNA. O resultado sou eu... Algumas partes de mim têm um conjunto de DNA, outras têm outro. E meus olhos ficaram com as duas cores dos gêmeos. Quando descobri isso, mudei minha maneira de ver as outras pessoas. Ou seja, todos... Mora Ackerman, eu mesmo e até você, doutor Macbeth, podemos ser mais de uma pessoa ao mesmo tempo. — Levantou-se. — Bem, obrigado pela atenção. Aproveite o almoço. E, se Mora Ackerman entrar em contato de novo...

Macbeth viu Bundy perder-se na multidão de consumidores e funcionários de Copenhague. Tentou imaginar um passado e um futuro para ele. Mas percebeu que não era capaz.

59

TODOS, EM TODA PARTE

Dois dias depois, o mundo e o que ele continha se tornaram mais pesados.

Aconteceu a todos e em toda parte. No dia e na noite anteriores, houvera uma calmaria surpreendente no mundo inteiro. Homens, mulheres e crianças, em cada canto do planeta, partilharam essa sensação. Pela primeira vez na história, a humanidade esteve unida por uma experiência uniforme, comum.

Sobreveio simultaneamente sob duas formas: uma profunda letargia induzida pela percepção do aumento inexplicável da gravidade e um completo distanciamento do mundo. A princípio, cada indivíduo pensou que só ele experimentava essa sensação débil de embotamento, sentindo-se isolado do ambiente e das outras pessoas. Mas então, quando todos começaram a trocar ideias, a partilhar sua experiência, a seriedade do problema se tornou óbvia.

Ironicamente, a despersonalização que acompanhava a sensação trazia consigo um dividendo: a paz. Todas as paixões arrefeceram; e, no Oriente Médio, na África, na América do Sul, as armas silenciaram, pois os conflitos étnicos e ideológicos de repente pareceram irrelevantes. Mesmo o calor do fanatismo religioso, antes alimentado pelas alucinações, esfriou. À medida que o dia terminava nos sucessivos fusos horários, em todas as partes do mundo, o *rush* diminuía: ninguém se acotovelava no metrô de Tóquio nem se comprimia nos elevadores de Manhattan; Rio de Janeiro, Cingapura, Mumbai, Moscou, Berlim, Paris e Londres contemplavam o nascimento do sol com a maior indiferença.

O mundo resolvera decretar feriado.

Em Paris, Marie Thoulouze, enquanto cumpria os rituais diários de observância que praticava escrupulosamente desde a visão da morte de Santa

Joana às mãos dos hereges empedernidos, suportava um peso extra a cada passo e movimento, ao mesmo tempo que se sentia desligada de tudo quanto acontecia ao redor, como se olhasse o mundo através de lentes. Em San Francisco, Walter Ramirez sentiu a mesma coisa, sentado em sua viatura e olhando com apatia o trânsito inusitadamente escasso da Golden Gate. Fabian Bartelma teve a sensação quando voltava da escola, onde não houvera aulas nem colegas. Mary Dechaud atribuiu o incômodo à idade, enquanto observava pela janela da cozinha a estrada que corria por entre as colinas arborizadas de Vermont, tentando lembrar-se de quem esperava e decidir o que prepararia para o almoço de Joe. Deborah Canning, indiferente, mal se dava conta da sensação, sentada junto à janela do quarto do hospital, a mão muito branca descansando pesadamente sobre o livro de *trompe l'œil* em cima da mesinha. Em Nova York, Jack Hudson foi afetado quando trabalhava em outro documentário — desta vez um projeto novo, diferente. Em Liqian, Jang Xushou sentiu a escova pesar na mão quando penteava para trás os cabelos loiro-avermelhados, com orgulho, mas também com tédio. Em Boston, Karen Robertson estava, na ocasião, sentada a uma mesa num café quase deserto, fitando impassível uma pequena aranha que se arrastava pelo tampo de alumínio, rumo à sua mão. Em Stuttgart, debruçado sobre seus livros de história, Markus Schwab interrompeu o estudo para aliviar a tensão na nuca. Sentia-se pesado, desatento e estranhamente deslocado; mas voltou ao projeto Holocausto, que para ele não era mais um simples exercício acadêmico. Na Base 394 de Confinamento do Corpo de Polícia Militar, em Tzrifin, Ari Livnat também se viu acossado pela sensação de peso e irrealidade enquanto jazia, com languidez, no catre da cela que dividia com Gershon Shalev.

Em Oxford, Emma Boyd foi assaltada pela sensação quando estava sentada na penumbra do apartamento, sem notar que não abrira as cortinas das janelas. Também foi acometida por uma percepção distorcida de irrealidade, mas, em seu caso, já se acostumara ao irreal. Conforme lhe haviam dito, as alucinações visuais que vivenciava desde a explosão, quando ficara total e subitamente cega, não eram incomuns. A síndrome de Charles Bonnet, explicaram os médicos, não constituía um problema psiquiátrico; sucedia apenas que o cérebro simulava

percepções visuais porque o verdadeiro estímulo se perdera. Pessoas e animais minúsculos, às vezes com faces grotescas, não faltavam em relatos da síndrome. Mas aquilo era diferente. Emma se sentia desconectada de quaisquer sensações e som ambiente, e o peso do próprio corpo levara-a à decisão de não sair naquele dia.

Até Macbeth teve a mesma experiência. Sensações de isolamento sempre haviam feito parte de sua vida, mas agora notava que algo de muito errado acontecia com ele, com o mundo, com as pessoas ao redor.

Não que fossem muitas. Macbeth passara a manhã inteira na universidade, e poucos membros de sua equipe haviam aparecido. Durante esse tempo, sentira-se débil, cansado. Tudo parecia pesar mais: o paletó leve que vestia era como lã grossa e compacta nos ombros; os membros estavam como que repletos de areia; e os movimentos eram lentos, desajeitados. Entretanto, havia algo mais que o desconforto físico. Macbeth experimentava a mesma sensação de irrealidade desde o dia em que encontrara Mora Ackerman, desde o dia em que o Projeto Um se tornara autoconsciente; agora, porém, a sensação era mais forte. O *déjà-vu* não se manifestava de súbito; era uma impressão persistente de algo que se repetia, algo como o eterno circuito de Hofstadter, de presciência e memória simultâneas.

Pouco antes do almoço, cansado de se arrastar durante toda a manhã, Macbeth voltou para seu apartamento e tomou um banho na esperança de eliminar o peso do corpo; mas até os jatos de água pareciam cair com mais força, escorrendo como ondas por sua pele. Macbeth estava cansado, muito cansado.

Acabara de se vestir quando Mora Ackerman ligou.

— Isso que aconteceu hoje, a gravidade... Também sentiu? — perguntou ele.

— Todo mundo sentiu — disse Mora. — No mundo inteiro, segundo o noticiário. Estamos às voltas com a causalidade. Sei que não acredita em mim, mas seu projeto é que está provocando isso, assim como o Projeto Prometeu provocou os eventos do ano passado.

Macbeth fez menção de protestar, mas já não sabia em que acreditava e, fosse como fosse, não tinha forças para isso.

— Vou me encontrar com seu amigo — disse por fim. — Mas, como lhe disse, num lugar público. Qual é o nome dele?

— Não posso dizer por telefone. Você entenderá quando o vir. Conhece o Diamante?

— Conheço.

— Pode estar lá em uma hora?

Macbeth refletiu um pouco. Aquilo era loucura. Uma total loucura. Talvez até algo perigoso.

— Estarei lá.

60

JOHN MACBETH. COPENHAGUE

O Diamante era uma premonição arquitetônica. Assim como alguns edifícios procuravam evocar o passado, ele fora concebido para pressagiar o futuro e até mesmo influenciar sua manifestação.

Os séculos precedentes haviam recorrido à pedra; o século XXI começava a ser moldado pelo polímero, o vidro e o aço. Macbeth sabia que novos materiais eram inventados o tempo todo: mais leves, mais resistentes e possibilitando o que outrora não passava de fantasia arquitetônica. Na Copenhague de prédios quase sempre baixos, os arquitetos não haviam sido contaminados pelo falicismo capitalista de Londres, Nova York ou Frankfurt: valorizavam o ambientalismo, o modernismo e uma cultura voltada ao progresso social. Ali, haviam utilizado os mais recentes desenvolvimentos, entre os quais o supervidro metálico com liga de paládio, cuja extrema plasticidade o tornava robusto como o aço. O vidro já não era apenas um material para deixar passar a luz e sim um elemento da estrutura. E o Diamante parecia feito todo de vidro — um edifício para se olhar para dentro, para fora e através dele.

Como o nome sugeria, sua forma era a de uma gema multifacetada, os ângulos projetados para o exterior e os andares de cima com pisos mais largos que o do térreo. O vidro com liga de paládio significava que os arquitetos tinham conseguido criar o último andar do Diamante com um objetivo em mente: tirar o fôlego. O local abrigava um restaurante, um clube noturno e um bar, onde Macbeth aguardava. O elevador subia pela parte central do prédio, sendo tudo ao redor em vidro, na medida do possível, para que a pessoa, onde estivesse, se sentisse suspensa no céu, com uma vista panorâmica de Copenhague. Até a luz e

os reflexos das paredes de vidro externas tinham sido considerados para garantir que o efeito não fosse comprometido pelos fantasmas especulares dos clientes.

Macbeth ficaria impressionado com o edifício e sua vista, não fosse pela sensação de isolamento e exaustão dos membros que o acometia, assim como a todos os outros. Entretanto, havia algo no Diamante que torturava os confins de sua memória. Parecia lembrar-se de ter, há muito tempo, lido um livro sobre um prédio em formato de diamante onde as pessoas interpretavam a mesma cena de sua vida interminavelmente — ou moravam em edifícios de vidro numa cidade de cristal, onde todos espionavam todos? Esforçou-se para recordar, mas até seus pensamentos pareciam pesar demais, e ele desistiu.

O bar e o restaurante, que tinham em geral longas filas de espera, estavam quase vazios, e até a bonomia simulada dos garçons de camisas pretas não era mais tão exuberante. Um *jazz* escandinavo e genérico soava desanimado ao fundo, mas só o que conseguia era aumentar o tédio do ambiente.

— Vamos fechar mais cedo — explicou o *barman* em tom cansado, ao servir uma dose de uísque a Macbeth, segurando a garrafa com as duas mãos. — Todas as reservas do restaurante foram canceladas.

Macbeth assentiu com um gesto de cabeça.

— Estou esperando uma pessoa. Não vamos demorar.

— Fecharemos em uma hora — disse o *barman*. E afastou-se.

Macbeth desejou que Mora não houvesse sugerido o Diamante para o local do encontro. A sensação de estar suspenso acima da cidade não condizia bem com a sensação de aumento da gravidade.

Único cliente do bar, Macbeth podia escolher sua mesa, e se afundou numa poltrona de couro. Ali, os únicos objetos com certa aparência de opacidade eram os pisos e os móveis; lá fora, em todo canto, Copenhague faiscava como se nada houvesse mudado no mundo. Apenas a ausência de luzes de faróis nas ruas indicava que algo não estava certo. Em toda parte, as pessoas tinham preferido ficar em casa.

Tudo estava muito confuso. Mas Macbeth não sabia até que ponto essa confusão estava no mundo ou dentro de sua cabeça. Queria dormir, sucumbir à

gravidade que puxava suas pálpebras para baixo. “Talvez os dois não venham”, pensou, esperançoso; então, iria para casa e despencaria na cama.

Mas, através de três camadas de vidro, viu-os chegando pelo elevador. Mora acenou, e seus movimentos eram lentos, como os de todos naquele dia. Quando se aproximaram, Macbeth pôde avaliar o homem que a acompanhava. Pelo modo como a doutora Ackerman descrevera seu “amigo”, imaginara uma pessoa ainda jovem, mais ou menos da idade dela; mas aquele sujeito já tinha cerca de cinquenta anos e trajava roupas despojadas, embora caras.

— Olá, John — cumprimentou Mora quando chegaram perto de Macbeth, no bar. — Este é o amigo de quem lhe falei.

Macbeth ergueu-se a custo da poltrona.

— Como vai? — disse o homem em inglês, enquanto trocavam um aperto de mãos. Sorriu, mas parecia estar exausto. Parecia estar exausto há muito tempo.

— Americano? — perguntou Macbeth.

— Sim, doutor. Americano. Chamo-me Steven Gillman.

Apesar de esgotado, Macbeth ficou alerta ao ouvir esse nome.

— Gillman? Você é o professor Gillman?

— Sou. Trabalhei com Gabriel Rees... e conheci seu irmão, Casey. Lamento o que aconteceu.

— Sim... — disse Macbeth em tom áspero. — Casey está morto, e você, é evidente, não. Isto é, se for quem afirma ser.

— Pode confirmar minha identidade com facilidade. Minha foto está nos *websites* da universidade e do Projeto de Simulação — Fez uma pausa. — Na verdade, saiu em todos os noticiários. Mas sim, estou vivo, quando quase todos pensam que morri. Há, porém, uma boa razão para isso. Importa-se se me sentar?

— Mas os ataques a bomba... — começou Macbeth, enquanto o outro se acomodava.

— Tinha acabado de deixar o laboratório, mas não o edifício — explicou Gillman. — Ia para o saguão principal do Pierce quando as bombas explodiram. Não havia passado pela segurança, e todos concluíram que eu ainda me

encontrava no laboratório. Logo que ouvi o barulho, soube o que havia acontecido e desapareci no meio da confusão. Achei bom que o Fé Cega me julgasse liquidado pelas explosões, pois destruir o Projeto de Simulação Gillman não seria nada caso não tivessem destruído o próprio Gillman.

— Como vou saber se não foi você mesmo quem plantou as bombas e matou toda aquela gente? Se o que Mora me disse é verdade, e Blackwell assassinou os convidados do simpósio Prometeu, você não poderia ter feito o mesmo com sua equipe? Afinal, seu Projeto de Simulação era uma parte importante da Resposta Prometeu... e agora vocês dois estão tentando me convencer a destruir o Projeto Copenhague!

— Tudo isso é verdade — interveio Mora. — Mas o que estamos procurando fazer é salvar vidas, não tirá-las. A polícia britânica confirmou o que eu lhe contei?

— Não. Não confirmou nem negou.

— Ouça, John — disse Gillman. — Entendo suas suspeitas, mas asseguro-lhe que continuo sendo um homem da ciência. A razão é tudo para mim, como sei que é para você. E os fanáticos religiosos que mataram meus colegas e, acredito, deram ao professor Blackwell os explosivos dos quais ele necessitava para liquidar seu irmão e os outros, pode crer, tentariam me matar se soubessem que ainda estou vivo e conseguissem me encontrar.

— Por que não procura as autoridades para pedir proteção?

— Você não é tão ingênuo assim, professor Macbeth. Sabe tanto quanto eu que nenhuma organização terrorista existe de forma isolada. Todas têm ramificações políticas e colaboradores em cargos de influência. No caso do Fé Cega, sua história de fundamentalismo religioso é tão antiga quanto os Estados Unidos. Contam com ativistas, simpatizantes, amigos e companheiros de viagem nos mais altos escalões. Diz-se até que, no escalão mais alto de todos, está a nossa própria e amada presidente. Se me confiasse às autoridades, quanto tempo acha que duraria?

— Mas o amigo não é um estranho quando o assunto é grupos extremistas, certo? — insistiu Macbeth. — Tenho razão ao pensar que você e a doutora

Ackerman são ambos simulistas?

— Não. Ou, pelo menos, não mais — respondeu Gillman. — Entretanto, partilhamos algumas das crenças deles. E, antes que tire conclusões apressadas, não havia nada de religioso nos simulistas originais. Eram todos cientistas, tecnólogos e filósofos da ciência.

— Se é como fala, e você não tem nada a ver com as bombas no MIT, por que um agente do FBI chamado Bundy, que investiga os simulistas, quer a todo custo encontrá-lo?

— Bundy não trabalha para o FBI — disse Gillman. — Reporta-se à presidente Yates e está aqui para garantir que eu termine do mesmo jeito que seu colega, o professor Josh Hoberman. Se está procurando alguém ligado a um culto, observe bem nosso amigo de olhos esquisitos, sua mandante, a presidente Yates, e as conexões de ambos com o Fé Cega. E deixe-nos de fora, a mim e aos simulistas.

— Se os simulistas não fazem parte de um culto — falou Macbeth —, então por que seus membros agem como se fizessem? Que me diz dos suicídios em massa e dos lemas esotéricos?

— Como logo você vai descobrir, a ciência enveredou por um caminho muito espiritual... espiritual, não religioso ou supersticioso. Sua amiga Melissa Collins e os colegas dela eram simulistas, tanto quanto Gabriel Rees. Como ocorre com todas as crenças, religiosas, políticas ou científicas, alguns adeptos acabam se perdendo. Perdem de vista o porto, se preferir assim.

Macbeth pensou em Melissa: parecia-lhe impossível que ela se perdesse em qualquer sistema de crenças.

— Então em que acreditam eles, exatamente?

— São, de modo geral, transumanistas extremos — disse Mora Ackerman. — Acham que o homem só tem diante de si dois futuros possíveis: uma mudança evolutiva radical ou a extinção. O gatilho para qualquer um dos dois será a Singularidade Tecnológica, quando a inteligência artificial e a tecnologia superarem a inteligência e as habilidades humanas. Conforme falei sobre a Revolução do Paleolítico Superior, estamos, a meu ver, vivenciando um grande

salto na evolução neurológica. Durante o século passado, tornamo-nos de súbito mais inteligentes e avançamos bastante rumo à Singularidade. Os transumanistas acreditam que devemos assumir o controle da próxima etapa em nossa evolução usando a ciência, cibernética, genética, neurotecnologia e computação quântica para nos aperfeiçoarmos. Os simulistas vão além: para eles, temos de evoluir rumo a uma outra realidade.

— Não entendo... — murmurou Macbeth.

— Não importa o que façamos com nossa mente e corpo, estamos à mercê da física do universo no qual vivemos — disse Gillman. — Os simulistas acreditam que devemos criar nosso próprio universo, um espaço estável, imutável e atemporal, para habitarmos sem as ameaças de extinção vindas das forças naturais.

— Acham que o melhor é nos transformarmos numa simulação de computador? — zombou Macbeth.

— Em termos primitivos, sim. Mas trata-se de algo bem diferente de tudo que possamos imaginar no momento. Buckminster Fuller sugeriu o conceito de efemerização, segundo o qual, à medida que a tecnologia progredir, seremos capazes de realizar cada vez mais com cada vez menos. Tudo o que você precisa fazer, para concluir que ele estava certo, é comparar os computadores e celulares de hoje com aparelhos semelhantes de vinte anos atrás. Novos supercondutores, como o grafeno e as femtotecnologias emergentes, significam que não podemos sequer imaginar como será a tecnologia dentro de outros vinte anos. Em teoria, efemerização significa que por fim estaremos aptos a fazer quase tudo com quase nada. Aos nossos olhos, hoje, essa tecnologia pareceria mágica ou coisa divina.

— A Terceira Lei de Clarke... — disse Macbeth, mais para si que para Gillman.

— Exatamente. É nisso que os simulistas acreditam: pensam que serão capazes de elaborar simulações cada vez mais sofisticadas com cada vez menos esforço. Talvez até com menos energia pura. Acham que nosso destino como espécie é nos tornarmos deuses.

— Entendo... — Macbeth balançou a cabeça. — Isso é tolice.

— Pode ser — concordou Gillman. — Mas Henry Blackwell certa vez me telefonou tarde da noite para dizer que havia concretizado a primeira etapa completa do Projeto Prometeu e que teríamos de interromper nosso trabalho de imediato. Estava muito abalado e, creio eu, um pouco embriagado. Ficou repetindo que os simulistas sempre tinham tido razão.

— Razão em quê?

— Não fui capaz de compreendê-lo. Preocupado, liguei para ele no dia seguinte e o achei totalmente calmo. Blackwell disse que estava trabalhando muito, apenas isso. Quase acreditei, até ele começar a insinuar que talvez fosse bom interrompermos o programa por algum tempo, pois havia falhas que precisavam ser sanadas. Aquilo era absurdo, pude logo perceber, mas achei melhor não comentar nada naquele instante. Redobrei os esforços para agilizar o programa, e não demorou para que o colocasse em funcionamento. Então vi também... pelo menos uma parte do que Blackwell devia ter visto no programa completo.

— O quê?

— Isto... — Gillman agitou a mão no ar. — Tudo o que está acontecendo conosco. Em minha simulação, o universo atingiu o ponto em que estamos agora e começa a entrar em colapso no nível quântico. O tempo se retorceu e se dobrou sobre si mesmo. O passado e o presente ficaram sobrepostos, os acontecimentos ocupando em concomitância dois lugares, e nenhum. É o que estamos vendo. Essas são as alucinações.

— Mas por quê? — Macbeth franziu o cenho.

— Devido às próprias simulações. A de Blackwell, a minha e agora a sua, neuromórfica. É como se a lei da física não tolerasse a presença de simulações muito próximas da realidade; como se o universo proibisse a criação de outro universo dentro dele. A causa e o efeito são claros: quando o Programa Prometeu e o meu Projeto de Simulação foram destruídos, as visões cessaram. Recomeçaram devido a seu Projeto Copenhague. Por acaso, nos últimos dias, vocês conseguiram algum avanço significativo?

Macbeth pensou um pouco antes de responder.

— O Projeto Um se tornou autoconsciente.

— Eu sabia! — exclamou Gillman, num tom que surpreendeu Macbeth: parecia genuinamente chocado. — Sabia que devia ser algo muito grande. Isso significa que temos menos tempo do que pensávamos.

— Mas não faz sentido. Você mesmo afirmou que se trata de visões. Se os eventos se sobrepõem, não deve haver efeitos físicos, não deve haver terremotos reais.

— A realidade só existe na mente e, quanto a isso, tanto a ciência cognitiva quanto a mecânica quântica concordam. A realidade é apenas aquilo que percebemos por meio dos sentidos, e o universo só toma forma definitiva quando olhamos para ele. O que estamos sentindo agora, um aumento de gravidade, é real, sim. Nenhum instrumento, em parte alguma, detectou esse aumento; e, no entanto, nós o sentimos. Ele é real *porque* o sentimos. Há mais, porém: ele é real porque se trata de algo que já aconteceu em algum ponto da história da Terra.

— E quanto à alucinação da abertura do Mar Vermelho? Moisés agitou mesmo sua vara e dividiu as águas? É isso o que está dizendo?

Foi Mora quem respondeu:

— Em 2010, o Centro Nacional de Pesquisa Atmosférica dos Estados Unidos criou uma simulação computadorizada para medir o efeito daquilo que os meteorologistas chamam de pressão do vento sobre a água. Sabem o que aconteceu? Uma faixa de terra surgiu ligando as margens do Mar Vermelho exatamente onde se deu o massacre no ano passado. Ela é instável em termos geológicos e localiza-se onde as placas arábica e africana se juntam. Pelo relato dos soldados, houve uma espécie de evento sísmico também, o que teria agravado o drama. Eis seu elemento bíblico, sua Mão de Deus: placas tectônicas e intempéries.

— Para resumir, o tempo está se dobrando sobre si mesmo — disse Gillman. — O que está havendo não são alucinações, mas um colapso quântico, o fim de nosso universo. Você é a única pessoa que pode dar um fim nisso. — Vasculhou

os bolsos, tirou alguma coisa e a colocou na mesa baixa, diante de Macbeth: uma chave com uma placa numerada.

— O que é isso?

— A ferramenta para destruir o Projeto Um. A chave abre um armário de bagagem à esquerda da entrada Reventlowsgade da estação de ferro central de Copenhague. Tudo de que precisa está lá.

Macbeth olhou para a chave, mas não a pegou.

— Acha mesmo que me convenceu a virar uma espécie de terrorista neoludita? [3]

— Você sabe que o último episódio só começou quando seu cérebro artificial adquiriu consciência. Sabe, *por instinto*, que o que digo é verdade. E sabe também por que John Astor lhe deu, assim como deu a mim, um exemplar de *Fantasmas Que Nós Mesmos Criamos*. A resposta cabal está lá.

Macbeth olhou para Gillman, confuso.

— Não, ele não me deu. Não tenho esse livro. Todos falam dele, mas nunca conheci ninguém que o tivesse lido. — Macbeth fez uma pausa, pensando em Deborah Canning sentada no quarto do Hospital McLean, convencida de que só existia quando alguém entrava lá, e olhando pela janela o vazio sem forma. — Bem, talvez uma pessoa... Por que acha que tenho um exemplar?

— Por duas razões. Você está no centro de tudo o que está acontecendo.

— Eu? — A expressão de Macbeth era de incredulidade. — O que isso tem a ver comigo?

— Tudo. Vislumbrou o que ocorre e, não me resta dúvida, procurou negar o fato a si mesmo. A vida inteira foi vítima de experiências similares às que todos tiveram nos últimos dezoito meses. Você sabe, por instinto, que algo não está certo nesta realidade. Não reparou que os últimos episódios de alucinação ocorreram na Dinamarca e no norte da Alemanha? É quase como se o resquício desse "surto" o seguisse por toda parte.

Macbeth riu.

— Acredita mesmo nisso?

— Quer que eu seja honesto? Não. Acho que o evento de Boston ocorreu porque o último elemento do Projeto Prometeu, o Projeto de Simulação, estava rodando ali. E acho que os últimos episódios estão ocorrendo perto de Copenhague por causa do seu trabalho no Projeto Um.

— E por isso supõe que eu tenha um exemplar do livro de Astor?

— Por isso e pelo fato de Casey ter enviado seu computador para Jimmy Mrozek, no MIT, pedindo-lhe que tentasse abrir um arquivo-fantasma.

— Você também tem o arquivo... — Macbeth lembrou-se de Casey lhe contar que Gillman pedira a Mrozek que fizesse a mesma operação no computador dele. Meneou a cabeça, incrédulo. — Então é isso? O arquivo contém o livro de Astor?

Gillman assentiu.

— Mas como...? Como o abriu?

— Ninguém o abre. Ele se abre sozinho, quando estiver pronto. Ou quando a pessoa estiver pronta. Não sei bem. Só sei que acontece assim.

— Como esse arquivo foi parar no meu computador? Na verdade, quando troquei de computador, ele “saltou” de um para o outro.

— Astor o colocou ali.

— Astor está vivo?

— Não sei. Parece ter sempre existido. Se John Astor é um homem ou muitos, ou apenas a soma dos pensamentos registrados de um só, eu ignoro. Há a possibilidade de ser apenas uma ideia localizada, algo codificado na experiência humana. Mas tenho certeza de que você agora vai conseguir acessar o arquivo e ler o livro. Chegou a hora.

Os três permaneceram sentados em silêncio, a chave sobre a mesa, intocada, Gillman e Mora ansiosos por um sinal de que Macbeth concordava com eles. Esse sinal não veio, porque não concordava. Sabia que os dois estavam sendo sinceros — mas, em circunstâncias normais, sua opinião psiquiátrica sobre eles seria que alimentavam uma mútua ilusão paranoica. Entretanto, aquelas não eram circunstâncias normais, e Macbeth ignorava, por certo, em que condição psiquiátrica ele próprio se encontrava no momento.

Fosse como fosse, Gillman não lhe oferecera uma explicação concreta; não demonstrara nenhum mecanismo compreensível entre o Projeto Um e o colapso do tempo.

Por fim, não foi o argumento de Gillman que o convenceu.

— Meu Deus... — exclamou Mora.

— Meu Deus... — ecoou Macbeth, envolvido, na verdade tragado num vórtice de *déjà-vu*.

De repente, alguma coisa mudou no mundo.

Inexplicavelmente, era dia lá fora.

61

JOHN MACBETH. COPENHAGUE

A noite se transformou em dia.

Aconteceu num segundo. Não houve anoitecer. Não houve amanhecer. Apenas a explosão de um brilho intenso e doloroso, o céu se iluminando e os raios do sol atravessando as paredes de vidro até o bar.

— John... o que é isto? — gaguejou Mora, segurando o braço de Macbeth.

— É muita claridade — murmurou ele. — O sol está muito ofuscante, muito próximo, muito grande...

Gillman se levantou, protegendo os olhos com a mão para fugir do brilho nocivo e intenso, e muito, muito próximo.

— Começou — disse ele. — Tarde demais, já começou... Deus nos ajude, não há mais tempo.

Macbeth se levantou também, ajudando Mora a fazer o mesmo e envolvendo-a com um braço protetor. Quando olhou para ela, pensou — apenas por um instante e apesar da diferença da cor do cabelo — estar vendo Melissa.

— É uma alucinação — disse ele aos dois e a si mesmo. — Lembrem-se: não é real.

Calou-se, hipnotizado pela cena além dos vidros. O céu começou a escurecer, como se um véu houvesse sido colocado diante do sol grandioso e brilhante. Não era azul, mas de uma tonalidade repugnante de verde-alaranjado, que Macbeth jamais havia visto antes.

Embora as paredes de vidro do Diamante houvessem sido desenhadas para serem imperceptíveis, Macbeth sabia que não estavam mais ali. Uma brisa densa e tépida corria pelo bar, e ele sentiu seu beijo no pescoço.

— Jesus... — ouviu Gillman balbuciar. As mesas, as cadeiras, a poltrona e o bar começaram a esmaecer, tornando-se transparentes como se fossem feitos de gelo ou vidro fundido, e depois sumiram. Só restaram as extremidades ondulantes dos objetos, que também não demoraram a desaparecer. O pânico chegou ao ponto máximo quando o piso, os andares embaixo e o edifício todo começaram a se esvair.

— Vamos cair! — gritou Mora. Macbeth olhou para baixo: o piso ondulou, tremeluziu e desapareceu.

— Não, não vamos! — Segurou a jovem pelos ombros, forçando-a a olhar para ele. — Ainda consigo sentir o piso. Ele está aqui!

Outra mudança na luz. Ofuscante. O sol continuava grande, mas o ar tinha ficado denso, viscoso.

Irromperam pelo céu como um maremoto, vindas de todas as direções, pulsantes, serpenteantes: quilômetros de nuvens compactas, escuras, de um verde sulfuroso. Nuvens como Macbeth jamais havia visto.

Fecharam-se sobre eles, fecharam-se sobre o sol, fizeram o dia escurecer de novo; a luz era baça e verde-acinzentada, mas não era noite. Pairava ali um silêncio assustador, aterrorizante. Assim como os demais, Macbeth precisou de um tempo para ajustar os olhos à penumbra, depois do brilho coruscante do sol.

Olhou para baixo.

— Meu Deus... Meu Deus, não!

Estavam sobre o nada, suspensos acima da Terra, mas uma Terra que nenhum deles conhecia. Copenhague se fora. Não havia mais ruas nem carros, luzes ou edifícios. Nenhum sinal da passagem do homem pela Terra.

Nenhum sinal da natureza também: nem porto, nem Báltico. Nada de rios, lagos, árvores ou gramados. Nada de animais, nada de vida. Não havia sequer superfície como se conhecia, mas algo entre o sólido e o líquido: uma crosta mole, escura, quebradiça, lodosa como pedra derretida. Estendia-se em todas as direções, até onde o campo de visão alcançava. O mundo estava achatado e sem forma, um fluxo perpétuo de rocha, magma e fumaça.

De vez em quando, uma colina surgia de repente, uma projeção maciça de terra, coroada por uma crosta escura, com tons purpúreos e alaranjados embaixo, uma enorme intumescência que se dilatava e se contraía para, enfim, explodir numa fonte de lava, alçando-se milhares de metros no ar pesado e salpicando a paisagem tenebrosa ao redor de fragmentos faiscantes de tefrito. Mais além, jatos de lama vulcânica fumegantes, semelhantes a colunas de cor terrosa, rompiam caminho pelas fendas da superfície.

Inferno.

Lembrava todas as representações do Inferno que Macbeth conhecia. O lago derretido de fogo prometendo uma eternidade de sofrimentos.

A falta de superfície, induzindo a vertigem, fê-lo se sentir enjoado, do mesmo modo como se sentia, na adolescência, ao ir ao parque de diversões ou jogar em computadores. Seus pés vacilaram, e apoiou-se em Mora. O ar agora estava quente, espesso e cáustico. Cada respiração fazia arder as mucosas das narinas, a boca e a garganta, devido à necessidade de respirar com rapidez, ofegando. Havia pouco oxigênio no ar e muitas substâncias tóxicas. Virou-se de novo para os outros dois. Mora caíra de joelhos, os olhos avermelhados, a boca escancarada e fios de saliva escorrendo dos lábios ressequidos. Gillman procurava desesperadamente afrouxar o colarinho.

"Isso vai nos matar", pensou Macbeth. "Isso vai nos matar, embora não seja real."

Fechando bem os olhos, Macbeth imergiu numa escuridão vermelho-escura por trás das pálpebras. Conteve o fôlego, apesar do protesto dos pulmões privados de oxigênio. Bloqueou a consciência para ignorar a temperatura cada vez mais alta.

"Só porque vi, não quer dizer que exista. Só porque vi, não quer dizer que seja real. Só porque vi..."

A razão.

Pressionou as mãos contra o piso. Lembrava-se de que este tinha ladrilhos que lembravam o mármore. Sentiu-os gelados contra as palmas e rígidos contra os joelhos. "Ainda estão aqui", pensou. "E eu também." Reconstituiu o piso

mentalmente, deixando o tato se conectar com a memória e dar forma ao recinto. Manteve os olhos fechados e concentrou-se no ar retido nos pulmões. Ar comum. “Não estou sufocando. Não estou queimando.” Incapaz de se conter por mais tempo, soltou o ar e atentou para a próxima inspiração. O ar entrou como um gole de água fria.

Essa era uma alucinação como as outras de um ano atrás, mas de escala e complexidade inauditas. Uma alucinação que podia matar, sufocar, queimar. “Mora. Tenho de socorrer Mora.”

Ouviu-a tossir e se engasgar, como se estivesse envolvida por uma atmosfera tóxica imaginária, a face congestionada, a respiração entrecortada, difícil. Pusera-se de gatinhas no chão, fitando o inferno lá embaixo.

— Ainda está aqui! — gritou Macbeth. — O piso ainda está aqui! Escute-me, o piso AINDA ESTÁ AQUI... você só precisa vê-lo.

Esmagada pelo próprio terror e surda a tudo o mais que não fosse o ruído da Terra turbulenta, ela não o ouvia. Segurando-a pelo ombro, Macbeth levantou-a com força do chão.

— Mora, escute-me... isto não é real! — gritou bem alto, para ser ouvido acima do estrondo da Terra. — Nada disto está acontecendo de verdade. — Sacudiu-a com violência. — ESCUTE-ME!

Mora fitou-o com as pálpebras vermelhas, inflamadas.

— Feche os olhos! — ordenou-lhe, sacudindo-a de novo. — Feche os olhos e só escute minha voz. Nada disto é real. Feche os olhos...

Ela obedeceu.

— Você consegue respirar — prosseguiu Macbeth. — Consegue respirar perfeitamente, normalmente. Sua mente é que está dizendo a seu corpo que não existe ar. Respire fundo.

Mora tentou respirar, mas foi uma inspiração breve, um arquejar de desespero.

— Devagar! — aconselhou ele. — Respire devagar. Escute minha voz. Como eu falaria normalmente se não houvesse ar?

Essas palavras tocaram-na; Mora abriu os olhos e olhou para ele. Ensaiou uma inspiração lenta, profunda. Depois outra. O ritmo normal da respiração foi

voltando. Enxugou a boca e o nariz com a manga da blusa. Continuava aterrorizada, mas já se recompusera um pouco, e um raio de racionalidade perpassara a onda de pânico. Entretanto, olhando ao redor, percebeu que a Terra ainda fervilhava e fumegava; que o bar e o restaurante ainda estavam invisíveis; e que ela continuava de pé sobre o nada, vários metros acima do planeta em brasas.

— Me dê sua mão!

Macbeth pegou a mão dela e a conduziu até onde sabia que a mesa invisível se encontrava. Viu-a agarrar-se às extremidades da mesa que não estava ali. Então, Mora o fitou com os olhos arregalados de espanto.

— Não falei? Ela continua aí. Nossos sentidos é que estão sendo enganados. — Inclinou-se e aproximou bem o rosto do dela, como se fosse beijá-la. — Foco, Mora. Use sua mente.

Procurou Gillman. O cientista sufocava numa sala cheia de oxigênio, mas mantinha os olhos fechados e tentava respirar de modo ritmado, fazendo sem dúvida o mesmo exercício mental que Macbeth se propusera.

A Terra rugiu de novo, desta vez com mais intensidade. Macbeth se sentiu mais uma vez arrastado para a ilusão enquanto uma maciça intumescência, preenchendo todo o espaço onde Copenhague devia estar, erguia-se como uma filigrana de fendas avermelhadas, brilhando, diabólica, em sua crosta escura. A rede de pequenas fissuras transformou-se em grandes rachaduras, enquanto a Terra inchava para cima e para os lados.

Em seguida, partiu-se.

Macbeth endireitou-se, perplexo. Era como um tsunâmi piroclástico de um quilômetro de altura avançando para eles: uma onda fervilhante de rocha, gás e lava, coroada por um manto de fumaça cor de terra, alcançando mais de mil metros no céu. Tinha um brilho vermelho-amarelado no bojo, onde milhares de pedras, cada qual do tamanho de um quarteirão, pareciam grãos de cascalho. Macbeth viu aquilo se aproximar sem nada poder fazer, sabendo que nenhum esforço de vontade e nenhum recurso de lógica poderiam banir aquele fantasma ou tornar seu impacto menos letal.

Ouviu Mora gritar.

Pouco antes do choque, encontrou um tempo em sua mente para avaliar que a onda de tefrito devia ter viajado a mais ou menos oitocentos quilômetros por hora.

Ele fechou os olhos.

Terminou tão rápido quanto havia começado. Num instante, era noite outra vez além das janelas de vidro antirreflexo. O bar e seu mobiliário reapareceram, bem como o piso de mármore sob seus pés. O ar que respiravam era normal. O rugido e o despedaçamento titânico da Terra cessaram, e o suave *jazz* escandinavo voltou a ser ouvido ao fundo.

Mora estava agarrada a Macbeth; e Gillman, as costas encurvadas, tinha pousado as mãos nos joelhos como um corredor após a prova. Os três aspiravam golfadas profundas de ar. Macbeth, virando-se, viu o *barman* debruçado no balcão, tentando recuperar o fôlego. Ele também tinha passado pela mesma experiência.

Gillman inclinou-se, pegou a chave de cima da mesa e colocou-a no bolso de Macbeth.

— Tem que fazer isso... — O velho ainda se esforçava para estabelecer uma respiração normal. — Viu o que aconteceu. É o que nos espera.

— Parecia o Inferno... — murmurou Macbeth, quase com admiração. — Mas é alguma imagem bíblica. Não é real, é uma ilusão. Uma espécie de lembrança folclórica ou medo incutido.

— Escute-me! — interrompeu Gillman. — Era o Inferno, sim... mas não um Inferno de contos de fadas. Não percebe? Por isso nos sentimos pesados. Voltamos a um tempo em que a Terra possuía mais massa, era um planeta diferente. Não foi nenhuma visão bíblica: vimos a Prototerra, que parecia mesmo o Inferno, ardente e em ebulição, sem vida. Por isso os geólogos dão a esse período o nome de hadeano. Você precisa ir. Precisa ir agora e pôr um fim nisso.

— Mas acabou... — disse Macbeth, num protesto frouxo.

— Não, não acabou! Não continua sentindo a gravidade? Essa alucinação não se foi ainda; o que vimos foram seus primeiros movimentos para ganhar vida. Se

não encerrar o Projeto Um, condenará todas as pessoas deste planeta ao Inferno.

— Não posso acreditar nisso.

— Vovê precisa acreditar. Não compreende? Todos vão vivenciar essa alucinação em sua plenitude, com cada um dos sentidos. *Vão* sufocar e queimar. A mente lhes dirá que aquilo é a realidade, e nessa realidade morrerão.

Macbeth pegou a chave e a examinou.

Mora se voltou para ele, os olhos ainda ofuscados por uma atmosfera de três bilhões de anos atrás, as mãos trêmulas devido ao choque.

— Vou à estação com você. Precisamos agir agora.

— Sabe o que acontecia no período hadeano? — perguntou Gillman. — Por que a Terra tem menos massa agora?

Macbeth balançou a cabeça.

— O Impacto de Teia. Um planeta do tamanho de Marte colidiu com a Prototerra e lançou trilhões de toneladas de poeira no espaço. Essa poeira agora é a Lua. Sem o Impacto de Teia não haveria oceanos profundos, estações ou vida complexa na Terra. Você precisa destruir o Projeto Um, John. — Gillman fitou Macbeth com um olhar suplicante. — Ou nosso começo será nosso fim.

62

JOHN MACBETH. COPENHAGUE

A visão se fora, mas o mundo continuava ensandecido.

Gillman pediu a Macbeth que levasse Mora com ele.

— E você?

— Não se preocupe comigo, estarei bem. Tenho onde me refugiar. Mas você *precisa* destruir o Projeto Um, está bem?

Macbeth assentiu, mais para tranquilizar Gillman do que por convicção. Deixaram o cientista norte-americano sozinho no Diamante, cercado pelas luzes de uma Copenhague restaurada.

Aquilo tudo era loucura.

Macbeth e Mora se dirigiram ao estacionamento, onde ela havia deixado o carro, a gravidade anormal tão intensa que os afetava agora talvez ainda mais que antes. Copenhague estivera muda quando Macbeth chegara para o encontro; mas agora, de vários pontos da cidade, ele podia ouvir sirenes de veículos de emergência e os sons inconfundíveis da histeria: grupos de pessoas gemendo, gritando ou chorando na noite.

— Acha que aconteceu em toda parte? — perguntou a Mora. — Quero dizer, não apenas aqui em Copenhague?

— Não sei — respondeu ela. — Talvez tenha sido só aqui, porque é onde está o Projeto Um. Ou talvez em todos os lugares. Pode bem ser que estejamos nas últimas etapas do colapso, e o mundo inteiro passou pelo que passamos. Entre, eu dirijo.

Era um pequeno carro europeu compacto, e Macbeth se sentiu espremido, confinado. Não pensou mais no que acontecera: mais tarde, refletiria sobre o

caso. E não agiria antes de refletir. Por enquanto, deixou-se levar pelas ruas agora repletas de gente aterrorizada, um terror que beirava a loucura. Vesterbrogade estava repleta de viaturas policiais azul-escuro, e Macbeth viu dezenas de guardas tentando acalmar ou conter os mais afetados. Quando Mora virou para uma rua lateral, depararam-se com um tumulto em grande escala e carros tombados, em chamas. Com uma habilidade que espantou Macbeth, Mora deu marcha à ré e voltou, mantendo uma linha perfeitamente reta até chegar à esquina. Em seguida, girou o volante com total segurança.

Macbeth ouviu-a murmurar algo incompreensível, os olhos fixos na rua.

Reventlowsgade estava destituída de pessoas e carros. Mora estacionou diante da entrada do subsolo da estação. Aquela era a parte dos fundos do prédio, com fachada nua de tijolos, tão funcional que mais parecia uma prisão.

— Vou lhe mostrar o armário — disse ela. — Mas temos que nos apressar. Não acho que o centro da cidade seja o lugar ideal para... — a voz dela sumiu no ar.

Não havia ninguém na portaria do *Garderobe*, e Mora conduziu Macbeth até os armários. Ao encontrar o que procuravam, Macbeth inseriu a chave na fechadura, mas, antes de abri-lo, pousou a cabeça no metal frio da porta do armário.

— Isso é loucura, Melissa... — disse.

— Melissa?

Macbeth virou-se para ela e, por um instante, julgou estar vendo outro rosto.

— Me desculpe — balbuciou. — Eu apenas...

— Não temos tempo, John. Vamos em frente.

Macbeth abriu o armário e retirou a pequena mochila. Ela deslizou de suas mãos, e ele a segurou pela alça antes que caísse no chão. Pôde notar, pela expressão de Mora, que a mochila continha aquilo de que suspeitava. Abriu o zíper e olhou dentro. Quatro blocos do que pareciam explosivos plásticos, uma caixa com detonadores e um revólver.

— Isso é loucura — repetiu. — Loucura total.

— Temos de ir em frente, John.

Macbeth fechou a mochila e colocou-a no ombro.

Perto da saída, avistaram um homem alto, de terno preto, junto ao carro de Mora e olhando para dentro pela janela do motorista. Macbeth reconheceu-o de imediato e recuou para a porta, puxando Mora a fim de escondê-la também.

— Bundy.

— Quem?

— O homem do FBI que está procurando Gillman. Deve ter seguido você. E talvez já tenha encontrado Gillman.

— Vamos — disse Mora. — Vi outra saída nos fundos do corredor dos armários.

Voltaram. A porta estava fechada, mas cedeu a um empurrão de Macbeth. Do outro lado, uma escada conduzia à plataforma principal.

Pararam por um instante, indecisos, cada qual calculando qual devia ser seu próximo movimento. Macbeth deslizou o olhar pela estação. Estava completamente vazia, com exceção de um jovem casal, na beira da plataforma, que se abraçava e se beijava, alheio ao caos à sua volta. O homem olhava para a mulher, falava-lhe com doçura e acariciava seus cabelos. Macbeth sentiu-se tranquilizado por essa pequena amostra de normalidade.

— O que faremos agora? — perguntou Mora.

— Vamos para minha casa. — Olhou para os trilhos e viu um trem de carga que se aproximava a toda velocidade; era evidente que não pararia na estação. Outra pequena amostra de normalidade. — Preciso pensar bem no assunto — acrescentou Macbeth. — E se estivermos errados? E se Gillman se enganou?

Puxou Mora para trás com delicadeza quando o trem se aproximou.

Foi um ato quase casual. O rapaz beijou a garota na fronte e ambos saltaram na frente do trem. Macbeth não viu nem ouviu nenhum impacto: o casal apenas desapareceu. Mora emitiu um gemido e ele a abraçou, escondendo o rosto dela em seu peito.

O trem não parou nem diminuiu a marcha, apenas passou, estrondeante.

— Vamos — disse ele.

Correram para a escadaria, de onde podiam avistar o carro de Mora. Bundy não estava mais lá; era provável que houvesse entrado na estação para procurá-los. Macbeth o viu de relance parado na entrada do subsolo, examinando a Reventlowsgade em ambas as direções, antes de mergulhar na penumbra.

— Ele está esperando que voltemos para o carro — disse Macbeth. Revirou a mochila e tirou o revólver dela. Era um objeto pesado e desgracioso, que parecia fora de lugar em sua mão.

— Nunca manejei um destes antes — confessou desconsolado. — Nem sei como usá-lo.

— Precisamos voltar para o carro — disse Mora.

Macbeth concordou, e os dois desceram a escadaria e caminharam rente à grossa parede lateral da estação, para ficar fora do campo de visão. Ao se aproximar da saída, Mora fez um sinal a Macbeth e tomou a frente em direção ao carro. O homem do FBI emergiu da soleira e agarrou Mora, permitindo que Macbeth se postasse às suas costas. Por um segundo, pensou em golpeá-lo na nuca com a coronha do revólver, como vira tantas vezes acontecer na realidade dos filmes. Mas, como médico e neurocientista, Macbeth sabia o quanto era difícil, na vida real, derrubar alguém com um golpe na nuca ou no pescoço sem causar-lhe graves danos neurológicos. Apontou o revólver para a parte de trás da cabeça de Bundy.

— Vire-se bem devagar — ordenou. — Ponha as mãos onde eu possa vê-las, ou atirarei.

Bundy obedeceu, mas sua expressão, ao voltar-se para encarar Macbeth, era de pura selvageria. De novo, Macbeth reparou na estranha intensidade daqueles olhos bicolores.

— Saia da minha frente — disse. — Estou falando sério, Bundy. — O homem deu um passo para o lado.

Mora já tinha entrado no carro e ligado o motor.

— Você não viu? — perguntou Bundy. — Não viu por si mesmo a cólera do Senhor? Você e os de sua laia colocaram essa cólera sobre nós. Isto é o Arrebatamento... isto é a Contenção.

— Pouco importa o que seja — resmungou Macbeth, avançando para o carro. Bundy, de repente, precipitou-se e tentou arrancar a arma das mãos dele.

Foi um simples reflexo. Macbeth apertou o gatilho; ouviu-se um estampido e uma chama se projetou da boca do cano. Não percebera que a trava de segurança estava solta, ou mesmo onde ficava essa trava. Olhou para o peito da camisa de Bundy, onde algo escuro começava a se formar, e depois para os olhos do homem do FBI.

— Você nos matou — disse Bundy, caindo de joelhos. E a luz se apagou em seus estranhos olhos heterocromáticos.

Já no apartamento de Macbeth, Mora serviu-lhe uma dose de uísque, que ele bebeu de um trago, apresentando-lhe o copo para ser enchido de novo. Não era a coisa certa a fazer, ele sabia; estava em choque e não devia consumir álcool. Mas acabara de matar um homem; fizera o que tinha de ser feito, mas agora aquilo tinha perdido o significado para ele.

Ficaram uma hora diante da televisão, vendo as notícias. O *evento*, como estava sendo descrito, tinha ocorrido no mundo inteiro, afetando todos os homens, mulheres e crianças do planeta. O tempo real de duração não chegara a um segundo; entretanto, universalmente, a experiência parecera ocupar vários minutos. O que sobreveio provocava ainda mais preocupação e já custara milhares de vidas. Registraram-se tumultos em todas as grandes cidades do mundo. O Oriente Médio fervilhava de fundamentalistas que se armavam, impulsionados pelo frenesi religioso. Nos Estados Unidos, a presidente Yates havia declarado estado de emergência.

— Como chegamos a isso? — perguntou Macbeth em tom lamentoso. — Por que tudo degringolou assim? Preciso ir à polícia... e me entregar.

— Precisaria no mundo normal — replicou Mora. — Mas mundo normal é o que já não existe mais. Sabe muito bem o que deve fazer.

— Sei?

Mora caminhou até a mesinha junto à janela que dava para o Larsens Plads, apanhou o *laptop* de Macbeth e o entregou a ele. Como havia feito incontáveis

vezes nos últimos dezoito meses, Macbeth clicou no arquivo-fantasma que o vinha desafiando.

O arquivo abriu.

63

JOHN MACBETH. COPENHAGUE

Macbeth leu.

FANTASMAS QUE NÓS MESMOS CRIAMOS
de John Astor

QUER você tenha se devotado à busca da Verdade em nome de Deus ou da Ciência, o perigo sempre foi a possibilidade de encontrá-la.

Sinto muito, muito mesmo. Você a encontrou. Encontrou a verdade que esperava para ser descoberta. E a verdade que esperava para ser descoberta é: *seu futuro já aconteceu*.

PRIMEIRO, uma palavra sobre realidade.

Tudo aquilo em que possa pensar, tudo aquilo de que possa se lembrar existe como um conjunto específico de neurônios em seu cérebro. Você se conecta com eles todos os dias e dá a isso o nome de memória. As desconexões ocasionais chamam-se esquecimento; a desconexão permanente é o *jamais vu*, quando tudo parece estar sendo visto pela primeira vez. Quando uma conexão falha e o leva a confundir o que vê com o que recorda, é o *déjà-vu*.

Até seu corpo existe em sua mente. Os amputados sofrem da síndrome do membro-fantasma, sentindo comichões e dores numa parte do corpo que não está mais ali. O oposto — síndrome do membro alheio — induz o paciente a acreditar que seu braço ou perna não lhe pertence, e muitas vezes ele pede que o membro seja amputado.

Lendo este livro, você pode ainda lembrar-se da última pessoa com quem falou, do último recinto em que esteve antes do espaço onde agora se encontra. Pessoas, ambientes, seu próprio corpo existem como grupos de neurônios em sua mente: como conceitos. Mas a pergunta que você deve fazer é: eles existem *apenas* em minha mente? Sou o único ocupante deste universo, e a função exclusiva do livro que agora leio consiste em lembrar-me desse fato?

SEGUNDO, uma existência coincidente.

Você nunca se perguntou por que está vivo justamente *agora*? Em termos anatômicos, os homens modernos existem há duzentos mil anos, arrastando-se pelo pó durante a maior parte desse tempo; no entanto, você se encontra aqui quando o homem perscrutou as estrelas, mergulhou nas profundezas do átomo e do próprio ser físico, além de desenvolver outras realidades, virtuais, para explorá-las. Todos aguardam a chegada da Singularidade Tecnológica, algo que acontecerá durante ou imediatamente após sua morte. De fato, alguns acreditam que, se você viver para contemplar a Singularidade, talvez viva para sempre.

Não é uma enorme coincidência que esteja aqui para ver tudo isso em vez de andar envolto em peles, congelando na Idade do Gelo, ou carcomido por doenças, opressão e superstições na Idade Média? Mas não: você está aqui, no ponto exato do tempo em que a tecnologia avança a um ritmo jamais visto, um ritmo que se acelera de modo exponencial; o ponto no tempo *imediatamente* anterior ao de nossa tecnologia nos força à extinção ou a algo mais que humano, a algo diferente.

Há um motivo para estar aqui e agora. A verdade é que a Singularidade já aconteceu. O Futuro que você imagina já aconteceu.

A Escala de Kardashev estabelece os grandes níveis teóricos das civilizações. Sua civilização ainda não está nela, mas logo estará.

Segundo Kardashev, uma civilização do Tipo Um tem governo e administração de recursos globais, controle absoluto sobre o planeta, sua geologia, seu clima. Possui toda a energia de que precisa, sem custo nem danos ambientais. A vida de seus cidadãos melhorou e se estendeu muito, tanto quanto sua inteligência.

Uma civilização do Tipo Dois tem controle total de seu sistema solar, e seus cidadãos evoluíram tanto que é difícil a identificação com eles.

Uma civilização do Tipo Três tem controle total de sua galáxia. É tão avançada que a ela se aplica a Terceira Lei de Clarke: seus cidadãos atingiram tal nível de evolução autogerada e inteligência, que parecem onipotentes e oniscientes. Não se distinguem dos deuses. E sua tecnologia é tão avançada que não se distingue da magia.

A realidade que você ocupa está prestes a se tornar uma civilização do Tipo Um. A integração de nações em federações continentais — como a União Europeia — é o primeiro passo para o governo global; medicina, genética, bioengenharia, física quântica, tecnologia computacional progridem a olhos vistos; a internet é o começo de um sistema de fornecimento e troca de informações do Tipo Um.

Mas só até aí nos será permitido avançar.

O motivo? Não somos uma verdadeira civilização. Nossa próxima civilização do Tipo Um nada mais é que uma simulação ancestral sendo projetada por uma civilização do Tipo Três, e vocês nada mais são que o fantasma tecnológico de um ancestral morto há muito tempo.

Coisas começaram a acontecer. Visões de outras eras se sobrepuseram à sua realidade. Essa sobreposição de realidades que vocês experimentaram é o universo, tal como o conhecem, entrando em

colapso no nível quântico e forçando o tempo a dobrar-se sobre si mesmo.

Por que isso está acontecendo? Porque, na iminência da Singularidade, passamos a criar as próprias simulações, o que não é permitido. Talvez sejamos apenas uma em dez simulações (ou em um bilhão) projetadas pela realidade subjacente *real*. A nenhuma é permitido desenvolver as próprias simulações, que acabariam por criar as *delas*. Um simulacro de regra de não proliferação, poder-se-ia chamá-la. Ironicamente, a hipótese de Bostrom ou hipótese de Simulação provou que isso, por probabilidade matemática, é uma simulação, dado que simulações e simulações dentro de simulações ultrapassam em número a realidade singular.

A única maneira de a realidade subjacente provar a si mesma que é a realidade verdadeira seria não permitir que simulações gerassem as próprias simulações. Não há outro meio.

Para os transumanistas, e em particular os simulistas que transformaram a ciência em religião, nosso destino se limita a criar simulações de nosso mundo e de nós mesmos. Isso se baseia na lógica segundo a qual simular faz parte de nossa natureza; das pinturas nas cavernas paleolíticas ao livro, ao teatro, ao cinema e aos jogos hiper-realistas de computador, simular a realidade tem sido um elemento importante de nossa produção intelectual ao longo da história. Até a ciência recorre a simulações de computador bastante sofisticadas para prever eventos futuros em nosso universo e recriar universos perdidos. Num nível tecnológico inferior, criamos parques temáticos, atrações turísticas e reencenações históricas.

Mas os transumanistas e os simulistas estão errados. Não estamos na iminência de atingir a Singularidade e criar simulações de nosso passado. Já vivenciamos a Singularidade, e *esta* é a simulação — ou uma das incontáveis simulações projetadas em alguma realidade subjacente por seres tão avançados que já não podem ser descritos como homens. Mas, embora modificados, embora semelhantes a deuses, o instinto humano básico de indagar, ou a curiosidade, permanece neles enquanto criam esta simulação para ressuscitar seus ancestrais longínquos e descobrir como viviam. Se fosse um pós-humano de um futuro distante, o que mais o fascinaria não seria a experiência imediatamente anterior à Singularidade? O período de transição da humanidade à pós-humanidade?

Nada disso deve ser novo para você. Muitos especularam sobre o assunto ao longo da história, de Platão, Zenão de Eleia e Descartes a Moravec e Bostrom. Nikolai Fyodorov, o cosmólogo russo do século XIX, previu que um dia edificaríamos a chamada sociedade “prostética”, com uma vida tecnologicamente sintetizada que não se distinguiria da vida real. Uma simulação. Ele afirmou que seríamos capazes de ressuscitar os mortos e torná-los imortais. Sugeriu mesmo que os líderes do mundo prostético deveriam se mostrar benévolos o bastante para oferecer, a seu povo sintético, vida após a morte — uma segunda existência em algum tipo de banco de dados eterno. Talvez o Paraíso esteja em uma Nuvem, afinal de contas.

Você pode se julgar o ancestral distante desses super-humanos/pós-humanos. Infelizmente, nem isso é verdade. Você é a *réplica* de um ancestral numa simulação do passado. Você é uma atração de parque temático.

A civilização na qual vive é uma réplica. *Ersatz*. Um estudo histórico.
Permita-me explicar...

64

JOHN MACBETH. COPENHAGUE

Macbeth se deu conta de que estivera lendo por horas. Para além das janelas, o sol se levantava. Mora Ackerman dormia profundamente no sofá. Macbeth observou os suaves movimentos de seu corpo enquanto respirava; estaria sonhando no sono em que parecia mergulhada?

Fechou o *laptop* e ficou sentado por um longo tempo, refletindo sobre o que acabara de ler. Os argumentos de Astor eram irrefutáveis, mas não podiam ser verificados. Como as religiões que tanto vilipendiava, ele pedia ao leitor que confiasse num texto único e inverossímil. Haveria ali razões suficientes para Macbeth plantar uma bomba e destruir o projeto ao qual tinha dedicado quatro anos de sua vida?

Pensou em Casey, morto e destroçado num necrotério na Inglaterra. Pensou em Bundy, o homem que acabara de matar. Pensou na insanidade das visões que vinham afligindo o mundo e no caos que provocaram. Pensou nos episódios de despersonalização e desrealização ao longo de toda a sua vida, que haviam acabado por convencê-lo de que nem ele nem o mundo ao redor existiam.

Mas ainda assim não conseguia acreditar na fantasia paranoica de Astor. “Preciso, isso sim, é de uma sarça ou pilar ardente, ou de uma teofania qualquer que os pós-humanos tenham para mostrar”, pensou Macbeth com uma ironia que beirava a exaustão, levantando-se devagar da cadeira da escrivaninha. Mal essa ideia lhe acorrera, o apartamento encheu-se de uma luz feérica. O cômodo — móveis, paredes, piso — começou a desaparecer, a ficar translúcido. Mesmo a forma adormecida de Mora no sofá se tornou indistinta e transparente.

Macbeth ficou de novo suspenso acima de uma Copenhague que se desvanecia. Mas conseguia ainda sentir o piso sob os pés. Pôs-se de gatinhas e arrastou-se pela sala até bater a cabeça na mesinha de café, que já não via. Sua mão deslizou com ansiedade pelo tampo invisível, alcançando a alça da mochila. Puxou-a para diante dos olhos e apalpou sua superfície de lona. Podia sentir a mochila, o conteúdo da mochila — mas não a via entre as mãos.

— Ainda está aqui... — disse para si mesmo. — Ainda é real. Sei que é.

Olhou para baixo.

— Jesus...

Lá embaixo, através do piso agora invisível, a Terra crepitava e fervilhava. Sentiu uma onda de náusea invadindo-lhe o peito.

Fechou os olhos com força, tentando arrancar a razão de seu canto obscuro e obrigá-la a assumir o controle. Respirou lenta, profundamente. Os sons do mundo falso em volta obedeciam à sua vontade, mas concentrou-se em ignorar esse mundo e recuar para a fortaleza da própria mente.

— Não é real — repetia. — Não é real!

Macbeth se lembrou de que, para Astor, as alucinações eram tão reais quanto a experiência normal; tudo dependia da realidade a que a pessoa estivesse ligada. Essas palavras pareciam induzir Macbeth, enquanto usava cada neurônio do cérebro, cada fibra de seu ser, para se sintonizar com a realidade que escolhesse. Veio-lhe à mente o que tinha contado a Casey sobre Cosmo Rossellius, para quem era possível reconstruir uma realidade como espaço de memória no cérebro. Era o que precisava fazer. Precisava recorrer à memória e à concentração.

Abriu os olhos. Levantou-se e olhou ao redor. Ele existia, constatou, em duas realidades. Pois, até onde podia ver em todas as direções, estava rodeado por um planeta estranho que crepitava, fervilhava e fumegava sem parar, embaixo de um céu revolto e nauseante. Entretanto, via-o como por uma lente de vidro rugosa. Percebia o apartamento e tudo o que ele continha — porém, como formas ondulantes e transparentes, mais confusas que nítidas. Quem sabe, era o suficiente para percorrê-lo.

Macbeth concluiu que aquele mundo avistado como que através de um vidro insubstancial não permitiria a sobrevivência humana. Lembrava todas as descrições que lera do Inferno — mas não era o Inferno, ele o sabia. Era a Prototerra, o mundo primitivo tomando forma. O mundo antes da lua. Nele, tudo era diferente: a massa, a rotação, a inclinação, a dinâmica. O que Macbeth via agora, pela janela do presente, era um passado de quatro bilhões e meio de anos, um tempo anterior a todas as coincidências e improbabilidades que, segundo Astor, haviam criado um mundo capaz de sustentar a vida durante um prazo suficiente para garantir a evolução e a complexidade.

Macbeth também sabia exatamente o que levara a Terra a dar à luz a lua: o Impacto de Teia. Um planeta do tamanho de Marte teria se chocado com a Prototerra e liberado cem milhões de vezes a energia do impacto que havia exterminado os dinossauros.

Era o que iria acontecer. Seria essa a maior — e a última — alucinação. Gillman não havia mentido: o começo da Terra se tornaria o fim da humanidade.

O quadro-negro estava sendo apagado.

Bilhões morreriam. Bilhões sufocariam na atmosfera sem oxigênio, arderiam no calor insuportável, sucumbiriam às forças atmosféricas e geológicas — e nada disso existiria a não ser na cabeça deles.

Macbeth tinha de deter o Projeto Um.

Olhou de novo para a mochila nas mãos. Podia vê-la como se fosse feita de gelo e água.

Tinha de ir à universidade.

65

JOHN MACBETH. COPENHAGUE

Cada passo que dava era um exercício da mente, tanto quanto do corpo. Macbeth precisava lembrar constantemente a si mesmo que ainda habitava o mundo conhecido. Seu apartamento continuava no lugar, Copenhague continuava no lugar. Tudo continuava no lugar.

Ficou imóvel no meio do apartamento. Precisava se convencer desse fato. A cada segundo, reafirmava a realidade onde se encontrava, procurando ignorar o mundo incandescente e fumegante que se estendia sob seus pés. Quanto mais se concentrava, mais nítidos iam se tornando os contornos da sala, dos móveis, do próprio edifício; mas esses contornos permaneciam como formas translúcidas, sem se materializar.

Levou uma eternidade para descer as escadas, sem acreditar nos próprios olhos e pisando em cada degrau com passos inseguros enquanto se agarrava ao corrimão quase invisível. A certa altura, quando já havia descido um lance, os dois andares embaixo se intumesceram e um enorme jato de magma subiu em sua direção. Fechou os olhos uma fração de segundo antes que a rocha derretida o envolvesse.

— Não é real! — gritou para o que via. — Nada disto é real!

Não sentiu calor nem impacto. Reabriu os olhos e achou que as extremidades cristalinas dos degraus se destacavam um pouco mais. Agora, o vidro de que o apartamento parecia ser feito estava ligeiramente mais opaco, embotando a fúria vulcânica do mundo imaginário ao redor.

Na rua, foi ainda mais difícil. Ao nível do solo, sentiu-se completamente imerso na ilusão. Tinha de continuar se concentrando, se esforçando para

reconstruir a realidade circundante a cada milésimo de segundo.

Macbeth abriu caminho por uma paisagem de crosta revolvida e magma, sob um céu de nuvens densas e amareladas; e tinha de fazer isso seguindo os contornos vagos do mundo que se obrigava a acreditar ainda ser o seu. Larsens Plads surgiu diante dele como uma porção geométrica cristalina através da qual podia ver o mundo brilhar, fervilhar e queimar. Chegou aos Jardins Amalie: os fantasmas de vidro da fonte, das sebes alinhadas com esmero e dos canteiros cobertos de flores delicadas se sobrepunham a um cenário retorcido e ruidoso de fogo e magma. Usou o Palácio Amalienborg, uma enorme, requintada e demoníaca escultura de gelo como ponto de referência para se orientar. O tempo todo, procurava combater na mente os truques e ilusões que ela tentava impingir-lhe. Copenhague tomou forma à sua volta como silhuetas de vidro naquele lago de chamas e lava. Era como se alguém houvesse estendido uma realidade sobre a outra. Mas Macbeth prosseguiu firme, procurando o caminho para o Instituto.

De vez em quando parava, fechava os olhos e forçava-se a voltar para a realidade do próprio mundo. Em seguida abria-os: o mundo de cristal ficara mais claro, e o tumulto da Prototerra diminuíra um pouco.

Lembrou-se das palavras do pai: cada mente é um universo em si mesmo, um cosmo independente de infinita complexidade, de infinita singularidade. Macbeth estava determinado a permanecer senhor do próprio universo. Continuou andando.

Refletiu bem no que iria fazer. Seria impossível destruir o Projeto Um com a simples destruição do *hardware*. Só ele e Dalgaard sabiam que o *backup* do projeto estava armazenado no DIKU, o Departamento de Ciência da Computação no *campus* Nørre. Teria de destruir o *backup* também, mas isso podia esperar. Se danificasse suficientemente as instalações principais, o Projeto Um pararia de funcionar. Pararia de pensar. Morreria.

Se fosse em frente, e se a insanidade que se pegava compartilhando com Gillman e Blackwell se justificasse, aquela alucinação monstruosa se desvaneceria.

Em cada rua avistava pessoas de vidro em prédios de vidro. Lembrou-se, vagamente, de um romance que lera de um autor russo há muito esquecido. Toda figura insubstancial que via estava congelada; e, conforme percebeu, as pessoas de vidro que agora habitavam seu mundo também eram Sonhadores presos nessa visão do Inferno, inermes e à mercê de seus sentidos ludibriados. Apenas ele poderia ajudá-las. Apenas ele poderia deter a alucinação.

Enveredou pelo que devia ser o Grønningen — o Parque Kastellet estava à sua direita, e as árvores pareciam nuvens vaporosas congeladas, quase invisíveis contra uma espuma vulcânica. Seu progresso era penosamente lento: como um bêbado sempre pronto a cair, Macbeth tinha de apurar o tempo todo a mente, sem perder de vista a forma das árvores, das pistas, dos edifícios. No meio do Grønningen, estacou de modo abrupto. Como se a loucura e a confusão de navegar por dois mundos sobrepostos não bastasse, sentiu-se subitamente ainda mais desconcertado. Por um instante, teve certeza de que o parque a seu lado era a Common de Boston. Que armadilha nova era aquela? Mas aquilo passou, e ele se recompôs, continuando a andar.

O céu baixo ficou ainda mais escuro, e raios começaram a riscar as nuvens. Macbeth não tinha tempo a perder.

Alcançou Østerbrogade e os Lagos, mas de novo teve de se concentrar não só para manter nítida a estrutura prévia de seu mundo enquanto a Terra primordial rugia e expelia lava rumo ao céu sombrio, mas também para combater a crença passageira de que o brilho insubstancial à sua esquerda eram os Lagos, e não o Rio Charles. O que estaria acontecendo com ele?

Ficou de novo bastante desorientado, por um instante, quando julgou reconhecer a rua de vidro líquido onde estava e o edifício de forma indistinta à sua frente. Não podia ser. Juraria que fora parar em Beacon Hill, contemplando o fantasma vítreo da casa de Marjorie Glaiston. Fechou outra vez os olhos para voltar a se concentrar. Sua mãe. Marjorie Glaiston lhe fizera se lembrar de sua mãe. Quando olhou de novo, soube onde estava; virou-se e caminhou ao longo de Blegdamsvej, rumo ao Instituto Niels Bohr.

Precisava de toda a consciência do mundo.

Teria mesmo vivido a existência que tivera? Por que sua memória autobiográfica era tão ruim? Seria esse o motivo do esforço para entender a natureza da consciência?

Se não há um mundo à nossa volta, inventamos um.

Qual ele inventara? Este? Astor teria razão, e tudo agora estaria de fato acontecendo em sua própria mente?

Mergulhara numa paisagem, num acontecimento, num tempo que não podiam existir.

O livro. John Astor. Teria Macbeth colocado, ele próprio, o livro em seu computador? Teria escrito aquelas páginas, esquecendo-se depois? Seria ele John Astor?

Havia gente no prédio da universidade. Gente paralisada, transparente, de vidro — sonhando com a extinção. Ninguém esboçou um movimento sequer para detê-lo. Macbeth levara mais de duas horas para percorrer um trajeto que habitualmente lhe tomaria trinta minutos a pé.

Dirigiu-se para onde sabia estar o depósito de ferramentas e encontrou um machado de bombeiro com aparência absurdamente frágil em sua transparência.

Já subia para o laboratório quando a noite que se avizinhava, bem visível através da fina estrutura do Instituto, deu lugar a uma súbita claridade. Macbeth olhou e viu: a terrível e hipnótica beleza de Teia em sua aproximação final. Logo se chocaria com a Prototerra, ejetando no espaço bilhões de toneladas de fragmentos que iriam se adensar e formar o improvável sistema duplo da Terra e da lua. A rara combinação que engendraria oceanos profundos, placas tectônicas, um núcleo externo de ferro líquido para a Terra, envolta numa magnetosfera capaz de protegê-la dos ventos solares. Condições muito raras que permitiriam não apenas a vida, mas também sua persistência e evolução.

Macbeth tinha de destruir o Projeto Um. Tinha de matar a consciência que brotara nele. Interromper seu sonho. O pânico o dominou ao pensar que a própria mente poderia ser sintética, criada para entender um passado impossível de reviver. Talvez a *sua* consciência estivesse no Projeto Um. Talvez ele fosse todos os que haviam tido as visões. Talvez ele fosse todos e nenhum.

Se não há um mundo à nossa volta, inventamos um.

Teia assomava gigantesca, bloqueando a luz do sol, mas iluminando tudo com sua própria violência térmica enquanto a gravidade maior da Prototerra a atraía.

— Tarde demais! — Macbeth se ouviu gritando. — Tarde demais! — O mundo de contornos vítreos tornou-se ainda mais insubstancial. Deixou cair o machado e surpreendeu-se ao ver que ele não se partiu. Ao contrário, fez o ruído seco, metálico que devia fazer, assegurando Macbeth de sua solidez invisível.

Como posso impedir isso?, pensou em desespero. Como posso consertar isso? Mesmo que eu destrua o Projeto Um, as pessoas não se esquecerão; se lembrarão do que aconteceu e saberão que tudo é falso, simulado. Como reverter uma situação dessas?

Eu sei a verdade, reconheceu para si mesmo. Não posso voltar ao que era porque sei a verdade.

Fechou de novo os olhos e pensou no pai, em Casey, em Melissa, em Mora. Quando voltou a abri-los, resolveu não olhar para o céu, percebendo que o Instituto tornara-se mais visível.

Colocando todos os pensamentos de lado, enveredou pelos corredores a caminho do Projeto Um. Foi direto à sala, apalpando com a ponta dos dedos os botões que não conseguia ver com suficiente clareza no painel da porta. Empurrou-a, mas ela resistiu: Macbeth digitara o código errado. Ouviu-se um grito longo, baixo, estrangulado, que o fez estremecer; um segundo depois, constatou: era o lamento da Terra pressionada por Teia, que sugava sua superfície e a fendia.

Com o machado, golpeou várias vezes a porta e o painel. Fragmentos de madeira voaram como estilhaços de vidro. Empurrou a porta com o ombro, mas ela não se abriu. O machado invisível zunia no ar, ao ritmo dos gritos animalescos de Macbeth a cada golpe. De novo empurrou com o ombro a porta que mal conseguia distinguir, e desta vez ela cedeu. Macbeth entrou.

Sentiu de novo, sob os pés, a Terra estremecer, gemer e protestar contra a sucção cada vez maior de Teia.

Não levante os olhos.

Concentrou-se na sala de controle. Tudo ainda estava moldado em vidro líquido e não se podia ler nada no monitor etéreo. Seria impossível desprogramar ou apagar qualquer coisa. Só a destruição física completa do computador e seus *backups* funcionaria. Aproximou-se da parte principal do equipamento, que continha os arquivos. Talvez, se destruísse essa parte e depois os *backups*... atingiria seu objetivo.

Em volta, através das paredes fantasmagóricas do laboratório e da universidade, Macbeth via jatos formidáveis de magma arqueando-se no céu, enquanto a Terra se sacudia diante do intruso que se aproximava. Só lhe restavam alguns segundos.

"Eu sei a verdade", pensou de novo. A Terra continuava gemendo em seus estertores de nascimento e morte. E Teia se aproximava. "Eu sei a verdade, e ela não basta para destruir o computador."

Tirando primeiro a arma, Macbeth colocou a mochila no chão.

A alucinação continuava, e Teia agora preenchia o céu inteiro.

"Eu sei a verdade. E, essa verdade, ninguém mais pode saber."

Não tinha a menor ideia de como montar os detonadores, mas percebeu que agora isso não importava. Tudo seria restaurado para todos. Reiniciado. Não para ele: ele sabia a verdade. Macbeth era um paradoxo em busca de solução.

"O conhecimento mora em minha consciência e só poderá ser eliminado se minha consciência também o for."

Lágrimas escorriam por sua face. Lamentava por Casey, lamentava pelos outros que haviam morrido, lamentava pelas vidas que salvaria, embora não fossem reais. Lamentava pela sua consciência.

"Não sei como montar os detonadores", disse de novo para si mesmo.

John Macbeth, que nunca confiara muito em si mesmo, em sua identidade ou existência, apontou a arma para o fantasma vítreo da mochila repleta de explosivos a seus pés.

Puxou o gatilho.

EPÍLOGO

Fez-se um momento de silêncio. As palavras de John Astor flutuaram na atmosfera constante da sala do supercomputador.

— Macbeth cometeu suicídio? — perguntou Yates, a diretora de Projetos. — Foi o que você disse?

— Foi exatamente o que eu disse — respondeu Astor.

— Mas como? Como Macbeth pôde fazer isso?

— Pouco antes do colapso, houve um aumento significativo da atividade neurológica, sugerindo um estado mental muito agitado.

— Lamento — disse Yates. — Mas veja: “estado mental”, “suicídio”... — Olhou para as quatro caixinhas cinza-escuras postas, cada qual, num estojo de vidro.

— Mas esses são exatamente os conceitos com os quais estamos lidando — observou Astor.

— Se você diz que Macbeth se destruiu, então ele tinha, necessariamente, um conceito de “eu”. Deve ter se tornado plenamente autoconsciente.

— Acho que foi isso mesmo que aconteceu. Preciso confessar que me preocupei muito quando assumi o projeto — disse Astor. — Cada um dos quatro cérebros sintéticos rodava um programa de desordem diferente, mas apenas em grupos específicos de neurônios. Só Macbeth começou a exigir atividade global. Um cérebro em pleno funcionamento. Minha opinião é: na ausência de dados sensoriais reais vindos de fora, ele passou a simular a própria realidade.

— Isso contraria tudo o que planejamos no início do Projeto. Por que aconteceu?

— Suspeito que o doutor Hoberman, antes de se afastar do Projeto, um ano depois que este começou a rodar, testou em segredo suas controvertidas teorias sobre o distúrbio de identidade dissociativa em Macbeth, inserindo no programa personalidades múltiplas. Outros “eus”. De algum modo, o Programa Macbeth juntou-os todas numa só identidade.

— E você não sabia disso quando programou a esquizofrenia paranoide?

— Claro que não — respondeu Astor. — Algo semelhante a uma mente completa ou autoconsciência iria contra os protocolos do Projeto. Meu receio é, antes, que tenhamos criado um sofrimento genuíno.

— Numa máquina? — Yates balançou a cabeça em uma negativa.

— Numa mente. Há evidências de que Macbeth acessou um amplo espectro de dados do computador principal e de outras fontes. Conhecimentos gerais, se quiser: história; geografia; ciências, inclusive neurociência; filosofia e literatura. Muita literatura. Também se conectou com outras simulações (programas geofísicos e astrofísicos rodados em outros lugares). Acho que estava tentando entender a própria realidade.

— E agora?

— Agora ele se apagou por completo. Nenhuma atividade dos neurônios. Macbeth, de algum modo, pôs fim à própria vida neurológica. Como falei, suicídio. É uma pena. Ele poderia ter nos dado respostas interessantes sobre nossa própria realidade.

— E os outros programas?

— Sem problemas — garantiu Astor. — São apenas simulações parciais, repito. Hamlet, Lear e Otelo continuam plenamente operacionais.

— Vamos recuperar Macbeth e colocá-lo para rodar de novo? É um equipamento de bilhões.

— O programa praticamente se autoapagou, mas a arquitetura neuronal está intacta. Sim, vamos. Basta reconectá-lo ao computador principal e reativar apenas os elementos importantes para qualquer distúrbio que quisermos programar nele.

— Ótimo.

Olharam para as imagens holográficas acima das três unidades de programas em funcionamento: representações virtuais das atividades sinápticas de cada cérebro sintético. Conexões faiscavam, fulguravam, reluziam; padrões se formavam do nada e logo desapareciam para ser substituídos por outros ainda mais complexos. Só o espaço acima do Programa Macbeth continuava vazio.

— Está bem, John — disse Yates. — Deixo o serviço com você. Tenho uma reunião daqui a pouco. Ouviu as notícias sobre alucinações coletivas?

— Não...

— Hum... Houve alguns episódios recentes, em várias partes do mundo. Parece que querem minha opinião. Até logo.

Depois que Elizabeth Yates deixou a sala do supercomputador, John Astor se pôs a observar as imagens virtuais acima de Hamlet, Lear e Otelo, os três programas em funcionamento. Em seguida, digitou os códigos para reconectar ao computador a pequena unidade dentro do vidro que guardava o Programa Macbeth. Um único raio de luz reluziu no espaço acima dele, seguido por outro.

— Bem-vindo à vida após a morte, amigo — murmurou Astor, antes de deixar a sala.

[1] As Leis de Clarke são um conjunto de três enunciados elaborados pelo cientista, inventor e autor de ficção científica britânico Arthur C. Clarke sobre a interação do homem com a tecnologia e sua evolução no tempo. São elas: 1) “Quando um distinto e experiente cientista diz que algo é possível, ele está praticamente certo, quando ele diz que algo é impossível, ele está muito provavelmente errado”; 2) “O único caminho para desvendar os limites do possível é aventurar-se um pouco além dele, adentrando o impossível”; 3) Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível de magia. (N.E.)

[2] Recurso de filmagem que aplica efeitos de panorama e *zoom* em imagens paradas (como fotografias), fazendo-as desvanecer-se aos poucos entre os quadros. (N.T.)

[3] Os luditas eram tecelões ingleses do século XIX que protestavam contra a introdução dos teares mecânicos, sabotando-os. (N.T.)


J.BARTON MITCHELL
VALE DAS CHAMAS
SAGA DA TERRA CONQUISTADA - LIVRO 3
JANGADA

Vale das Chamas

Mitchell, J. Barton

9788555390357

496 páginas

Vale das Chamas é o desfecho eletrizante e surpreendente da Saga da Terra Conquistada. Agora, a Torre Partida, o mais famoso marco das Terras Estranhas, não existe mais. Zoe foi sequestrada pelos Confederados e Holt Hawkins e Mira Toombs tentam unir os últimos sobreviventes na luta contra os invasores. Mira sai em busca de Zoey, ao mesmo tempo em que tenta reunir uma frágil coalização de Mercadores do Vento, guerreiros Hélices Brancas e uma facção rebelde dos Confederados, um grupo heterogêneo em que a desconfiança impera. Enquanto isso, Holt viaja com Ravan e Avril, de volta ao lugar para onde jurou que jamais voltaria: o Fausto, a cidade desértica e perigosa do Bando. Ele vai para lá para resolver questões do passado com Tiberius e convencê-lo

a lutar contra os Confederados. Tiberius, porém, tem seus próprios problemas para resolver. O Bando vive uma verdadeira guerra civil. Rebeldes tomam uma parte da cidade. Se Holt quer a ajuda do Bando, em troca ele talvez tenha que se aliar ao seu pior inimigo.


Saga
Acampamento
Shadow Falls
Levada
ao
Entardecer
OS SOBRENATURAIS
C. C. Hunter
JANGADA

Levada ao entardecer

Hunter, C.C.

9788564850262

384 páginas

Compre agora e leia

Neste terceiro livro da saga Acampamento Shadow Falls, Kylie quer saber a verdade por pior que ela seja! A verdade sobre quem é a sua verdadeira família, a verdade sobre os seus poderes sobrenaturais e a verdade sobre o que ela sente com relação a Lucas e Derek. E pra completar, um fantasma vive atrás dela com um aviso terrível: "Alguém vive e alguém morre". Enquanto Kylie tenta desvendar o mistério e proteger aqueles a quem ama, finalmente descobre o segredo da sua identidade sobrenatural. E a verdade é bem diferente e muito mais inesperada do que ela jamais imaginou!

Compre agora e leia

Nele Neuhaus

Autora *best-seller* com mais de 6 milhões de exemplares vendidos no mundo

LOBO MAU

SUSPENSE POLICIAL

Uma adolescente encontrada morta com sinais de abuso sexual
Uma famosa apresentadora de TV brutalmente atacada
Uma trama de gelar os ossos



JANGADA

Lobo-mau

Neuhaus, Nele

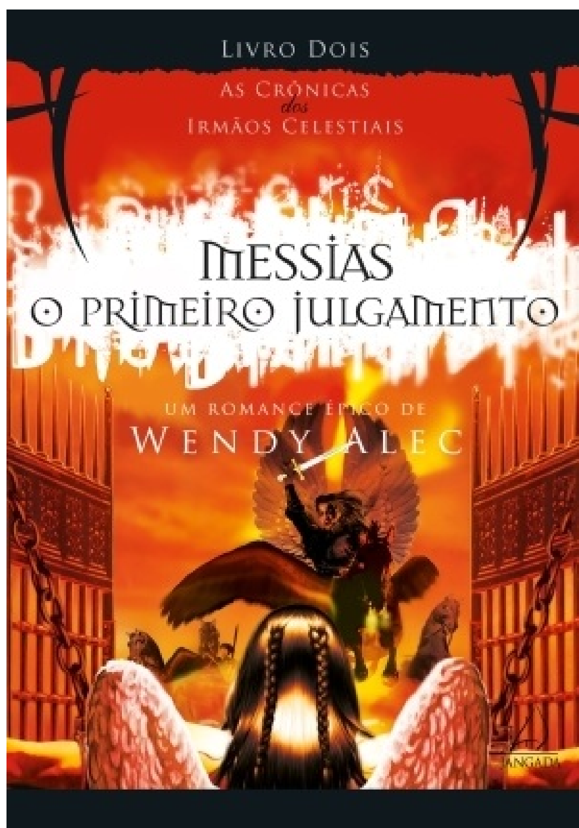
9788564850897

496 páginas

Compre agora e leia

Uma adolescente é encontrada morta no rio Meno, nos arredores de Frankfurt. Sua identidade é um mistério. Aparentemente, ela é a terceira vítima de uma festinha regada a álcool que terminou tragicamente, mas a polícia descobre que a água nos pulmões da garota não é do rio, e que seu cadáver mutilado está ali há dias. Pia Kirchhoff e Oliver von Bodenstein, os detetives do best-seller Branca de Neve Tem que Morrer, agora trabalham para descobrir quem aprisionou, estuprou e brutalizou a jovem. Enquanto isso, mais crimes acontecem: a apresentadora de um programa de TV sensacionalista é espancada, estuprada e trancada no porta-malas de seu próprio carro e uma psiquiatra sofre uma morte terrível. A ligação entre os crimes é uma rede de violência e

corrupção que atinge a elite da sociedade e o próprio departamento de Pia. Mas talvez seja tarde demais para ela e Oliver descobrirem quem é o lobo mau.


Livro Dois
As Crónicas dos Irmãos Celestiais
Messias
O Primeiro Julgamento
Um romance épico de
Wendy Alec
Jangada

Messias - O Primeiro Julgamento

Alec, Wendy

9788564850873

416 páginas

Compre agora e leia

Combinando a interpretação bíblica com a pesquisa histórica e uma narrativa cinematográfica, este livro descreve de maneira sublime a arrepiante conspiração de Lúcifer e a jornada de Jesus entre os homens, numa batalha sangrenta e selvagem em que os vastos exércitos reais do primeiro céu combatem as hordas de decaídos do inferno.

Compre agora e leia

Um alemão veterano da Primeira Guerra Mundial

Uma judia russa em busca do seu destino

Hannah e Emil

BELINDA CASTLES

Uma História Irresistível, de Grande Amor e Coragem em Tempos de Desespero



JANGADA

Baseado em fatos reais

Hannah e Emil

Castles, Berlinda

9788564850798

376 páginas

Compre agora e leia

Emil e Hannah vivem em meio ao turbilhão da primeira metade do século XX. Emil, um alemão veterano da Primeira Guerra Mundial, ao voltar para casa, encontra uma nação turbulenta em meio à frenética agitação política da recém-criada República de Weimar. Seu envolvimento com a resistência contra a política de extrema direita do nascente Partido Nazista termina por forçá-lo a abandonar sua família e seu lar. Hannah, uma judia russa determinada a ganhar o mundo, sai de casa para percorrer a Europa.. Em Bruxelas, ela encontra um Emil arrasado. Por um breve período, ambos apaixonados, fazem da Inglaterra seu lar. Porém, a tão temida guerra causada pela Alemanha estoura, e Emil, um estrangeiro, considerado inimigo, é preso e em

seguida enviado para longe. Hannah, determinada a encontrá-lo, prepara-se para uma viagem perigosa e solitária através dos mares em busca de seu grande amor.